**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS JUDAICOS E
ÁRABES**

JULIANA MOUAWAD KHOURI

**Pelos Caminhos de São Paulo: a Trajetória dos
Sírios e Libaneses na Cidade**

ORIENTADOR: PROF. DR. PAULO DANIEL ELIAS FARAH

**São Paulo
2013**

JULIANA MOUAWAD KHOURI

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos e Árabes do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Estudos Árabes.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Daniel Elias Farah

**Pelos Caminhos de São Paulo: a Trajetória dos Sírios e Libaneses
na Cidade**

São Paulo

2013

Nome: KHOURI, Juliana Mouawad

Título: Pelos Caminhos de São Paulo: a Trajetória dos Sírios e Libaneses
na Cidade

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Estudos
Judaicos e Árabes do Departamento de Letras
Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas, da Universidade de São
Paulo, para obtenção do título de Mestre em
Estudos Árabes.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Daniel Elias Farah

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof.(a) Dr.(a): _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof.(a) Dr.(a): _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof.(a) Dr.(a): _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Para minha tia e segunda mãe, Afife Ghazal, que sempre me acompanhou, incentivou, ensinou e fez eu me apaixonar pela rua 25 de Março... (in memorian)

Para meus pais, Jaime Elias Khouiri e Sonia Mouawad Khouiri, simplesmente por tudo, pelo amor, carinho, amizade, dedicação, formação e estrutura familiar...

Para minha irmã, Priscila Mouawad Khouiri, minha amiga, minha companheira, minha duplinha... je t'aime ma petite!

Para minha avó, Badra Maatouk, por todo seu carinho, amor, proteção força, e também por suas histórias, que tendo vivido toda a trajetória de uma imigrante, sempre buscou contá-las aos filhos, netos e bisnetos, possibilitando que a história da imigração e o Líbano continuassem muito vivos e próximos de nós...

Para minha tia, Damia Ghazal Mouawad, minha mãezinha, meu porto seguro, por todo amor, cumplicidade, dedicação e carinho...

Para meu avô, Halim Ghazal Mouawad, por todo carinho e amor, e também por ser uma representação perfeita do comerciante libanês... (in memorian)

A meus amigos do clube e da faculdade, vocês são essenciais... como sempre digo, tenho os melhores amigos do mundo!

E enfim, para todos aqueles que ajudaram a construir essa história, a todos libaneses, sírios e descendentes...

AGRADECIMENTOS

À Fapesp – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, que possibilitou dedicação exclusiva à minha dissertação durante um ano e meio, permitindo a realização de uma ampla pesquisa bibliográfica e participativa.

A meu orientador, Prof. Dr. Paulo Daniel Elias Farah, pelas importantes orientações e conversas, por seu amplo conhecimento da língua, literatura, história e cultura árabe, e também pela atenção, tranquilidade e disponibilidade.

À Prof.^a Dra. Samira Adel Osman, minha orientadora da graduação, por todo seu carinho, atenção, companheirismo, pelos seus conselhos sempre objetivos e inteligentes, e também, por ter me conduzido aos estudos sobre imigração síria e libanesa.

À Prof.^a Dra. Maria Tucci Carneiro, pelas contribuições feitas no Exame de Qualificação.

Aos meus pais, Jaime Elias Khouri e Sonia Mouawad Khouri, e à minha irmã, Priscila Mouawad Khouri, pelo apoio durante a fase de pesquisa e redação da dissertação. E também pela pelas plantas dos perímetros demarcados na cidade, pela intervenção quando necessitei de algumas informações e contatos da colônia e pela revisão dos textos de inglês e francês.

À minha avó, Badra Maatouk, por todo seu amor, carinho e suas histórias enriquecedoras. Além do auxílio quando precisei solucionar algumas dúvidas da cultura e da vida na 25 de Março e no Planalto Paulista.

Às minhas tias, Damia Ghazal e Afife Ghazal Mouawad (in memorian), por todo o amor, dedicação, orientação e estrutura que vocês sempre me deram.

Aos meus tios, Simão Mouawad e Maurício Mouawad, pelas conversas, pelo carinho, interesse, disponibilidade e apoio à pesquisa.

À minha tia-avó, Alice Maatouk e à minha prima, Regina Maatouk, que nas conversas de domingo na casa de minha avó, sempre contaram, informalmente, aspectos do cotidiano da colônia na região da 25 de Março. Além de terem fornecido apoio em diversas fases da pesquisa de campo.

Ao Sr. Arpad Molnar, do Esporte Clube Sírio, que permitiu a pesquisa em todo acervo do clube, facilitou o contato com alguns entrevistados, se interessou pela pesquisa, e foi, em todos os momentos, extremamente, atencioso.

À Ineri Almeida de Jesus, bibliotecária do Esporte Clube Sírio, por ter me auxiliado na cópia de grande parte das imagens e por ser bastante solícita.

Aos meus entrevistados, Gilberto Sarruf, Daniela Sucar Dib, Lourenço Chohfi Filho, Sérgio Zahr, Mário Rizkallah, Simão Mouawad, Regina Maatouk, Ahmad Aref, Pierre Moujaes, Hassan Gharib, Sheik Mohamad Al Bukai, Jihad Chahine, Padre Dimitrios Attarian, Padre Elias Karam, Padre Ziad Alkhoury, Rosely Mitre Hannun e Sheik Abdel Hamid Metwally, pelo interesse e disponibilidade. As entrevistas e conversas foram enriquecedoras.

Gostaria de agradecer também algumas pessoas das regiões estudadas, que foram muito atenciosas, como Leila Sultan, Pierre Sfeir, Ali Majzoub e Robson Hamuche.

Não posso deixar de agradecer algumas instituições, como o Esporte Clube Sírio, a Universidade de São Paulo, o Liceu Pasteur e o Centro Universitário Senac, que fizeram parte de minha formação e contribuíram, direta ou indiretamente, no desenvolvimento desta pesquisa.

RESUMO

Este estudo trata da mobilidade dos imigrantes sírios, libaneses e descendentes pela cidade de São Paulo. Ao chegarem ao município, a partir do final do século XIX, eles se dirigiram para a rua 25 de Março e adjacências, onde, a princípio, moravam e trabalhavam. À medida que progrediam e com a entrada de mais imigrantes da etnia, iniciou-se uma dispersão para outras áreas da cidade, o que não significou uma saída da 25 de Março e entorno. Esse movimento ocorreu, principalmente, em direção aos bairros do Paraíso, Vila Mariana, Brás e Ipiranga. Para compreender esta dinâmica, fundamentou-se a análise na história de São Paulo e da imigração síria e libanesa, nos conceitos de identidade, cotidiano, memória e no estudo do constante processo de mudanças e permanências ocorridas. Além da pesquisa bibliográfica e documental, realizou-se uma pesquisa participativa que incluiu o levantamento do comércio e das instituições culturais na área da 25 de Março e do Brás; das residências da família Jafet, no Ipiranga; e dos equipamentos culturais, no Paraíso e Vila Mariana. Também foram feitas dezessete entrevistas de história oral temática. A perspectiva de análise utilizada e a realização de uma ampla pesquisa de campo deram uma característica inovadora ao estudo e permitiram a compreensão dos caminhos trilhados pela etnia em São Paulo.

Palavras-chave: Imigração Sírio-Libanesa. Mobilidade. São Paulo. Comércio. Cultura.

ABSTRACT

This study deals with the Lebanese, Syrian and descendants mobility through São Paulo city. When they arrived in the town, since the ending of XIX century, they went to rua 25 de Março and adjacencies, where, at first, they lived and worked. As they progressed and with more immigrants entrance, a dispersion to others areas of the city began, what doesn't mean an exit of 25 de Março and vicinity. This movement took place, mainly, in direction to Paraíso, Vila Mariana, Brás and Ipiranga districts. In order to understand this dynamics, the analysis was embased in São Paulo and Syrian and Lebanese immigration history, in identity, quotidian, memory concepts and in the study of the continuous changes and permanences process. Besides the bibliographical and documental survey, a participative research was done, which included an inventory of the commerce and cultural institutions in 25 de Março and Brás areas, of the Jafet's family residences in Ipiranga and of the cultural establishments in Paraíso and Vila Mariana. There were also done seventeen interviews of thematic oral history. The analysis point of view and the large research that was done gave an innovating feature to this study and lead to a comprehension of the walked path by the ethnic group in São Paulo.

Keywords: Syrian and Lebanese Immigration. Mobility. São Paulo. Commerce. Culture.

RESUMÉ

C'étude s'agit de la mobilité des immigrants syriens et libanaises pour la cité de São Paulo. Quand ils sont arrivés, depuis le finale du siècle XIX, ils sont allés à rua 25 de Março et adjacencies, où, au début, ils ont habité et travaillé. À mesure, qu'ils ont progressé et avec l'entrée de plus immigrants de cette ethnie, on a commencé une dispersion à d' autres zones de la cité, qui n'a pas signifié une sortie de la 25 de Março et son voisinage. Ce mouvement a eu lieu, surtout, en direction au Paraíso, Vila Mariana, Brás et Ipiranga. Pour comprendre cette dynamique, l' analyse a été basée sur la histoire de São Paulo et de l' immigration syrien et libanaise, sur les concepts d'identité, quotidien, mémoire et sur l'étude du constant procès de changements et permanences. Au delà de la recherche bibliographique et documental, on a fait une recherche participative qu' a compris l' inventaire du commerce et des institutions culturels dans les aires de 25 de Março et Brás; des résidences de la famille Jafet, au Ipiranga; et des établissements culturels, au Paraíso et Vila Mariana. On a aussi fait dix-sept interviews d' histoire oral thématique. La perspective d' analyse employée et la réalisation d'une large recherche ont donné une caractéristique innovateuse à l'étude et ont possibilité la compréhension des chemins marchés pour l'ethnie à São Paulo.

Mots clés: Immigration Syrien et Libanaise. Mobilité. São Paulo. Commerce. Culture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Imigrantes no Porto de Santos.....	23
Figura 2 — Desembarque de imigrantes na estação ferroviária da Hospedaria de Imigrantes, em 1908.....	24
Figura 3 — Imigrantes no pátio interno da Hospedaria de Imigrantes.....	24
Figura 4 — Família Mouawad, ainda no navio, chegando do Líbano ao porto de Santos. Da esquerda para direita: Halim Ghazal Mouawad com Semaan Halim Mouawad (no colo), Badra Maatouk com Afife Ghazal (no colo) e Antônio Ghazeli.....	32
Figura 5 — Passaporte familiar. Nota-se que a ocupação profissional é preenchida como cabeleireiro, rasurada e alterada para agricultor. A motivação da viagem é declarada como visita à parentes.....	35
Figura 6 — Revista A Lua.....	36
Figura 7 — Distribuição dos sírios na cidade de São Paulo, em 1934.....	39
Figura 8 — Primeira Planta Imperial da Cidade de São Paulo, de 1810, onde é possível visualizar as sete voltas do Rio Tamanduateí.....	43
Figura 9 — Parque D. Pedro II -“Ilha dos Amores”, em 1910.....	44
Figura 10 — Casa da Bóia, em 1910.....	47
Figura 11 — Casa da Bóia, em 2013.....	47
Figura 12 — Uma das primeiras casas comerciais árabes do Brasil, pertencente aos Irmãos Jafet, em 1893.....	63
Figura 13— Jardim dos Palácios Victor Hugo e Versailles.....	66
Figura 14 — Frente do Palácio Victor Hugo.....	66
Figura 15 — Palácio Versailles.....	66
Figura 16 — Palácio Victor Hugo.....	67
Figura 17 — Planta da área inventariada: Rua 25 de Março e Adjacências.....	73
Figura 18 — Planta da área inventariada: Bairro do Brás.....	75
Figura 19 — Imagens do Líbano, na Casa Líbano, no Brás.....	88
Figura 20 — Anúncio de aulas de chinês na vitrine de uma loja na rua Barão de Duprat.....	88
Figura 21 — Propaganda de restaurante coreano na loja Xapitos, no Brás.....	88

Figura 22 — Nota sobre a abertura da loja de Jean Bittar na coluna Cascavel - o que vai pelo clubinho, na Revista Sírio.....	98
Figura 23 — Propaganda da loja de Jean Bittar, na Revista do Esporte Clube Sírio.....	98
Figura 24 — <i>Shopping</i> Fonte Luminosa.....	99
Figura 25 — Foto do Rei do Armarinho, fundado em 1926. O andar acima era sublocado para outro 'patrício' que vendia cortinas.....	111
Figura 26 — Rei do Armarinho, em 2013.....	111
Figura 27 — Antiga Nagi Zahr & Irmão, atual Perfumaria Jamil, em fotografia, tirada no dia 14 de abril de 1959. O homem mais velho, dentro do balcão, era o primogênito, Nagi Zahr, enquanto o outro, fora do balcão, com o cigarro, é Jamil Zahr, pai de Sérgio Zahr.....	113
Figura 28— Perfumaria Jamil, em 2013.....	113
Figura 29 — Primeira Cautela da Têxtil Abdalla.....	119
Figura 30 — Carta para Assad Abdalla. Há a informação que eles eram negociantes de fazendas e armarinhos e a venda era por atacado.....	119
Figura 31 — Doural, fundada em 1905. A inscrição AA & NS (Assad Abdalla & Nagib Salem) é mantida até hoje na fachada.....	120
Figura 32— Loja Doural, em 2013.....	121
Figura 33 — Casa Fátima, pertencente às famílias Aied e Sarkis.....	121
Figura 34 — Empório Syrio, fundado em 1924.....	125
Figura 35 — Restaurante Casa Líbano, no Brás.....	128
Figura 36 — Doces árabes no restaurante Rei do Falafel.....	129
Figura 37 — Matriz do Empório Maxifour, no Brás.....	129
Figura 38 — Restaurante Jaber, no Paraíso.....	130
Figura 39 — Festas & Fantasias: artigos de festa junina e de Dia dos Namorados.....	132
Figura 40 — Festas & Fantasias: artigos de Carnaval.....	133
Figura 41 — Perucas expostas na porta das Lojas Millor.....	133
Figura 42 — Bandeiras na loja Porto das Festas: a bandeira do Líbano aparece em destaque.....	133
Figura 43 — Mapa do perímetro da Univinco.....	137
Figura 44 — Entrega de donativos dos lojistas da região da 25 de março em colaboração à campanha, da então Primeira Dama Zilda Natel:" Um mendigo a	

menos, um trabalhador a mais", no dia 14 de setembro de 1971. A faixa da Univinco aparece no alto da imagem.....	138
Figura 45 — Prospecto Ginásio Oriental.....	150
Figura 46 — Alunos do Ginásio Oriental em 1935.....	150
Figura 47 — Notícia sobre o Fechamento do Colégio Sírio-Libanês, na rua Santo André, atual rua Abdo Schahin.....	151
Figura 48 — Passe Escolar da CMTC. Nota-se que o aluno estudava no Liceu Pasteur e morava na rua Tutóia, no Paraíso.....	156
Figura 49 — Igreja Ortodoxa Antioquina da Anunciação à Nossa Senhora.....	161
Figura 50 — Catedral Ortodoxa.....	162
Figura 51 — Interior da Catedral Ortodoxa.....	163
Figura 52 — Catedral Nossa Senhora do Líbano.....	167
Figura 53 — Igreja Melquita.....	172
Figura 54 — Interior da Mesquita Brasil.....	174
Figura 55 — Mesquita do Brás.....	177
Figura 56 — Planta do Parque São Jorge, com o nome do Esporte Clube Sírio, em 1926. Posteriormente, o terreno foi vendido ao Esporte Clube Corinthians Paulista.....	182
Figura 57 — Esporte Clube Sírio, em março de 1952, na sede da Av. Indianópolis. A primeira parte a ser construída foi o playground para manter as crianças ocupadas durante todo dia, já que devido à distância do centro, as famílias vinham para passar o dia todo no clube.....	183
Figura 58 — Notícia sobre o casamento de Beatriz Jafet e Lourenço Chohfi na revista do Esporte Clube Sírio.....	185
Figura 59 — Hasbaya Clube do Brasil.....	187
Figura 60 — Coluna O que vai pelo Clubinho, distribuída aos associados, escrita, inicialmente, por Alberto Saad, e a seguir, por Samir Razuck.....	189
Figura 61 — Cascavel - o que vai pelo Clubinho, na Revista do Sírio de julho e agosto de 1966.....	190
Figura 62 — Nota sobre o jogo de taule no Esporte Clube Sírio, em 1966.....	192
Figura 63 — Abuali Churrascaria e Restaurante. O local, situado em frente à Mesquita do Pari, oferece churrasco de carne <i>halal</i>	194

Figura 64 — Vitrine com doces árabes e pão sírio no restaurante Jaber.....	196
Figura 65 — Buffet no restaurante Jacob do Paraíso.....	196
Figura 66 — Nota na coluna O que vai pelo Clubinho, na Revista do Esporte Clube Sírio.....	202
Figura 67 — Anúncio da Quermesse Beneficente da Associação do Sanatório Sírio.....	203
Figura 68— Missão Cristã Chinesa, na rua Florêncio de Abreu.....	214
Figura 69 — Escola de Xin Hua Wen, na rua Florêncio de Abreu.....	214
Figura 70 — Praça Republica da Coréia, no Brás.....	215
Figura 71 — Relógio no Restaurante Monte Líbano.....	224
Figura 72 — Imagem de São Charbel, Santo Maronita, na loja Metanol na rua Xavantes.....	234
Figura 73 — Imagem de Nossa Senhora de Zgharta, no Restaurante Monte Líbano.....	234
Figura 74 — Trecho do Alcorão em loja da rua Maria Marcolina.....	235
Figura 75 — Foto de Nossa Senhora do Líbano, no Restaurante Monte Líbano..	235
Figura 76 — Edulibano na rua 25 de Março.....	237
Figura 77 — Beirut Jeans na rua Casemiro de Abreu.....	237
Figura 78 — Ponto Árabe na rua da Cantareira.....	237
Figura 79 — Confeitaria Monte Líbano na rua Vergueiro.....	238
Figura 80 — Tecidos São Jorge.....	238
Figura 81 — Depósito de Meias São Jorge.....	239
Figura 82 — Aslan Armarinhos e Aviamentos, na rua 25 de Março.....	240
Figura 83 — Niazi Chohfi, na rua 25 de Março.....	240
Figura 84 — Monumento à Amizade Sírio- Libanesa.....	249
Figura 85 — Monumento Mohamed V.....	251
Figura 86 — Pinturas de Zakie Rizkallah e Rizkallah Jorge, de 1910.....	251
Figura 87 — Balança do Museu da Casa da Bóia.....	252
Figura 88 — Caixa registradora exposta no Museu da Casa da Bóia.....	252
Figura 89 — Nomes de rua no bairro do Paraíso.....	255
Figura 90 — Avenida República do Líbano.....	256
Figura 91 — Nomes de ruas na área da 25 de Março.....	257

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 — Imigrantes estrangeiros entrados no estado de São Paulo, entre 1885 e 1961.....	25
Tabela 2 — Cidade de São Paulo: Participação da população sobre o total do Estado.....	27
Tabela 3 — Cidade de São Paulo: Classificação dos habitantes da Capital, segundo a nacionalidade.....	27
Tabela 4 — Distribuição percentual das nacionalidades por alguns distritos de paz na capital (dados da Subdivisão de Documentação Social e Estatísticas Municipais - Recenseamento de 1934)	29
Tabela 5 — Distribuição dos sírios pelos vinte e sete distritos do município em 1934.....	38
Tabela 6 — A concentração dos sírios e libaneses no comércio da 25 de Março e entorno.....	90
Tabela 7 — Distribuição dos principais grupos migratórios no comércio da rua 25 de Março e Adjacências.....	91
Tabela 8 — A concentração dos sírios e libaneses no comércio do bairro do Brás.....	104
Tabela 9 — Distribuição dos principais grupos migratórios no comércio do bairro do Brás.....	105
Tabela 10 — Distribuição do Capital Realizado por Sírios e Libaneses no Setor Têxtil Estado de São Paulo-1940 a 1950.....	115
Tabela 11 — Proporção entre o total de sírios e libaneses por rua no Brás e o número de lojas de jeans.....	123

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 — Estabelecimentos comerciais quanto à origem dos proprietários: Rua 25 de Março e Adjacências.....	74
Gráfico 2 — Estabelecimentos comerciais quanto à origem dos proprietários: Bairro do Brás.....	76
Gráfico 3 — Lojas por categoria de produto: Rua 25 de Março e Adjacências.....	106
Gráfico 4 — Sírios e libaneses - lojas por categoria de produtos: Rua 25 de Março e Adjacências.....	107
Gráfico 5 — Lojas por categoria de produto: Bairro do Brás.....	107
Gráfico 6 — Sírios e libaneses - lojas por categoria de produtos: Bairro do Brás...	108

SUMÁRIO

Introdução	16
I Imigração Síria e Libanesa: Inserção e Mobilidade Espacial em São Paulo	20
1.1 Imigração em São Paulo	20
1.2 Imigração Síria e Libanesa	30
1.3 Identidade e espaço	39
1.4 A Rua 25 de Março e Adjacências	42
1.5 Os bairros do Paraíso e Vila Mariana	52
1.6 O bairro do Brás	56
1.7 O bairro do Ipiranga	61
II O Comércio e os Sírios e Libaneses: Uma História Indissociável	69
2.1 A prática do comércio: alguns aspectos culturais e sociais	69
2.2 Dinamicidade e inserção: a distribuição dos sírios e libaneses no comércio e os outros grupos étnicos	89
2.2.1 A Rua 21 por Cento se diversifica	89
2.2.1.1 A valorização imobiliária e os novos espaços do comércio na rua 25 de Março e adjacências	93
2.2.2 O Brás libanês e sírio	101
2.3 A ramificação no comércio	106
2.3.1 Armarinhos	109
2.3.2 Tecidos, Confecções e Jeans	114
2.3.3 Restaurantes e empórios	124
2.3.4 Outros: artigos árabes, fantasias, brinquedos, bijuterias e pedrarias	131
2.4 As Associações Comerciais e Câmaras de Comércio	135
2.4.1 A Univinco – União dos Lojistas da 25 de Março e Adjacências	136
III Cotidiano, Religião, Educação e Lazer	141
3.1 As Ruas e Bairros	142
3.2 Educação e Escolas	148
3.3 Religião e Templos Religiosos	158
3.4 Lazer: os Clubes Sociais e Sócio-esportivos	180

3.5 Gastronomia.....	193
3.6 Hospitais e Associações de Benemerência.....	198
IV Mudanças e Permanências: Lugares de Identidade e Memória	205
4.1 Mudanças e Dinâmica Urbana	205
4.1.1.1 A entrada dos novos grupos migratórios	211
4.2 Permanências	215
4.2.1 Vínculos identitários e referências.....	215
4.2.1.1 O comércio como lugar de identidade	217
4.2.1.2 Univinco e o fortalecimento de uma identidade.....	220
4.2.1.3 Espaços de alimentação: entre identidade e memória	222
4.2.1.4 Organizações associativas: os clubes sócio-esportivos	227
4.2.1.5 Igrejas e Mesquitas	230
4.2.1.6 Nomes dos estabelecimentos: uma construção de referências	235
4.2.1.7 Regiões e bairros: rua 25 de Março e adjacências, Paraíso e Brás.....	241
4.2.1.8 Ipiranga: um contraponto da identidade e memória dos sírios e libaneses em São Paulo.....	245
4.2. 2 Os Lugares de Memória	246
4.2.2.1 Monumentos e museus	248
4.2.2.2 Nomes de ruas	253
4.3 Os discursos oficiais.....	258
Considerações finais	261
Referências Bibliográficas	264
Anexos	275

INTRODUÇÃO

A história da cidade de São Paulo está estritamente relacionada à imigração. A chegada dos diversos grupos imigratórios a partir do final do século XIX, que inicialmente, se dirigiam à zona rural, foi um fator determinante para a expansão e crescimento do município, alterando sua configuração espacial e ampliando sua área urbana.

Dentre as diversas correntes imigratórias, chegaram os sírios e libaneses¹, que diferentemente, de outros grupos, vieram de forma espontânea e tiveram uma inserção urbana. Ao se estabelecerem em São Paulo, a maioria se dirigiu para a região da rua 25 de Março. Eles escolheram o local por diversas razões, mas, principalmente, porque os primeiros árabes haviam se estabelecido nesta localidade. A área se tornou um pedacinho do Oriente Médio na primeira metade do século XX, devido à grande concentração de imigrantes da etnia, que lá moravam e trabalhavam.

Ao longo do tempo, a região passou por mudanças, mantendo também diversos aspectos dessa presença. Ainda nas primeiras décadas do século XX, iniciou-se uma dispersão dos primeiros sírios e libaneses do local em direção aos bairros do Paraíso, Vila Mariana, Ipiranga e Brás, o que não significou um abandono da rua 25 de Março e entorno pelo grupo.

Dessa forma, decidiu-se analisar os caminhos percorridos, comercial e culturalmente, pelos imigrantes árabes e descendentes na cidade de São Paulo.

A escolha do tema ocorreu devido ao interesse pela imigração síria e libanesa, pela cidade de São Paulo e pelas relações criadas dentro da colônia e fora dela que, nitidamente, marcavam e ainda marcam tanto seu deslocamento quanto sua inserção e presença.

Este tema também foi inovador por tratar da mobilidade dentro do município, a partir dos diversos aspectos da vida da coletividade árabe e de seus descendentes. O estudo não se restringiu apenas ao processo vivido no passado,

¹ Ao citar o termo imigração síria e libanesa, deve-se destacar que esta não é utilizada como uma forma de homogeneização do grupo, como é recorrente no senso comum. Ao falar em sírios e libaneses, entende-se a diferença de identidade nacional dos dois grupos, no entanto, há uma identidade cultural compartilhada que fez com que seus processos de ocupação na cidade de São Paulo fossem muito semelhantes.

muito pelo contrário, sempre se buscou trazer a discussão para o presente, identificando, portanto, as mudanças e permanências ocorridas em cada uma das áreas.

Além disso, o tema possui uma relação estreita com a minha trajetória pessoal e formação acadêmica. Sou de família libanesa e síria. Meus avós maternos são provenientes de Zgharta, região do Monte Líbano, norte do país, e imigraram para o Brasil em 1947. Após trabalhar como mascate, meu avô decidiu se estabelecer em São Paulo, na zona da 25 de Março, que inicialmente era tanto local de moradia quanto de trabalho. Na década de 1960, quando os negócios já haviam prosperado, a família mudou para o Planalto Paulista. Comercialmente, os negócios continuaram na região da 25 de Março, crescendo e aumentando em número de estabelecimentos. Nos anos 2000, houve uma expansão em direção ao Pari, bairro vizinho ao Brás.

A família paterna, por sua vez, trilhou outro caminho. Meu avô chegou da Síria em 1952, solteiro, e morou por um tempo na rua Jorge Azém. A seguir, casou-se com minha avó, de origem libanesa, estabelecida há mais tempo no Brasil. Eles moraram na Vila Mariana, e também no Paraíso. Posteriormente, se deslocaram para região do Itaim Bibi. Quanto aos negócios, inicialmente, abriram uma loja de tecidos e uma confecção de camisas na região da 25 de Março. A seguir, foi fundada uma confecção de tecidos no Tatuapé. Tempos mais tarde, esta fechou e eles passaram a se dedicar à alta costura, em uma boutique no Itaim Bibi.

É possível afirmar que esse estudo foi uma pesquisa exploratória, na medida em que analisou a mobilidade do grupo imigratório pela cidade, concentrando-se nas regiões da rua 25 de Março e adjacências, Paraíso e Vila Mariana, Ipiranga e Brás. Como o objetivo era compreender tanto o início da inserção nestes bairros, como a presença atual, houve necessidade de uma diversificação das fontes de pesquisa.

Inicialmente, realizou-se uma pesquisa bibliográfica sobre a imigração para São Paulo, a imigração árabe, identidade, memória, cotidiano e espaço, que perdurou por todo processo de pesquisa. A seguir, foi feita uma ampla pesquisa participativa, que consistiu em duas fases.

A primeira correspondeu ao levantamento, através de fichas de observação, cujo modelo encontra-se nos anexos (Anexo A), do comércio² e das instituições

² O levantamento do comércio incluiu os estabelecimentos com acesso direto à via. As galerias e *shoppings* foram contabilizados, porém suas lojas não foram mensuradas.

culturais em perímetros demarcados para as áreas da 25 de Março e do Brás; e ao inventário dos equipamentos culturais e residências da família Jafet nos bairros do Paraíso e Ipiranga. Esta etapa aconteceu no ano de 2008³ e nos meses de maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro e novembro de 2011; abril, julho e agosto de 2012; abril e junho de 2013. Ao todo foram contabilizados 621 locais na área da 25 de Março e 824 no bairro do Brás, as seis casas da família Jafet no Ipiranga e 27 estabelecimentos na área do Paraíso.

A segunda fase foi a realização de entrevistas de história oral temática. Optou-se por utilizar esse método, pois ele permite fazer uma história do tempo presente⁴, sendo útil para compreender a dinâmica espacial do grupo. Decidiu-se trabalhar com a história oral temática, pois o intuito era compreender assuntos específicos dos imigrantes sírios e libaneses em São Paulo.

As pessoas entrevistadas foram escolhidas de acordo com a diversidade do ramo de atuação e representatividade diante da comunidade árabe e descendente e/ou da população paulistana. Na área da 25 de Março, participaram sete pessoas: Daniela Sucar Dib, Gilberto Sarruf, Lourenço Chohfi Filho, Mário Rizkallah, Regina Maatouk, Sérgio Zahr, Simão Mouawad; no Brás, foram quatro entrevistados: Ahmad Aref, Hassan Gharib, Pierre Moujaes, Sheik Mohamad Al Bukai; no Paraíso, foram seis: Jihad Chahine, Padre Dimitrios Attarian, Padre Elias Karam, Padre Ziad Alkhoury, Rosely Mitre Hannun; e no Ipiranga, apenas uma: Sheik Abdel Hamid Metwally. A lista completa, com nome, estabelecimento e data de aplicação da entrevista, bem como o modelo de roteiro seguido pelo entrevistador (entrevista semiestruturada) encontram-se nos Anexos B e C.

A análise das informações obtidas foi, principalmente, qualitativa. No entanto, em momentos pontuais, utilizou-se também da análise quantitativa.

Para que a leitura se tornasse mais prazerosa e o estudo mais abrangente, preferiu-se estruturar o trabalho por temas que demonstrassem o caminho seguido, comercial e culturalmente, pelos imigrantes sírios, libaneses e descendentes.

O primeiro capítulo, Imigração Síria e Libanesa: Inserção e Mobilidade Espacial em São Paulo, traz um breve histórico da imigração para o país e para a

³ Em 2008, foi realizado o levantamento do comércio para um perímetro demarcado da rua 25 de Março e adjacências. Nos anos de 2011 e 2013, essa área foi ampliada e os dados foram atualizados.

⁴ POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p.200-212, 1992.

cidade. Ele conta o início da inserção da etnia em São Paulo, sua fixação e o processo de urbanização da rua 25 de Março e entorno. Também se aborda o deslocamento para outros bairros do município, como Paraíso e Vila Mariana, Brás e Ipiranga.

O capítulo seguinte, O Comércio e os Sírios e Libaneses: Uma História Indissociável, trata do comércio, analisando tanto aspectos culturais e sociais da atividade para a colônia, quanto a ramificação dos produtos, a distribuição e a configuração espacial. A discussão nesta parte, é centrada na 25 de Março e no Brás, que são áreas, cuja principal função é a comercial.

O terceiro capítulo, Cotidiano, Religião, Educação e Lazer, versa sobre essas dimensões da vida que são fundamentais para entender a mobilidade do grupo pela cidade.

Por fim, o último capítulo, Mudanças e Permanências: Lugares de Identidade e Memória, aborda as mudanças e permanências ocorridas nas regiões em que a etnia se estabeleceu. Além da dinâmica urbana e da entrada de novas correntes imigratórias, que denotam o primeiro processo (mudança), é feito um estudo mais aprofundado dos lugares de identidade e memória, que explicitam permanências dos sírios, libaneses e descendentes nos locais em que se inseriram.

I Imigração Síria e Libanesa: Inserção e Mobilidade Espacial em São Paulo

Ao pensar na imigração síria e libanesa é necessário entender em que contexto o grupo chegou ao país, quais foram as motivações de sua migração e como esta ocorreu. A etnia teve uma inserção urbana, concentrando-se em algumas áreas específicas da cidade.

1.1 Imigração em São Paulo

Até meados do século XIX, São Paulo era uma cidade provinciana, circunscrita à colina central, entre os rios Tamanduateí e Anhangabaú, cujo centro era o triângulo histórico, composto pelas ruas São Bento, XV de Novembro e Direita, e cujos vértices eram os mosteiros de São Bento, de São Francisco e do Carmo ⁵.

A vida política e econômica nacional não se concentrava na cidade de São Paulo, que, devido a seu isolamento, seu tamanho e sua economia, possuía características comunitárias⁶. Embora as Bandeiras, a transferência de organismos judiciários de São Vicente para capital, a criação da capitania e do bispado, tivessem promovido uma ascensão administrativa, a cidade ainda se encontrava numa fase de estagnação urbana⁷.

A partir da Independência, e principalmente com o estabelecimento da Academia de Direito em 1828, essas características começaram a mudar⁸. A faculdade passou a atrair alunos e professores de todo país e de fora, atuando como agente aglutinador de pessoas e ideias, sendo que a partir dela, começaram a surgir outros serviços. No entanto, é exagerado dizer que São Paulo era uma cidade de estudantes ou que a faculdade a transformou num lugar cosmopolita. Esta esteve

⁵ EMPLASA. *Memória Urbana de São Paulo até 1940*. v.1. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.

⁶ MORSE, Richard. *Formação Histórica de São Paulo - De Comunidade à Metrópole*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

⁷ MONBEIG, Pierre. O Crescimento da Cidade de São Paulo. In: SZMRECSÁNYI, Tamás. *História Econômica da Cidade de São Paulo*. São Paulo: Ed. Globo, 2004.

⁸ MORSE, Richard. *Formação Histórica de São Paulo... op.cit.*

mais relacionada a uma mudança qualitativa na relação da cidade com a vida nacional⁹.

No Brasil, acontecia a decadência do ciclo econômico da cana de açúcar. O café, que havia sido introduzido no estado em meados de 1790, começava a gerar lucros superiores aos da cana. Inicialmente, ele foi cultivado no Vale do Paraíba, que mantinha uma relação política e econômica mais próxima do Rio de Janeiro. A partir de 1860, o solo dessa área já demonstrava sinais de esgotamento, tornando-se necessária a expansão para o Oeste Paulista, que foi associada a uma série de mudanças na organização do trabalho e na ocupação do interior que levariam São Paulo a assumir a centralidade da província¹⁰. Entre 1870-1880, a capital expandiu-se de forma crescente e ininterrupta, sendo que este crescimento pode ser atribuído ao café, à ferrovia e à imigração europeia¹¹.

Em 1866, foi inaugurado o primeiro trecho da estrada de ferro que ligava Santos a Jundiaí, iniciada pelo Barão de Mauá, e depois, assumida pela São Paulo Railway Company, facilitando o transporte de carregamentos de café, imigrantes e fazendeiros. Além desta ferrovia, criaram-se outras, como a Companhia Paulista de Estrada de Ferro, a Companhia Ituana de Via Férrea e a Companhia Mogiana de Estrada de Ferro¹².

Em relação à mão de obra para as plantações, era necessária uma alternativa para a substituição do regime escravista, uma vez que sua extinção se tornava iminente. O fim do tráfico negreiro foi o primeiro passo da campanha abolicionista e um incentivo à intensificação de políticas imigratórias para atrair braços para as lavouras cafeeiras, marcando a transição do regime de trabalho escravo para o livre¹³.

A Europa, por sua vez, enfrentava as consequências da Revolução Industrial, que incluíam baixos salários, desemprego e êxodo rural. Diante da situação de pobreza, acrescida de questões políticas - ideológicas, milhares de pessoas deixaram o continente. Calcula-se, atualmente, que foram nove milhões apenas no

⁹ SETUBAL, Maria Alice (Coord.). *A formação do Estado de São Paulo, seus habitantes e os usos da terra*. São Paulo: CENPEC, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

¹⁰ SETUBAL, Maria Alice. *A formação...* *op.cit.*

¹¹ EMPLASA. *Memória Urbana de São Paulo...* *op.cit.*

¹² SETUBAL, Maria Alice (Coord.). *A formação...* *op.cit.*

¹³ OSMAN, Samira Adel. *Guia Regional - Estado de São Paulo - Aspectos Históricos de Roteiros Turísticos*. São Paulo: SENAC, 2000.

terceiro quarto do século XIX, sendo que esses imigrantes se dirigiam principalmente aos Estados Unidos, Argentina e Brasil¹⁴.

Inicialmente, foram os próprios fazendeiros que tentaram organizar o fluxo imigratório, pois a política imperial visava colonizar as regiões de fronteira não resolvendo a carência de mão de obra dos produtores rurais do Oeste Paulista.

Diante do insucesso dessa experiência e da necessidade de substituição de mão de obra, o governo assumiu a vinda desses imigrantes, ou seja, adotou a imigração subvencionada, que consistia, como explica Osman, em “um serviço público regulado em lei executado pela administração, que se encarregava diretamente da formação de força de trabalho para a lavoura cafeeira, novamente às custas de todo país.”¹⁵

Assim, a situação sócio - econômica da Europa associada à política de incentivo à imigração fez com que o modesto fluxo de imigrantes existente na primeira metade do século XIX, se transformasse em levas contínuas desembarcadas no país. Entre 1866 e 1873, entraram no Brasil, 304.796 imigrantes; em 1887 esse número aumentou para 549.990, sendo que destes, 34.710 vieram para São Paulo. Em 1888, com a abolição da escravidão, 131.268 imigrantes entraram na nação, dos quais 92 mil chegaram a São Paulo pelo porto de Santos e pelo Rio de Janeiro¹⁶.

Os imigrantes vinham em navios lotados, normalmente em cabines de terceira classe, que partiam dos portos do Mediterrâneo (Gênova, Marseille e Málaga), da Península Ibérica (Lisboa e Vigo), dos portos do Canal da Mancha e do Mar Norte (Havre e Hamburgo) e do Extremo Oriente (Japão-Kobe). As viagens eram longas, levando de quinze dias a dois meses. Ao desembarcarem em Santos, os imigrantes eram encaminhados à Inspetoria da Imigração, onde era feito o controle sanitário e de suas bagagens¹⁷.

¹⁴ MOURA, Soraya (Org.). *Memorial do Imigrante: a imigração no Estado de São Paulo*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Memorial do Imigrante, 2008.

¹⁵ OSMAN, Samira Adel. *Guia Regional... op.cit*, p.39.

¹⁶ EMPLASA. *Memória Urbana de São Paulo até 1940*. v.1... *op.cit*.

¹⁷ MOURA, Soraya (Org.). *Memorial do Imigrante... op.cit*.

Figura 1 — Imigrantes no Porto de Santos

Fonte: MOURA, Soraya (Org.). *Memorial do imigrante: a imigração no estado de São Paulo*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Memorial do Imigrante, 2008, p. 12.

A seguir, eram encaminhados à Hospedaria dos Imigrantes no bairro do Brás em São Paulo. Essa hospedaria começou a ser planejada em 1885 quando o antigo Alojamento do Bom Retiro já não suportava o número crescente de imigrantes. A construção iniciou-se em 1886 e antes mesmo de ser inaugurada, em 1888, o local recebeu o primeiro grupo de imigrantes (1887). No próprio edifício, havia uma estação ferroviária, feita a partir de uma ramificação da São Paulo Railway, para embarque e desembarque dos estrangeiros¹⁸.

¹⁸ MOURA, Soraya (Org.). *Memorial do Imigrante... op.cit.*

Figura 2 — Desembarque de imigrantes na estação ferroviária da Hospedaria de Imigrantes, em 1908

Fonte: MUSEU DA IMIGRAÇÃO (São Paulo, SP). 1908. 1 fotografia, 20 cm X 25cm. Disponível em:< www.museudaimigracao.org.br>. Acesso em: 04 jan. 2012.

Figura 3 — Imigrantes no pátio interno da Hospedaria de Imigrantes

Fonte: MOURA, Soraya (Org.). *Memorial do imigrante: a imigração no estado de São Paulo*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Memorial do Imigrante, 2008, p. 68-69.

Ao chegarem à Hospedaria, os imigrantes aguardavam alguns dias no local, além de receberem uma série de serviços. Lá, eram abordados diretamente pelos interessados em contratá-los para assinarem acordos de trabalho. Dessa forma, a Hospedaria tornou-se também um importante entreposto de negócios, uma vez que concentrava a compra e venda de mão de obra. Havia um respaldo legal ao imigrante, sendo que em 1906, foi criada a Agência de Colonização e Trabalho, que funcionava como uma Agência de Colocações¹⁹.

O estado de São Paulo recebeu mais da metade, 2,5 milhões dos imigrantes que chegaram ao Brasil entre 1820 e 1949 (total no período foi de 4,8 milhões)²⁰. Foram mais de setenta nacionalidades, sendo que os principais grupos, quanto ao número de pessoas, foram os italianos, portugueses, espanhóis e japoneses, como demonstra a figura abaixo:

Tabela 1 — Imigrantes estrangeiros entrados no estado de São Paulo, entre 1885 e 1961

Período	Total	Italianos	Portugueses	Espanhóis	Japoneses	Diversos	Não especificados
1885-1889	167.664	137.367	18.486	4.843	-	6.968	-
1890-1894	319.732	210.910	30.752	42.316	-	20.899	14.855
1895-1899	415.253	219.333	28.259	44.678	-	11.305	111.678
1900-1904	171.295	111.039	18.530	18.842	-	11.191	11.693
1905-1909	196.539	65.595	38.567	69.682	825	23.870	-
1910-1914	362.898	88.692	111.491	108.154	14.465	40.096	-
1915-1919	83.684	17.142	21.191	27.172	12.649	5.530	-
1920-1924	197.312	45.306	48.200	36.502	6.591	60.713	-
1925-1929	289.941	29.472	65.166	27.312	50.573	117.418	-
1930-1934	128.899	6.946	17.015	4.876	76.527	25.535	-
1935-1939	69.215	5.483	19.269	1.708	252.141	17.524	-
1940-1944	12.764	307	6.671	181	2.945	2.660	-
1945-1949	41.228	9.212	11.443	1.136	1	19.436	-
1950-1954	198.042	50.435	70.806	34.256	2.671	39.874	-
1955-1959	166.961	24.693	48.347	28.040	25.912	39.969	-
De 1885 a 1909	1.270.483	742.244	134.594	180.361	825	74.233	138.226
De 1910 a 1934	1.062.734	187.558	263.063	204.016	160.805	247.292	-

¹⁹ *Idem*

²⁰ VASCONCELLOS, Henrique apud HALL, Michael. Os Imigrantes na Cidade de São Paulo. In: PORTA, Paula (Org.). *História da Cidade de São Paulo. A cidade na Primeira Metade do Século XX - Imigrantes na Cidade de São Paulo*. v. 3. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

De 1935 a 1959	488.120	90.130	156.536	65.321	56.670	119.463	-
De 1960 e 1961	1.983	4.144	14.982	12.539	11.104	9.214	-
De 1885 a 1961	2.873.320	1.024.076	569.175	462.237	229.404	450.202	138.226

Fonte: SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Agricultura. Departamento de Imigração e Colonização. *Estatística dos trabalhos executados pelo Departamento de Imigração e colonização durante o ano de 1961*. São Paulo: 1962, p. 44 apud <www.memorialdoimigrante.sp.gov.br>. Acesso em: 15 mai. 2008.

Devido à Hospedaria, a cidade de São Paulo, tornou-se um polo central no mercado de trabalho, sendo que uma parte dos imigrantes recém-chegados ficava na capital. Embora o município não tivesse um destaque na comercialização do café, pois os pontos principais de entroncamento da malha ferroviária eram Campinas e Jundiaí, as instituições bancárias se concentravam na capital, o que seria decisivo para o posterior financiamento da industrialização. Dessa forma, no final do século XIX, São Paulo reunia condições para o desenvolvimento da indústria e comércio, havia mercado de capitais, mercado de trabalho e circulação de moedas, e também um mercado consumidor de bens de consumo semiduráveis e de alimentos, além de ter ocorrido certo desenvolvimento da infraestrutura urbana²¹.

Neste contexto, ocorreu a baixa no preço do café em 1890 e a Quebra da Bolsa de Nova Iorque, em 1929, fazendo com que grande quantidade de imigrantes que não tinham condições de se manter na agricultura se transferisse para a cidade²². Ao se fixarem na capital, esses imigrantes exerciam ofícios tipicamente urbanos, tais como engraxates, mascates e barbeiros, uma vez que possuíam conhecimento técnico²³ e, frequentemente, já haviam exercido essas atividades em seu país de origem, registrando-se como agricultores apenas para entrada no Brasil. Cada etnia se concentrava em determinada ocupação; assim, os principais vendedores a varejo de sapatos, funilaria e ferragens eram italianos; os padeiros, confeitadores e curtidores eram franceses ou alemães; as metalúrgicas pertenciam, em grande parte, aos ingleses e americanos, seguidos pelos brasileiros e alemães; os serviços de carpintaria eram feitos por brasileiros e portugueses; enquanto os marceneiros eram brasileiros, franceses e alemães²⁴; os japoneses vendiam

²¹ SETUBAL, Maria Alice (Coord.). *A formação... op.cit.*

²² MEMORIAL DO IMIGRANTE. *Treinamento de Estagiário*. São Paulo, [200-?]. 44 p.

²³ MORSE, Richard. *Formação Histórica de... op.cit*

²⁴ *Idem*

hortaliças produzidas em chácaras da Grande São Paulo; os sírios e libaneses dedicavam-se à mascateação e comércio²⁵, etc.

A cidade de São Paulo assistiu uma grande explosão demográfica, que determinou uma nova configuração urbana que se adaptava à função nacional e local que a província passou a exercer devido à projeção econômica e política obtida com o café. Esse crescimento populacional ocorreu devido ao estabelecimento dos fazendeiros e, principalmente, como já citado, pela fixação dos imigrantes na capital²⁶. As figuras 5 e 6 indicam esse processo de urbanização acelerado, entre 1872 e 1938, bem como a composição da população paulistana em 1893:

Tabela 2 — Cidade de São Paulo: Participação da população sobre o total do Estado

Anos	Estado	Capital	%
1872	837.354	26.040	3,0
1890	1.384.753	69.934	5,0
1900	2.282.279	239.820	10,0
1920	4.592.188	579.033	12,0
1934	6.433.327	1.060.120	16,0
1938	7.131.486	1.268.894	17,0

Fonte: RODRIGUES, Jorge apud EMPLASA. *Memória Urbana de São Paulo até 1940*. v. 2. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001, p.26.

Tabela 3 — Cidade de São Paulo: Classificação dos habitantes da Capital, segundo a nacionalidade

Anos	Nacionais	Estrangeiros	Total	
			Nacionais	Estrangeiros
1872	3.578	250	93,6	6,4
1886 ¹			74,2	25,8
1890	50.641	14.304	77,9	22,1
1893	59.307	71.468	44,4	55,6

Fonte: SOUZA, Alberto de. Estudos Demográficos - A População de São Paulo no Último Decênio 1907-1916 apud EMPLASA. *Memória Urbana de São Paulo até 1940*. v. 2. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001, p.47.

¹ No ano de 1886, não há dados absolutos do números de brasileiros e estrangeiros.

²⁵ MEMORIAL DO IMIGRANTE. *Treinamento...* op.cit.

²⁶ OSMAN, Samira Adel. *Guia Regional...* op.cit.

Como se pode observar , em 1893, 55,6% da população era composta por estrangeiros. Essa tendência se manteve, sendo que em 1934, 67% eram estrangeiros ou descendentes²⁷.

A explosão demográfica foi acompanhada por uma expansão física. A partir da década de 1970 do século XIX, a área urbana começou a se ampliar e as diversas chácaras que circundavam o centro passaram a ser loteadas, originando os bairros. Essas zonas e bairros assumiram funcionalidades específicas. O triângulo formado pelas ruas XV de Novembro, Direita e São Bento tornou-se um centro comercial e financeiro, sendo que ao lado dele, surgiram bairros residenciais da elite, tais como Campos Elíseos e Higienópolis, e também, bairros operários, próximos às zonas industriais, como o Brás, Belenzinho e Mooca²⁸. No entanto, como explica Morse, “o caráter rápido, não planejado e explorativo da expansão fez com que se encontrassem e interpenetrassem, contra toda expectativa, áreas industriais, comerciais e residenciais da classe alta e da classe baixa”²⁹.

Os bairros também foram para os imigrantes uma forma de reconstrução de sua comunidade de origem, uma vez que representavam um ambiente familiar, onde a língua, os conterrâneos e a alimentação passavam uma sensação de segurança e unidade.

O bairro foi, nesse sentido, como que a colônia rural transposta para o contexto urbano, o núcleo de solidariedade grupal que fornecia proteção, tranquilidade interior, durante o período de aprendizagem da língua e das coisas da terra.³⁰

Dessa forma, os imigrantes preferiram se instalar em lugares onde já houvesse pessoas de seu país, constituindo bairros com predominância de uma nacionalidade. Os alemães se estabeleceram na região dos Campos Elíseos, ao longo da estrada de ferro, em Santo Amaro e na Vila Mariana; os espanhóis foram para o Brás, Penha e Vila Matilde; os italianos se concentraram no Brás, Mooca, Bom Retiro, Bela Vista, Belém, Pari, Canindé, Vila Carrão, Bexiga e os mais abastados nos Campos Elíseos, Higienópolis, Vila Buarque e Consolação; os

²⁷ *Boletim do Departamento Espanhol Estadual de Estatística, 1939* apud HALL, Michael. Os Imigrantes na Cidade de São Paulo. In: PORTA, Paula (Org.). *História... op.cit.*

²⁸ OSMAN, Samira Adel. *Guia Regional... op.cit.*

²⁹ MORSE, Richard. *Formação Histórica de São Paulo... op.cit, p.250.*

³⁰ MOURA, Soraya (Org.). *Memorial do Imigrante... op.cit, p.102*

japoneses na Liberdade, centro, Pinheiros, Ipiranga, Jabaquara e zonas suburbanas; os lituanos e portugueses na Penha, Vila Matilde e arredores; e os sírios e libaneses concentraram-se na região da 25 de Março; e posteriormente na Vila Mariana, Paraíso, Ipiranga e Brás. A tabela abaixo demonstra essa configuração:

Tabela 4 — Distribuição percentual das nacionalidades por alguns distritos de paz na capital (dados da Subdivisão de Documentação Social e Estatísticas Municipais - Recenseamento de 1934)

Nacionalidades	Sta. Ifigênia	Sé	Liberdade	Bom Retiro
Estrangeiros	30,33	37,47	22,07	35,48
Italianos	8,26	7,24	8,87	11,49
Portugueses	6,42	5,42	4,62	2,54
Espanhóis	1,51	1,30	1,33	1,44
Japoneses	0,13	1,61	2,10	0,07
Alemães	2,43	1,67	1,18	0,38
Austríacos	0,70	0,33	0,31	0,28
Húngaros	0,78	0,34	0,18	0,19
Russos	0,76	0,29	0,23	2,30
Sírios	2,68	11,57	0,98	0,21
Outras	6,66	7,69	2,28	16,58
Brasileiros	69,58	62,48	77,75	64,43
Não Declarados	0,09	0,05	0,18	0,09
Total	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: ARAÚJO, Oscar Egídio de Araújo. Enquistamentos étnicos, *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, São Paulo, n.6, p. 235, mar.1940.

Esta concentração não significa que constituíssem guetos étnicos fechados, como em diversas cidades norte-americanas. Há apenas uma pesquisa de 1934, que se refere a três grupos que formavam “enquistamentos étnicos”, ou seja, que apresentavam uma tendência de concentração, agravada por casamentos endogâmicos, o que contribuía para formação de verdadeiros bairros típicos da nacionalidade³¹. São eles: os judeus, no Bom Retiro, os japoneses na Liberdade e os sírios e libaneses numa parte dos distritos da Sé e de Santa Ifigênia, formada pelas ruas 25 de Março, Cantareira e Avenida do Estado.

³¹ ARAÚJO, Oscar Egídio. Enquistamentos Étnicos, p. 230 apud OSMAN, Samira. *Caminhos da Imigração Árabe em São Paulo: História Oral de Vida Familiar*. FFLCH-USP: Dissertação de Mestrado, 1998.

1.2 Imigração Síria e Libanesa

O movimento migratório sírio e libanês iniciou-se na segunda metade do século XIX, mais precisamente em 1870. A princípio, manteve-se confinado a alguns povoados, no entanto, até 1880, todas as aldeias do Líbano e num grau menor da Síria haviam sido atingidas. Milhares de sírios e libaneses migraram para países e territórios da África, América, Europa, Ásia Ocidental e Ilhas do Pacífico. Não há informações sobre o número exato de pessoas que deixaram estes países³², porém o relatório de Abeih, Líbano, indica que 25.000 pessoas deixaram o país num período de dois a três anos³³, outra estimativa aponta que entre 1900 e 1914, um quarto da população libanesa havia deixado sua nação³⁴.

As motivações para emigração foram de ordem política-religiosa, econômica ou mista. Foram abertas duas rotas de imigração: a primeira e mais antiga, preferida pelos não cristãos, levava ao Egito, Sudão e às colônias francesas e britânicas na África Ocidental e Central. A segunda e preferida pelos cristãos levava às Américas, Austrália, Nova Zelândia e Ilhas do Pacífico.

Segundo Hourani e Abdulkarim³⁵, o movimento emigratório libanês pode ser dividido em seis períodos distintos.

O primeiro, de 1860 a 1900, foi ocasionado pelos conflitos entre maronitas³⁶ e drusos³⁷. A população libanesa havia aumentado, porém existia uma escassez de solos férteis. Havia uma tensão social e religiosa pré-existente entre esses grupos, sendo que em 1860, as divergências levaram a uma luta generalizada. Além da questão religiosa, este conflito consistiu em um levante social dos camponeses

³² KNOWLTON, Clark. S. *Sírios e Libaneses: Mobilidade Social e Espacial*. São Paulo: Anhambi, 1960.

³³ Fifty-first Annual Report of the Board of Foreign Missions of the Presbyterian Church in the United States (New York: Published for the Board, 1888) apud KNOWLTON, Clark. S. *Sírios e Libaneses...op.cit*

³⁴ KOSS, Frank A. apud KNOWLTON, Clark. S. *Sírios e Libaneses... op.cit*.

³⁵ HOURANI, ABDULKARIN apud OSMAN, Samira. *Entre o Líbano e o Brasil: dinâmica Migratória e História Oral de Vida*. FFLCH- USP: Tese de Doutorado, 2006.

³⁶ Seita religiosa que faz parte do cristianismo. Esse grupo se originou no norte da Síria, migrando no século V para Hama, e a seguir para as Montanhas Libanesas do norte do país. Inicialmente, faziam parte da Igreja Oriental, porém as discriminações sofridas dentro do estado islâmico, aliados às diferenças existentes dentro da Igreja Oriental fizeram com que se filiassem à Igreja Católica Apostólica Romana, considerando-se mais ocidentais do que orientais. Este grupo emigrou em massa após 1860.

³⁷ Ramo do islamismo, que surgiu no Egito no século XI. Para eles, a divindade está encarnada. São marcados pelo profundo conhecimento e acesso aos saberes de seus líderes espirituais.

maronitas contra os senhores drusos. Como os drusos estavam mais armados e organizados, aconteceu um massacre dos cristãos na Síria e no Líbano³⁸. Assim, essa parte da população iniciou uma série de migrações, principalmente, em direção aos países vizinhos do Oriente Médio, norte da África, América e Austrália³⁹.

O segundo período, de 1900 a 1914, foi marcado pelo deslocamento dos intelectuais e classes sociais mais abastadas (médicos, professores, poetas e escritores) para os Estados Unidos e Brasil devido a uma presença mais forte do Império Turco Otomano na região⁴⁰. A tirania Hamida (1876-1908) proibiu o livre pensamento nas províncias do Império, reprimindo a produção cultural libanesa, o que levou os intelectuais ao exílio. Além disso, o alistamento militar tornou-se obrigatório para os cristãos em 1903, o que significava uma submissão total aos turcos otomanos e criava dificuldades para a vida econômica, familiar e desenvolvimento pessoal do indivíduo⁴¹.

A terceira fase da emigração, 1920 a 1943, correspondeu ao mandato francês no Líbano, que beneficiou a população cristã. Neste período, aumentou o número de emigrados muçulmanos, provenientes do Vale do Bekaa e do sul do Líbano, devido à pobreza e à falta de perspectiva econômica. O deslocamento foi, principalmente, em direção à América do Sul e às colônias inglesas e francesas da África do Norte⁴². Nesta época, diminuiu consideravelmente, o volume de imigrantes que se dirigiam aos Estados Unidos, pois, em 1914, haviam sido aprovadas novas leis de imigração no país, que dificultavam a entrada de estrangeiros⁴³.

A Segunda Guerra Mundial e a independência do Líbano (1943) caracterizaram a quarta fase (1943 a 1975), marcada por dificuldades econômicas, falta de oportunidades profissionais e alto crescimento vegetativo. O desenvolvimento econômico havia sido desigual, enquanto as cidades litorâneas, Beirute e o Monte Líbano, habitados pelos cristãos, ofereciam melhores condições de vida, o Vale do Bekaa apresentava um baixo desenvolvimento econômico,

³⁸ KNOWLTON, Clark. S. *Sírios e Libaneses: Mobilidade...* op.cit.

³⁹ OSMAN, Samira. *Entre o Líbano e o Brasil: dinâmica Migratória e História Oral de Vida*. FFLCH-USP: Tese de Doutorado, 2006.

⁴⁰ OSMAN, Samira. *Entre o Líbano e o Brasil: dinâmica Migratória...* op.cit.

⁴¹ GATTAZ, André. *Do Líbano ao Brasil: história oral de imigrantes*. São Paulo: Gandalf, 2005.

⁴² OSMAN, Samira. *Entre o Líbano e o Brasil: dinâmica Migratória...* op.cit.

⁴³ HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

levando a população, majoritariamente muçulmana, a emigrar. Neste momento, os destinos escolhidos foram o Golfo Pérsico, África do Norte, Austrália e América⁴⁴.

O quinto período, de 1975 a 1990, corresponde à fase da Guerra Civil Libanesa, que disseminou medo e insegurança. O fluxo emigratório foi de cristãos e muçulmanos, 950.000 pessoas deixaram o país nesse período, motivados pelo conflito, pela divisão da nação em guetos religiosos, pelas invasões sírias e israelenses e por problemas econômicos.

A partir de 1990, vive-se o sexto período deste processo, caracterizado pela manutenção do fluxo migratório e pelo retorno de um número considerável de emigrados⁴⁵.

Os Estados Unidos, Canadá, Argentina e Brasil foram os países preferencialmente, escolhidos para emigração. Entre 1880 e 1930, os Estados Unidos receberam a maior quantidade, em números absolutos, de imigrantes árabes. A imigração para o Brasil, por sua vez, começou a se avolumar às vésperas do século XX. A viagem, normalmente era feita em duas partes: até um porto da Europa Ocidental (frequentemente Marseille, na França e Gênova ou Nápoles, na Itália) e deste para as Américas⁴⁶.

Figura 4 — Família Mouawad, ainda no navio, chegando do Líbano ao porto de Santos. Da esquerda para direita: Halim Ghazal Mouawad com Semaan Halim Mouawad (no colo), Badra Maatouk com Afife Ghazal (no colo) e Antônio Ghazeli

Fonte: Acervo Familiar, 1947.

⁴⁴ OSMAN, Samira. *Entre o Líbano e o Brasil: dinâmica Migratória...* op.cit.

⁴⁵ *Idem*

⁴⁶ TRUZZI, Oswaldo. *Sírios e Libaneses*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

Diversos fatores determinaram a vinda dos sírios e libaneses para o Brasil. Muitos não tinham conseguido visto para os Estados Unidos, ou pensavam que seria mais simples entrar neste país a partir do Brasil. Outros foram ludibriados pelas companhias de navegação e ao desembarcar no Rio de Janeiro ou Santos, pensavam estar em solo americano. As agências de viagem também tentavam convencê-los, em Alexandria, Nápoles e Marseille, a trocar suas passagens e embarcar para Brasil ou Argentina⁴⁷.

Além destas razões, grande parte dos imigrantes veio para o Brasil porque possuíam familiares que os chamavam e encorajavam a vir. Muitos também acreditavam que o país fornecia amplas possibilidades financeiras⁴⁸.

As estatísticas sobre o número de imigrantes árabes entrados no Brasil são imprecisas com grande divergência de dados estaduais e federais. Segundo o Boletim do Ministério do Trabalho de 1945, os primeiros imigrantes árabes chegaram em 1871, data confirmada pelo censo de 1876, que apontava a presença de três “turcos” na cidade do Rio de Janeiro e no estado do Rio Grande do Sul, sendo esta, portanto, aceita como data de início da imigração árabe para o Brasil⁴⁹.

Até 1934, o governo brasileiro considerava como imigrante apenas o estrangeiro que viesse em cabines de terceira classe, introduzindo um elemento de erro nas estatísticas de imigração (o estado de São Paulo seguiu esse método de contabilização até 1938). Como os sírios e libaneses, normalmente, vinham nessa área do navio, a mensuração baseada nestes critérios não afetou tão profundamente o grupo como ocorreu com outras etnias⁵⁰.

Os sírios e libaneses foram classificados como turcos até 1892, pois como o Império Turco-Otomano dominava a região, muitos entraram com passaportes dessa nacionalidade no Brasil. A partir desta data, até 1926, os libaneses foram classificados como sírios, sendo que apenas a partir deste ano, foram considerados à parte⁵¹.

A imigração árabe para o Brasil foi lenta e irregular entre 1871 e 1891, aumentando entre 1895 e 1899, quando se registrou 1.131 entradas. No entanto, o governo turco proibiu a emigração, exceto para o Egito, no final do século XIX e

⁴⁷ KNOWLTON, Clark. S. *Sírios e Libaneses: Mobilidade... op.cit.*

⁴⁸ *Idem*

⁴⁹ *Ibidem*

⁵⁰ *Ibidem*

⁵¹ *Ibidem*

início do século XX, o que reduziu novamente, a imigração. Quando as leis foram liberalizadas, o movimento migratório intensificou-se, sendo que apenas entre 1903 e 1915, 43.442 pessoas entraram no país⁵².

Os estados que concentraram a maior quantidade de imigrantes árabes foram São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Paraná e Distrito Federal⁵³. As estatísticas existentes para o estado de São Paulo possibilitam a análise apenas após 1908, pois até esse ano, os sírios e libaneses eram classificados como outras nacionalidades⁵⁴. Percebe-se que este grupo teve uma preferência marcante pelo estado de São Paulo, enquanto correspondia a 2,5% da imigração nacional, equivalia a 4% (48.326 pessoas) da imigração do estado, segundo o censo de 1920. Neste mesmo ano, 34% dos imigrantes árabes entrados vinham para São Paulo. Essa tendência de concentração se manteve, e em 1938, 74% dos imigrantes se dirigiam a esta unidade federativa⁵⁵.

Algumas cidades do interior paulista, como São José do Rio Preto, Barretos, Olímpia, Catanduva, Taquaritinga e Monte Alto apresentavam um número considerável de imigrantes libaneses e sírios⁵⁶, no entanto, a maior concentração ocorreu na capital. Em 1920, 31,9% haviam se fixado no município, em 1934, estes já representavam 34% do total da população árabe do estado⁵⁷.

Como explica Knowlton, os estrangeiros em qualquer país tendem a se concentrar nos centros urbanos, acontecendo o mesmo com os sírios e libaneses no país. Estes evitavam a zona rural, sendo que em 1934, 83% da população árabe do Estado de São Paulo era classificada como urbana⁵⁸.

A maioria dos sírios e libaneses pertencia a famílias de agricultores proprietárias de pequenos lotes em seu país de origem, no entanto, ao chegarem ao Brasil, encontravam um sistema agrário baseado em latifúndios. Como vinham com pouco dinheiro, não conseguiam comprar terras, e para trabalhar na agricultura, precisariam ser colonos. No início, alguns tentaram se empregar desta forma, porém o tratamento destinado ao trabalhador rural e a falta de perspectiva econômica fizeram com que o grupo se mantivesse afastado do campo. Assim, observa-se que

⁵² *Idem*

⁵³ *Idem*

⁵⁴ TRUZZI, Oswaldo. *Sírios... op.cit.*

⁵⁵ KNOWLTON, Clark. S. *Sírios e Libaneses: Mobilidade... op.cit.*

⁵⁶ TRUZZI, Oswaldo. *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: Unesp, 2009.

⁵⁷ KNOWLTON, Clark. S. *Sírios e Libaneses: Mobilidade... op.cit.*

⁵⁸ *Idem*

apesar da maioria ser agricultor na Síria e no Líbano, ao chegarem ao porto de Santos, apenas 18 % declarava ser esta sua ocupação, conforme dados coletados entre 1908 e 1939, o que sinalizava a intenção de trabalhar com atividades comerciais⁵⁹.

Figura 5 — Passaporte familiar, em 1947. Nota-se que a ocupação profissional é preenchida como cabeleireiro, rasurada e alterada para agricultor. A motivação da viagem é declarada como visita à parentes.

Fonte: Acervo Familiar, 1947.

A mascateação foi a forma de inserção profissional escolhida, inicialmente por estes imigrantes, uma vez que tinham pouco capital e preferiam trabalhar para si próprios. A atividade exigia pouco conhecimento da língua portuguesa e ajudava a treiná-los no idioma. Além disso, permitia um retorno financeiro rápido, pois a acumulação de capital dependia, principalmente, do esforço individual. Logo, a perspectiva de melhoria de vida era real e ampla, se comparada a outras ocupações⁶⁰.

Outros fatores que contribuíram para dedicação a esta atividade foram a familiaridade com o comércio, uma vez que a Síria era uma rota comercial tradicional entre Oriente e Ocidente e muitos já haviam exercido, em algum momento, essa ocupação; e a importação de amigos e parentes pelos imigrantes que possuíam

⁵⁹ TRUZZI, Oswaldo. *Patrícios: sírios... op.cit.*

⁶⁰ *Idem*

negócios bem sucedidos, criando uma corrente imigratória orientada para o comércio. Os imigrantes já estabelecidos também forneciam mercadorias por consignação aos recém-chegados, facilitando a atividade de mascateação⁶¹.

A figura do mascate atuou como uma identificação comum da colônia, bastante dividida por locais de proveniência e religião, estando presente também no imaginário popular brasileiro⁶².

Figura 6 — Revista A Lua

Fonte: ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO. A Lua: semanário ilustrado. São Paulo, 1910, nº 3, ano 1. Disponível em: < www.arquivoestado.sp.gov.br >. Acesso em: 23 ago. 2012.

A atividade comercial foi uma forma de inserção profissional, marcadamente urbana, porém como explica Ellis Jr., a zona rural constituiu em uma base espacial

⁶¹ *Ibidem*

⁶² GATTAZ, André. *Do Líbano ao... op.cit.*

importante para mascateação⁶³, havendo em quase todas as cidades brasileiras de maior importância, um grupo de comerciantes sírios e libaneses.

Árabes pobres, mascates das estradas, exibiam suas malas abertas, berliques e berloques, cortes baratos de chita, colares falsos e vistosos, anéis brilhantes de vidro, perfumes com nomes estrangeiros, fabricados em São Paulo. Mulatas e negras, empregadas nas casas ricas, amontoavam-se ante as malas abertas:
— Compra freguesa, compra. É baratinho... —a pronúncia cômica, a voz sedutora.⁶⁴

A mascateação era vista como uma condição provisória. À medida que acumulavam capital, os sírios e libaneses abriam lojas, inicialmente no ramo varejista, a seguir no ramo atacadista, além de se dedicarem à indústria. Esses imigrantes preferiam a capital paulista, local que oferecia melhores oportunidades econômicas e onde podiam participar da vida social e cultural da colônia⁶⁵.

Na cidade de São Paulo, os sírios e libaneses concentraram-se nos distritos da Sé e Santa Ifigênia — 28% da população árabe do município, conforme o censo de 1934 — mais precisamente no triângulo composto pelas ruas 25 e Março, Barão de Duprat e Paula Souza (74% do total residente nestes dois distritos)⁶⁶.

A segunda região que concentrava os sírios e libaneses era a área composta pelos distritos da Vila Mariana, Bela Vista e Liberdade, aproximadamente 21% do total em 1934⁶⁷. Especialmente, eles ocupavam, principalmente, a zona de limite entre esses três distritos, ou seja, localizavam-se no atual bairro do Paraíso.

O Ipiranga correspondia à terceira área mais ocupada pelos imigrantes da etnia devido, em grande parte, aos parentes, sócios, conterrâneos e membros da família Jafet que possuía indústrias nesse local⁶⁸, constituindo um bairro diferenciado, onde a ocupação aconteceu devido à presença de uma família.

O censo de 1934 também já sinalizava uma tendência de ocupação árabe nos bairros do Brás e Pari, que se intensificou nas décadas de 1940 e 1950⁶⁹. A Guerra Civil Libanesa, entre 1975 e 1990, incentivou ainda mais a vinda desses imigrantes

⁶³ ELLIS JR. apud TRUZZI, Oswaldo. *Patrícios: sírios...* op.cit.

⁶⁴ AMADO, Jorge. *Gabriela, Cravo e Canela*. São Paulo: Martins, 1969, p.84.

⁶⁵ KNOWLTON, Clark. S. *Sírios e Libaneses: Mobilidade...* op.cit.

⁶⁶ *Idem*

⁶⁷ KNOWLTON, Clark. S. *Sírios e Libaneses: Mobilidade...* op.cit.

⁶⁸ HAJJAR, Claude. *Imigração Árabe: Cem Anos de Reflexão*. São Paulo: Ícone, 1985.

⁶⁹ HAJJAR, Claude. *Imigração Árabe...* op.cit.

do sul do Líbano, que se estabeleceram no entorno da rua Oriente⁷⁰. A tabela 5 e a figura 7 indicam essas concentrações na cidade de São Paulo.

Tabela 5 — Distribuição dos sírios pelos vinte e sete distritos do município em 1934

Distritos	Dados de quadros não publicados do		Dados dos relatórios
	censo		publicados do censo
	Número	Porcentagem	Porcentagem
TOTAL	8223	100,00	100,00
Bela Vista	559	6,79	6,74
Belenzinho	627	7,62	7,63
Bom Retiro	67	0,81	0,79
Brás	460	5,59	5,83
Butantã	63	0,77	0,77
Cambuci	111	1,35	1,48
Casa Verde	34	0,41	0,41
Consolação	400	4,86	4,79
Ipiranga	548	6,66	6,81
Itaquera	9	0,11	0,11
Jardim América	69	0,84	0,8
Lageado	2	0,02	0,02
Lapa	135	1,64	1,65
Liberdade	462	5,62	5,58
Mooca	597	7,26	7,13
Nossa Senhora do Ó	23	0,28	0,29
Osasco	61	0,74	0,79
Penha	173	2,1	2,07
Perdizes	117	1,42	1,41
Santa Cecília	172	2,09	2,06
Santana	148	1,79	1,79
São Miguel	3	0,04	0,03
Santa Ifigênia	1086	13,21	13,4
Sé	1245	15,26	15,19
Saúde	252	3,06	3,13
Tucuruvi	77	0,94	0,06
Vila Mariana	713	8,67	8,64

Fonte: Clark. S. *Sírios e Libaneses: Mobilidade Social e Espacial*. São Paulo: Anhambi, 1960, p. 107.

⁷⁰ TRUZZI, Oswaldo. *Sírios... op.cit.*

Figura 7 — Distribuição dos sírios na cidade de São Paulo, em 1934

Distribuição dos sírios na cidade de São Paulo, 1934 — Número de sírios

Fonte: Clark. S. *Sírios e Libaneses: Mobilidade Social e Espacial*. São Paulo: Anhambi, 1960, p. 105.

A concentração nessas áreas da cidade acontecia por diversas razões, que serão, posteriormente, detalhadas. Ao se fixarem nessas zonas, os imigrantes sírios e libaneses imprimiram características do grupo nesses locais, seja pelo comércio, pelas relações sociais ou pelas instituições culturais, tais como restaurantes, igrejas, mesquitas, clubes, associações ou hospitais.

1.3 Identidade e espaço

O estabelecimento e inserção dos imigrantes sírios e libaneses em determinadas áreas da cidade produziu um espaço urbano, fortemente marcado por elementos identitários desse grupo, que se deram tanto no âmbito da paisagem quanto das relações sociais.

O espaço é dinâmico e local de desenvolvimento de uma atividade social. Ele não é dado *a priori*⁷¹, ou seja, ele só pode ser entendido historicamente. E funciona, como afirma Milton Santos, como um dado do próprio processo social⁷².

⁷¹ LÉFÈBVRE, Henri. O Espaço. In: *Espaço e Política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 36-57.

⁷² SANTOS, Milton. *Metamorfoses do Espaço Habitado*. São Paulo: Hucitec, 1988.

É importante lembrar que se considera a paisagem como um conjunto de formas num determinado momento, uma cristalização. A paisagem assume diferentes idades, diferentes funções, apresentando uma heterogeneidade. Ela é uma escrita sobre a escrita, ela se materializa. No entanto, ela também é objeto de mudança⁷³. O espaço, por sua vez, são essas formas mais a vida, a sociedade que o anima. Ele é a sociedade encaixada na paisagem⁷⁴.

Ao considerar o espaço como a sociedade encaixada na paisagem, deve-se pensar como a identidade de um grupo se manifesta, se representa neste local. Nas sociedades modernas e pós - modernas, os indivíduos apresentam cada vez mais identidades fragmentadas, abertas. Eles não possuem uma identidade única, estável⁷⁵.

Ao analisar a imigração, a identidade nacional acaba assumindo maior relevância. A identidade nacional não é algo inerente ao ser humano. Ela surge juntamente com o Estado Moderno e com a crise do pertencimento. Ela foi uma ideia forçada, uma construção⁷⁶.

Como afirma Hall: “No mundo moderno, as culturais nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural”⁷⁷. As culturas nacionais são discursos construídos a partir de instituições culturais, de símbolos e de representações. Elas constroem sentidos sobre a nação, sentidos com os quais as pessoas se identificam, ou seja, elas constroem identidades⁷⁸.

A nação, por sua vez, é uma comunidade imaginada, pois como afirma Anderson:

É imaginada porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão ou nem sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles.⁷⁹

⁷³ SANTOS, Milton. *Metamorfoses do Espaço...* op.cit.

⁷⁴ SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

⁷⁵ HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

⁷⁶ BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

⁷⁷ HALL, Stuart. *A Identidade Cultural...* op.cit, p. 47.

⁷⁸ *Idem*

⁷⁹ ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.32.

Ela é imaginada também como sendo intrinsecamente limitada, soberana e concebida como uma profunda camaradagem horizontal⁸⁰.

No entanto, é preciso considerar que as nações modernas são híbridos culturais. Hall diz: “em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade”⁸¹.

A imigração deve ser entendida sob o ponto de vista desse hibridismo cultural. Essas pessoas dialogam entre a comunidade em que nasceram e a comunidade que os recebeu. Torna-se perceptível para estes indivíduos que o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ são flexíveis, negociáveis⁸².

O conceito de tradução explica bem esse diálogo de identidades. Esses indivíduos são obrigados a negociar com as novas culturas em que vivem, sem serem totalmente assimiladas por ela e sem perder totalmente suas identidades nacionais. Elas têm forte ligação com seu local de origem, com seu passado, sua cultura e tradições, mas precisam se transportar, se transferir⁸³.

A identidade, por sua vez, está profundamente envolvida no processo de representação, como um conjunto de significados, sendo que o espaço e o tempo são as coordenadas básicas desse processo⁸⁴.

Ao se concentrarem, em determinadas regiões de São Paulo, os imigrantes sírios e libaneses criaram suas instituições culturais, desenvolveram suas atividades profissionais, se fixaram residencialmente e estabeleceram relações sociais, ou seja, produziram um espaço urbano marcado também por sua identidade nacional, bem como por identidades fragmentadas, regionais, locais, próprias de seus países de origem.

O primeiro local que ocuparam foi a rua 25 de Março e suas adjacências. A presença árabe nessa área era tão evidente, que foi percebida, em 1940, por um observador que passava na região:

onde o amendoim torrado cede lugar à semente de abóbora e o quibe, sob todas as formas, sobrepuja o típico feijão com arroz brasileiro...O ambiente é francamente sírio. Há livrarias que só vendem livros escritos em árabe.

⁸⁰ ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas...* op.cit.

⁸¹ HALL, Stuart. *A Identidade Cultural...* op.cit, p. 62.

⁸² BAUMAN, Zygmunt. *Identidade...* op.cit.

⁸³ HALL, Stuart. *A Identidade Cultural...* op.cit.

⁸⁴ *Idem*

Ouve-se constantemente, música típica e canções dolentes e sentimentais pelas melhores vozes do Oriente. Nas confeitarias e nos cafés, os rádios, em geral, estão ligados para as estações que irradiam músicas árabes e os fregueses falam mais em língua estrangeira do que na língua do País.⁸⁵

1.4 A Rua 25 de Março e Adjacências

A formação da rua 25 de Março está bastante relacionada à retificação do rio Tamanduateí e à drenagem da Várzea do Carmo. No local do atual traçado, corria até meados do século XIX, o rio Tamanduateí, que em tupi guarani, significa “rio de muitas voltas”⁸⁶.

O rio recebia as águas do rio Anhangabaú, desaguava no Tietê e era totalmente navegável⁸⁷, embora a navegação fosse restrita, devido ao seu baixo calado⁸⁸. O rio Tamanduateí descrevia sete voltas estreitas antes de sua primeira retificação, sendo que o caminho existente, transitável apenas para pedestres, tornou-se conhecido como Rua das Sete Voltas (após ter sido chamado de Rua da Várzea do Glicério). A última volta terminava na atual Ladeira Porto Geral, antigo Beco das Barbas. No final desse beco, havia um porto que funcionava como escoadouro para as mercadorias importadas, que chegavam de navio em Santos, subiam a serra (inicialmente via carroça, e a seguir, via Estrada de Ferro Santos-Jundiaí), alcançavam o Ipiranga e eram encaminhadas pelo Tamanduateí⁸⁹.

⁸⁵ ARAUJO, OSCAR apud TRUZZI, Oswaldo. *Patrícios: sírios...* op.cit, p.49.

⁸⁶ KORAICHO, Rose. *25 de Março-Memória da Rua dos Árabes*. São Paulo: Rose Koraicho, 2004.

⁸⁷ UNIVINCO. *Guia Oficial da 25 de Março e Região*. São Paulo: On-Line, n. 1, [2006 ou 2007].

⁸⁸ MOURA, Paulo Cursino de. *São Paulo de Outrora: evocações da metrópole*. Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

⁸⁹ UNIVINCO. *Guia Oficial da 25 de Março...* op.cit.

Figura 8 — Primeira Planta Imperial da Cidade de São Paulo, de 1810, onde é possível visualizar as sete voltas do Rio Tamanduateí

Fonte: Moura, Paulo. *São Paulo de Outrora - evocações da Metrópole*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980, p. 16.

Entre 1848 e 1851, o governo de Pires da Mota decidiu retificar o rio, que se desviou ligeiramente para leste⁹⁰. Em 1859, um decreto da Câmara Municipal de São Paulo estabeleceu a criação de uma via que ligasse a ponte do Carmo ao porto de São Bento pela margem esquerda do Tamanduateí⁹¹. Essa se estendia desde a rua do Carmo até o cruzamento com a rua Anhangabaú e tornou-se conhecida como Rua de Baixo, dividindo a cidade em Parte Alta e Parte Baixa. A Parte Alta correspondia à região da rua Florêncio de Abreu, uma das mais antigas da cidade, aberta entre 1782 e 1786⁹².

Em 1867, drenou-se e aterrou-se uma parte da Várzea do Carmo, sendo aberto um mercado municipal no cruzamento das ruas 25 de Março e General Carneiro. Este consistia numa praça aberta onde mascates e vendedores ofereciam suas mercadorias ao público⁹³.

⁹⁰ MOURA, Paulo Cursino de. *São Paulo de Outrora... op.cit.*

⁹¹ PONCIANO, Levino. *Todos os Centros da Paulicéia*. São Paulo: Senac, 2007.

⁹² MOURA, Paulo Cursino de. *São Paulo de Outrora... op.cit.*

⁹³ KNOWLTON, Clark S. *Sírios e Libaneses... op.cit.*

Neste momento, a rua já havia sido rebatizada como 25 de Março, em homenagem à data de promulgação da 1ª Constituição Brasileira, outorgada em 1824⁹⁴. A primeira retificação e a drenagem da Várzea possibilitaram uma série de melhorias na área, assim em 1874, criou-se a Ilha dos Amores, formada a partir de um braço do rio, numa ilha em frente ao mercado⁹⁵. O local consistia num espaço de lazer, com funções recreativas, que incluíam esportes náuticos, banho, entre outros⁹⁶, tornando-se um centro de atração para os mascates, mendigos e o povo em geral⁹⁷.

Figura 9 — Parque D. Pedro II -“Ilha dos Amores”, em 1910

Fonte: AMADIO, Decio. *Desenho urbano e bairros centrais de São Paulo- Um estudo sobre a formação e transformação do Brás, Bom Retiro e Pari*. FAU-USP: Tese de Doutorado, 2004, p. 192.

A segunda e última retificação ocorreu em 1896. Nessa época, já havia algumas casas e prédios comerciais na região. As condições de higiene na 25 de Março e no entorno do mercado existente eram muito ruins, então a administração municipal decidiu construir, em 1907, um mercado no largo e vender espaços para bancas aos comerciantes e mascates. Aqueles que não podiam ou não queriam comprar, transferiram-se para um trecho desocupado da rua Cavalheiro Basílio Jafet, antiga rua Itobi, constituindo outro mercado, o Mercado Caipira, uma espécie de feira ao ar livre⁹⁸.

⁹⁴ UNIVINCO. *Guia Oficial da 25 de Março...op.cit.*

⁹⁵ KNOWLTON, Clark S. *Sírios e Libaneses... op.cit.*

⁹⁶ MOURA, Paulo Cursino de. *São Paulo de Outrora... op.cit.*

⁹⁷ KNOWLTON, Clark S. *Sírios e Libaneses... op.cit.*

⁹⁸ *Idem*

Próximo ao mercado foi construída a estação terminal da estrada de ferro da Cantareira. Esta, juntamente com os mercados e o parque atraíam muita gente para o local. Assim, os mascates e mendigos consideravam que esta região era boa para anunciar seus produtos. Os primeiros mascates foram alemães e portugueses, seguidos pelos italianos, e posteriormente pelos sírios, libaneses e judeus⁹⁹.

Os primeiros sírios e libaneses chegaram em São Paulo em 1880, sendo que em 1885, já existia, como indicam alguns relatos, a presença de um pequeno núcleo de mascates árabes na praça do mercado. Esses imigrantes se fixaram na área da 25 de Março por diversas razões. O aluguel era muito barato, e como a maioria dos imigrantes inicialmente era composta por homens solteiros, que pretendiam retornar ao país de origem, eles se acomodavam nos cortiços e pensões da área. A estação ferroviária pela qual chegavam era próxima, e muitos, assim que desembarcavam, se acomodavam nas casas vizinhas. O terceiro motivo era a posição estratégica, entre a estação ferroviária e o centro da vila, sendo uma passagem obrigatória para quem realizasse esse percurso. Outra razão que determinou o estabelecimento do grupo na área foi o próprio mercado, uma vez que os imigrantes, que trabalhavam, em sua maioria, como mascates, achavam apropriado morar próximo de seus negócios¹⁰⁰.

No entanto, como afirma Knowlton, o principal motivo para terem se estabelecido e formado uma colônia síria e libanesa na região foi:

...(o) fato de lá se terem estabelecido os primeiros sírios e libaneses que vieram. Seus parentes, amigos e conterrâneos, ao chegar, instalaram-se perto deles. Outros imigrantes, sem relações também fora para lá, porque encontravam patrícios que lhes davam a mão nos primeiros tempos, ajudando-os a ajustar-se à nova vida.¹⁰¹

No final do século XIX, mais de 90% dos mascates da cidade eram sírios e libaneses e a maioria dos 10% restantes era italiana. Aos poucos, à medida que acumulavam capital, eles começaram a se dedicar ao comércio varejista na 25 de Março¹⁰². Uma das primeiras lojas libanesas no local data de 1887 e pertencia ao imigrante libanês Benjamin Jafet¹⁰³. O Almanaque de 1895 registrava a presença de

⁹⁹ *Ibidem*

¹⁰⁰ *Ibidem*

¹⁰¹ *Ibidem*, p.114.

¹⁰² *Ibidem*

¹⁰³ UNIVINCO. *Guia Oficial da 25 de Março...op.cit.*

imigrantes sírios e libaneses, contabilizando seis casas de armarinhos e uma mercearia na rua 25 de Março e no Largo do Mercado¹⁰⁴.

Os imigrantes sírios e libaneses continuaram se dirigindo para região e, em 1901, já existiam mais de 500 firmas sírias e libanesas na área. Esses imigrantes haviam se espalhado pela rua 25 de Março, desde o mercado para além da Ladeira Porto Geral, e da rua General Carneiro, em direção ao centro, e rua Basílio Jafet abaixo. A rua Florêncio de Abreu que possuía aluguéis mais altos, também começou a atrair famílias mais ricas da colônia, que alugaram ou compraram imóveis, se dedicando ao comércio atacadista de tecidos¹⁰⁵.

A 25 de Março estava se tornando conhecida como a rua da colônia síria e libanesa tanto é que Paulo Cursino de Moura diz que este deveria ser seu nome, Rua Sírrio-Libanesa¹⁰⁶:

A Rua 25 de Março é um *shaker* de coquetel que São Paulo bate. Produz só um coquetel: turco. Receita para se fazer um turco: coloca-se no *shaker* da 25 de Março um sírio, um árabe, um armênio, um persa, um egípcio, um curdo; bate-se tudo muito bem e — pronto! sai um turco de tudo isso. Para São Paulo, é assim: quem mora ali é turco.¹⁰⁷

Normalmente, as famílias sírias e libanesas possuíam seus negócios no térreo e moravam no segundo e terceiro andar, como é possível visualizar na figura dez, seguindo um padrão de ocupação típico do centro da cidade de São Paulo, no final do século XIX e início do século XX. Posteriormente, essas famílias, ao melhorarem de situação financeira iriam se deslocar para bairros novos do município¹⁰⁸.

¹⁰⁴ KNOWLTON, Clark S. *Sírios e Libaneses...* *op.cit.*

¹⁰⁵ *Idem*

¹⁰⁶ MOURA, Paulo Cursino de. *São Paulo de Outrora...* *op.cit.*

¹⁰⁷ ALMEIDA, Guilherme de. *Cosmópolis: São Paulo 1929*. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004, p. 56.

¹⁰⁸ MONBEIG, Pierre. *O Crescimento da Cidade de São Paulo...* *op.cit.*

Figura 10 — Casa da Bóia, em 1910

Fonte: CASA DA BÓIA. Disponível em:< www.casadaboia.com.br>. Acesso em: 10 abr. 2012.

Figura 11 — Casa da Bóia, em 2013

Fonte: Foto da autora, 2011.

A expansão dos sírios e libaneses por esta área se completou entre 1915 e 1925. Espacialmente, os sírios e libaneses, ocuparam quase que exclusivamente a rua 25 de Março, desde a General Carneiro até a Paula Souza, bem como a Ladeira Porto Geral e outras vias localizadas entre o centro comercial da cidade e a 25 de Março. O grupo também se estabeleceu em novas vias que foram abertas, como a Pagé (atual Comendador Afonso Kherlakian) e Barão de Duprat, além de começarem a se mudar para as ruas Anhangabaú (atual Carlos de Souza Nazaré) e Senador Queirós. Assim, em 1925, já ocupavam toda a região, com apenas algumas modificações em seu perímetro que se processaram ao longo dos anos seguintes¹⁰⁹.

Em 1935, o mercado municipal, localizado no cruzamento da General Carneiro com a 25 de Março foi transferido para rua Cantareira, e o mercado ao ar livre da rua Cavalheiro Basílio Jafet mudou-se para outro mercado municipal na rua Barão de Duprat. Os imigrantes árabes, aproveitando o espaço livre que surgiu, também se instalaram nesses locais¹¹⁰.

Outro grupo migratório que se estabeleceu na área, concomitantemente, foi o dos armênios, provenientes da Síria e do Líbano. Eles se fixaram, principalmente, nas ruas Pagé e Santo André (atual Abdo Schahin), e tiveram o auxílio de outros armênios, bem como dos sírios e libaneses já estabelecidos¹¹¹. Mário Rizkallah, neto de Rizkallah Jorge, imigrante sírio de origem armênia, fundador da Casa da Bóia, loja de materiais hidráulicos de 1898, conta:

O meu avô... ele fez dois prédios que existem até hoje, mas não são mais da família, na Carlos de Souza Nazaré, que é o edifício São Jorge e o edifício Paraíso, que ele emprestava para os imigrantes sírios e armênios, porque a descendência do meu avô é armênia, lá atrás... Tahanian, aí virou Tahan, depois virou só Seu Rizkallah, então... e os armênios são muito gratos ao meu avô, até hoje... porque muitos deles quando chegaram em São Paulo, foram morar nessa... era um tipo de apartamento que meu avô cedia, cobrava aluguel, não sei o quê, era uma coisa assim, mas em condições bem vantajosas para os imigrantes que aqui chegavam.

É perceptível que o processo de urbanização e consolidação da rua 25 de Março e seu entorno ocorreu simultaneamente à ocupação desta área pelos imigrantes sírios e libaneses, ou seja, a produção do espaço esteve e, por que não,

¹⁰⁹ KNOWLTON, Clark S. *Sírios e Libaneses...* op.cit.

¹¹⁰ *Idem*

¹¹¹ *Ibidem*

está, estritamente relacionada ao estabelecimento desse grupo migratório. Essa simultaneidade de processos teve e tem implicações, que serão discutidas posteriormente, tanto para a comunidade árabe quanto para a população paulistana.

Ao se considerar o espaço como as formas mais a sociedade que o anima, e portanto, dinâmico, deve-se pensar na mobilidade espacial como um dos elementos estruturadores na produção e na ocupação desse espaço. Pode-se pensar a mobilidade na cidade a partir de diferentes escalas de observação, e sob diferentes prismas de análise.

Milton Santos coloca: “Hoje, a mobilidade se tornou praticamente uma regra. O movimento se sobrepõe ao repouso. Os homens mudam de lugar, como turistas ou como imigrantes” ¹¹². Nessa afirmação, ele coloca a mobilidade como uma dinâmica global. Posteriormente, ele relaciona a mobilidade ao lugar, ao afirmar que a relação deste com os novos moradores/imigrantes é dialética, sendo que ambos interferem reciprocamente, no âmbito da territorialidade e da cultura, se modificando.

Também se deve pensar na mobilidade, sob o ponto de vista, da acessibilidade e da circulação dentro da cidade.

Ao pensar na mobilidade dos imigrantes sírios e libaneses em São Paulo, deve-se considerar a movimentação desse grupo no município e suas relações com os lugares que ocuparam, a partir de uma dinâmica socioeconômica da comunidade e da própria cidade, que estão num contexto de mobilidade global.

Verifica-se que a partir de 1905-1910, já havia começado uma dispersão dos primeiros imigrantes árabes da rua 25 de Março¹¹³, o que não significa um abandono desse local. Esse processo se inicia em direção a Vila Mariana, Paraíso, Ipiranga e Brás, bairros que serão analisados.

É importante destacar que esses movimentos pelo espaço são contínuos e dialogam com a entrada de novos grupos migratórios, bem como de imigrantes árabes recém-chegados ao país. Dessa forma, vem surgindo novas áreas de concentração em pontos mais distantes do centro, bem como em municípios da Grande São Paulo. Dentre estas novas regiões, podemos destacar algumas áreas do bairro de Santo Amaro, Interlagos, Tatuapé, Vila Carrão, São Miguel Paulista, e Cidade Ademar, bem como os municípios de São Bernardo do Campo e Guarulhos. Jihad Chahine, primo do proprietário e um dos responsáveis pelo Jaber, restaurante

¹¹² SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo... op.cit.*, p. 222.

¹¹³ KNOWLTON, Clark S. *Sírios e Libaneses... op.cit.*

árabe que está no Paraíso desde 1952, e Ahmad Aref, empresário do ramo de jeans e confecções, proprietário das lojas Preston, Rockblue e Rockford, que está no bairro do Brás desde 1972, identificam essa nova forma de presença:

... Cidade Ademar... mora bastante árabe por ali...
... Vila Carrão tem muito árabe.¹¹⁴

... São Bernardo do Campo, Santo Amaro, Interlagos, Guarulhos, São Miguel Paulista, toda essa região tem uma presença árabe maciça.¹¹⁵

Nesses locais, no entanto, há uma presença menor de instituições ligadas aos sírios e libaneses. Há também uma diferença de centralidade. O início da ocupação dos bairros do Paraíso, Vila Mariana, Brás e Ipiranga foram direcionados pela centralidade exercida pela região da 25 de Março. Logicamente, essa centralidade teve dimensões diferentes em cada um dos bairros citados. Os três primeiros têm uma ligação mais profunda com essa via, determinada pelas condições econômicas, de trabalho, de moradia e pelas instituições culturais. Já o Ipiranga foi marcado pela presença árabe, através de uma única família, a Jafet. Esta, por sua vez, tem uma ligação histórica com a 25 de Março e com a rua Florêncio de Abreu, uma vez que neste local, foram fundadas as suas primeiras lojas.

O processo de dispersão por estes bairros foi tão marcante que quase todos os entrevistados ao serem questionados se identificavam uma presença árabe fora da região em que estão localizados, mencionaram pelo menos uma delas.

Sérgio Zahr, proprietário da Perfumaria Jamil, fundada em 1928, e membro da Univinco – União dos Lojistas da Rua 25 de Março e Adjacências diz:

A Rua Oriente... Acho que a Vila Mariana, né? A Vila Mariana tem bastante descendentes.
... na Rua Oriente, no Brás, na Vila Mariana... muitos foram para lá... morar naquela região. Inclusive eu morei lá, no Paraíso, que é o mesmo subdistrito. Tinha bastante gente, tinha clube... Club Homs, que eu fui presidente inclusive. O pessoal morava no entorno do clube.

¹¹⁴ Entrevista Jihad Chahine.

¹¹⁵ Entrevista Ahmad Aref.

Rosely Mitre Hannun, presidente da Sociedade Antioquina, local que funciona como espaço para atividades sociais, fundada em 1927 e que se localiza no bairro do Paraíso afirma:

Acho que é mais no Brás, na Vila Mariana que eu acho que você ainda vê famílias, que você sabe que moram na região, Moema tem muitos árabes hoje em dia também, mas já não é um bairro que foi caracterizado pelos árabes, né? Já é bem misturado... mas eu acho que predomina mais por aqui mesmo e no Brás.

Já Mário Rizkallah, proprietário da Casa da Bóia, loja de 1898, localizada na rua Florêncio de Abreu, especializada em materiais hidráulicos e de cobre comenta:

Acho que tem um pouquinho lá no Paraíso, lá no São Jorge, Empório São Jorge, aquela região...

Enquanto Lourenço Chohfi Filho, empresário e proprietário da Cia Têxtil Ragueb Chohfi diz:

... tão forte que nem aqui, na rua 25 de Março, não existe nenhum espaço em São Paulo, e muito menos, no Brasil...

Durante e após a Primeira Guerra Mundial, intensificou-se o deslocamento residencial dos sírios e libaneses para região da Vila Mariana, sendo que esta, em 1940, era a maior e principal colônia secundária da cidade. Havia também uma ocupação em direção à Avenida Paulista, Bela Vista e Liberdade, sendo que a presença nessas áreas se dava nas zonas de limite entre elas, correspondendo ao atual bairro do Paraíso¹¹⁶, que pertence à subprefeitura da Vila Mariana¹¹⁷.

¹¹⁶ KNOWLTON, Clark S. *Sírios e Libaneses...* op.cit.

¹¹⁷ PREFEITURA DE SÃO PAULO. Disponível em: <www.prefeitura.sp.gov.br>. Acesso em: 23 mai. 2013.

1.5 Os bairros do Paraíso e Vila Mariana

O deslocamento dos imigrantes sírios e libaneses para os bairros do Paraíso e Vila Mariana, iniciou-se no começo do século XX, sendo que em 1940, esta região já consistia na maior colônia secundária da cidade.

É importante destacar que a divisão de São Paulo em bairros não é oficial. A cidade encontra-se organizada em subprefeituras, sendo que a subprefeitura da Vila Mariana inclui o bairro do Paraíso, bem como outras regiões de forte presença árabe, como o Planalto Paulista e Moema. Também se deve considerar que os limites do bairro do Paraíso, não são precisos. Pedro Masarolo, diz que este se estendia desde a rua José Antonio Coelho até a Avenida Paulista, bem como incluía as baixadas da rua do Paraíso até o Jardim da Aclimação, e do lado oposto, até o Ibirapuera¹¹⁸.

Diversas razões determinaram a dispersão dos imigrantes sírios e libaneses para a Vila Mariana e o Paraíso. À medida que enriqueciam, os imigrantes árabes, seguindo uma tendência da burguesia paulistana, preferiam sair residencialmente de seus antigos bairros, próximos às ferrovias e às estações, e nas vizinhanças das várzeas. Eles desejavam se distanciar dos bairros populares e desfrutarem de uma situação topográfica mais agradável¹¹⁹. Havia uma pressão para que eles se mudassem para bairros que garantissem conforto e maior prestígio social, e que possibilitassem melhores casamentos para as moças¹²⁰.

Sérgio Zahr explica ao ser questionado da mudança para Vila Mariana:

Ah porque eles progrediram, né? quiseram sair...

No início do século XX, os terrenos na região da Vila Mariana também eram baratos e as atividades dos corretores e proprietários de imóveis entre os sírios e libaneses exerceram uma grande influência no sentido de dirigir o movimento do grupo para este bairro. Muitos adquiriram terras nessa região por volta de 1900. À

¹¹⁸ MASAROLO, Pedro Domingos. *O bairro de Vila Mariana*. São Paulo: Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura do Município de São Paulo, 1971.

¹¹⁹ MONBEIG, Pierre. *O Crescimento da Cidade de São Paulo... op.cit.*

¹²⁰ KNOWLTON, Clark S. *Sírios e Libaneses... op.cit.*

medida que a área valorizava, muitos começaram a construir prédios, que vendiam ou alugavam para outros sírios e libaneses¹²¹.

Assim como na região da 25 de Março, o estabelecimento das primeiras famílias árabes no local, também atraiu outras para mesma região.

Outro fator que determinou o deslocamento para o bairro da Vila Mariana e Paraíso foi a facilidade de acesso entre esta área e a rua 25 de Março, ou seja, a mobilidade urbana contribuiu para escolha por essa região.

No final do século XIX, já existia no bairro as oficinas da Ferro Carril, cujos trens faziam o transporte até Santo Amaro. O trem passava pela baixada do Glicério e Mercado Municipal, na 25 de Março, atravessava a Vila Mariana e se dirigia a Santo Amaro. Eram quatro trens que faziam o trajeto do Largo da Estação, posteriormente chamado de Largo de Vila Mariana, até à estação da rua São Joaquim, de onde se fazia o caminho a pé até a rua 25 de Março¹²².

Também era possível ir ao mercado pelo Cambuci. Embarcava-se no Largo da Estação no ramal que ia até o Largo do Cambuci e de lá, o trem seguia para rua 25 de Março, onde havia uma estação terminal¹²³.

Em 1900, a Companhia Ferro Carril São Paulo a Santo Amaro cessou suas atividades e foi comprada pela Light. O trecho entre a Vila Mariana e o centro passou então a ser servido por bondes elétricos¹²⁴, fazendo uma comunicação direta entre a 25 de Março e o bairro. Sérgio Zahr conta:

... passava o bonde inclusive,né? O pessoal, diz que fechavam as lojas e iam comer em casa... me contam os imigrantes, os primeiros. Eles fechavam as lojas, pegavam o bonde, iam almoçar em casa e voltavam...
... Eu me lembro, eu me lembro... eu era moleque, menino, eu cai do bonde até, na Brigadeiro Luís Antônio. Tinha um lugar que os bondes ficavam, uma estação... a Estação do Bonde. Hoje tem um comércio, na Vila Mariana, num centrinho... um largo lá... mais ou menos perto de onde tem aquela caixa d'água, em frente, mais ou menos em frente, ficava lá. Não na caixa d'água, do outro lado, sabe? perto do Colégio Madre Cabrini... hoje é o Colégio Madre Cabrini...

É importante destacar que o bairro da Vila Mariana apresentava uma presença de imigrantes italianos, tendo, inclusive sido conhecido como “Colônia”, no

¹²¹ *Idem*

¹²² MASAROLO, Pedro Domingos. *O bairro de Vila Mariana... op.cit.*

¹²³ *Idem*

¹²⁴ *Ibidem*

final do século XIX. Diferentemente da área da 25 de Março, os imigrantes sírios e libaneses se dirigiram para este bairro, mas não o ocuparam totalmente. O Paraíso, por sua vez, apresentava uma concentração maior do grupo. Segundo Pedro Masorolo, desde o início do bairro, muitos habitantes sírios e libaneses foram para o local, formando um núcleo de cidadãos dessa nacionalidade¹²⁵.

Rosely Mitre Hannun conta que percebe uma grande presença árabe nesse bairro:

... pelo grande número de descendentes que moram no bairro e pelo comércio também, você vê que muitos são descendentes, né? Os proprietários de lojas, de padarias, de restaurantes... são todos voltados para cultura árabe.

... Eu não nasci aqui, no Paraíso, nasci na 25 de Março, mas moro na região da Paulista já há mais quarenta anos, e tudo para gente é feito por aqui, então é a Igreja, é comércio, é padaria árabe, é o clube, então é tudo aqui na própria região do Paraíso, então para gente é... seria a casa da gente.

O depoimento de Adel Auada, cujos avós moravam no bairro do Paraíso nas décadas de 1940/1950, ao site São Paulo Minha Cidade, também indica essa concentração:

... Meus avós, imigrantes libaneses, moravam na Rua Cubatão. Era impressionante o número de sírios e libaneses que habitavam aquela região. Do começo da rua, junto à Alameda Santos, até o seu final na Avenida Rodrigues Alves, encontravam-se os Cury, Azem, Younes, Jabra, Safady, Chap Chap, Haddad, Antibas, Kairalla e muitos outros, vindos de Homs, Aleppo, Damasco, Beirute, Zahle, Marjayoun, Rachaia, Mimes, enfim, de todas as cidades, vilas e povoados daquela parte do Mediterrâneo...¹²⁶

A presença nos bairros do Paraíso e Vila Mariana foi e é, principalmente, residencial. Dessa forma, ela não foi mensurada quantitativamente, como já explicado. No entanto, os equipamentos culturais, como igrejas, clubes, associações e restaurantes indicam essa presença. No Paraíso, temos a Catedral Metropolitana Ortodoxa, a Igreja Greco-Melquita Nossa Senhora do Paraíso e a Igreja Evangélica Árabe, além do Club Homs, Sociedade Antioquina do Brasil, Zahle Clube do Brasil e Clube Aleppo, do HCOR- Hospital do Coração, do Colégio Metropolitano São Paulo e

¹²⁵ *Ibidem*

¹²⁶ SÃO PAULO, um paraíso. Depoimento de Adel Auada, publicado em 20 de outubro de 2009. Disponível em: <www.saopaulominhacidade.com.br>. Acesso em: 02 fev. 2013.

de diversos restaurantes. No bairro da Vila Mariana, temos o Rachaia Clube do Brasil, enquanto nos bairros da Bela Vista, Liberdade e Aclimação, que já tiveram áreas de seu perímetro reconhecidas como pertencentes ao Paraíso, temos mais algumas instituições, tais como: a Catedral Nossa Senhora do Líbano (Liberdade), o Clube Marjayoun (Aclimação), o Hospital Sírio-Libanês e o Hasbaya Clube do Brasil (Bela Vista).

Percebe-se que a inserção espacial dos imigrantes sírios e libaneses pelos bairros do Paraíso e Vila Mariana atingiu outros bairros da zona sul da cidade. A direção dessa ocupação seguiu principalmente pelo bairro do Paraíso no sentido ao Ibirapuera. Dessa forma, se estabeleceram nos atuais bairros do Planalto Paulista, fundado por árabes e judeus¹²⁷, e Moema.

Nessa região também foram construídos os dois maiores clubes sócio-esportivos dos sírios e libaneses na capital. O Esporte Clube Sírio, que da Ponte Pequena, se transferiu, em 1949, para a atual localização, na Avenida Indianópolis, e o Clube Atlético Monte Líbano, de 1934, situado na Avenida República do Líbano.

O Padre Elias Karam, da Igreja Maronita localizada na Liberdade, diz:

Olha, a grande concentração hoje dos libaneses é na região de Moema, região de Planalto Paulista... aí todo povo saiu daqui, foi para aquela região de Planalto Paulista, do lado do Clube Sírio lá, é, e isso é normal... não é por coincidência... que a gente construiu o Clube Sírio naquela região, não é por coincidência que o povo construiu a igreja aqui, na Tamandaré, nem no Paraíso.

... o povo mudou daqui, da Liberdade, para Planalto Paulista, naquela região lá, perto do Clube Sírio, do lado da Avenida Rubem Berta, 23...

Rosely Mitre Hannun diz:

... Muita gente já debandou, né? Já foi para os bairros mais novos como Moema, Campo Belo, então já mudaram daqui, mas eu acho que devido ao crescimento e a essa miscigenação.

... Moema tem muitos árabes hoje em dia também...

Nota-se também que esta região, ocupada pelos sírios e libaneses a partir principalmente das décadas de 1950 e 1960, também possui uma ligação direta com a rua 25 de Março e seu entorno, através da Avenida 23 de Maio, projetada por

¹²⁷ PONCIANO, Levino. *Todos os... op.cit.*

Prestes Maia em 1937, mas inaugurada apenas em 1968. Esta via também possibilitava a ligação da Vila Mariana e do Paraíso com o centro da cidade.

Além desses bairros da zona sul da cidade, os imigrantes sírios e libaneses também iniciaram uma inserção no bairro do Brás, partindo da rua 25 de Março e adjacências. Em 1934, esta região já apresentava aproximadamente 6% da população de sírios e libaneses na cidade, índice de concentração superior à maioria dos distritos da capital¹²⁸. Essa concentração se intensificou nas décadas de 1940 e 1950¹²⁹. A Guerra Civil Libanesa, entre 1975 e 1990, incentivou ainda mais a vinda desses imigrantes do sul do Líbano, que se estabeleceram no entorno da rua Oriente¹³⁰.

1.6 O bairro do Brás

A partir de 1905 e 1910, iniciou-se uma dispersão dos sírios e libaneses, concentrados na 25 de Março e entorno, para outras regiões da cidade de São Paulo. Esse movimento foi muito lento, sendo que começou a se avolumar a partir dos anos de 1920. A principal área escolhida nessa fase foi a Vila Mariana e o Paraíso, onde se formou uma grande colônia secundária do grupo. Ao mesmo tempo, porém, também se iniciou uma inserção desses imigrantes no bairro do Brás¹³¹.

A ocupação do Brás por esses imigrantes foi mais notável a partir das décadas de 1940 e 1950. Nesse período, chegaram novas leva migratórias provenientes do sul do Líbano, Vale do Bekaa e Palestina. Esses imigrantes buscavam áreas próximas do centro, se estabelecendo no Brás e Pari, entendidos como núcleos de extensão da zona central do mercado¹³². O aumento dos aluguéis na região da 25 de Março, depois da Segunda Guerra Mundial, fez com que muitas fábricas de tecidos, de calçados e outras instalações industriais se dirigissem para

¹²⁸ KNOWLTON, Clark S. *Sírios e Libaneses: Mobilidade Social...* op.cit.

¹²⁹ HAJJAR, Claude. *Imigração Árabe...* op.cit.

¹³⁰ TRUZZI, Oswaldo. *Sírios...* op.cit.

¹³¹ KNOWLTON, Clark S. *Sírios e Libaneses...* op.cit.

¹³² HAJJAR, Claude Fahd. *Imigração Árabe: 100...* op.cit.

esta área, onde o valor do terreno era mais baixo¹³³. Os imigrantes árabes que chegavam, também passaram a buscar zonas mais baratas para estabelecer seus negócios.

Inicialmente, eles se fixaram ao longo das ruas Rangel Pestana e Celso Garcia, que constituíam centro ativo de compras nos distritos pelas quais passavam, possuindo localização estratégica. A seguir, eles se estabeleceram nas ruas Oriente, Silva Telles, Miller, Barão de Ladário, entre outras, dedicando-se às confecções¹³⁴. Havia uma tendência, à princípio, como verificado na rua 25 de Março e adjacências, destes imigrantes se estabelecerem próximos de seus negócios, ou ocupando uma parte do comércio, como conta Pierre Moujaes, proprietário do restaurante Abu-Zuz, de 1989:

O tipo do comércio, antes eram comércios pequenos, familiares, a maior parte morava atrás da loja, ou em cima da loja, acabou crescendo, montaram fábricas, aumentaram as lojas, começaram a burocratizar e informatizar o trabalho, então acompanharam o progresso...

Diferentemente da 25 de Março, que teve a sua origem e consolidação ligada à comunidade árabe, o bairro do Brás teve sua formação marcada por outros grupos étnicos, bem como por migrantes, ou seja, a entrada dos sírios e libaneses, foi negociada com esses grupos.

O estabelecimento da Hospedaria dos Imigrantes em 1887 foi um fator de mudança significativa na região do Brás, sendo que o bairro foi escolhido devido à proximidade com as duas linhas ferroviárias.

A imigração foi incentivada pelo governo, e na última década do século XIX, uma grande quantidade de italianos entrou em São Paulo, sendo que parte deles se fixou diretamente na cidade. Muitos dos que chegavam de forma subvencionada com destino à lavoura cafeeira, após trabalharem no campo por um tempo, se dirigiam para áreas urbanas. Havia também aqueles que desembarcavam antes de chegar à Estação do Brás, junto à Hospedaria.

Além destas razões que determinavam uma inserção urbana, a imigração, como explica Andrade, também foi defendida por parlamentares como uma forma de

¹³³ KNOWLTON, Clark S. *Sírios e Libaneses... op.cit.*

¹³⁴ AMADIO, Macedo. *Desenho urbano e bairros centrais de São Paulo- Um estudo sobre a formação e transformação do Brás, Bom Retiro e Pari*. FAU-USP: Tese de Doutorado, 2004.

atender tanto a necessidade da lavoura quanto das atividades urbanas, estando vinculada diretamente a estas, principalmente à indústria que surgia ¹³⁵.

A industrialização já estava em processo na cidade de São Paulo no final do século XIX, sendo que a São Paulo Railway Company determinou a formação de uma faixa industrial, compondo um arco a leste e ao norte do centro da cidade em terrenos baixos e úmidos. Assim, tanto a “Inglesa” quanto a Estrada de Ferro Central do Brasil exerceram uma influência decisiva no povoamento e valorização dos bairros do Brás e da Mooca, onde se instalou a maioria dos trabalhadores devido à oferta de trabalho e o baixo valor dos terrenos ¹³⁶.

A transformação do bairro do Brás, a partir desse momento, foi rápida. Ainda no final do século XIX, chácaras tradicionais foram transformadas em fábricas, que em grande parte, pertenciam a italianos. Aliada a função industrial e residencial, Bandeira Jr. já indicava que o local também teria uma função comercial. Assim, o novo aspecto do Brás seria um bairro de uso misto, onde se misturavam fábricas, pequenas oficinas e humildes residências dos trabalhadores.

O crescimento populacional do Brás foi ainda mais acelerado do que o restante da cidade de São Paulo, tendência que se manteve com adensamento das indústrias, juntamente com a população trabalhadora, ao longo das ferrovias Inglesa e Sorocabana. Num processo ininterrupto, a indústria buscou cada vez mais longe, terrenos livres e baratos para se implantar ¹³⁷.

O setor têxtil era o que apresentava maior importância no início do século XX em São Paulo, embora já houvesse certa diversificação em relação à atividade produtiva. Os bairros do Brás e da Mooca possuíam as maiores fábricas de tecido, concentrando 70% da força de trabalho desse ramo ¹³⁸. Grande parte dos operários era imigrante, como demonstrava um estudo realizado por Bandeira Jr., em 1901, sobre a indústria paulista, que indicava que mais de 90% da força de trabalho era estrangeira, sendo que a quase totalidade era de italianos ¹³⁹.

Assim, o bairro do Brás tornou-se o bairro dos italianos:

¹³⁵ ANDRADE, Margarida Maria. *Bairros Além Tamanduateí: o imigrante e a fábrica no Brás, Mooca e Belenzinho*. FFLCH-USP: Tese de Doutorado, 1991.

¹³⁶ TORRES, Maria Celestina. *O Bairro do Brás. História dos Bairros de São Paulo*, v.1. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo/Secretaria Municipal de Cultura/Departamento do Patrimônio Histórico/ Divisão do Arquivo Histórico, 1985.

¹³⁷ ANDRADE, Margarida Maria. *Bairros Além Tamanduateí... op.cit.*

¹³⁸ *Idem*

¹³⁹ BANDEIRA JR. A indústria no estado de São Paulo em 1901 apud ANDRADE, Margarida Maria. *Bairros Além Tamanduateí... op.cit.*

Brás -- fim do século XIX. Bairro dos Italianos, principalmente napolitanos. Cocheiros italianos substituindo os portugueses. Grupos de italianinhos cantando alegremente pelas ruas. Jovens imigrantes a dar concertos de bandolim, flauta, clarinete. Junto às fábricas, à hora do almoço, a cortar com canivete o pão redondo que comiam com bananas ou queijo. À noite, um *Chianti* legítimo, com uma pizza ou um naco de 'provolone'.¹⁴⁰

A industrialização avançou nas primeiras décadas do século XX, consolidando o caráter industrial e operário do bairro. A partir da década de 1940, a população residente no bairro do Brás começou a decrescer, pois a expansão industrial e o desenvolvimento do comércio expulsaram uma boa porcentagem de moradores, que fugiam da vizinhança, muitas vezes desagradável, das fábricas ou procurando imóveis de aluguel mais barato. Como explica Torres, “o desenvolvimento fabril e comercial do Brás realiza-se em prejuízo de sua função residencial”¹⁴¹.

Esse processo atingiu também os sírios e libaneses que haviam se fixado residencialmente no local. Na medida em que melhoravam suas condições financeiras, eles também optavam por se dirigir para outras áreas da cidade, como conta o Sheik Mohamad Al Bukai, da Mesquita do Pari:

Ó, aqui no Brás, realmente, é um ponto comercial. As pessoas começaram a sair do Brás e escolher outro lugar mais assim tranquilo. Aqui no final do ano, tem muito barulho, muito movimento, as pessoas preferem agora sair do Brás... elas trabalham aqui, mas elas não moram mais aqui...

Ainda na década de 1940, uma forte seca atingiu os estados do Nordeste brasileiro, iniciando no bairro uma constante e progressiva entrada de nordestinos, enquanto diminuía a chegada de italianos¹⁴². Outra seca, em 1952, fez com que mais nordestinos chegassem a São Paulo, registrando-se 1100 pessoas desembarcadas por dia na Estação do Norte durante alguns meses¹⁴³.

¹⁴⁰ Cenni, Franco. Os Italianos no Brasil apud TORRES, Maria Celestina. *O Bairro... op.cit*, p.156.

¹⁴¹ TORRES, Maria Celestina. *O Bairro... op.cit*, p.218.

¹⁴² PONCIANO, Levino. *Bairros Paulistanos de A a Z*. São Paulo: Editora Senac, 2001.

¹⁴³ MORSE, Richard M. *Formação Histórica de São... op.cit*.

A proximidade do bairro com a Estação do Norte e com a Hospedaria dos Imigrantes, que passou a receber o migrante nacional, fez com que o bairro se tornasse um reduto de nordestinos¹⁴⁴.

A partir da década de 1950, iniciou-se o processo migratório boliviano, que se intensificou na década de 1980, sendo que estes se estabeleciam nos bairros do Brás, Bom Retiro e Pari. Eles vivem muitas vezes na clandestinidade, sem documentação, trabalhando em condições sub-humanas nas pequenas confecções desses bairros, pertencentes, na maioria das vezes, a coreanos¹⁴⁵.

É nesse contexto que o imigrante sírio e libanês se inseriu no bairro. Observa-se que dentro dos limites do Brás, ele se localizou em algumas áreas específicas. A confecção de jeans se tornou uma atividade comum entre esses imigrantes, sendo que as ruas que apresentam esse tipo de comércio são aquelas que possuem a maior porcentagem de árabes e descendentes.

Como ocorrido nas demais regiões, o estabelecimento das primeiras famílias sírias e libanesas atraiu outras para a mesma região, como conta Ahmad Aref:

Parece incrível, parece incrível... eu , como imigrante, vou te contar a minha história... eu vi que, realmente, o primeiro imigrante, ele tem muita influência sobre aqueles que vem posteriormente, né?

Eu, por exemplo, vim aqui, tudo bem, eu reconheço que eu trabalhava no comércio no Líbano, meu irmão tinha loja e eu ajudava ele na loja, mas o que me encantou aqui, quando eu vim para cá, o primeiro dia que eu passei por São Paulo, eu tinha um primo aqui que tinha fábrica de calças e eu vi na loja dele, muitos fardos que eram para ser despachados para fora de São Paulo, para Pernambuco, Bahia e tal... e quando eu perguntei, ele falou para mim: — olha, aqui em São Paulo é assim mesmo, aqui a gente vende atacado, fabrica , e vem o cliente, compra e a gente despacha para ele.

A ideia me interessou muito. Eu tinha que ir para o Paraná, mas quando voltei, a ideia já estava bem madura na minha cabeça, então adotei a confecção de calça, e de lá para cá foi indo... da minha região, que, posteriormente, veio muita gente, eu fui o primeiro a adotar a confecção de calça. Como tive sucesso nisso, os outros que vieram, é óbvio que eles já tinham uma referência. Eles foram atrás...

¹⁴⁴ REALE, Ebe. *Brás, Pinheiros, Jardins: três bairros, três mundos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1982.

¹⁴⁵ VERAS, Maura Pardini Bicudo. *DiverCidade: territórios estrangeiros como topografia da alteridade em São Paulo*. São Paulo: EDUC, 2003.

Durante o levantamento dos estabelecimentos comerciais foi comum ouvir relatos semelhantes, ou seja, de imigrantes que vieram, e se fixaram no bairro porque tinham amigos ou parentes, que lhes facilitavam o início dos negócios.

A presença síria e libanesa também é perceptível pela presença de restaurantes e equipamentos culturais neste bairro, como a Mesquita do Brás e a Mesquita do Pari. Atualmente, há uma pequena quantidade de residentes de origem árabe no local, sendo que a comunidade continua ligada ao bairro através de seus negócios.

Além destes bairros que apresentam uma forte presença dos imigrantes árabes e descendentes, indo na direção sul do Brás e leste da Vila Mariana, encontra-se o Ipiranga, que teve sua formação bastante relacionada à família Jafet.

1.7 O bairro do Ipiranga

A urbanização e a formação do bairro do Ipiranga estão estritamente relacionadas ao estabelecimento da família Jafet nessa região.

O primeiro registro deste bairro data de 1579 e refere-se à Igreja de Nossa Senhora da Luz no Ipiranga. Os limites da área conhecida como Ipiranga eram bem amplos, sendo que o local teve vários proprietários. A regra no Ipiranga era da chácara e do sítio, nunca do latifúndio. As terras valiam pouco e não eram úteis nem para agricultura, nem para pecuária. Devido à sua localização, no caminho para Santos, havia se desenvolvido um comércio de beira de estrada com pousadas e vendinhas. O número de habitantes também era pequeno, sendo que os viajantes, até o século XIX, o consideravam como um local da solidão¹⁴⁶.

A proclamação da independência pouco alterou essa região. Havia uma estação da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí e, em 1895, foi inaugurado o Museu do Estado, posteriormente, chamado de Museu Paulista, ainda sem as portas e janelas. Este ocupava um terreno de 11 mil metros quadrados de área, e ficava num local encharcado e insalubre¹⁴⁷. A mão de obra utilizada para construção do Museu vinha

¹⁴⁶ BARRO, M., BACELLI, R. *Ipiranga. História dos Bairros de São Paulo*, v.14. São Paulo: Divisão do Arquivo Histórico/Departamento do Patrimônio Histórico/Secretaria Municipal de Cultura, 1979.

¹⁴⁷ MARCOVITCH, Jacques. *Pioneiros e Empreendedores: A Saga do Desenvolvimento no Brasil*, v.1. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

da capital (o Ipiranga ainda era visto como subúrbio) e de São Caetano, sendo que essas pessoas fixavam-se lá durante os seis dias de trabalho e retornavam aos domingos para seu lar, caracterizando uma migração pendular¹⁴⁸. Devido à dificuldade de mobilidade para o centro, até as classes mais baixas não queriam se estabelecer nesse bairro.

No final do século XIX e início do século XX, já haviam se instalado na região, três fábricas pequenas: a dos Irmãos Falchi, que produzia uma gama diversificada de artigos, a Cerâmica da Vila Prudente e Sacoman Frères, que daria nome ao bairro do Sacomã. O transporte ainda era feito em carros de bois e através de uma linha de bondes a burro. Em 1903, iniciou-se o transporte por meio de bondes elétricos, o que ampliou o percurso e a frequência do transporte. A linha que vinha do centro e passava pelo Ipiranga, chamava-se Fábrica, pois sua função era trazer os operários. No entanto, ela era insuficiente, e muitos vinham de bicicleta ou a pé a partir da Vila Mariana¹⁴⁹.

O grande impulso no processo de urbanização do bairro aconteceu com a instalação da primeira indústria de grande porte, a Cia. Fabril de Tecelagem e Estamparia Ipiranga, em 1906, pertencente aos irmãos Jafet.

Os irmãos Jafet nasceram na aldeia de Chour, ao norte do Líbano. Eles eram cinco irmãos, filhos de Chedid e Utroch. O primogênito era Nami, seguido por Basílio, Benjamin, João, Miguel e Hala¹⁵⁰. O primeiro a vir para o Brasil foi Benjamin, em 1887. Ele veio acompanhado de um amigo num navio à vela numa viagem de setenta dias. Juntamente com seu amigo, ele comprou em Marseille, um carregamento de tecidos, pentes, camisas, perfumes e outros produtos que pretendia vender no Brasil¹⁵¹.

Ele começou a mascatear pelo Rio de Janeiro e por Minas Gerais. Após três anos, conseguiu juntar capital suficiente para abrir a primeira loja, que era bem pequena, na rua 25 de Março. Os outros irmãos vieram sucessivamente, à medida que os negócios progrediam. Eles se mudaram para uma loja maior, no número 149 da mesma via, sob o comando de Nami, fundando a firma Nami Jafet & Irmãos¹⁵².

¹⁴⁸ BARRO, M., BACELLI, R. *Ipiranga...op.cit.*

¹⁴⁹ MARCOVITCH, Jacques. *Pioneiros e Empreendedores... op.cit.*

¹⁵⁰ FAMÍLIA JAFET. Disponível em: < www.jafetbrasil.com.br>. Acesso em: 13 jun. 2013.

¹⁵¹ MARCOVITCH, Jacques. *Pioneiros e Empreendedores... op.cit.*

¹⁵² *Idem*

Em 1896, acompanhando a dinâmica da cidade, eles compraram uma loja na Florêncio de Abreu, mais valorizada. Ao perceberem que o espaço era insuficiente, eles adquiriram um terreno maior, onde construíram dois edifícios novos. Eles se dedicavam ao comércio de tecidos e armarinhos, sendo que começaram também a importar esses produtos da Inglaterra, França e Alemanha¹⁵³.

No final do século XIX e início do século XX, o capital nacional gerado pela economia do café ainda estava sendo empregado na expansão dos cafezais, no transporte desse produto e nas empresas agroindustriais. Dessa forma, a importação era necessária para suprir o novo mercado nacional de bens de consumo e de bens de capital. Ao invés de constituir um empecilho à industrialização, essa atividade serviu como origem desse setor industrial. Esses importadores eram bons negociantes e tinham uma posição estratégica no comércio, com acesso ao crédito, conhecimento do mercado e canais para distribuição. Assim, eles passaram a estimular a manufatura nacional ou se tornaram empresários industriais¹⁵⁴.

Figura 12 — Uma das primeiras casas comerciais árabes do Brasil, pertencente aos Irmãos Jafet, em 1893

Fonte: Acervo Univinco – União dos Lojistas da Rua 25 de Março e Adjacências

¹⁵³ *Ibidem*

¹⁵⁴ DEAN, Warren. *A Industrialização de São Paulo (1880-1945)*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971.

Os Irmãos Jafet decidiram, portanto, investir o lucro gerado pelo comércio e pela importação na indústria têxtil, que se destacava como um ramo promissor no início do século XX.

Eles precisavam de terrenos baratos para instalar suas fábricas. Dessa forma, optaram pelo bairro do Ipiranga. O primeiro lote tinha 6 mil metros quadrados e ficava entre as ruas Manifesto, dos Patriotas, Sorocabanos e Agostinho Gomes¹⁵⁵. Posteriormente, esse terreno foi sendo ampliado até ocupar uma área de 100 mil metros quadrados, somente de área fabril, sem contar os terrenos vizinhos. Havia uma tendência à auto-suficiência produtiva, ou seja, à uma integração vertical de todas as etapas de produção, que também era observada nos negócios de outros empresários da época, como Francisco Matarazzo¹⁵⁶.

Marcovitch diz:

O local era uma instalação completa, englobando todas as etapas de fabricação dos tecidos. Depois de retirado dos fardos, o algodão entrava na seção de fiação, passava aos fusos, e, depois aos teares, daí seguia ao alvejamento, à estamparia, à lustração e fixação das cores. Havia departamentos especiais para a confecção de chapas, gravação de desenhos e preparação das cores.¹⁵⁷

A produção da tecelagem era muito grande. Segundo um relato do final dos anos quarenta, mensalmente, as usinas transformavam 400 mil quilos de algodão beneficiado em cinco milhões de metros de tecidos. O número de operários necessários nas fábricas também era amplo, chegando a empregar diretamente quatro mil pessoas¹⁵⁸. A mão de obra residente no bairro era pequena, assim os Jafets, por volta de 1925, decidiram construir um edifício residencial para abrigar seus trabalhadores, na rua Manifesto com a Compatriotas, que ficou conhecido como “Pombal” pela população¹⁵⁹.

Algumas pessoas credenciadas pela família percorriam o interior e ofereciam empregos nas indústrias, com salários mais altos que no campo e aluguel baixo neste edifício. Quanto mais pessoas da família fossem empregadas nas indústrias dos Jafets, mais baixo era o aluguel. No entanto, após estabelecidos, a maior parte

¹⁵⁵ BARRO, M., BACELLI, R. *Ipiranga... op.cit.*

¹⁵⁶ DEAN, Warren. *A Industrialização de São Paulo... op.cit.*

¹⁵⁷ MARCOVITCH, Jacques. *Pioneiros e Empreendedores... op.cit*, p. 73.

¹⁵⁸ *Idem*

¹⁵⁹ BARRO, M., BACELLI, R. *Ipiranga... op.cit.*

dos membros destas famílias mudava de emprego, e apenas uma pessoa continuava trabalhando nas indústrias dos Jafets para garantir a posse do apartamento¹⁶⁰.

Na década de quarenta, segundo um relato, havia centenas de casa para residências dos operários, um restaurante capaz de servir duas mil refeições, uma creche, mercado para venda de comestíveis sem finalidade de lucro, parque infantil, biblioteca, escola de alfabetização para adultos e um ambulatório, sob a responsabilidade de dois médicos da colônia: Alexandre Yasbek e Wadih Safady¹⁶¹.

Além das indústrias e de equipamentos para os operários, a família Jafet também decidiu se estabelecer residencialmente no bairro do Ipiranga, construindo palacetes em estilo mourisco nas ruas Bom Pastor e Costa Aguiar. Os dois quarteirões que ladeavam o museu foram transformados numa recriação luxuosa da Avenida Paulista. Os quarteirões seguintes foram ocupados pelos subalternos da família, como chefes de escritório, mestres e operários especializados, chefes de produção, etc¹⁶². Havia, portanto, uma hierarquia social na forma de ocupação do bairro.

Atualmente, existem apenas quatro palacetes na rua Bom Pastor e dois na rua Costa Aguiar. O Palácio Victor Hugo, que foi residência de Basílio Jafet e Adma Jafet, e o Palácio Versailles, residência de Violeta Jafet e Chedid Jafet, são espaços de eventos. Os demais funcionam como escritórios e o Palacete Rosa, como residência (o proprietário atual não tem ligação com a família e é descendente de armênios).

A família Jafet também atuou diretamente em serviços públicos de infraestrutura no bairro, como a pavimentação da rua Bom Pastor. Eles também chegaram a construir um parque infantil para bloquear as ruas que tinham interesse¹⁶³.

¹⁶⁰ *Idem*

¹⁶¹ MARCOVITCH, Jacques. *Pioneiros e Empreendedores... op.cit.*

¹⁶² BARRO, M., BACELLI, R. *Ipiranga...op.cit.*

¹⁶³ *Idem*

Figura 13 — Jardim dos Palácios Victor Hugo e Versailles

Figura 14 — Frente do Palácio Victor Hugo

Fonte: Fotos da Autora, 2012.

Figura 15 — Palácio Versailles

Fonte: Foto da autora, 2012.

Figura 16 — Palácio Victor Hugo

Fonte: Foto da autora, 2012.

Percebe-se que a produção do espaço urbano no Ipiranga foi, em grande parte, orientada pela família Jafet na primeira metade do século XX. As suas residências, indústrias, as moradias e serviços para os operários trouxeram uma nova função, dinamizaram o bairro, valorizaram os terrenos e modificaram a paisagem. No entanto, a presença da família no local atraiu um número pequeno de imigrantes sírios e libaneses, ou seja, a presença árabe esteve estritamente relacionada a esta única família.

Diferentemente das outras regiões em que se inseriram, como na 25 de Março, no Brás, no Paraíso e na Vila Mariana, não foram fundadas organizações da colônia árabe no bairro. É interessante observar que os investimentos da família Jafet em instituições culturais ocorreram fora dessa região, nos locais em que havia uma maior concentração de imigrantes sírios e libaneses, tais como o Hospital Sírio-Libanês, próximo à Paulista, e o Clube Atlético Monte Líbano, em Moema.

A colônia árabe em São Paulo fundou inúmeras organizações religiosas, de lazer e de benemerência. Da mesma forma que a família Jafet, muitos empresários do grupo financiavam a criação dessas associações. O capital empregado vinha da

indústria e do comércio. A atividade comercial, por sua vez, desempenhou função importante na inserção dos sírio-libaneses e descendentes na sociedade brasileira, estando estritamente relacionada à mobilidade espacial, econômica e social da etnia.

II O Comércio e os Sírios e Libaneses: Uma História Indissociável

Ao pensar na imigração síria e libanesa na cidade de São Paulo e no Brasil, não é possível dissociá-la da atividade comercial, que caracterizou a entrada desses imigrantes no mercado de trabalho e sua mobilidade no espaço urbano. Dentre os bairros estudados, iremos nos concentrar, mas não nos limitar, às áreas da rua 25 de Março e do Brás, que são aquelas cuja função principal, atualmente, é o comércio.

2.1 A prática do comércio: alguns aspectos culturais e sociais

*25 de março
Mão-de-obra da Turquia
Levanta-se muito cedo
Quando ainda não é de dia*

*Mais um aqui pro fregueis,
Divinha que tem na mão
Aqui caro sai barato,
E tem até prestação.*

Adoniran Barbosa, Bazares¹⁶⁴

Inicialmente, a mascateação foi a principal forma de inserção dos sírios e libaneses na sociedade brasileira. A escolha por essa atividade acontecia por diversas razões. Diferentemente dos grupos migratórios que vinham de forma subvencionada e direcionada, em grande parte, para o trabalho no campo, esses imigrantes vieram espontaneamente, sem qualquer tipo de financiamento do Estado. Uma parcela significativa tinha origem agrícola, no entanto, a estrutura agrária na Síria e no Líbano era baseada em pequenos lotes de terra e no trabalho familiar, sendo que muitos eram de famílias proprietárias de terras em seu país de origem. Ao chegarem aqui, se depararam com uma estrutura agrária baseada em latifúndios,

¹⁶⁴ BARBOSA, Adoniran. *Bazares*. Disponível em: < <http://multishow.globo.com/>>. Acesso em: 04 jul. 2013.

o que impedia que comprassem terras, já que não tinham dinheiro suficiente para isso. Alguns tentaram se empregar como colonos, porém, logo se desmotivaram devido às condições oferecidas nas fazendas, optando por se dirigirem às cidades¹⁶⁵.

A mascateação era a atividade ideal para esses imigrantes, uma vez que vinham quase sem capital e precisavam de uma ocupação que o retorno fosse rápido e não necessitasse de grandes investimentos, o que acontecia, uma vez que obtinham as mercadorias a crédito com comerciantes árabes já estabelecidos¹⁶⁶. Eles também preferiam trabalhar para si próprios, e como a acumulação de capital dependia, principalmente, do esforço individual, a perspectiva de melhoria de vida era real e ampla, se comparada a outras ocupações¹⁶⁷.

Havia ainda outros fatores que contribuíram para dedicação a esta atividade: a familiaridade com o comércio, uma vez que a Síria era uma rota comercial tradicional entre Oriente e Ocidente e que muitos já haviam exercido, em algum momento, essa ocupação; e a importação de amigos e parentes pelos imigrantes que possuíam negócios bem sucedidos, criando uma corrente imigratória orientada para o comércio¹⁶⁸. Sérgio Zahr conta:

... eles se ajudavam entre eles, né? Vendiam metade e depois pagavam... coisas desse tipo que existiam, né? Uma solidariedade maior...

Eram perceptíveis esses laços de cooperação e solidariedade entre os imigrantes sírios e libaneses em diversas formas de relação e negócio. Essas ligações permitiram um fortalecimento da colônia como grupo, o que possibilitou que ela concorresse com outras correntes imigratórias ao se inserir em determinada região ou setor econômico. Contudo, como afirma Truzzi, essas relações não podem ser consideradas absolutas. Esses imigrantes privilegiavam, como empresários, a autonomia individual¹⁶⁹.

O crescimento dos negócios era almejado, mas também havia e ainda há uma pressão pelo sucesso profissional dentro da própria colônia. Assim, a mascateação era vista como uma condição provisória e à medida que acumulavam

¹⁶⁵ TRUZZI, Oswaldo. *Sírios e Libaneses*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

¹⁶⁶ KNOWLTON, Clark. S. *Sírios e Libaneses: Mobilidade Social e Espacial*. São Paulo: Anhambi, 1960.

¹⁶⁷ TRUZZI, Oswaldo. *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: Unesp, 2009.

¹⁶⁸ TRUZZI, Oswaldo. *Patrícios: sírios... op.cit.*

¹⁶⁹ *Idem*

capital, os sírios e libaneses abriam lojas no varejo, e a seguir, no atacado, além de se dedicarem à indústria.

Ahmad Aref conta que recebeu ajuda para iniciar seus negócios e auxiliou imigrantes recém-chegados, que também conseguiram se estabelecer e construir seu patrimônio na cidade. Em outro momento da entrevista, ele também cita a importância da autonomia individual e a coloca como um dos elementos do sucesso:

... Eu era casado, e meu ex-sogro, ele me deu uma mãozinha para abrir essa firma e de lá para cá, eu fui embora...
 ... veio muita gente por meu intermédio, e eu tive que acolher aqui, ensinar a língua, treinar o trabalho, dar uma mãozinha no capital para eles iniciarem, então, eu posso dizer, que muita gente da nossa região que veio para cá, foi ajudada e hoje, ela tá por aí... tá independente, né?
 ... o comerciante é muito, nesse ponto, ele é muito retraído, muito egoísta, ele tem medo de dar a mão para o concorrente, para o concorrente não engolir ele. Então, cada um, luta por si, e talvez, isso seja um dos segredos do próprio sucesso, entendeu? Não existe fracasso, entendeu? Existe sucesso...

A imigração em cadeia também permitiu a diferenciação da colônia, uma vez que ampliou as possibilidades de crescimento de seus negócios, “facultando aos patrícios, já há mais tempo estabelecidos, a possibilidades de alcançarem posições estratégicas do comércio atacadista ou da indústria ligada ao setor” ¹⁷⁰.

A solidariedade existente, a importação dos amigos e parentes para seus negócios e o estabelecimento de uma corrente imigratória orientada pelo comércio levou a uma concentração do grupo em determinadas áreas da cidade. O primeiro local escolhido foi a 25 de Março e suas adjacências. Há diversas razões pela escolha por essa região, mas como afirma Knowlton, a principal delas foi o “fato de lá se terem estabelecido os primeiros sírios e libaneses que vieram. Seus parentes, amigos e conterrâneos, ao chegar, instalaram-se perto deles” ¹⁷¹. Simão Mouawad, sócio-proprietário da Semaan, de 1961, diz:

... os libaneses quando vinham para o Brasil, começavam a vender, mascatear, a viajar, visitar os clientes nos próprios lugares, aqueles que conseguiram se estabelecer em São Paulo, e no caso, foi a maioria na região da 25 de Março, eles começaram a crescer bastante e chamaram a atenção dos que chegavam, então começou a haver aquela concentração,

¹⁷⁰ TRUZZI, Oswaldo. Patrícios: sírios... *op.cit*, p. 69.

¹⁷¹ KNOWLTON, Clark S. *Sírios e Libaneses...* *op.cit*, p.114.

então eu diria, que nos anos sessenta, quando abri lá até os anos setenta, praticamente, 96% das lojas eram de libaneses ou sírios...

A concentração no comércio da rua 25 de Março e adjacências era muito grande. O almanaque de 1895 registrava seis casas de armarinhos sírias e libanesas, sendo que em 1901, já eram mais de 500 firmas. Até 1925, a ocupação dessa área havia se completado, sendo que os sírios e libaneses ocupavam a rua 25 de Março, desde a General Carneiro até a Paula Souza, as ruas Pagé (atual Comendador Afonso Kherlakian), Itobi (atual Cavalheiro Basílio Jafet), Santo André (atual Comendador Abdo Schahin), Anhagabaú (atual Carlos de Souza Nazareth) em direção à rua Cantareira, Senador Queirós e as Ladeiras Porto Geral e da Constituição¹⁷².

Simão Mouawad completa e enfatiza que concentração de imigrantes no local era tão marcante que possibilitou que ele reaprendesse a língua árabe na região:

... Eu, eu mesmo, eu vim para o Brasil em 1947 com 4 anos e meio de idade e morei perto da 25 durante quase toda minha infância e juventude com meus pais, morava na Senador Queirós, só que em 1961, há 51 anos, vai fazer... fez agora 51 anos, montei a minha própria firma e nessa época, eu tinha já vindo com quatro anos, tinha esquecido praticamente o árabe. Aí para vocês terem uma ideia de como a influência árabe era grande, eu voltei a falar o árabe fluentemente pelo contato das pessoas que eu tinha na 25 de Março. Como minhas irmãs não falavam o árabe em casa, eu não tinha como aprender o árabe mais em casa e fui reaprender o árabe na 25 de Março...

Sergio Zahr também conta:

Ela, minha mãe, tem 97 anos, ela morava lá... nove irmãs moravam lá... eu tava até tomando um sorvete lá em frente, da Ladeira da Constituição com a 25, tem um prédio, tem uma loja lá... não era só comércio, aqui eram famílias, famílias... que moravam aqui...

Uma das etapas da pesquisa de campo deste trabalho foi o levantamento dos estabelecimentos comerciais da região entre os anos de 2011 e 2013. Definiu-se o perímetro conforme a atual atividade comercial, os estudos de Clark Knowlton sobre a área e as demarcações oficiais da Univinco - União dos Lojistas da Rua 25 de Março e Adjacências. Dessa forma, foram mensuradas as ruas 25 de Março,

¹⁷² *Idem*

Gráfico 1 — Estabelecimentos comerciais quanto à origem dos proprietários: Rua 25 de Março e Adjacências

Fonte: Elaborado pela autora, 2013.

Não há estudos anteriores, como o de Clark Knowlton, sobre a concentração comercial dos sírios e libaneses no bairro do Brás. Sabe-se que ela é mais recente, sendo que as primeiras lojas de imigrantes sírios e libaneses nessa área datam da década de 1940. A presença no comércio é evidente, sendo que Pierre Moujaes conta:

Eu cheguei no Brasil nos anos 1970, mesmo assim, o Brás já tava repleto de cidadãos, de comerciantes libaneses, sírio-libaneses... eles formavam o maior conglomerado de comércio no Brás.

... em termos gerais de comércio, os sírios e libaneses continuam bastante sólidos, especialmente no Brás.

Ahmad Aref diz:

... a nossa comunidade aqui, na verdade, já é uma massa, e está presente não só na área da confecção de jeans, como na área de culinária também, entendeu? Muita gente mora por aqui e trabalha por aqui, então queira ou não, se faz presente.

... em qualquer rua que você passar, vai deparar com um libanês, com um árabe... Então não tem como esconder a presença deles em qualquer rua que você passar.

Da mesma forma que na 25 de Março, foi realizado um levantamento do comércio no bairro do Brás. A extensão desse bairro é maior e inclui áreas residenciais e industriais. Assim, foi necessário concentrar-se no polo comercial da região, utilizando como ponto de partida para definição do perímetro as 55 ruas englobadas pela Alobrás - Associação de Lojistas do Brás ¹⁷³. Foram inventariadas as ruas Miller, Barão de Ladário, Maria Marcolina, Júlio Ribeiro, Maria Joaquina, Mendes Júnior, Xavantes, João Teodoro, Casemiro de Abreu, Silva Teles e Joli. O perímetro demarcado pode ser visto na planta abaixo:

Figura 18 — Planta da área inventariada: Bairro do Brás

Fonte: Elaborado por Jaime Elias Khouri, 2013.

Ao todo, foram contabilizados 824 locais, dos quais 723 são estabelecimentos comerciais. Atualmente, as lojas pertencentes aos sírios, libaneses e sírios-libaneses correspondem a 28,36% (205 pontos comerciais) do total. Assim como na área da rua 25 de Março, é notável a entrada de outros grupos migratórios, no caso, coreanos, chineses e migrantes nacionais. O gráfico dois mostra a distribuição no comércio, conforme a origem dos donos.

¹⁷³ ALOBRÁS. Disponível em: <www.alobras.org.br>. Acesso em: 25 mar. 2012.

Gráfico 2 — Estabelecimentos comerciais quanto à origem dos proprietários: Bairro do Brás

Fonte: Elaborado pela autora, 2013.

Há diferenças entre o comércio árabe no Brás e na 25 de Março. Algumas delas serão analisadas posteriormente. No entanto, é importante destacar que a estruturação da atividade comercial ocorreu de maneira díspar nestas áreas. Na rua 25 de Março e adjacências, os sírios e libaneses substituíram os mascates portugueses, alemães e italianos no início do século. Assim, no momento de maior urbanização e de consolidação do comércio, eles dominavam totalmente a área.

O bairro sírio e libanês é uma colmeia de fábricas e armazéns de roupas e fazendas por atacado e a varejo, cafés, restaurantes, cortiços, apartamentos baratos, casa de cômodos, hotéis baratos, lojas e fábricas de sapatos, bares, clubes, barracões, e organizações religiosas e eclesiásticas.¹⁷⁴

A entrada de outros grupos migratórios aconteceu após, sessenta, setenta anos de domínio quase absoluto dos árabes. Os chineses começaram a entrar na década de 1980 e os coreanos na década de 1990, como é possível observar através do inventário realizado. Simão Mouawad concorda:

... foi indo até que nos anos 1980, começou a entrar bastante gente do Norte e do Nordeste do Brasil, vieram vários cearenses e se estabeleceram lá... a partir dos anos 1990/1995, começaram a entrar,

¹⁷⁴ KNOWLTON, Clark S. *Sírios e Libaneses...* op.cit, p. 109.

houve uma verdadeira invasão chinesa, chinesa e coreana. Todas as lojas eram de árabes e o idioma que se falava lá era o árabe, só se falava em português com os brasileiros que não entendiam árabe e com os outros que vinham, e acabou virando o que hoje é 25 de Março, não é mais um domínio total dos árabes.

O comércio no bairro do Brás é mais recente, se solidificando na medida em que parte do distrito foi substituindo a função residencial e industrial pela comercial. Assim, as três firmas mais antigas encontradas hoje, são da década de 1940. A primeira, Tutti Tanto, de 1941, é uma loja de camisas masculinas, pertencente a italianos, as outras duas pertencem a libaneses, o empório GMG Damascus, de 1943, e a Mix Jeans, de 1945. Nos anos 1960 e 1970, começaram a ser abertas mais lojas no local, no entanto, observa-se que grande parte das empresas atuais foi inaugurada apenas a partir da década de 1990.

Nesse bairro a entrada dos sírios e libaneses ocorreu concomitantemente com a de outros grupos migratórios ou com uma diferença de poucos anos.

Outro aspecto divergente entre o comércio da rua 25 de Março e do Brás é a fase de imigração. Em geral, na rua 25 de Março e entorno, os imigrantes vieram para São Paulo até a década de 1950. Enquanto no Brás, temos imigrantes dessa fase, mas muitos também chegaram a partir dos anos 1970/1980. Esta característica pode ser percebida de diversas maneiras, dentre elas, pela filiação religiosa, visível no comércio e nas instituições criadas nessas áreas.

Na região da 25 de Março, a maior parte dos imigrantes e descendentes é cristã, dividindo-se entre as Igrejas Ortodoxa, Igreja Maronita, Igreja Greco-Católica Melquita e Igreja Católica Apostólica Romana. Já no Brás, há tanto cristãos quanto muçulmanos, sunitas e xiitas. É comum perceber no comércio, indícios da religião dos proprietários. Assim, em diversas lojas no Brás, encontramos santos ou trechos do Alcorão próximo ao caixa.

O comércio, como atividade econômica e ocupação profissional, foi e ainda é uma forma de acolhimento desses imigrantes em São Paulo, sendo um facilitador para a inserção e estabelecimento dos sírios e libaneses, e de outras etnias (chineses, coreanos e bolivianos) na cidade¹⁷⁵. Anne Gotman, em seu livro *Le sens de l'hospitalité*, considera que a hospitalidade é uma das condições para vida na cidade. Segundo esta autora, as cidades sempre criaram, desde a Antiguidade,

¹⁷⁵ GOMES, Laura Graziela. Comércio Étnico em Belleville: memória, hospitalidade e conveniência. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, n. 29, p. 187-207, 2002.

equipamentos para fornecer acolhimento para forasteiros e certas categorias de pessoas, nas quais se incluem os estrangeiros, peregrinos, pobres, dentre outros, que são considerados mais vulneráveis pela tradição judaico-cristã e necessitam desses lugares¹⁷⁶.

Segundo Laura Gomes:

Embora tenham sofrido modificações ao longo do tempo, muitos desses locais continuaram a existir nas cidades modernas, da mesma forma que muitos outros lugares urbanos passaram a exercer funções de acolhimento e hospitalidade. Esse é o caso do comércio, a partir do qual podemos dizer que dependendo da região onde se encontra localizado nas cidades, essa função poderá estar mais ou menos evidente.¹⁷⁷

Logicamente, o comércio como local de hospitalidade e inserção é mais visível para a primeira geração de imigrantes, como comenta Gilberto Sarruf, sócio-proprietário do Rei do Armarinho, de 1926:

... cada um que chegava, precisava do apoio, tanto da língua, como de ajudar a arrumar um lugar para morar, como ajudar, como que faz para vender, todo mundo... ninguém veio sabendo, né? Então, acho que um ajudou o outro, deve ter recebido ajuda com certeza, e deve ter ajudado com certeza outros que vieram depois, né?

Reescrevendo um trecho, já citado, da entrevista de Ahmad Aref:

... veio muita gente por meu intermédio, e eu tive que acolher aqui, ensinar a língua, treinar o trabalho, dar uma mãozinha no capital para eles iniciarem...

Daniela Sucar Dib, sócia-proprietária do Depósito de Meias São Jorge, de 1955, ainda diz:

E eu acho que o árabe tem um pouco dessa coisa acolhedora assim, nos fomos acolhidos pelo país, pela cultura, e nos sentimos parte, sem perder a raiz original, e ao mesmo tempo, eu acho que esse abraço volta para outras pessoas, que também estão chegando agora, passam pela mesma situação.

¹⁷⁶ GOTMAN, Anne apud GOMES, Laura Graziela. Comércio Étnico em Belleville: memória... *op.cit.*

¹⁷⁷ GOMES, Laura Graziela. Comércio Étnico em Belleville: memória... *op.cit.*, p. 194.

Durante o levantamento dos estabelecimentos comerciais, também foi observado, principalmente no bairro do Brás, onde atualmente há mais imigrantes sírios, libaneses e palestinos recém-chegados, que nas lojas pequenas havia muitos parentes dos proprietários que já estavam no Brasil há um pouco mais de tempo. Essas pessoas ainda não falam o português e são encaminhadas e recebidas pelo comércio.

O proprietário do empório Sky Lebanon, aberto em 2011, por exemplo, não fala o idioma, sendo que a pessoa que me atendeu era um imigrante libanês que teve negócios na rua Oriente por quarenta anos, fechou, e estava no local para ajudar seu 'patrício', como ele mesmo definiu¹⁷⁸.

É interessante observar que a etnicidade foi e continua sendo muito empregada pelo grupo para construir vínculos comerciais¹⁷⁹. As relações pessoais sempre foram extremamente utilizadas pelos sírios e libaneses e seus descendentes, tanto na política financeira quanto organizacional de suas firmas.

Daniela Sucar Dib conta que a abertura da primeira loja de seu pai e de seu tio, em 1955, dependeu do relacionamento que tinham com Ragueb Chohfi, avô de Lourenço Chohfi Filho, que tinha uma empresa já consolidada na época:

A história da loja, um pouco antes da loja, na verdade, começou com eles trabalhando na feira, nas feiras livres de São Paulo, e vendendo meias na época... vendia-se meia, não tinha loja, vendia-se as roupas e coisas assim na feira, eles assim contam, né? Então, eles começaram trabalhando como ambulantes, comerciantes ambulantes nas feiras livres de São Paulo, e aos poucos, foram crescendo, se estruturando até comprar a primeira loja, que foi numa galeria... era uma lojinha meio escondidinha, no segundo andar de uma galeria, aqui na 25, e assim começou... para montar a primeira, daí foi crescendo.

... eles receberam ajuda até na avaliação, na compra da primeira loja. Tem uma história... o seu Ragueb Chohfi, a palavra dele de dizer pode confiar nesses dois e vender a propriedade do terreno, a loja que eles estavam querendo comprar. A primeira, loja, assim, foi meio na palavra, entre amigos, conhecidos, tal... eles eram muito novos, batalhadores, mas eram muito jovens, então, acho que as pessoas não tinham muita confiança... — ah será que eles vão honrar a dívida, conseguir, né? São muito novos e tal.

¹⁷⁸ Informação obtida durante pesquisa de campo realizada no dia 05 de abril de 2012.

¹⁷⁹ LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

A etnicidade também foi usada pelos mascates para obtenção de crédito junto aos seus compatriotas, o que era repassado aos clientes, implementando uma grande inovação nas práticas comerciais nacionais¹⁸⁰. Gilberto Sarruf diz:

Esse é um comércio, que os árabes, de uma forma geral, trouxeram para o Brasil, né? Esse comércio de ambulantes, não é bem ambulantes, viajantes, né? Eles enchiam as malas de produtos e saíam pelo interior para vender... eu acho que isso é uma influência muito forte no desenvolvimento comercial do Brasil. Esse pessoal vinha, se abastecia aqui na região e saía viajando de trem, de ônibus, das formas mais variadas possíveis, sem falar o idioma e iam abrindo comércio nas cidades do interior e tal. Isso fez muita gente ganhar muito dinheiro com esse tipo de coisa, é uma coisa assim bem braçal, né? Mas eles conseguiram se estabelecer no país e conseguiram vencer em função desse trabalho. Eu acho que tem um grande mérito isso, porque vir para um país estranho, um idioma completamente diferente, a maioria sem dinheiro no bolso, tentando conseguir um pouco de crédito com alguém da colônia, alguém conhecido, e começar isso do nada e fazer um patrimônio, eu acho que tem um valor muito grande...

Além da política de vendas a crédito, os sírios e libaneses também foram pioneiros e introduziram novas práticas na atividade comercial. Truzzi diz que não seria demais afirmar que esses imigrantes “no Brasil ‘inventaram’ o comércio popular, dando balizamento a seus parâmetros hoje tão comumente empregados”¹⁸¹. Eles diminuíram a margem de lucro por unidade e aumentaram a quantidade vendida¹⁸², ou seja, a venda por atacado aparecia como uma forma de expandir seus negócios e ampliar a lucratividade de suas empresas, o que ia ao encontro às necessidades dos fornecedores, indústrias e grandes empresas, e do mercado consumidor na época.

Simão Mouawad conta:

A questão do atacado foi algo que aconteceu naturalmente...
... Naquela época, as grandes empresas não queriam vender para pequenas firmas, não vendiam para drogarias, não vendiam para bazares, então, o comércio de atacado da 25 de Março acabou concentrando todo o atacado de São Paulo praticamente e virou assim... No início da minha firma eu tinha uma bandeira na porta da loja, na placa, com a bandeira do Paraguai e da Bolívia porque eu vendia muito para paraguaio, boliviano, peruano, uruguaio...

¹⁸⁰ LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes...* op.cit.

¹⁸¹ TRUZZI, Oswaldo. *Sírios e Libaneses...* op.cit, p.48.

¹⁸² *Idem*

Gilberto Sarruf afirma:

A 25 de Março era um centro de distribuição para o Brasil inteiro porque se você voltar cinquenta anos para trás, não existia computador, nem agência de banco com sistema online de compensação, etc... então, as pessoas vinham do Norte, do Nordeste ou do Sul, fazer compras em São Paulo, se abasteciam e levavam essas mercadorias para lugares longes, que às vezes, levava um mês para chegar aquele caminhão para vender naquela região. E quem fazia esse centro de distribuição era a 25 de Março. A mesma coisa as indústrias, elas tinham medo de vender para esses lugares longes, e porque a chance de receber era muito difícil, porque não tinha sistema de cobrança eficiente, então eles preferiam vir vender na 25 de Março e deixar que a distribuição fosse feita pelos comerciantes da região, né?

Lourenço Chohfi Filho diz:

... e eles montaram quando eles vieram, geralmente, da Síria, do Líbano, eles montaram distribuidores de tecidos e armarinhos, a rua era praticamente um atacado de tecidos e armarinhos, mais tecidos...

Sérgio Zahr comenta:

Antigamente era um centro atacadista, né? Antigamente, a gente entrava, chegava na loja e ficava contando as caixas que tinha para despachar.

Ahmad Aref fala:

... mas o que me encantou aqui, quando eu vim para cá, o primeiro dia que eu passei por São Paulo, eu tinha um primo aqui que tinha fábrica de calças e eu vi na loja dele, muitos fardos que eram para ser despachados para fora de São Paulo, para Pernambuco, Bahia e tal... e quando eu perguntei, ele falou para mim: — olha, aqui em São Paulo é assim mesmo, aqui a gente vende atacado, fabrica , e vem o cliente, compra e a gente despacha para ele.

Atualmente, na região do Brás, o atacado permanece na maioria das lojas de imigrantes árabes, enquanto na 25 de Março, a entrada de chineses e coreanos e a popularização dessa área comercial fez com que muitas lojas retornassem para o varejo ou mantivessem as duas formas de venda. Segundo diretores da Univincó,

hoje, apenas 30% das vendas ainda são por atacado¹⁸³. Por essa razão, a dinâmica, mascate, comerciante no varejo, comerciante no atacado e industrial não pode ser vista, atualmente, como uma regra absoluta de crescimento econômico. Esse processo, realmente, ocorreu com grande parte da colônia e foi uma via de ascensão importante que permitiu o fortalecimento e a consolidação do grupo migratório em determinado momento histórico. No entanto, hoje, é simplista entender o comércio por atacado ou a industrialização, como o apogeu ou o único caminho desses imigrantes na área comercial.

Deve-se pensar nas novas possibilidades de comércio, na *internet*, na internacionalização dos negócios, como oportunidade para esses empresários. A cidade também se modificou. O valor dos imóveis aumentou na 25 de Março e entorno, não sendo, economicamente, vantajoso manter armazéns grandes nessa área.

Daniela Sucar Dib ressalta a importância da internet. Lourenço Chohfi Filho diz que a empresa dele também passou a se dedicar ao setor imobiliário, através do Grupo São Lourenço. Simão Mouawad manteve duas lojas, que atendem no varejo e no atacado na região da 25 de Março, porém, abriu mais quatro na região do Pari, onde tem espaço para se dedicar ao atacado, além de uma distribuidora que atende o Brasil inteiro, com marcas nacionais e importadas de brinquedos, algumas fornecidas, exclusivamente, pela empresa.

Outra prática comercial introduzida foi a alta rotatividade de estoque, ao começarem com as liquidações, ao reinvestirem os lucros no próprio negócio e ao dedicarem maior atenção aos consumidores¹⁸⁴.

Havia também certa informalidade na forma de se negociar, seja com os clientes, fornecedores, ou demais públicos. Observa-se ainda hoje essa característica, de forma mais discreta e em proporções muito menores, embora ela seja negada pela maioria dos comerciantes.

Os sírios e libaneses e seus descendentes tinham uma maneira diferente de fazer negócios, empregada tanto na fase de mascateação quanto na do comércio, e que se baseava na antiga prática cultural, de “pechinchar”, “baratear”, “deixar por

¹⁸³ GENESTRETI, Guilherme. Preço baixo, variedade e tradição atraem 1 milhão de pessoas por dia à 25 de Março. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 09 dez 2012. Disponível em: < www1.folha.uol.com.br>. Acesso em: 20 mai.2013.

¹⁸⁴ TRUZZI, Oswaldo. Patrícios: sírios... *op.cit.*

menos”, que lhes dava um diferencial com a clientela¹⁸⁵. A relação com os clientes era mais pessoal, mais próxima, e de certa maneira, eles já empregavam algumas técnicas de fidelização desses consumidores. Simão Mouawad, em entrevista ao Guia Oficial da 25 de Março, relata um exemplo curioso desse período: no início, ele deixava seu carro estacionado na frente da loja e, assim que o cliente terminava as compras, para agradá-lo, ele o levava ao hotel em seu próprio veículo¹⁸⁶. Tanto Gilberto Sarruf quanto Daniela Sucar Dib, proprietários do Rei do Armarinho e do Depósito de Meias São Jorge, contam um pouco dessa fase, mas enfatizam que a dimensão do comércio mudou e as empresas também.

Assim, Gilberto diz:

... eu diria para você que aquele patrício que ficava com o lápis na olheira e que ficava atrás do balcão e que perguntava da família, como vai seu filho, sua tia, sua avó, etc... isso acabou, isso acabou... e as pessoas não valorizam mais isso. Eu acho que a cidade hoje é muito agitada, as dificuldades de locomoção, de tempo e tudo, não proporcionam mais esse tipo de postura em relação ao tempo das pessoas, e hoje, também, tem o comércio, desenvolveu muito nos bairros, então você tem uma lojinha de tudo que você quiser, uma farmácia, uma padaria, uma lojinha, tudo no bairro... então, as pessoas não se locomovem para vir até o centro em função disso para comprar uma coisinha, que acaba custando mais caro e perde muito tempo.

Daniela fala:

... a São Jorge, procurou acompanhar os tempos e eu sei que assim, nas histórias contadas, pelo meu pai, meu tio, muitas vezes, na época, antigamente, as coisas eram tratadas no fio do bigode, como eles falam, palavra, e enfim, combinar negociações de custo, de entrega, de prazo... que as coisas eram tratadas na palavra...

... hoje, aqui, pelo menos na São Jorge, é tudo super informatizado, todos os produtos com código de barra, controle de estoque por cor e tamanho, então acho que assim, a São Jorge tem o mesmo jeito, a orientação do como receber o cliente, como tratar, o atendimento que a gente aqui preza muito e treina, investe muito em treinamento com atendimento diferenciado, com uma consultoria no atendimento, e não simplesmente, uma venda, para ajudar o consumidor a encontrar o que ele quer, dada a diversidade de produtos que a gente oferece aqui, mas cada vez mais, acompanhando os tempos modernos, enfim, todos os processos

¹⁸⁵ MARCOVITCH, Jacques. *Pioneiros e Empreendedores: A Saga do Desenvolvimento no Brasil*, v.1. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

¹⁸⁶ UNIVINCO. Guia Oficial da 25 de Março e Região. São Paulo: On-Line, n. 1, [2006 ou 2007].

tecnológicos, mesmo internet. Hoje a São Jorge tem quase sessenta anos de loja física e tem já onze anos de internet, então a São Jorge chega ao consumidor em qualquer ponto do Brasil, é o mesmo produto, é a mesma diversidade de marcas, é a mesma forma atenciosa de atender que a gente procura atender aqui na São Jorge.

Nota-se, portanto, que a informalidade não se faz mais presente nos processos das empresas, o que é uma dinâmica natural e esperada. O mercado consumidor ampliou-se, o volume de pessoas é grande, as empresas cresceram, se modernizaram e profissionalizaram, além de existir uma regulamentação maior do comércio pelo poder público. No entanto, Ahmad Aref, proprietário das lojas Preston, Mega Trender e Rockblue, aponta que ainda existem características dos comerciantes que permanecem:

... veja só, as grandes firmas, elas não têm balcão. O empresário do Brás, ele tem algo especial, ele trabalha suas vendas no balcão. Isso faz com que ele tenha relacionamento permanente, não só com os clientes, como com os fornecedores, com os aliados que fazem a mão de obra, que fazem a costura, que faz a lavagem, que vende aviamento, que faz... com os estilistas, com os modelistas... isso é permanente. Por isso que eu acho, e por tantas outras razões, que o empresário do Brás é o homem mais público que tem, é mais público, é a força da natureza... pela própria naturalidade dele trabalhar das oito às seis da tarde, essas horas são mantidas em contato com os outros, né?

Um cliente, descendente de árabe, que comprava numa loja pertencente a um imigrante libanês na rua 25 de Março, com filial nos Jardins, comentou em uma conversa informal, que prefere comprar na 25 de Março, porque, embora os preços marcados nas mercadorias sejam os mesmos, ainda é possível “fazer negócio” no local, ou seja, existe uma margem para negociação¹⁸⁷.

A relação com os fornecedores também apresenta certa peculiaridade. Um exemplo que ilustra esse aspecto do comércio foi uma compra realizada por Simão Mouawad, na década de 1970/1980. Ele trocou um carro particular por um caminhão de chaveiros que estava com boa vendagem. Percebe-se que o particular, o familiar também faziam parte da empresa. Logicamente, hoje em dia, os processos foram profissionalizados e situações como essa, não ocorrem nas lojas consolidadas, podendo acontecer no comércio das galerias e *shoppings* da região.

¹⁸⁷ Informação obtida durante pesquisa de campo em outubro de 2012.

No entanto, a ligação com os fornecedores ainda passa, muitas vezes, pelas relações pessoais. Dessa forma, todos os dias, três ou quatro fornecedores que atendem a loja Afife, de Maurício Mouawad, têm o hábito de chegar, logo cedo, para tomarem um café juntos, no Bar Joalva, abaixo do Edifício Paraíso, construído pela família de Mário Rizkallah. Os laços de amizade também aparecem em outras situações, como na relação entre inquilinos e donos dos imóveis.

Além da introdução de novas práticas comerciais e da forma de se negociar, outro aspecto que deve ser observado é a apresentação visual desse comércio. Diégues Jr. afirmava:

Quando um “turco” chega a uma rua para atividade comercial, a rua logo se modifica: toma outro colorido, um colorido quase étnico... Os mostruários de bugigangas nas vitrines, as camisas dependuradas, os sabonetes suspensos por cordões, bolsas escolares, brinquedos de criança, a variação, enfim, do colorido e dos objetos expostos dão logo à fisionomia da rua o seu caráter sírio ou libanês.¹⁸⁸

Gabriel Marques dizia:

É rua colorida, alegre, gesticulante, com um cheiro gostoso de fazendas novas, de tecidos gomados, de bons ou falsos perfumes e de sabonetes caros ou baratos. Ali há de tudo. Tudo que possa arregalar os olhos bisbilhoteiros se acha ali exposto em local bem visível. As vitrines são, por isso mesmo, arlequinescas.
... Mil e um artigos dos mais atraentes são ali exibidos sem a menor parcimônia. Quinquilharias; sedas de boa e de má qualidade, lenços, vestidos, meias — tudo!¹⁸⁹

A comunicação visual das lojas contribui para caracterização das vias e também atua como uma forma de identidade dos sírios e libaneses nos locais em que se estabelecem ou que se estabeleceram. Assim, é preciso pensar tanto na fachada, que faz o contato direto desse comércio com o espaço público, quanto na organização das mercadorias dentro da própria empresa.

Anne Raulin diz que:

¹⁸⁸ DIÉGUES JR., Manuel. *Etnias e Culturas no Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1980, p. 145-146.

¹⁸⁹ MARQUES, Gabriel. *Ruas e tradições de São Paulo: uma história em cada rua*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1966, p. 82.

A fachada comercial mistura de forma indissociável as formas de apresentação da mercadoria e os componentes do *décor* cuja função é conotar o consumo (...). O sentido da fachada, elemento decisivo de todo projeto comercial, determina o sentido da interação comercial. Ela indica o tipo de tática comercial definida pelo comerciante e induz os termos da comunicação cultural que procura promover.¹⁹⁰

Observa-se tanto na descrição de Diégues Jr., como na de Gabriel Marques, que a interação comercial que se pretendia transmitir era de uma grande oferta de produtos, uma abundância de mercadorias. Passava-se vivacidade aos consumidores e essa era uma forma de atraí-los. A apresentação, a organização e excesso de informação das fachadas demonstravam que ali era possível encontrar de tudo e transpareciam a forma de comerciar dos imigrantes árabes, baseada no ato de negociar. A entrada de novos grupos migratórios trouxe características diferentes para a fachada do comércio, e conseqüentemente, para as vias que ele ocupa, como explica Pierre Moujaes:

Começou a entrada de outros de outras colônias, digo japoneses, agora, coreanos, e chineses e começaram a se misturar, se mesclar, tanto no comércio como nos hábitos, então, você vê as ruas agora, tem certa mesclagem de comércio árabe, de comércio coreano, de comércio chinês... eles começaram a se interessar mais pela presença da loja, as vitrines, a modernização para chamar a atenção dos clientes... não só pelo preço, pela qualidade, como também pelo chamariz das lojas.

No Brás, essa mudança, apontada por Pierre Moujaes, é bem perceptível, principalmente, nas ruas dominadas pelo comércio coreano e chinês, como a Casemiro de Abreu e a Silva Teles. Na 25 de Março e entorno, no entanto, embora tenha ocorrido a entrada de outros grupos migratórios que trouxeram uma maior preocupação com a estética e com a sofisticação das vitrines, a descrição de uma rua gesticulante, alegre, barulhenta ainda se enquadra e a retrata muito bem.

Além das fachadas, a comunicação dessas lojas se dá pelo nome fantasia, pelos logos e estes exprimem, muitas vezes, a identidade síria e libanesa.

É importante ressaltar que as fachadas e os nomes fantasia das lojas, ao fazerem a comunicação direta com a via e com os consumidores, atuam de duas maneiras. A primeira como forma de identidade do próprio grupo, que se reconhece

¹⁹⁰ RAULIN, Anne apud GOMES, Laura Graziela. Comércio Étnico... *op.cit.*, p.199.

nesses elementos. A segunda como uma forma de caracterização da rua e como agente importante da produção do espaço urbano.

Além desses aspectos, a apresentação visual inclui também a forma de organização dos produtos dentro da própria loja.

O dono da loja de jeans Rosa Chiclete, no Brás, por exemplo, diz que quando chegou ao Brasil ficou em hospedarias na área da 25 de Março, e inclusive alugou um quarto no Hotel Girassol, pertencente à família síria Barcha (este hotel fechou entre 2011 e 2013). Ele conheceu vários comerciantes da colônia na região, incluindo Maurício Mouawad, da Afife. Ao lembrar-se disto, uma das primeiras associações que ele fez foi em relação à disposição das mercadorias na loja. Ele recorda que havia vários tipos de produtos e bugigangas, que ficavam guardadas em gavetinhas.

Mário Rizkallah comenta:

As pessoas, os donos das lojas que ficavam na porta, conversando um com outro, mercadoria exposta na porta, isso é uma característica dos mercados árabes...

Durante a fase de levantamento dos estabelecimentos comerciais, em que se contabilizou 1205 lojas na área da 25 de Março e do Brás, a origem dos donos das empresas era facilmente perceptível pela ramificação do comércio e pela organização dos produtos no interior de cada firma.

Há no comércio da 25 de Março e do Brás, referências que identificam os grupos migratórios. Essa é uma característica interessante das lojas de rua dessas regiões, que não ocorre em bairros em que a etnicidade não está presente como elemento estruturador. Nas duas áreas, encontramos, frequentemente, mesmo em lojas consolidadas e administradas até pela terceira geração de imigrantes, alguma alusão à origem sírio-libanesa. Assim, em muitos estabelecimentos, é possível ver santos árabes, trechos do alcorão, algo escrito no idioma, fotos da Síria ou do Líbano, outras formas de referência, e ainda, principalmente no Brás, onde há mais imigrantes de primeira geração, rádios e televisões sintonizadas em redes de transmissão ou canais árabes. O mesmo acontece nos estabelecimentos chineses e coreanos, há calendários, símbolos e jornais do grupo.

Figura 19 — Imagens do Líbano, na Casa Líbano, no Brás

Fonte: Foto da autora, 2012.

Figura 20 — Anúncio de aulas de chinês na vitrine de uma loja na rua Barão de Duprat

Fonte: Foto da autora, 2008.

Figura 21 — Propaganda de restaurante coreano na loja Xapitos, no Brás

Fonte: Foto da autora, 2011.

Observa-se também que a distribuição dos sírios e libaneses nestas regiões não acontece de forma homogênea, havendo ruas com maior ou menor concentração do grupo. A entrada de outras etnias é evidente nas duas áreas comerciais, existindo, inclusive, alguns locais que são zonas de pressão para a inserção destes novos grupos migratórios.

2.2 Dinamicidade e inserção: a distribuição dos sírios e libaneses no comércio e os outros grupos étnicos

2.2.1 A Rua 21 por Cento¹⁹¹ se diversifica

Para entender a presença síria e libanesa na 25 de Março, bem como a entrada de outros grupos migratórios, é necessário voltar um pouco em sua história.

Em meados do século XIX, esta via, por onde passava o rio Tamanduateí, começou a receber as primeiras melhorias urbanas. Em 1867, uma parte da Várzea do Carmo foi drenada e aterrada, e abriu-se um mercado no cruzamento das ruas 25 de Março e General Carneiro, que até 1873, centralizava as atividades econômicas na área. A maioria dos negociantes desse período eram portugueses, alemães e brasileiros de origem portuguesa, além de mascates italianos¹⁹².

Entre 1873 e 1895, a vida econômica dessa região progrediu bastante com a chegada de grandes levas imigratórias. Em 1885, já existia um pequeno núcleo de mascates árabes na praça do mercado. O primeiro registro no comércio aparece no Almanaque de 1895, quando havia seis lojas pertencentes a esse grupo. Até esse mesmo ano, também foram feitas muitas mudanças na área, pavimentaram-se diversas vias e construíram-se prédios¹⁹³.

Em 1896, foi feita a última retificação do rio Tamanduateí. A entrada dos sírios e libaneses na área prosseguia. Em 1901, já eram mais de 500 firmas do grupo. Em 1907, a administração municipal decidiu construir um novo mercado, vendendo espaços para comerciantes e mascates. Neste momento, também surgiu o Mercado Caipira, uma espécie de feira ao ar livre, na rua Itobi (atual Cavalheiro Basílio Jafet)¹⁹⁴.

A rua estava se tornando conhecida como a via da colônia sírio-libanesa. Os alemães, praticamente, haviam se retirado, os italianos estavam diminuindo e alguns portugueses ainda moravam no entorno do mercado. Em 1915, os sírios e libaneses

¹⁹¹ Paulo Cursino de Moura conta que os comerciantes árabes chegaram a mudar o nome da rua, sem qualquer tipo de consulta à edilidade ou alvará da Prefeitura. Logicamente, esse nome não vingou.

¹⁹² KNOWLTON, Clark S. *Sírios e Libaneses... op.cit.*

¹⁹³ *Idem*

¹⁹⁴ *Ibidem*

dominavam quase que exclusivamente a rua 25 de Março e suas vias adjacentes, e em 1920, esses imigrantes já haviam completado a ocupação da área.¹⁹⁵

A partir de 1980, essa região começou a passar por mudanças, a “rua dos turcos” começou a receber outros grupos, principalmente, migrantes, chineses e coreanos¹⁹⁶. Simão Mouawad diz, em um trecho, já citado:

... foi indo até que nos anos 1980, começou a entrar bastante gente do Norte e do Nordeste do Brasil, vieram vários cearenses e se estabeleceram lá... a partir dos anos 1990/1995, começaram a entrar, houve uma verdadeira invasão chinesa, chinesa e coreana.

Atualmente, a concentração síria e libanesa é de 21,37%, considerando-se os armênios, esta é de 23,45% do total de estabelecimentos comerciais, como pode ser visto no gráfico 1. É importante ressaltar que estes dados se referem ao perímetro inventariado, que pode ser visto na figura 16. Os coreanos e chineses representam juntos, 26, 75%, enquanto os migrantes são 5,8%.

Ao longo da pesquisa, identificou-se que a distribuição dos sírios e libaneses dentro do perímetro não é uniforme. Existem ruas e até mesmo bairros que apresentam um maior número de estabelecimentos árabes. A tabela 6 indica a presença síria e libanesa por rua, tanto em números absolutos quanto relativos.

Tabela 6 — A concentração dos sírios e libaneses no comércio da 25 de Março e entorno

Ruas	Sírios e Libaneses	
	Números Relativos	Números Absolutos
Rua 25 de Março	25,87%	37
Rua Dom Pedro II	50%	2
Rua Varnhagem	44,44%	4
Rua Jorge Azém	42,86%	3
Rua Abdo Schahin	35,29%	12
Ladeira Porto Geral	34,48%	10
Rua Basílio Jafet	32,14%	9
Rua Afonso Kherlakian*	31,82%	7
Rua Barão de Duprat	12%	9
Rua Carlos de Souza Nazareth	11,11%	5
Rua Florêncio de Abreu	5,75%	5

Fonte: Elaborado pela autora, 2013.

¹⁹⁵ *Ibidem*

¹⁹⁶ KORAICHO, Rose. *25 de Março-Memória da Rua dos Árabes*. São Paulo: Rose Koraicho, 2004.

Observa-se que as ruas Dom Pedro II, Varnhagem e Jorge Azém são as que apresentam maior concentração síria e libanesa. Em números absolutos, a 25 de Março é a que possui maior número de estabelecimentos, seguida pela Abdo Schahin, Ladeira Porto Geral, Basílio Jafet, Barão de Duprat e Afonso Kherlakian.

O quadro abaixo traz a presença síria, libanesa e armênia por via, bem como das etnias mais expressivas (em número de lojas) no comércio da área:

Tabela 7 — Distribuição dos principais grupos migratórios no comércio da rua 25 de Março e Adjacências

Ruas	Libanês	Sírio	Sírio - libanês	Armênio	Chinês	Coreano	Migrante
Rua 25 de Março	12,59%	11,19%	2,09%	0,70%	20,28%	14,68%	0,70%
Rua Dom Pedro II	0	50%	0	0	0	0	0
Rua Varnhagem	33,33%	11,11%	0	0	11,11%	11,11%	11,11%
Rua Jorge Azém	0	42,86%	0	0	0	0	14,28%
Rua Abdo Schahin	23,53%	11,76%	0	2,94%	5,88%	14,70%	0
Ladeira Porto Geral	24,14%	3,45%	6,89%	0	6,89%	44,83%	0
Rua Basílio Jafet	21,43%	10,71%	0	0	14,29%	7,14%	3,57%
Rua Afonso Kherlakian	22,73%	4,55%	4,55%	22,73%	18,18%	0	13,64%
Rua Barão de Duprat	9,33%	2,66%	0	4%	25,33%	1,33%	4%
Rua Carlos de Souza Nazareth	11,11%	0	0	0	22,22%	2,22%	2,22%
Rua Florêncio de Abreu	2,30%	3,45%	0	0	13,79%	2,30%	19,54%

Fonte: Elaborado pela autora, 2013.

Nota-se que as ruas Dom Pedro II, Jorge Azém e Varnhagem são as que apresentam uma maior quantidade de lojas pertencentes a árabes e descendentes. Ao mesmo tempo, elas têm uma porcentagem baixa de coreanos e chineses. Isto ocorre, porque estas vias são pequenas, com poucas lojas, que, por sua vez, são extensas (tamanho em m²), antigas e consolidadas, dificultando a entrada de outros grupos, já que não há imóveis disponíveis.

É perceptível que a quantidade de libaneses é maior que de sírios em quase todas as vias, exceto nas ruas Jorge Azém e Dom Pedro II. Na rua 25 de Março, há um equilíbrio. Observa-se também uma presença armênia na área, sendo que a rua Afonso Kherlakian é a que possui uma concentração maior, 22,73% do total. Desde 1920, informantes armênios já afirmavam que eles trabalhavam como sapateiros, alugando salas no meio dos sírios e libaneses na rua Pagé (atual Afonso

Kherlakian). Aos poucos eles se especializaram na manufatura e venda de calçados e bolsas¹⁹⁷. Hoje em dia, o grupo ainda se dedica a este ramo.

Os armênios são etnicamente distintos, mas muitos dos que vieram para o Brasil e se estabeleceram na região da 25 de Março, são provenientes da Síria e do Líbano, uma vez que antes de emigrarem, já residiam nesses países devido a perseguições sofridas pelo governo turco.

Em algumas vias, o comércio é bem polarizado entre os sírios, libaneses e armênios, e os chineses e coreanos. As ruas que apresentam maior polarização, em ordem decrescente são a Ladeira Porto Geral, a Afonso Kherlakian, a 25 de Março, a Abdo Schahin e a Basílio Jafet. Na Ladeira, a proporção de orientais do Extremo Oriente é grande. Na 25 de Março, ela também é maior que a dos árabes e armênios, mas a diferença é pequena. Enquanto nas demais vias citadas, a situação se inverte.

As ruas que apresentam uma maior diversificação quanto à origem dos proprietários são a Florêncio de Abreu, a Carlos de Souza Nazaré e a Barão de Duprat. Nas demais, os árabes, armênios, coreanos e chineses representam mais de 50% do total. Essas três vias são limítrofes do perímetro escolhido e, historicamente, são locais de pressão para entrada de outros grupos migratórios.

A primeira, antes de ser ocupada pelos sírios e libaneses, já havia sido o local dos alemães e italianos. Após os ciclos de invasão, sucessão e segregação pelos sírios e libaneses, essa ocupação foi interrompida pouco antes da Primeira Guerra, quando muitos, que residiam nesta rua, se transferiram para Avenida Paulista e arredores e para o Ipiranga, além de comercialmente se dirigirem para outras ruas recém-abertas na área da 25 de Março. Assim, como define Knowlton, a Florêncio de Abreu pode ser considerada: “parte da zona geral de transição e está à sombra do distrito dominante do comércio e das finanças”.¹⁹⁸ Atualmente, apenas 5,75% das empresas pertencem a árabes ou descendentes, sendo a menor porcentagem em toda a área, enquanto 16,09% de seus estabelecimentos são de chineses, incluindo a Missão Cristã Chinesa e a escola chinesa Hin Hua Wen.

A rua Carlos de Souza Nazaré, antiga rua Anhagabaú, foi bastante ocupada pelo sírios e libaneses. No entanto, Knowlton, já observava em 1960, a formação de um grupo de barracas e carrocinhas de diversas nacionalidades no cruzamento

¹⁹⁷ KNOWLTON, Clark S. *Sírios e Libaneses... op.cit.*

¹⁹⁸ KNOWLTON, Clark. S. *Sírios e Libaneses... op.cit.*, p.127.

desta com a Avenida Senador Queirós e Barão de Duprat¹⁹⁹. A porcentagem de lojas árabes nesta rua ainda é maior que na Florêncio de Abreu, sendo que 11,11% pertencem a libaneses. Uma diferença importante, que foi relatada durante a aplicação da pesquisa, é que muitos imóveis nessa via ainda pertencem aos sírios e libaneses, diferentemente da Florêncio de Abreu, onde muitos foram adquiridos pelos chineses.

A rua Barão de Duprat sempre constituiu uma zona de pressão para entrada de outros grupos migratórios. Assim, em 1915, ela era o limite entre o bairro sírio-libanês e um grupo misto de casas e prédios habitados por pessoas de todas as nacionalidades. A partir da Segunda Guerra Mundial, essa via foi ocupada por japoneses que se estabeleceram em torno do mercado municipal, cujo nome é dessa origem, Mercado Municipal Kinjo Yamato. Hoje em dia, o local vem recebendo uma grande quantidade de chineses e coreanos, 25,33% e 1,33% respectivamente, e possui muitas galerias e *mini-shoppings*.

A abertura destas galerias e *mini-shoppings* também é uma dinâmica cada vez mais recorrente na área e está relacionada à valorização imobiliária da rua 25 de Março e entorno, o que trouxe implicações importantes para o comércio da região.

2.2.1.1 A valorização imobiliária e os novos espaços do comércio na rua 25 de Março e adjacências

No final do século XIX e início do século XX, os aluguéis na 25 de Março eram baixos, sendo este um dos fatores que contribuiu para a inserção dos imigrantes sírios e libaneses na região.

A área necessitava de melhorias urbanas que aos poucos foram sendo realizadas. Durante a Primeira Guerra, a Várzea do Carmo terminou de ser drenada e o rio Tamandateí foi canalizado. Como afirma Knowlton: “A parte da várzea entre o canal e a rua 25 de Março foi dividida em ruas e quarteirões , e a municipalidade e a companhia de melhoramentos começaram a vender os terrenos a preços

¹⁹⁹ *Idem*

razoáveis”²⁰⁰. Muitos sírios e libaneses, que já estavam se estabelecendo comercialmente e residencialmente no local, tornaram-se proprietários.

Entre 1920 e 1930, houve uma mudança no uso da terra e de seus valores. Os antigos prédios de 2 a 3 andares foram demolidos, dando espaço para construção de prédios de 12 a 13 andares, enquanto as residências começavam a ser substituídas por empresas têxteis de médio e grande porte²⁰¹.

Badra Maatouk, que chegou ao Brasil em 1947, e morou em um apartamento na rua Senador Queirós, no início da década de 1950, poucos anos após o término da Segunda Guerra Mundial, em entrevista realizada em 2010, disse:

Nós viemos pra São Paulo, moramos no apartamento do meu cunhado. Depois, meu marido quando começou a falar e aprender tudo, começou a viajar, trabalhar, se virar. Alugamos um apartamento pequeno e depois nos mudamos para um apartamento maior, as coisas aqui estavam muito baratas, estava fácil... Moramos sozinhos e criamos os nossos filhos.

Embora ela ainda considerasse barato alugar ou comprar imóveis na região, estes já haviam encarecido bastante no período da guerra. A Segunda Guerra Mundial foi acompanhada por uma inflação monetária e pela alta dos preços. O papel moeda em circulação também foi atingido por um intenso surto inflacionário. Isso produziu a valorização dos terrenos e uma especulação imobiliária²⁰².

Preocupados com a desvalorização da moeda, muitos cidadãos, principalmente os mais ricos e da classe média alta, passaram a investir sua renda em imóveis. A especulação também se aproveitou da escassez de moradias. Assim, o número de construções que havia diminuído nos primeiros anos da guerra, passou por um verdadeiro *boom* no período entre 1945 e 1948. Imóveis que custavam entre Cr\$ 200 mil e Cr\$ 400 mil antes da Guerra passaram a valer de Cr\$ 1.500 mil a Cr\$ 2 milhões. O valor das compras e vendas de imóveis no período de 1940 a 1946, por sua vez, também aumentou de Cr\$ 386.562 para Cr\$ 2.216.818²⁰³.

Essa dinâmica que acontecia na cidade também atingiu a rua 25 de Março e seu entorno. Assim, o aumento brusco dos aluguéis e a valorização dos imóveis, acelerou a substituição das residências pelos negócios, bem como induziu que

²⁰⁰ *Idem*, p.122.

²⁰¹ HAJJAR, Claude. *Imigração Árabe: Cem Anos de Reflexão*. São Paulo: Ícone, 1985.

²⁰² MONBEIG, Pierre. O Crescimento da Cidade de São Paulo. In: SZMRECSÁNYI, Tamás. *História Econômica da Cidade de São Paulo*. São Paulo: Ed. Globo, 2004.

²⁰³ MONBEIG, Pierre. O Crescimento da Cidade de São Paulo... *op.cit.*

muitas fábricas de tecidos, calçados e outras instalações industriais se dirigissem para zonas mais baratas, como Brás, Belenzinho e Mooca²⁰⁴.

A consolidação da 25 de Março e adjacências como polo comercial fez com que os aluguéis e o valor dos imóveis aumentassem ao longo dos anos.

Atualmente, aproximadamente 400 mil pessoas circulam por esta área todos os dias, número que chega a um milhão de transeuntes em épocas como final de ano e véspera de datas comemorativas²⁰⁵. Para se ter uma ideia do potencial de consumo da região, hoje, existem 392 *shoppings centers* no país, com um fluxo de 348 milhões de visitas por mês, o que significa que cada shopping recebe 7,5% do fluxo da 25 de março²⁰⁶. O faturamento da área também é muito alto, sendo que em 2011, foi de aproximadamente R\$ 17 bilhões, o que corresponde a quase um quinto do que foi auferido por todas as lojas de shopping do Brasil²⁰⁷. Lourenço Chohfi Filho diz:

... aqui é uma loucura, aqui o negócio é violentíssimo. O faturamento aqui é violentíssimo...

Assim, o valor dos imóveis e aluguéis tem subido vertiginosamente. Segundo o Guia Oficial da 25 de Março, o valor do metro quadrado adotado para aluguel na região é de R\$ 10.000, sendo o mais caro da cidade de São Paulo, à frente da Avenida Paulista e da Oscar Freire²⁰⁸. Já pela Planta Genérica de Valores (PGV) proposta pela Prefeitura de São Paulo, a 25 de Março também aparece como um dos locais que mais valorizaram nos últimos anos, ocupando a terceira posição na cidade (R\$ 5.292), após a Av. Paulista e a Faria Lima²⁰⁹. Há uma diferença de valores, pois nem sempre os dados oficiais informados pelo poder público, são os, efetivamente, praticados. Na região da 25 de Março, é comum que os proprietários estabeleçam entre si, os valores dos imóveis, que pertencem, em grande parte, aos imigrantes sírios e libaneses e descendentes, embora os chineses também tenham

²⁰⁴ KNOWLTON, Clark S. *Sírios e Libaneses...* op.cit.

²⁰⁵ UNIVINCO. *Guia Oficial da 25 de Março e Região*. São Paulo: On-Line, n. 1, [2006 ou 2007].

²⁰⁶ TNS RESEARCH INTERNATIONAL. *25 de Março: Laboratório de Consumo*. 2009. Disponível em: < www.tnsglobal.com.br/site2006/mkt/varejo/25.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2013.

²⁰⁷ GENESTRETI, Guilherme. Preço baixo, variedade e tradição atraem 1 milhão de pessoas por dia à 25 de Março.... op.cit.

²⁰⁸ UNIVINCO. *Guia Oficial da 25...* op.cit.

²⁰⁹ ZANCHETTA, D.; GRANDI, F.; BRANCATELLI, R. Av. Paulista se valoriza ainda mais. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 19 nov. 2009. Disponível em: < www.estadao.com.br>. Acesso em: 03 jul. 2013.

conseguido adquirir alguns estabelecimentos. Além disso, na região, é utilizada a prática de cobrança de luva²¹⁰. Durante a pesquisa da graduação, realizada em 2008, uma loja grande, pertencente a uma família árabe, foi alugada para um comerciante chinês, sendo que o valor da luva foi de um milhão de reais e o aluguel de R\$ 70.000 mensais²¹¹.

Ao observar a rua 25 de Março e adjacências é impossível encontrar uma placa de vende-se ou aluga-se. A valorização dos imóveis é tão grande que, conforme reportagem da *Isto É Dinheiro*, não há uma corretora que atue na área. Assim a quase improvável notícia de venda de um ponto comercial no local gera rumores rapidamente entre os comerciantes, formando uma lista de interessados em pouquíssimos dias²¹².

Embora muitos sírios e libaneses tenham saído comercialmente da região, o controle imobiliário ainda permanece em grande parte em suas mãos, pois como a rentabilidade é alta com a atividade imobiliária, é raro alguém que queira vender o ponto no local. Ainda assim, os chineses estão conseguindo comprar alguns imóveis na região. Logicamente, este é um processo muito lento e que tem um limite relativamente estrito para entrada desse grupo. Lourenço Chohfi Filho conta:

Os árabes continuam com os imóveis, mas não com o comércio... apesar que os chineses já compraram muitos imóveis aqui na região...

Simão Mouawad diz que os inquilinos são, em grande parte, chineses:

... o preço na 25 de Março ficou proibitivo pela invasão chinesa. Eles pagam qualquer valor de aluguel, eles pagam qualquer valor de instalação...

A valorização imobiliária traz duas implicações perceptíveis no comércio da região. A primeira delas é uma expansão das redes já consolidadas, ou mesmo a abertura de mais de uma loja da mesma empresa, o que pode acontecer utilizando-se o mesmo nome fantasia ou não. Normalmente, essas são as empresas mais antigas e pertencem aos sírios, libaneses e descendentes. Assim, há uma

²¹⁰ A luva é um valor pago adiantado pelo inquilino ao proprietário de um imóvel, para a assinatura do contrato de locação.

²¹¹ Dados obtidos através de conversas informais com comerciantes da região

²¹² OS DONOS da rua. *Isto É Dinheiro*, [São Paulo], n. 584, dez. 2008. Disponível em: <istoedinheiro.com.br/>. Acesso em: 03 jul.2013.

permanência da etnia neste sentido. Para conseguir um ponto na região, é preciso capital disponível, bem como poder de negociação, que passa frequentemente pelas relações pessoais e pela etnicidade. Nestes quesitos, essas redes têm uma grande vantagem. Observa-se que a Niazi Chohfi (família Chohfi) e a Festas e Fantasias (família Sfeir) aumentaram seu número de estabelecimentos na área. O Depósito de Meias São Jorge (família Sucar Dib), a Semaan (família Mouawad), a Afife (família Mouawad), o Jacob Cozinha Árabe (família Mauad) também abriram mais unidades. Há algumas empresas, de uma mesma família, que cresceram, porém usando nomes fantasias diferenciados, como por exemplo, a Ansarah e a Intimus 25 (família Ansarah) e o Armarinhos Universal e a Comercial Brasil (família Kaloussie). É importante observar que além da relação entre valorização imobiliária e expansão das redes, também atuam outros fatores como aumento de lucratividade, consolidação da marca, entrada de filhos e netos na administração, metas de crescimento, etc.

A segunda implicação é o processo de abertura de novas galerias e *shoppings* na região, num ritmo muito acelerado. A mais antiga de todas é a Galeria Pagé, de 1963, pertencente à família armênia Kherlakian. Inicialmente, seus doze andares deveriam abrigar dez lojas cada, que depois se dividiram em diversos *boxes*. Na década de 1990, foram abertos três novos *shoppings*, duas unidades do *Shopping 25 de Março* e o *Shopping Mundo Oriental*, pertencentes ao imigrante chinês Law Kin Chong²¹³. A partir dos anos 2000, essa dinâmica se ampliou e vem se intensificando ainda mais nos últimos anos, estando diretamente relacionada ao alto valor do metro quadrado na região. Estas galerias e *shoppings* possuem dimensões menores e a propriedade do imóvel, normalmente, é de árabes, chineses ou brasileiros. É extremamente lucrativo para o dono do imóvel, ao invés de alugar para um único inquilino, transformar o local numa galeria e dividi-la em vários *boxes*.

Ao realizar o levantamento dos estabelecimentos comerciais, tanto para a pesquisa de graduação quanto para a dissertação, foi possível acompanhar esse processo por cinco anos. Em uma conversa informal, em 2011, com a antiga proprietária da loja Bolnac, na rua Afonso Kherlakian, filha de imigrantes armênios, ela disse que havia decidido fechar a loja, aberta por seu pai, e que iria reparti-la em

²¹³ PIZA, Douglas de Toledo. *Um pouco da mundialização contada a partir da região da rua 25 de Março: migrantes chineses e comércio "informal"*. FFLCH-USP: Dissertação de Mestrado, 2012.

boxes e alugá-los. Em 2013, a reforma já havia sido concluída e a pequena galeria estava em funcionamento.

Outro exemplo interessante é a do *Shopping Fonte Luminosa*, localizado no número 950 da rua 25 de Março. Em 2008, ainda funcionava no local, uma unidade do Armarinho Ambar. Esse ponto, no entanto, ainda pertence à família de Jean Bittar, que teve uma loja no local, como pode ser observado nas seguintes imagens:

Figura 22 — Nota sobre a abertura da loja de Jean Bittar na coluna Cascavel - o que vai pelo clubinho, na Revista Sírio

o que vai pelo clubinho
cascavel

algum tempo, voltamos com os nossos e informações e resumindo a vida nesses últimos seis meses.

grande gala, no casamento de Nilda do Alberto Abrão. A Catedral Ortodoxa recebeu o feliz casal. A presença do sr. Wagih Kappaz os conviu com recebidos com magnífico buffet.

as com tristeza do Cônsul Kodor e a, cuja afabilidade entre nós foi no-

- Jean Bittar inaugurou uma loja monstro na 25 de março. Snobando hein Jean?
- Alguém quer muito saber para quem pende o coração da Jurema.
- O Presidente Antonio Rizkallah está preparando uma grande surpresa para os nossos associados. Já sabemos e não queremos estragar o sabor da novidade.
- Marcia Chacur é um dos brotos revelação deste ano no Sírio.

Fonte: CASCABEL – o que vai pelo clubinho. *Revista do Esporte Clube Sírio*, São Paulo, n.66, p.4, jul. 1968.

Figura 23 — Propaganda da loja de Jean Bittar, na Revista do Esporte Clube Sírio

IMPORTAÇÃO E COMÉRCIO
Jean Bittar s.a.

ARMARINHOS
E CONFECÇÕES

Rua 25 de Março, 948-950 — Fones 36-5692 e 36-1333

Fonte: REVISTA DO ESPORTE CLUBE SÍRIO [anúncios de propaganda]. São Paulo, n.66, p.26, jul. 1968.

Figura 24 — Shopping Fonte Luminosa

Fonte: Foto da autora, 2013.

O levantamento dos estabelecimentos comerciais também permitiu comparar os anos de 2008 e 2013. A área estudada em 2008 foi menor, logo, só foi possível analisar as ruas que foram inventariadas nessas duas fases. Considerando-se o perímetro comparado, o crescimento do número de galerias e *shoppings* foi de aproximadamente 88% (18 para 34). As vias responsáveis por esse crescimento foram a Abdo Schahin, aumento de 200% (um para três), a própria 25 de Março, crescimento de 180% (cinco para quatorze) e a Afonso Kherlakian, ampliação de 125% (quatro para nove). A Barão de Duprat manteve seu índice (oito centros comerciais), enquanto a Cavaleiro Basílio Jafet e a Carlos de Souza Nazareth continuaram sem apresentar galerias e *shoppings*.

Esse aumento é diagnosticado pela maior parte dos empresários entrevistados, que também apontam uma maior rentabilidade para os donos dos imóveis, nesses espaços de comércio. Lourenço Chohfi Filho conta:

... pode ver que o Law tem um *shopping*, o Law tem quatro *shoppings* aqui e fora o Law, tem vários. Todas as lojas agora, tão montando um *mini-shopping*, não sei se você reparou, porque o aluguel é muito caro para o pessoal pagar, então ela prefere dividir e botar vários produtos e ser um *mini-shopping*, entendeu?

O aumento do número de galerias e *shoppings* traz também uma nova formatação para o comércio, como aponta Regina Maatouk:

... não existia aquele shopping, o *Shopping 25*. Todos aqueles *outlets* não existiam, entendeu? Tudo isso mudou, mudou muito... acho que isso mudou muito o perfil da 25 de Março, mas ela continua ainda caracterizada pelos libaneses, pelos sírios...

É interessante observar que esses novos espaços de comércio servem como local de inserção para os chineses e coreanos que chegaram há pouco tempo no país e que, frequentemente não tem a situação regularizada. Como afirma Piza, nestes locais “há permissividade quanto a relações de trabalho informais, transações sem emissão de notas fiscais, revenda de produtos contrabandeados, falsificação e cópia de produtos, etc” ²¹⁴.

Gilberto Sarruf explica bem esse processo, se atentando tanto à mudança de uso do espaço comercial quanto às relações econômicas e sociais que ocorrem no interior dele:

... eu acho que a tendência, até pela rentabilidade dos negócios, a tendência é ir mudando o comércio para outro tipo de formatação. Se você olhar, muitas lojas aqui, hoje, viraram *shoppings*. São *shoppings* de *box*, então, vamos dizer, para o dono do imóvel, a rentabilidade é muito maior, ele consegue um aluguel muito mais alto e esses chineses que administram os *shoppings*, eles têm os produtos para vender, eles financiam as pessoas que vão ficar nos *boxes* e tem, vamos dizer... uma força sobre esses chineses, quer dizer, que os obriga a comprarem, a venderem e a pagarem as compras e os aluguéis... Esse pessoal trabalha sob pressão, eles são obrigados a comprar esse produto, que os próprios chineses trazem e distribuir esse produto. E a gente vê que quanto mais *shoppings* abrem, mais espaços para *shoppings* têm para abrir, porque não é uma coisa que três, quatro *shoppings*, lotou... não, é mais um, mais dois, mais cinco, mais dez e vai invadindo outras regiões também, né? Então, isso tem certa tendência a continuar crescendo a não ser que se mude a postura governamental com relação a isso, mas é uma tendência de crescimento ao longo de uns quinze anos mais ou menos.

Simão Mouawad também comenta:

... os chineses estão vindo com muita força, não sei como... eles vêm com dinheiro, não sei se é a China que empresta, eles tem que trabalhar, tem

²¹⁴ PIZA, Douglas de Toledo. *Um pouco da mundialização... op.cit*, p. 93.

que ganhar dinheiro e tem que devolver o dinheiro não sei para quem, mas verdade é que isso é uma tendência e que vai acontecer na 25 de Março, isso já aconteceu no Canadá, em grande escala, isso está acontecendo na Europa toda, nos Estados Unidos, (em) qualquer centro comercial desenvolvido do mundo.

Outro aspecto interessante é que alguns desses shoppings, como o Mundo Oriental, na rua Barão de Duprat, por exemplo, passaram a receber, além dos chineses e coreanos, imigrantes árabes recém-chegados no Brasil, provenientes da Palestina e sul do Líbano, que trabalham, em grande parte, com artigos relacionados à tecnologia. Assim, o papel desempenhado pela mascateação no início do século, acaba sendo assumido, com características diferentes, por esses espaços.

Nota-se também que os imigrantes sul-americanos, como peruanos, chilenos e bolivianos, atuantes no comércio ambulante até 2009, quando uma parceria firmada pelo governo estadual e municipal determinou a retirada dos dois mil camelôs sem regulamentação que atuavam na área²¹⁵, não se encontram muito presentes nestes locais, sendo que alguns conseguiram passar para o comércio de lojas.

Esse processo de abertura de galerias e *shoppings* ocorre também no Brás, porém mais afastado do polo comercial inventariado. A distribuição e a inserção no comércio dos sírios, libaneses e descendentes neste bairro, assim como na 25 de Março e adjacências, apresenta uma forma de distribuição heterogênea.

2.2.2 O Brás libanês e sírio

Para compreender a distribuição dos grupos migratórios no comércio do Brás, bem como entender sua formação, torna-se necessário retomar sua história.

A origem do bairro do Brás remonta a meados do século XVIII, sendo que ele permaneceu como uma área rural até a década de 60 do século XIX, quando começou um grande processo de urbanização no local. Essa nova fase esteve relacionada à construção da Estrada de Ferro Santos Jundiaí, pela São Paulo

²¹⁵ DUARTE, Sara. Polícia afugenta ambulantes e faz a taxa de furtos cair na 25 de Março. *Veja São Paulo*, 07 dez.2010. Disponível em: <www.vejasp.abril.com.br>. Acesso em: 15 fev. 2012.

Railway Company (1867), à Estrada de Ferro do Norte (1877) e à inauguração da Hospedaria dos Imigrantes (1888).

A imigração foi uma das grandes responsáveis pelo crescimento demográfico da capital. Na última década do século XIX, uma grande quantidade de imigrantes entrou em São Paulo, sendo que parte deles se fixou diretamente na cidade. Muitos dos que chegavam de forma subvencionada com destino à lavoura cafeeira, após trabalharem no campo por um tempo, se dirigiam para a zona urbana. Havia também aqueles que desembarcavam antes de chegar à Estação do Brás, junto à Hospedaria e optavam por permanecer no entorno deste local.

A industrialização também já estava em processo no final do século XIX, sendo que a São Paulo Railway Company determinou a formação de uma faixa industrial, compondo um arco a leste e ao norte do centro da cidade em terrenos baixos e úmidos. Assim, tanto a “Inglesa” quanto a Estrada de Ferro Central do Brasil exerceram uma influência decisiva no povoamento e valorização dos bairros do Brás e da Mooca, onde se instalou a maioria dos trabalhadores devido à oferta de trabalho e o baixo valor dos terrenos²¹⁶. Como grande parte dos operários da indústria era italiana, esses bairros acabaram sendo dominados por esse grupo migratório.

A partir da década de 1940, iniciou-se a entrada de nordestinos, em razão da seca, enquanto diminuía a chegada de italianos. A década de 1950 também foi marcada por essa migração. Neste mesmo período, a população residencial do bairro decrescia, concomitantemente ao desenvolvimento da indústria e do comércio.

Ainda na década de 1950, iniciou-se o processo migratório boliviano, que se intensificou na década de 1980.

É nesse contexto que os imigrantes sírios e libaneses começaram a se inserir no bairro do Brás. Embora a ocupação do Brás por essa etnia seja mais notável a partir da década de 1940-1950, levantamentos anteriores já indicavam uma tendência de concentração. Em 1934, 5,83% dos sírios e libaneses estavam estabelecidos nessa área, conforme dados dos relatórios publicados do censo, índice superior à maioria dos distritos da capital²¹⁷.

²¹⁶ TORRES, Maria Celestina. *O Bairro do Brás*. São Paulo: Gráfica Municipal de São Paulo, 1981.

²¹⁷ KNOWLTON, Clark S. Sírios e Libaneses... *op.cit.*

Inicialmente, se fixaram ao longo das ruas Rangel Pestana e Celso Garcia, que constituíam centro ativo de compras nos distritos pelas quais passavam, possuindo localização estratégica. A seguir, eles ocuparam as ruas Oriente, Silva Telles, Miller, Barão de Ladário, entre outras, dedicando-se às confecções²¹⁸.

Os imigrantes coreanos que atualmente correspondem a uma parcela significativa do comércio na região, começaram a chegar ao Brasil, oficialmente, a partir de 1963. Eles optaram por se estabelecer na cidade, inicialmente na Baixada do Glicério e posteriormente no Brás²¹⁹. As lojas mais antigas pertencentes a coreanos são do final da década de 1970 e início dos anos de 1980, como foi diagnosticado através da realização do inventário. No entanto, a grande maioria é mais recente.

Não há aprofundamento de estudos sobre o comércio ou a presença árabe no Brás. Normalmente, as pesquisas sobre esta região estão direcionadas para a indústria, a imigração italiana, a presença boliviana, as relações de trabalho entre coreanos e bolivianos ou as formas de produção das confecções coreanas. Dessa forma, não há análises do início da inserção sírio-libanesa no local, como encontramos sobre a 25 de Março.

É perceptível que o comércio no local se estruturou baseado nos diversos grupos étnicos que se encontravam na região quando esta começou a se consolidar como zona comercial. Assim, alguns italianos passaram a se dedicar a essa atividade, normalmente com camisarias, restaurantes e papelarias; os sírios e libaneses, com lojas e confecções de jeans, restaurantes, lojas de lingerie e de cama, mesa e banho; os coreanos e uma quantidade pequena de chineses, com moda feminina; além dos migrantes, com equipamentos (como cabides e prateleiras), lojas de jeans e de vestuário.

Atualmente, a distribuição dos grupos migratórios no perímetro inventariado, apresentada anteriormente (ver gráfico 2), é bastante polarizada entre árabes e coreanos. Assim, os primeiros perfazem 29,06% do total das 723 lojas contabilizadas, enquanto os segundos correspondem a 30,58%. Há diferenças entre o perfil étnico do comércio da área e o verificado na 25 de Março, os chineses são, numericamente, inexpressivos, sendo responsáveis por apenas 1,52% das

²¹⁸ AMADIO, Macedo. *Desenho urbano e bairros centrais de São Paulo- Um estudo sobre a formação e transformação do Brás, Bom Retiro e Pari*. FAU-USP: Tese de Doutorado, 2004.

²¹⁹ LABORATÓRIO DE ESTUDOS URBANOS. Disponível em: <www.labeurb.unicamp.br>. Acesso em: 08 jul. 2013.

empresas. Os armênios também têm pouquíssima representatividade (0,13%), enquanto os migrantes têm maior relevância (9,82%).

Outra diferença importante é a própria composição do grupo 'árabes'. Enquanto na rua 25 de Março e adjacências, há um relativo equilíbrio entre os sírios e libaneses (7,46% contra 12,65%, respectivamente), no Brás, a quase totalidade é composta por estes últimos (26,42% contra 1,66%). Isto pode ser compreendido pela inserção mais recente no bairro do Brás, em um momento em que a imigração síria havia diminuído e os passaportes libaneses eram, em sua totalidade, emitidos com nacionalidade correta.

É importante observar que embora os coreanos possuam uma quantidade um pouco maior de lojas, suas firmas são, em grande parte, de pequeno e médio porte, além de terem uma área (espaço físico) menor.

Percebe-se que existem diferenças significativas na forma de distribuição dos grupos mencionados na área, havendo concentrações dos imigrantes sírios, libaneses e, em menor número, palestinos em algumas ruas e até mesmo, quarteirões do perímetro. As tabelas 8 e 9 mostram essa distribuição:

Tabela 8 — A concentração dos sírios e libaneses no comércio do bairro do Brás

Ruas	Sírios e Libaneses	
	Números Relativos	Números Absolutos
Rua Joli	60%	12
Rua Xavantes	45,45%	25
Rua Maria Marcolina	44,86%	48
Rua Maria Joaquina	35,55%	16
Rua Mendes Júnior	34,48%	20
Rua Miller	31,58%	36
Rua Barão de Ladário	21,25%	17
Rua João Teodoro	19,67%	12
Rua Júlio Ribeiro	15,79%	6
Rua Casemiro de Abreu	9,30%	8
Rua Silva Teles	8,47%	5

Fonte: Elaborado pela autora, 2013.

Tabela 9 — Distribuição dos principais grupos migratórios no comércio do bairro do Brás

Ruas	Libanês	Sírio	Sírio - libanês	Armênio	Chinês	Coreano	Migrante	Italiano
Rua Joli	55%	5%	0	0	0	10%	0	0
Rua Xavantes	40%	5,45%	0	0	0	7,27%	14,54%	3,64
Rua Maria Marcolina	43,92%	0,93%	0	0	0,93%	22,43%	4,67%	0,93%
Rua Maria Joaquina	31,11%	4,44%	0	0	2,22%	4,44%	4,44%	0,00%
Rua Miller	29,82%	0,87%	0,87%	0,00%	0,87%	39,47%	6,14%	0,87%
Rua Mendes Júnior	29,31%	5,17%	0	0	3,45%	5,17%	20,68%	1,72%
Rua Barão de Ladário	20%	0,00%	1,25%	1,25%	5%	13,75%	17,50%	2,50%
Rua João Teodoro	19,67%	0	0	0	0	16,39%	19,67%	9,83%
Rua Júlio Ribeiro	15,79%	0	0	0	5,26%	47,37%	18,42%	2,63%
Rua Casemiro de Abreu	9,30%	0	0	0	0	69,76%	34,88%	2,32%
Rua Silva Teles	6,78%	1,69%	0	0	0	72,41%	1,69%	0

Fonte: Elaborado pela autora, 2013.

Observa-se que as ruas Joli, Xavantes, Maria Marcolina, Maria Joaquina, Miller e Mendes Júnior são as que apresentam a maior concentração de sírios e libaneses, sendo também muito dedicadas à comercialização e confecção de *jeans*, o que indica uma especialização dos imigrantes árabes e seus descendentes nesses ramos.

As ruas Júlio Ribeiro e Barão de Ladário são casos interessantes. A primeira possui uma quantidade relativamente baixa em relação ao restante do perímetro de firmas árabes, no entanto, ela apresenta uma concentração de restaurantes desse grupo migratório. Ambas as ruas têm maior quantidade de estabelecimentos coreanos, o que pode ser justificado pela existência do Shopping Mega Polo Moda, que consiste num *shopping* com mais de 400 lojas, em grande parte de moda feminina para revenda, atraindo lojas do mesmo ramo para seu entorno, que tradicionalmente é um segmento em que a presença árabe é pequena.

Na rua Barão de Ladário, há uma concentração árabe grande em dois quarteirões, que possuem três restaurantes, um empório e a Mesquita do Pari. Neste trecho da rua, a sensação é de se estar em alguma cidade libanesa. Os comerciantes entram e saem dos estabelecimentos falando árabe.

As ruas Silva Teles e Casemiro de Abreu apresentam uma pequena porcentagem de empresas de origem síria e libanesa, em contrapartida, são as que apresentam maior quantidade de coreanos, sendo vias dominadas pelo comércio de moda feminina.

No Brás, a distribuição dos grupos migratórios dentro do perímetro está estritamente relacionada à segmentação do comércio quanto ao tipo de produto vendido. Esta atuação dos sírios e libaneses em determinados ramos comerciais também é perceptível na rua 25 de Março e adjacências, sendo que essa especificidade de atuação comercial ocorreu desde o princípio da entrada da etnia no Brasil.

2.3 A ramificação no comércio

Ao observar a região da rua 25 de Março e do Brás, percebe-se que atualmente os sírios e libaneses se concentram em determinados segmentos do comércio: armarinhos, tecidos, jeans, alimentício, dentre outros. Essa especialização comercial pode ser observada desde o início da inserção deste grupo na cidade e no país. Os gráficos abaixo, relativos a estas áreas, são interessantes, pois mostram uma diferença nítida de atuação dos sírios e libaneses, comparados aos demais grupos migratórios.

Gráfico 3 — Lojas por categoria de produto: Rua 25 de Março e Adjacências

Fonte: Elaborado pela autora, 2013.

Gráfico 4 — Sírios e libaneses - lojas por categoria de produtos: Rua 25 de Março e Adjacências

Fonte: Elaborado pela autora, 2013.

Gráfico 5 — Lojas por categoria de produto: Bairro do Brás

Fonte: Elaborado pela autora, 2013.

Gráfico 6 — Sírios e libaneses - lojas por categoria de produtos: Bairro do Brás

Fonte: Elaborado pela autora, 2013.

Há diversas razões que explicam a escolha por um determinado ramo e grande parte delas está relacionada à característica de imigração em cadeia e às redes de cooperação e solidariedade estabelecidas. O conhecimento adquirido com outros 'patrícios', os exemplos de sucesso dos negócios e a facilidade de negociação com os fornecedores facilitaram a entrada em um desses segmentos. Hoje em dia, também se deve considerar a expansão de algumas redes de lojas, bem como a abertura de novas empresas por uma mesma família.

Ao analisar as guias de imposto de 1907 da região da 25 de março, por exemplo, que catalogavam 315 firmas, esta dinâmica era claramente perceptível: mais de 70% das lojas eram de armarinhos, tecidos no varejo e atacado. Em 1920, havia 538 estabelecimentos comerciais sírios e libaneses, sendo que 58% eram de armarinhos e fazendas, 14% comercializavam confecções e calçados, 12% eram mercearias e casas comissárias de cereais, frutas e outros produtos agrícolas²²⁰.

Guilherme de Almeida, em 1929, retrata a rua como:

Rua 25 de Março: o reino da bugiganga. Gangas e miçangas. Quinquilharia vistosa. Pechisbeque. Ouropel. Bagatela barata. E armarinhos. Um armarinho: sabonetes, colares de contas, panos, baralhos, xales, canivetes, latas de graxa, agulhas de gramofone, gravatas, tapetes, berloques, sandálias, malas, alfinetes, cromos, espelhos, carretéis, bonecas, *narguilés*, ferramentas... cores e luzes: cor-de-rosa vivo, azul vivo, verde vivo, laranja vivo — e luz elétrica em cima. O reino da bugiganga. Outro armarinho entre

²²⁰ KNOWLTON, Clark S. *Sírios e Libaneses... op.cit.*

dois armarinhos, em frente de outro armarinho entre dois armarinhos: — ninguém teme a concorrência. Idem com os atacadistas estabelecidos paredes-meias: — venda em grosso de fardos grossos de fazendas grossas, com homens grossos de grossos bigodes, falando grosso...²²¹

2.3.1 Armarinhos

Entende-se por armarinhos, o comércio de miudezas, linhas, agulhas, alfinetes, pentes, grampos, tesourinhas, que foi o tipo de artigo vendido por muitos mascates sírios e libaneses, juntamente com os tecidos. Muitos traziam essas mercadorias na viagem e já vinham preparados para o comércio ambulante, como ocorreu com Benjamin Jafet, que comprou um carregamento de tecidos, pentes, perfumes, dentre outros produtos, em Marseille, uma das cidades portuárias que funcionava como escala na viagem de imigração do Líbano e da Síria para o país.

Esses imigrantes, muitas vezes, já traziam inclusive a mala que iriam utilizar na atividade de mascateação, normalmente uma caixa muito pesada, que levavam nas costas. Esta caixa se assemelhava a uma arca de 40 X 50X 80 cm, e continha gavetas em seu interior²²², assim, essas malas se pareciam com armários pequenos, e, portanto, armarinhos.

Logicamente, outros grupos migratórios já haviam se dedicado à mascateação, porém houve uma grande diferença de intensidade, fazendo com que a ideia de mascate com suas caixas de mercadorias estivesse estritamente associada aos sírios e libaneses²²³. Sérgio Zahr explica:

... sobre armarinho, você sabe o que é armarinho? De onde veio? Comércio de miudezas, né? linha e tal... mas de onde veio essa palavra? Veio... foi introduzida na língua portuguesa pelo Machado de Assis, é isso, num livro chamado Relíquias da Casa Velha, baseado no que os árabes quando eles vinham para o Brasil, eles carregavam as malas enormes, né? que era do tamanho de um armário, então elas tinham muitas divisões... retrós, linhas, etc e tal, esmalte e tal. Então era uma mala tão enorme... os árabes carregavam as malas e iam aos interiores, do Amazonas, nas fazendas, mascatear... Essas malas eram enormes, né? Eram verdadeiros

²²¹ ALMEIDA, Guilherme de. *Cosmópolis: São Paulo 1929*. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004, p.56.

²²² MARCOVITCH, Jacques. *Pioneiros e Empreendedores: A Saga do Desenvolvimento no Brasil*, v.1. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

²²³ MARCOVITCH, Jacques. *Pioneiros e Empreendedores... op.cit.*

armários, então, era um armário pequeno, que ficou armário de armarinho. Então, foi introduzido na língua portuguesa, armarinho, comércio de miudezas, foi Machado de Assis que introduziu e pegou, né? pegou...

Era natural que um mascate que comercializasse esse tipo de artigo, ao abrir sua loja se dedicasse a esse produto. Havia também uma demanda grande, que justificava a abertura de inúmeros armarinhos. A maioria dos dados do início do século unem as categorias armarinhos e fazendas, que aqui serão analisadas separadamente. Assim, em 1907, as guias de impostos contabilizavam 137 lojas de tecidos e armarinhos, entre as 315 firmas sírias e libanesas²²⁴.

Lourenço Chohfi Filho descreve a rua 25 de Março da seguinte forma:

... e eles montaram quando eles vieram, geralmente, da Síria, do Líbano, eles montaram distribuidores de tecidos e armarinhos, a rua era praticamente um atacado de tecidos e armarinhos, mais tecidos...

Gilberto Sarruf diz que a escolha por trabalhar nesse ramo ocorreu devido à oportunidade e ao conhecimento:

Ah bom... isso foram meus tios mais velhos... talvez foi o que surgiu de oportunidade na época, vamos vender isso que vamos dizer, existe um conhecimento melhor ou uma oportunidade de começar a mexer com isso.

²²⁴ KNOWLTON, Clark. *Sírios e Libaneses... op.cit.*

Figura 25 — Foto do Rei do Armarinho, fundado em 1926. O andar acima era sublocado para outro 'patrício' que vendia cortinas

Fonte: Acervo Memorial do Imigrante. Disponível em: < www.memorialdoimigrante.sp.gov.br >. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

Figura 26 — Rei do Armarinho, em 2013

Fonte: Foto da autora, 2013.

Atualmente, o comércio de armarinhos na região da rua 25 de Março e adjacências, representa 8,29% do total, sendo que entre os sírios e libaneses esse segmento corresponde a 12,62% (treze firmas). Nas outras áreas estudadas, não há uma presença significativa desse tipo de comércio.

Segundo pesquisa da TNS, feita em 2009, 58% dos entrevistados buscam armarinhos e aviamentos na região da 25 de Março, sendo o canal de compra mais utilizado para esse tipo de artigo, muito à frente das lojas de rua, das lojas especializadas, de *shoppings*, entre outras²²⁵. Esse dado mostra que, realmente, existe uma concentração desse comércio, não encontrada em outras regiões, que é percebida pela população. O dado também indica que por estarem historicamente relacionados à área, os armarinhos contribuíram para formação da identidade dessa rua, estando presentes na memória coletiva dos consumidores paulistanos e de outros estados que a frequentam.

Embora, ainda haja uma quantidade significativa de armarinhos no local, percebe-se que muitos comerciantes diversificaram seus produtos, enquanto outros saíram ou abriram novos tipos de empreendimento. Sérgio Zahr, por exemplo, conta que a Perfumaria Jamil era um comércio desse tipo, mas com o passar dos anos acabou mudando de setor e se especializando em produtos de beleza:

Era retrós, linha, tinha tudo, era que nem loja de interior... tinha colcha, colchas, linhas, retrós, era um armarinho... se você pegar os contratos sociais da loja, era armarinho, comércio de miudezas, tipo Ambar, mas era mais ainda, eles tinham mais variedade, porque eles importavam na época, o Brasil não tinha... eles importavam da França, da Inglaterra, depois teve uma quebra histórica, a crise de 1929. Acho que meu pai entrou numa época em que todo mundo estava sem dinheiro, eles entraram, aí ele se deu bem, porque ele começou naquela hora, quando todo mundo estava quebrado, ele entrou... ele não estava no auge, mas ele estava começando, ele não quebrou, os outros quebraram... Isso daí foi um processo (a mudança de armarinho para perfumaria)... começaram a trabalhar com perfumaria e gostaram... aí até hoje, o pessoal ficou especializado em perfumaria... foi meu tio e meu pai, que começaram essa história...

²²⁵ TNS RESEARCH INTERNATIONAL. *25 de Março... op.cit.*

Figura 27 — Antiga Nagi Zahr & Irmão, atual Perfumaria Jamil, em fotografia, tirada no dia 14 de abril de 1959. O homem mais velho, dentro do balcão, era o primogênito, Nagi Zahr, enquanto o outro, fora do balcão, com o cigarro, é Jamil Zahr, pai de Sérgio Zahr.

Fonte: Acervo familiar de Sérgio Zahr.

Figura 28 — Perfumaria Jamil, em 2013

Fonte: Foto da autora, 2013.

Além dos armazinhos, outro produto que caracterizou a inserção dos sírios e libaneses no Brasil, foram os tecidos e as confecções.

2.3.2 Tecidos, Confeções e Jeans

Os tecidos, assim como os armarinhos, estavam entre os principais artigos vendidos pelos mascates sírios e libaneses. Da mesma forma, era lógico que esses comerciantes abrissem firmas no mesmo ramo que já atuavam.

Havia uma demanda no final do século XIX e início do século XX por bens de consumo não duráveis, ocasionados pelo rápido crescimento demográfico das cidades e pelo início da industrialização, que criava uma força de trabalho assalariada. Ao mesmo tempo, a produção nacional, não era suficiente para atendê-la e a importação ainda supria o novo mercado de bens de consumo e de bens industriais²²⁶.

Até a Primeira Guerra, os sírios e libaneses já dominavam quase que exclusivamente a rua 25 de Março e adjacências com suas lojas de varejo de fazendas e armarinhos. Durante a década de 1920, os lucros obtidos durante a guerra permitiram que eles alcançassem posições mais favoráveis no comércio atacadista de tecidos e armarinhos e na indústria de confecções.²²⁷ Neste momento, a rua Florêncio de Abreu era mais valorizada que a 25 de Março, e à medida que progrediam, muitos se dirigiam para esta via.

Entre 1900 e 1943, como explica Monbeig, estava acontecendo uma crise de superprodução de café, e ficava evidente que o a economia de todo país não poderia estar relacionada apenas a uma única cultura comercial. Assim, o governo federal, apoiado pela opinião pública, buscava reduzir as importações a partir da criação de uma indústria têxtil nacional apta a transformar o algodão, produzido no Nordeste. Para isto, foi adotada uma política protecionista, que aumentava as tarifas aduaneiras sobre a importação de tecidos²²⁸.

Os novos empresários também precisavam adquirir a técnica gradativamente²²⁹ e o início da maioria das fábricas foi modesto:

Durante os últimos anos de 1900, um pequeno número de imigrantes sírios e libaneses puseram-se a manufaturar, em pequenas fábricas, qualidades

²²⁶ DEAN, Warren. *A Industrialização de São Paulo (1880-1945)*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971.

²²⁷ TRUZZI, Oswaldo. *Patrícios: sírios...* op.cit.

²²⁸ MONBEIG, Pierre. *O Crescimento da Cidade de...* op.cit.

²²⁹ DEAN, Warren. *A Industrialização de São Paulo...* op.cit.

inferiores de fazendas, fitas, rendas, bordados, meias e confecções logo vendidos por mascates e viajantes. Eram todas indústrias que requeriam um capital mínimo. Podia-se instalar uma pequena fábrica com quatro ou cinco empregados numa sala alugada, usando máquinas de costurar de segunda mão. Era muito comum que irmãos ou parentes cooperassem no mesmo negócio. Um dirigia a fábrica enquanto os outros viajavam para vender os produtos. Havia muitos reveses e falências, mas gradualmente essas indústrias prosperaram. Outros, observando o êxito, montavam fábricas idênticas.²³⁰

Em 1920, dos 91 estabelecimentos industriais sírios e libaneses, 65 operavam no setor de confecções e 12 no têxtil, dos quais oito no subsetor de malharias e meias. Nessa década, o setor têxtil cresceu muito. E embora a crise de 1929, tenha levado muitos comerciantes e industriais da colônia à falência, já que eles operavam com os maiores níveis de risco do mercado, a posição econômica relativa do grupo se manteve. Em 1934, por exemplo, entre os grupos étnicos mais importantes em São Paulo, os sírios e libaneses tinham, em média, as empresas de maior porte²³¹.

Ao longo dos anos de 1930 e 1940, esses imigrantes ampliaram e consolidaram seus negócios, monopolizando o comércio e a indústria deste setor. Durante a década de 1940, os sírios e libaneses foram responsáveis pela metade do capital aplicado em toda a indústria têxtil de São Paulo, como indica a tabela abaixo:

Tabela 10 — Distribuição do Capital Realizado por Sírios e Libaneses no Setor Têxtil
Estado de São Paulo-1940 a 1950

Setor Têxtil	1940	1950
Indústria têxtil	4%	25%
Indústria do vestuário	7%	10%
Comércio varejista de tecidos e confecções	33%	24%
Comércio atacadista de tecidos e confecções	12%	21%
Comércio misto (atac. e varej.) de tec. e conf.	16%	(1)

(1) Dado não desagregado em 1950.

Fonte: IBGE. Censos Econômicos de 1940 e 1950 apud TRUZZI, Oswaldo. *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: Unesp, 2009.

Observa-se que alguns desses empresários, tornaram-se grandes industriais. Assim, os quatro irmãos Jafet que haviam se estabelecido no comércio como varejistas, atacadistas e importadores, nas ruas 25 de Março e Florêncio de Abreu,

²³⁰ KNOWLTON, Clark S. *Sírios e Libaneses... op.cit*, p. 143.

²³¹ TRUZZI, Oswaldo. *Patrícios... op.cit*.

iniciaram na manufatura de tecidos em 1906.²³² Neste ano, inauguraram a Cia Fabril de Tecelagem e Estamparia Ipiranga, no bairro do Ipiranga, com uma área inicial de seis mil metros quadrados, que se expandiu até ocupar 100 mil metros quadrados.

Dessa forma o comércio e a indústria têxtil foram a base da inserção e da presença árabe no bairro do Ipiranga, uma vez que além da própria atividade econômica, os Jafet se instalaram residencialmente no local, em palacetes em estilo mourisco.

Os negócios da família Jafet, assim como de outros grandes comerciantes e industriais árabes, se expandiram para outros setores da economia. Em 1955, o grupo era constituído pelas seguintes empresas: Fiação, Tecelagem e Estamparia Ipiranga Jafet S/A, Mineração Geral do Brasil Ltda. Usina Siderúrgica São José S/A, Metalúrgica São Francisco S/A, Usina Santa Olímpia Indústria de Ferro e Aço S/A, De Martino S/A – Usinas Brasileiras de Ferro e Aço, Codiq S/A Construtora de Equipamentos Industriais, Têxtil Porto Ferreira S/A, Minas da Jangada S/A, Banco Cruzeiro do Sul de São Paulo S/A, Codime S/A Construtora de Equipamentos Mecânicos, Companhia Brasileira de Mineração e Metalurgia, Empresa Internacional de Transportes Ltda., Empresa Continental de Mineração S/A e Imobiliária Bom Pastor S/A²³³.

Outro empresário importante do ramo têxtil foi Ragueb Chohfi. Em 1922, ele abriu na rua Santo André (atual Abdo Schahin), a Tecidos Ragueb Chohfi, que chegou a figurar entre as 150 maiores companhias do Brasil e também, como a maior distribuidora de tecidos do país. A Companhia Têxtil Ragueb Chohfi, chegou a possuir 11 filiais instaladas nas principais capitais brasileiras. Seu quadro de funcionários teve mais de 1,2 mil pessoas, comercializando aproximadamente 13 milhões de metros de tecidos por mês, além de produtos confeccionados para os mercados de casa e vestuário²³⁴.

Lourenço Chohfi Filho, neto mais velho de Ragueb Chohfi e de Violeta Jafet (filha de Basílio Jafet), conta a história de seu avô e o ápice da Cia Têxtil Ragueb Chohfi:

²³² DEAN, Warren. *A Industrialização de São Paulo... op.cit.*

²³³ MARCOVITCH, Jacques. *Pioneiros e Empreendedores... op.cit.*

²³⁴ BARONE, Marco. Ragueb Chohfi: a história de um empreendedor. *Chams Biografias – A história de quem fez e de quem ainda está fazendo a América*, São Paulo, n.1, jun. 2011.

Bom... ele nasceu na Síria, veio para o Brasil, e começou, e era camelô aqui no Brasil, vendendo armarinhos e aí, depois, ele conheceu a minha avó. O pai da minha avó tinha loja aqui, e ele acabou adquirindo uma parte e formou a área de tecidos, que começou aqui na região, por se tratar de um ramo forte, né? Um ramo que estava prosperando muito, tecidos... Então, ele abraçou. Como ele estava no armarinho, a consequência foi o tecido e o tecido ficou mais forte que o armarinho, que ele vendia antigamente. Ele tinha até uma loja de armarinho, acho que na Consolação, quando ele tinha uns quarenta anos, quarenta e poucos, depois ele veio aqui para região, que era o forte, tecido, e continuou até os anos oitenta, noventa... foram décadas, um grande trabalhador...

... a Ragueb Chohfi foi uma das pioneiras, uma das empresas mais fortes do Brasil, ganhando prêmios de Isto É Dinheiro, quarta colocada na época no comércio em geral do Brasil, ela foi muito forte, foi muito forte, muito respeitada, teve a sua época de glória nessa área têxtil...

... deixou sua marca, né? Ela era atacadista de tecido, cama, mesa e banho, e confecção, realmente, ela era a maior que tinha na América Latina...

Durante o governo do prefeito Jânio Quadros, a praça no início da rua 25 de Março, recebeu o nome de Ragueb, sendo atualmente, o logradouro do Monumento à Amizade Síria e Libanesa, que foi transferido para o local à pedido da Univinco - dos Lojistas da Rua 25 de Março e Adjacências, na mesma administração municipal²³⁵.

Da mesma forma que os Jafet, a Cia Têxtil Ragueb Chohfi ampliou suas atividades para outros segmentos, atuando no setor imobiliário, através do Grupo São Lourenço. Assim, até 1998, Lourenço Chohfi continuou no ramo têxtil, quando encerrou os negócios nesta área. Atualmente, o grupo mantém o escritório na rua Abdo Schahin, via onde se situava a matriz, mas também possui escritórios no bairro do Itaim.

Lourenço Chohfi Filho continua:

Nós, na realidade, paramos a área têxtil de 1994 para cá, nós encerramos nossa atividade na área têxtil, porque nós éramos um dos maiores atacadistas de tecidos da América Latina até o Plano Collor. Quando chegou o Plano Collor, ele abriu totalmente o mercado, então todos, todos viraram distribuidores de tecidos do mundo, e nós comprávamos as grandes produções de todas as fábricas nacionais. Quando o Collor abriu à importação, então a própria mercadoria

²³⁵ DUARTE, M.; TREVISAN, K. Sem pé nem cabeça: o monumento da 25 de Março. O Estado de São Paulo, São Paulo, 23 ago. 2011. Disponível em: < <http://blogs.estadao.com.br>>. Acesso em: 11 jul. 2013.

importada fazia concorrência com a fábrica nacional e nós começamos a comprar também dos importadores, muita quantidade. Acontece que surgiu aquela história do contrabando de tecido, então o meu preço de venda... o meu preço de custo era o preço de venda do meu concorrente que importava, então eu fiquei sem margem para comercializar por causa da concorrência desleal, entendeu? Então eu tive que ir diminuindo a empresa, justamente por causa do contrabando de tecidos, dos importadores que sonegavam os impostos e tal. Então nós fomos parando, parando, até ir parando em todas as unidades, e paramos a empresa fazem uns dez, doze anos... quer dizer a empresa existe, mas está sem ação de ramo têxtil, ramo têxtil não tem mais... tem empreendimentos imobiliários, tem outras coisas, ramo têxtil, não...

Outro imigrante que iniciou seus negócios na 25 de Março, neste ramo, foi Assad Abdalla. Após conseguir juntar dinheiro, ele se associou a três parentes e fundou a firma Assad Abdalla & Cia. Eles montaram duas lojas, uma na atual General Carneiro e outra na própria rua 25 de Março. No início, elas forneciam mercadorias, principalmente, aos mascates recém-chegados no Brasil. Com o tempo, estas lojas, passaram a se dedicar aos tecidos. A sociedade com os parentes se desfez, e em 1932, ele iniciou uma nova, com seus filhos, a Assad Abdalla & Filhos²³⁶.

Após quatro anos de sociedade, ele decidiu expandir os negócios, fundando no interior de São Paulo, a Fiação e Tecelagem Salto, que cresceu muito e motivou a construção de outra fábrica, no bairro do Tatuapé. Esse projeto teve tanto sucesso, que em dois anos, esta fábrica mudou de estrutura e se transformou na Têxtil Assad Abdalla S.A. Os negócios continuaram se ampliando, dando origem ao grupo York S.A Indústria e Comércio.

²³⁶ FERRARI, Mariana. Assad Abdalla: arriscando no desconhecido. *Chams Biografias – A história de quem fez e de quem ainda está fazendo a América*, São Paulo, n.1, jun. 2011.

Figura 29 — Primeira Cautela da Têxtil Abdalla

Fonte: FERRARI, Mariana. Assad Abdalla: arriscando no desconhecido. *Chams Biografias – A história de quem fez e de quem ainda está fazendo a América*, São Paulo, n.1, jun. 2011, p. 56.

Figura 30 — Carta para Assad Abdalla. Há a informação que eles eram negociantes de fazendas e armazéns e a venda era por atacado.

Fonte: DOURAL. *Guia Doural – Receber com Prazer*. São Paulo, 2008, p.12.

A família Abdalla permanece na região da 25 de Março com a empresa Doural, que ocupa até hoje o mesmo espaço, o número 595 da via, antigo 141, marca que se tornou conhecida no Brasil²³⁷, pois todos os artigos como o algodãozinho, o alvejado, levavam o número da loja. Atualmente, a empresa se dedica aos tecidos, importados e utensílios para casa. Há ainda no segundo andar, um local para o público de alto poder aquisitivo, que representa uma parcela

²³⁷ DOURAL. *Guia Doural – Receber com Prazer*. São Paulo, 2008.

significativa dos consumidores da 25 de Março, correspondendo à 56% (classes A e B) da clientela, no ano de 2009, segundo pesquisa do TNS Research International²³⁸.

Figura 31 — Doural, fundada em 1905. A inscrição AA & NS (Assad Abdalla & Nagib Salem) é mantida até hoje na fachada

Fonte: DOURAL. *Guia Doural – Receber com Prazer*. São Paulo, 2008, p.9.

²³⁸ TNS RESEARCH INTERNATIONAL. *25 de Março... op.cit.*

Figura 32 — Loja Doural, em 2013

Fonte: Foto da autora, 2013.

Observa-se pelo inventário realizado, que na área da rua 25 de Março, 4,35% das lojas são de tecidos, proporção que sobe para 15,53% entre os estabelecimentos de imigrantes árabes e descendentes. Se considerarmos as lojas de *lingerie*, vestuário e cama, mesa e banho, que podem ser consideradas subsetores ou derivações desse comércio, temos 9,34% do total de estabelecimentos e 31,07% entre as lojas dos sírios e libaneses. Assim, essa concentração ainda existe, com uma porcentagem, evidentemente, menor que nos anos de 1920 a 1950.

Figura 33 — Casa Fátima, pertencente às famílias Aied e Sarkis

Fonte: Foto da autora, 2013.

Em entrevista ao Estado de São Paulo, Reginaldo Niazi Chohfi, neto do fundador Niazi Chohfi, diz que atualmente, eles vendem tecidos, mas estes correspondem a apenas 30% do faturamento da empresa, devido a uma mudança do mercado consumidor, sendo que os produtos de cama, mesa e banho, tapetes, cortinas e *lingerie* são responsáveis pelo restante²³⁹. Na região da 25 de Março, os artigos de cama, mesa e banho correspondem a 6,8% das firmas dos sírios, libaneses e descendentes (sete empresas contra as nove, do total) e as *lingeries* representam 5,82% do comércio do grupo (seis contra dez), enquanto 28% e 14% dos consumidores buscam, respectivamente, esses produtos na área²⁴⁰.

Ao observar a região do Brás, percebe-se que os tecidos em fardos não são representativos, mas as confecções de jeans que começaram a se instalar a partir de 1960, principalmente, representam 27,52% das lojas, como um todo, na área levantada e 62,43% entre os imigrantes sírios, libaneses e descendentes. O bairro é o maior produtor e exportador desse artigo da América Latina²⁴¹. Pierre Moujaes diz:

Eu cheguei ao Brasil nos anos 1970 , mesmo assim, o Brás já tava repleto de cidadãos, de comerciantes libaneses, sírio-libaneses... eles formavam o maior conglomerado de comércio no Brás. O Brás sempre foi conhecido pela confecção, especialmente de calças, antes do aparecimento do jeans, o jeans veio depois nos anos 1970, e dominou e continua dominando.

Ahmad Aref conta:

Eu, pessoalmente, sou, talvez, um dos primeiros a chegar aqui nessa região, que foi em 1968.
O Brás, além de ter parte da nossa comunidade, que morava por aqui, ela tinha uma conotação especial, que era o maior fornecedor atacadista de calça no Brasil.

A confecção de jeans na região também utilizava da subcontratação para baratear os custos das peças. Ahmad Aref diz que os japoneses faziam esse trabalho:

²³⁹ LIMA, Bianca. A Torre de Babel do Consumo. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 22 set. 2010. Disponível em: < www.estadao.com.br>. Acesso em: 11 jul.2013.

²⁴⁰ TNS RESEARCH INTERNATIONAL. *25 de Março... op.cit.*

²⁴¹ ALOBRÁS. Disponível em: <www.alobras.org.br>. Acesso em: 25 mar. 2012.

... e tinha muitas oficinas de japoneses que rodeavam o Brás, tipo Vila Carrão, Freguesia do Ó, Santana... tinham muitas oficinas de japoneses que nos serviam, isso facilitava a nossa produção de calça mais barata do Brasil.

Logicamente, ao aprenderem a técnica e terem capital disponível, alguns membros dessa colônia passaram para a confecção, como proprietários. Assim, excluindo-se os sírios e libaneses, que são a maior parcela desses empresários, o restante é assumido, quase em sua totalidade, por japoneses (mais antigos na área) e pelos migrantes, que continuam se instalando. Ahmad Aref continua:

Eles foram atrás, como os japoneses. Quando eu vim para cá para fabricar, os japoneses eram muito engajados na confecção de calça. Então, cada vez que vinha alguém lá do Japão, ele imitava os outros que estavam aqui presentes, como o italiano na abertura de restaurantes... e assim por diante.

Durante a fase de levantamento, soube-se de micro empresas de migrantes, subcontratadas por empresários sírios e libaneses que se especializaram em aviamentos. Há, por exemplo, algumas firmas que colocam os botões nas calças de diversas marcas da região.

É interessante observar também que no Brás, há uma grande diferença de distribuição dos imigrantes sírios e libaneses no perímetro inventariado, sendo que isto está muito relacionado ao tipo de artigo vendido, como indica a tabela 11:

Tabela 11 — Proporção entre o total de sírios e libaneses por rua no Brás e o número de lojas de jeans

Ruas	Sírios e Libaneses	Lojas e Confeções de Jeans
Rua Joli	60%	65%
Rua Xavantes	45,45%	58,18%
Rua Maria Marcolina	44,86%	24,29%
Rua Maria Joaquina	35,55%	62,22%
Rua Mendes Júnior	34,48%	65,51%
Rua Miller	31,58%	28,94%
Rua Barão de Ladário	21,25%	11,25%
Rua João Teodoro	19,67%	13,11%
Rua Júlio Ribeiro	15,79%	5,26%
Rua Casemiro de Abreu	9,30%	6,97%
Rua Silva Teles	8,47%	6,77%

Fonte: Elaborado pela autora, 2013.

As vias dominadas pelo comércio e confecção de jeans são aquelas que apresentam uma grande porcentagem de sírios e libaneses, como a Joli, a Mendes Júnior, a Maria Joaquina, a Xavantes e a Miller. A rua Maria Marcolina tem uma quantidade significativa de sírios e libaneses, mas parte deles se dedica ao comércio de vestuário e cama, mesa e banho. As ruas Casemiro de Abreu, Silva Teles e Júlio Ribeiro são as que apresentam a menor quantidade de empresários árabes e descendentes envolvidos no ramo têxtil, sendo que as confecções de moda feminina, em sua maior parte, pertencentes a coreanos, predominam nestas vias.

As ruas Barão de Ladário e Júlio Ribeiro, por sua vez, embora não sejam as que apresentem maior porcentagem do comércio da etnia, possuem muitos restaurantes e empórios árabes. O setor alimentício assume uma grande importância para analisar a mobilidade espacial do grupo na cidade, uma vez que os restaurantes estão presentes em todos os bairros de maior concentração destes imigrantes, sendo referências para comunidade e para população paulistana.

2.3.3 Restaurantes e empórios

A alimentação é um dos elementos identitários mais significativos de um grupo étnico e de sua interação com outra cultura. Ela também assume função importante na caracterização e identidade de uma via ou região. O trecho abaixo, já transcrito, sobre a rua 25 de Março, por volta de 1940, demonstra bem essa relação:

onde o amendoim torrado cede lugar à semente de abóbora e o quibe, sob todas as formas, sobrepuja o típico feijão com arroz brasileiro... O ambiente é francamente sírio.²⁴²

A gastronomia árabe se integrou bastante à culinária nacional; assim vemos esfihas, quibes, coalhada no cardápio de diversos restaurantes, mesmo daqueles que não tem essa origem. Ela foi muito absorvida pela população em São Paulo. Como indica Truzzi, segundo o Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares

²⁴² ARAUJO, OSCAR apud TRUZZI, Oswaldo. Patrícios: sírios... *op.cit*, p.49.

de São Paulo, um quarto das refeições servidas em lanchonetes provêm da culinária árabe²⁴³.

Embora haja restaurantes do grupo espalhados por toda a cidade, os bairros e regiões que apresentam a maior quantidade de imigrantes árabes e descendentes, possuem mais estabelecimentos desse segmento, e também os mais conhecidos e tradicionais.

Na 25 de Março e adjacências, os restaurantes e empórios sírios e libaneses correspondem a 8,74% do comércio do grupo e à 25,7% do segmento na área.

Há algumas vias que têm maior concentração. Na rua Abdo Schahin, encontramos o Empório Syrio (família Cury), fundado em 1924, o mais antigo no local, que além de doces e pães, oferece condimentos, molhos e outros produtos necessários na preparação dos pratos da comida árabe. Nesta mesma via, há o Raful Cozinha Árabe (família Rafful Doulihi) e o Jacob Cozinha Árabe (família Mauad), onde são vendidas 1500 esfihas todos os sábados²⁴⁴. Além de conhecidos na região, ambos abriram filiais no Paraíso, o primeiro na Avenida Brigadeiro Luís Antonio, próximo à Paulista, e o segundo na rua Dr. Rafael Paes de Barros.

Figura 34 — Empório Syrio, fundado em 1924

Fonte: Foto da autora, 2008.

²⁴³ TRUZZI, Oswaldo. *Sírios e Libaneses... op.cit.*

²⁴⁴ UNIVINCO. *Guia Oficial da 25 de Março e Região...op.cit.*

Na rua Basílio Jafet, encontramos o restaurante Monte Líbano (família Maatouk), fundado em 1973, pequeno e muito tradicional no local, que atua como referência para comunidade, para os comerciantes da área e para a população como um todo e que foi eleito como melhor rodízio árabe da cidade pela revista *Veja São Paulo*²⁴⁵. Este estabelecimento também abriu uma unidade *delivery*, no bairro de Vila Mascote, zona sul da cidade e entrega na área de Moema à Chácara Flora, incluindo bairros como Moema, Planalto Paulista e Campo Belo, que têm uma presença grande do grupo

Na rua Afonso Kherlakian, também encontramos vários restaurantes e empórios, tais como a Confeitaria Pagé (família Abdussalan e Khali), o restaurante Zattar (família Elias) e o Empório Akkar (família Nasser).

Na rua 25 de Março, há menos locais relacionados à gastronomia, sendo que em 2012, foi aberta a lanchonete Edulibano, onde ficava o Armarinhos Santa Terezinha, pertencente à mesma família (Maalouli) e mais uma unidade do restaurante Jacob.

Na rua Cantareira, temos o Ponto Árabe (família Mouawad), em frente ao Mercado Municipal, sendo que o mercado também fornece muitos itens necessários à esta culinária, como condimentos e folha de uva fresca. Rezkallah Tuma em entrevista realizada em 2008²⁴⁶, já havia feito essa observação. Mário Rizkallah tem a mesma percepção:

E o Mercado Municipal é como se fosse um mercado, como se fosse um *souk*, né? E eu acho que lembra bastante as origens árabes, né?

A rua 25 de Março e seu entorno representam a origem de diversos restaurantes que, atualmente, se localizam em outras áreas do município, como a Brasserie Victoria, que surgiu em 1947, como conta Gilberto Sarruf:

E alguns que eram daqui, já saíram, como é o caso da Dona Victoria, que nasceu aqui, começou aqui, fez fortuna aqui na 25 de Março, e depois, acabou indo para Juscelino Kubitschek e está lá até hoje na mão dos netos, né?

²⁴⁵ LORENÇATO, Arnaldo. Teste do rodízio árabe: avaliamos oito endereços paulistanos - Monte Líbano, Almanara e Casa Líbano aparecem no topo da lista. *Veja São Paulo*, São Paulo, jan. 2012. Disponível em: < www.veja.sp.abril.com.br >. Acesso em: 05 fev.2012.

²⁴⁶ Entrevista realizada em setembro de 2008.

O caminho da 25 de Março para o Itaim Bibi foi acompanhado por uma sofisticação, além de indicar uma demanda existente neste bairro por esse tipo de alimentação. Há, no local, atualmente seis restaurantes da etnia, sendo que três deles foram abertos em 2012²⁴⁷.

No Brás, a gastronomia árabe é responsável por 4,39% do comércio dos sírios e libaneses e 33,33% do setor alimentício na área. Assim como na 25 de Março, há uma diferença de distribuição destes estabelecimentos nas ruas do bairro.

A rua Barão de Ladário concentra a maior parte dos restaurantes sírios e libaneses, tais como o Abuali Churrascaria e Restaurante (família Farhat), Kapadocia Restaurante Turco (família Khatib), que apesar do nome oferece comida árabe e pertence a libaneses, o empório Sky Lebanon (família Kanthous) e o restaurante Casa Líbano (família Moussa). Todos estes estabelecimentos trabalham com comida *halal*, ou seja, permitidas pelo Islã, e que, portanto, seguem determinadas regras de produção. No caso de carnes, as normas dizem respeito à forma de abate, enquanto os suínos e bebidas alcoólicas são proibidos. Ahmad Aref diz:

O que tem aqui, na verdade, nós temos uma mesquita, vários restaurantes, açougues *halal*, você sabe que o muçulmano aqui, ele não come carne que não seja sangrada da maneira islâmica. Então, nós temos três, quatro açougues aqui.

Esse tipo de restaurante não é encontrado na 25 de Março e no Paraíso, onde a maioria dos imigrantes árabes e descendentes é cristã. No Brás, há muitos muçulmanos, havendo necessidade de restaurantes que atendam seus princípios religiosos.

²⁴⁷ BRAUN, Sophia. Oferta de restaurantes árabes cresce no Itaim Bibi - Culinária típica não vivia expansão tão intensa na mesma região fazia tempo. *Veja São Paulo*, São Paulo, dez. 2012. Disponível em: <www.vejasp.abril.com.br>. Acesso em: 20 dez. 2012.

Figura 35 — Restaurante Casa Líbano, no Brás

Fonte: Foto da autora, 2012.

Na rua Maria Marcolina, há o restaurante GMG Damascus (família Jorge), de 1943, um dos mais antigos do bairro, e na rua Miller, o restaurante Abu-Zuz, fundado por Pierre Moujaes, que relata o início do local:

Meu motivo é um pouco diferente dos outros imigrantes sírio-libaneses. Eu, na verdade, vim para Brasil, a princípio nos anos 1972, para estudar, não para trabalhar e não para imigrar. A minha intenção era estudar e retornar...

No meu caso, eu vim para estudar arquitetura, porque o Brasil era naquele *boom*, naquela explosão da fama de arquiteto, a Escola de Oscar Niemeyer e outras, e retornar para o Líbano. O que me encorajou foi a presença do meu irmão mais velho que estava no Brasil, então eu vim. Dois anos depois, estourou a Guerra Civil no Líbano, e eu acabei ficando, e os planos mudaram... acabei fazendo Administração, Economia e Comércio Exterior, e meu ramo, é na verdade, era Comércio Exterior...

Durante a Guerra, quando a Guerra começou a apertar, e assim, piorar, nós temos um irmão que continuou lá e o ramo dele é hotelaria. Então nós trouxemos ele para Brasil, para trabalhar no ramo dele... ele tinha um restaurante no Líbano, falei para ele: — Bom então, vamos abrir um restaurante no Brasil.

O nome dele é Joseph, apelido Abu-Zuz, e o restaurante foi no nome dele Abu-Zuz. Por que escolhemos o Brás? Porque ele veio direto do Líbano sem conhecer uma palavra de português, abrimos no Brás porque a maior parte dos habitantes do Brás, dos comerciantes, são libaneses, sírio-libaneses, bom então, enquanto ele trabalha, ele vai aprendendo junto com a colônia, ele não vai enfrentar tanta dificuldade em linguagem... esse era o motivo.

Na rua Júlio Ribeiro, encontra-se o Rei do Falafel (família Skaf), de 1997 e o Maxifour (família Kheir), de 1992.

Figura 36 — Doces árabes no restaurante Rei do Falafel

Fonte: Foto da autora, 2011.

O Maxifour é uma importadora, indústria e distribuidora de produtos alimentícios sírios e libaneses. A empresa também produz pão sírio, fornecendo esse artigo para muitas residências e restaurantes da cidade. Além da matriz, localizada no bairro, há uma unidade na Alameda dos Nhambiquaras, em Moema, onde também funciona um restaurante árabe.

O pão sírio, essencial na culinária árabe, feito de forma automatizada, e distribuído para maior parte dos restaurantes, empórios, clubes e residências da cidade, é produzido, em quase sua totalidade, nos bairros do Brás e do Belenzinho. As duas maiores marcas, Maxifour e Sanabel são dessa região, assim como a Solo Bread.

Figura 37 — Matriz do Empório Maxifour, no Brás

Fonte: Foto da autora, 2011.

No Brás também surgiu o restaurante Halim, um dos mais tradicionais do bairro do Paraíso. Ele foi fundado em 1969 na rua Miller, com o nome de Oriente, em um prédio de três andares. No térreo, funcionava o restaurante; no segundo, a

fábrica de salgados; no terceiro, a de doces²⁴⁸. Em 1994, eles se mudaram para o Paraíso, como explica Leila Sultan, esposa de Halim Sultan:

Vimos para o Paraíso por insistência dos clientes, que trabalhavam no Brás e moravam aqui. Eles diziam que precisavam ter um restaurante tão bom como o nosso perto da casa deles. E acabamos achando a ideia boa.²⁴⁹

Neste bairro também é possível encontrar uma grande quantidade de restaurantes árabes, tanto que uma matéria da *Veja* São Paulo, tinha como título: “Quer comida árabe? Vá ao Paraíso”²⁵⁰. Dentre esses locais, pode-se citar o Jaber (família Jaber), de 1952. Jihad Chahine conta:

Sim, sim... e aquela época, há sessenta anos atrás, meu tio quando veio para cá, ele vendia na rua, ele pegava duas cestas grandes, colocava pão e doces e saía vendendo de porta em porta. Quando ele chegou aqui no Brasil, ele fazia assim, aí ele juntou um dinheirinho, para abrir um negócio e teve um amigo árabe dele que ajudou, ajudou financeiramente. A gente morava aqui na Rua Apeninos, dois quarteirões aqui atrás. Na verdade, o Jaber abriu aqui embaixo, na Vergueiro, ali na esquina. Na época, ia ter um metrô... e a passagem ali fechou, aí resolvemos vir aqui para cima, aqui ainda era aberto.

Figura 38— Restaurante Jaber, no Paraíso

Fonte: Foto da autora, 2012.

Outros restaurantes da área são o Tenda do Nilo (família Isper), o Falafillo (famílias Issa e Abdunnassir), a Confeitaria Monte Líbano (família Sleiman) e as filiais

²⁴⁸ FRANÇA, Valéria. Quer comida árabe? Vá ao Paraíso. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 24 de novembro de 2007. Disponível em: <www.estadao.com.br>. Acesso em: 10 jun. 2013.

²⁴⁹ Entrevista de Leila Sultan apud Quer comida árabe? Vá ao Paraíso. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 24 de novembro de 2007... *op.cit.*

²⁵⁰ *Idem*

do Jacob e do Raful, cujas matrizes estão na rua 25 de Março. Além destes, existem duas lanchonetes, cujos donos são migrantes, a Esfiha Chic e a Esfiha Paraíso, onde se percebe que as receitas são feitas com adaptações, diferindo bastante dos estabelecimentos tradicionais.

A Catedral, estabelecimento fundado em 1947, o primeiro do bairro do Paraíso e um dos mais conhecidos da região fechou suas portas no local, no ano de 2008. No entanto, ela foi reaberta com o nome de Confeitaria Catedral nos bairros do Ipiranga (2010), na Avenida Ricardo Jafet, e em Moema (2012), na Alameda dos Jurupis.

Observa-se uma expansão dos restaurantes e empórios para outros bairros de São Paulo. Há uma grande concentração no bairro de Moema, especialmente, nas vias entre o Planalto Paulista (onde a abertura de comércios é proibida pela lei de zoneamento municipal) e a Avenida Ibirapuera. Assim, existe o Maxifour, o Empório Samiramis e uma unidade do Jaber na Alameda dos Nhambiquaras, os restaurantes Farabbud, Arabim Restaurante e Dib Especialidades Árabes.

A presença desses empórios nesse bairro indica que há uma grande quantidade de residentes sírios e libaneses e descendentes na região, que buscam por artigos que fazem parte de seus hábitos alimentares.

Da mesma forma que na 25 de Março e no Brás, algumas dessas lojas vendem *narguillés* e outras mercadorias relacionados à cultura. Observa-se que o comércio sírio e libanês também se especializou na venda desses produtos.

Assim, além da gastronomia, do setor têxtil e dos armazinhos, os artigos árabes, as fantasias, brinquedos e pedrarias foram segmentos do comércio, escolhidos, em menor proporção, pela colônia sírio-libanesa.

2.3.4 Outros: artigos árabes, fantasias, brinquedos, bijuterias e pedrarias

Os artigos árabes começaram a ser comercializados, inicialmente, para atender as necessidades decorrentes das atividades culturais da colônia, assim havia um procura por instrumentos musicais, roupas de dança, música, *narguillés*, dentre outros. Mário Rizkallah relembra essa época:

A gente encontrava (na área da 25 de Março) bastante restaurante de comida árabe, tinham lojas que vendiam instrumentos musicais árabes.

Atualmente, existem poucos estabelecimentos que vendam exclusivamente esses artigos. Encontramos a Luxor, de Kaled Cury, na rua Varnhagen e a Casa Árabe, do cantor Tony Mouzayek e familiares, na rua Abdo Schahin. Ambas são referências no mercado de dança e música árabe, atraindo muitos consumidores, inclusive os que não têm essa ascendência, para a rua 25 de Março e adjacências. Parte dos empórios também comercializa esses produtos, como o Empório Syrio, o Maxifour, o Samiramis, dentre outros.

A loja Luxor, especializada em roupas para dança do ventre e acessórios, surgiu em 1997, ocupando parte da loja Carnival, de fantasias e artigos de época, fundada em 1970, que já pertencia à família.

Este ramo, de festas, fantasias e artigos de época, foi introduzido pelos sírios e libaneses na área da 25 de Março, entre 1970 e 1980 (a primeira loja é de 1968), sendo ainda hoje dominado por este grupo migratório. As oito lojas de fantasias existentes na Ladeira Porto Geral e na rua Varnhagen são de quatro famílias libanesas, Sfeir, Ferghali, Curi e Chohfi. Embora esse setor represente apenas 4,56% do comércio total (incluindo outras etnias) na região da 25 de Março, 51% dos entrevistados pelo instituto de pesquisa TNS Research International buscam esses produtos na região, sendo este o melhor canal de compra do segmento, muito à frente das lojas de ruas, das lojas especializadas e dos *shoppings*²⁵¹.

Figura 39 — Festas & Fantasias: artigos de festa junina e de Dia dos Namorados

Fonte: Foto da autora, 2013.

²⁵¹ TNS RESEARCH INTERNATIONAL. *25 de Março... op.cit.*

Figura 40 — Festas & Fantasias: artigos de Carnaval

Fonte: Foto da autora, 2013.

Figura 41 — Perucas expostas na porta das Lojas Millor

Fonte: Foto da autora, 2013.

Figura 42 — Bandeiras na loja Porto das Festas: a bandeira do Líbano aparece em destaque

Fonte: Foto da Autora, 2013.

A grande demanda, a fama da área da 25 de Março, bem como a caracterização da Ladeira Porto Geral e da rua Varnhagen pelas mercadorias e pelo colorido que as fantasias dão à rua, fizeram com que a escola de samba Camisa Verde e Branco criasse um samba-enredo, no ano de 2007, em homenagem ao local :

E conta a história de um rio sagrado
 ...
 Do comércio a evolução
 O porto é "geral"
 Rua 25 de Março, o seu nome é homenagem
 À primeira constituição
 ...
 Mercado de sonhos em realidade
 ...
 Imigrantes de todos os cantos
 Diversas religiões
 Trazendo na bagagem cultura e raiz
 ...
 Enfim é carnaval
 De janeiro a janeiro abrem se às festas
 O Brasil inteiro vem a ti para comprar
 Ó rua do comércio popular²⁵²

Outro segmento do comércio em que encontramos bastante sírios e libaneses é em brinquedos. Hoje em dia, 9,71% dos árabes e descendentes estão nesse mercado na área da 25 de Março, o que pode ser explicado como um caminho natural para parte daqueles que se dedicavam aos armarinhos, bugigangas e mini-brinquedos. A elitização do comércio na área, uma vez que as classes A e B correspondem a mais da metade dos consumidores, fez aumentar a procura por produtos mais sofisticados e também contribuiu para a consolidação de lojas desse segmento. Assim, empresas como a Semaan, a Koraicho (que fechou nos anos 2000), a Centro Atacadista Barão se especializaram neste artigo, procurado por 47% dos consumidores que vão à região²⁵³.

Os sírios e libaneses também se dedicaram ao ramo de pedrarias e bijuterias, que podem ser entendidas como uma derivação do comércio de armarinhos. Alguns comerciantes que vendiam aviamentos, objetos para costura, canutilhos, miçangas passaram a atuar nessa área. Como exemplo, temos a Laskani Imp. Ltda e a

²⁵² DÉ, LUCIANO, MUMU, XANDE. Das Sete Curvas de um Rio Nasce a Rua da Cultura; Religião, Comércio e Festas Populares: 25 de Março, isso é Brasil!. Disponível em: < www.camisaverde.net >. Acesso em: 16 jul.2013.

²⁵³ TNS RESEARCH INTERNATIONAL. *25 de Março... op.cit.*

Mariana Laskani Pedrarias (família Laskani), que iniciou como um pequeno negócio de pedras para isqueiro, e a Colore Pedrarias e Acessórios (família Yaub). Na rua 25 de Março e adjacências, segundo o levantamento, 5,82% dos comerciantes da etnia trabalham com estas mercadorias.

As bijuterias são um segmento importante na área citada, correspondendo a 18,87% do comércio. No entanto, além das lojas pertencentes aos árabes e descendentes, mais antigas, esse segmento verifica uma presença significativa de imigrantes chineses e coreanos, que dominam o setor, com artigos de 'modinha' e importados. Há também uma tendência de entrada de imigrantes egípcios, que vem com capital e abrem lojas grandes, sofisticadas e bem decoradas.

Embora o comércio tenha assumido papel importante na inserção e mobilidade espacial e econômica dos sírios e libaneses em São Paulo e no Brasil, o grupo levou um bom tempo para criar as primeiras associações comerciais e câmaras de comércio.

2.4 As Associações Comerciais e Câmaras de Comércio

Apesar da importância que o comércio teve para os imigrantes sírios e libaneses na inserção socioeconômica, ascensão e diferenciação profissional e na mobilidade espacial do grupo, estes imigrantes demoraram para fundar suas primeiras organizações comerciais. As relações de cooperação e ajuda da colônia, muito empregadas, não foram a princípio, formalizadas através de instituições²⁵⁴.

Esse é um dado interessante, pois muitos grupos migratórios, que não tinham o comércio como atividade principal, já dispunham desse tipo de organização. Knowlton diz: "As linha divisórias da religião, parentesco e origem não puderam ser transpostas. Apesar disso, os sírios e libaneses cooperam informalmente a tal ponto que poucas nacionalidades podem competir com eles"²⁵⁵.

A Câmara de Comércio Árabe Brasileira foi fundada em 1953, enquanto a Câmara Brasil-Líbano é de 1958. Ambas se localizam no início da Avenida Paulista, próximas ao bairro do Paraíso.

²⁵⁴ KNOWLTON, Clark. *Sírios e Libaneses... op.cit.*

²⁵⁵ *Idem*, p.147.

A Associação Comercial de São Paulo, por sua vez, já apresentava uma presença árabe desde a década de 1950, quando as disputas para as eleições da associação, resultaram em duas chapas. A primeira, liderada por João Batista Leopoldo Figueiredo, representava o comércio mais graúdo, que muitas vezes tinha relação com o exterior e era capitaneada por famílias mais tradicionais. A segunda estava mais relacionada ao pequeno comércio, sendo encabeçada por um filho de italianos, João di Pietro, tendo como vice, um filho de libaneses, Eduardo Saigh²⁵⁶.

A segunda chapa venceu a eleição por uma margem pequena. Na gestão subsequente, Eduardo Saigh assumiu a presidência, sendo seguido por outros membros da colônia: Camilo Ansarah, Paulo Maluf, Guilherme Afif Domingos e Mario Germanos, que dirigiram a associação²⁵⁷.

Outra organização comercial que foi fundada e tem uma grande presença de imigrantes sírios e libaneses é a Univinco – União dos Lojistas da Rua 25 de Março e Adjacências, que é bastante atuante no comércio e nas políticas públicas para região.

2.4.1 A Univinco – União dos Lojistas da 25 de Março e Adjacências

A Univinco, atualmente, uma associação civil, sem fins lucrativos, foi fundada no dia 14 de outubro de 1969, quando oitenta empresários da área se reuniram no escritório de Fuad Koraicho e decidiram criar um grupo, regido por um estatuto, buscando uma maior representatividade diante do poder público²⁵⁸. Rezkalla Tuma, entrevistado em 2008²⁵⁹, diz:

Sim, eu sou um dos fundadores e fui um de seus presidentes. Justamente, a ideia de formar a Univinco foi para criarmos uma força, criarmos uma unidade, projetar o nome 25 de Março e criarmos a possibilidade de uma instituição que pudesse defender o interesse do comerciante e levar a mensagem de seus produtos e lojas para todo Brasil por meio de publicação e anúncios, e todo um trabalho e trajetória que deve ter um a instituição desse porte. A Univinco colaborou, seguiu

²⁵⁶ TRUZZI, Oswaldo. Patrícios: sírios... *op.cit.*

²⁵⁷ *Idem*

²⁵⁸ UNIVINCO. *Guia Oficial da 25 de ...op.cit.*

²⁵⁹ Entrevista realizada em setembro de 2008.

diretores e associados de suas primeiras gestões eram em quase sua totalidade da etnia. Gilberto Sarruf conta:

A Univincó, ela surgiu em aproximadamente 1970, e eram diversos lojistas da região, na sua grande maioria, descendentes de árabes, alguns não árabes, mas eram pessoas interessadas em manter a 25 de Março no foco e proteger a 25 de Março e ir em busca das necessidades para região. E eu era um dos membros da diretoria, eu era o mais novo da diretoria na época, né? E praticamente daquela época dos fundadores só sobrou eu, eu brinco... eu falo: "sobreu"...

Figura 44 — Entrega de donativos dos lojistas da região da 25 de março em colaboração à campanha, da então Primeira Dama Zilda Natel: "Um mendigo a menos, um trabalhador a mais", no dia 14 de setembro de 1971. A faixa da Univincó aparece no alto da imagem.

Fonte: Acervo Univincó

A organização é bastante atuante. Suas ações sempre foram globais, e de modo geral, visavam melhorias urbanas e o desenvolvimento do comércio. No entanto, por sua formação ser baseada nos árabes e descendentes, frequentemente, a etnicidade se fez e se faz presente no posicionamento e em medidas tomadas pela associação. Assim, o Monumento à Amizade Sírio Libanês, por exemplo, foi transferido do Parque D. Pedro II para Praça Ragueb Chohfi a partir de um pedido da Univincó ao prefeito Jânio Quadros²⁶¹. Rezkalla Tuma também conta que a primeira vez que tentou instituir a data da 25 de Março como dia oficial da comunidade árabe foi através da instituição:

²⁶¹ DUARTE, M.; TREVISAN, K. Sem pé nem cabeça: o monumento da 25 de Março. *O Estado de São Paulo...* op.cit.

A primeira vez, instaurei esta data pela Univinco, premiando os melhores empresários, em seguida a Univinco desistiu da data, eu transladei para o Club Homs, premiando as maiores personalidades...

Atualmente, apesar da diversificação étnica (os árabes, incluindo os armênios, são 23,44% do total) no comércio da 25 de Março e adjacências, a estrutura da Univinco continua apresentando uma presença síria e libanesa evidente. Rezkalla Tuma diz:

Dentro da Univinco, a diretoria ainda é composta por 60%, 70% de árabes. Isso é muito forte...

Sérgio Zahr concorda:

Da diretoria... dá 99% que é descendente... não, eu não digo 99%, mas uns 80% são descendentes.

Observando as últimas gestões, os presidentes de 1995 a 2006 eram de origem árabe, apenas de 2006 a 2008, que uma pessoa de outra ascendência assumiu a gestão da instituição. Hoje em dia, não há mais um presidente, como explica Sérgio Zahr:

Ah atualmente, não tem nem presidente... porque o presidente que tinha foi ameaçado de morte pelos ambulantes, então é... é um colegiado, não existe diretoria, é um colegiado de comerciantes.
É um colegiado de diretores... tem um estatuto, que seguir, né? Tem uma eleição, tem uma assembleia, e assembleia elege, como toda sociedade, a assembleia elege a diretoria... a assembleia, no caso, são os sócios, que elegem a diretoria. Representa-se uma chapa e eles elegem, tem os conchavos normais, como tem em todo lugar e é isso...

A relação dos sírios e libaneses com a Univinco é muito estreita, tanto que em momentos mais complicados da instituição, quem decidiu reorganizá-la e reativá-la foram empresários deste grupo migratório, como conta Gilberto Sarruf:

Então... aí a Univinco quase foi enterrada há uns doze anos atrás, porque já não existia mais união, cada um queria cuidar do seu, ficavam criticando, etc. E eu acabei ajudando a fazer um trabalho de juntar os árabes ou os interessados em manter a 25...

Gilberto Sarruf também comenta que a instituição tem se fortalecido cada vez mais:

Isso reestabeleceu uma força, hoje a gente tem muitas coisas que melhoraram na região em função desse trabalho da Univinco.

A intermediação da Univinco junto aos órgãos públicos, a partir dos anos 2000, quando se recuperou desta fase de estagnação, fez com que a 25 de Março e entorno passassem por uma revitalização urbana. Assim, foram feitas obras de mudança do piso e alargamento das calçadas, com criação de baias de carga e descarga, além da canalização dos fios aéreos no subsolo, o que deu um visual mais leve para o local²⁶².

A organização também exerceu pressão para regulamentação e retirada dos camelôs, que ocupavam a área e foram retirados em 2009, através de uma parceria firmada entre os governos estadual e municipal. Sérgio Zahr conta que as atividades da Univinco são ainda mais abrangentes, e incluem, por exemplo, ações que tornam a região mais atrativa para o consumo, como a decoração da via em períodos festivos, que movimentam o comércio:

... esse ano, 2012, foi a primeira vez que fizeram o Papai Noel, você viu? Puseram guirlandas esse ano também na rua toda, coisa que não tinha.

No Brás, há outra organização que representa os lojistas da área, a Alobrás - Associação de Lojistas do Brás. A etnicidade não esteve presente na sua criação. Ela também é menos atuante do que a Univinco, Ahmad Aref diz:

Olha, lamentavelmente, nós tentamos criar um... como que chama? Associação comercial, mas não vingou, entendeu?

Além do comércio, deve-se observar outros aspectos que permitem a compreensão dos caminhos comerciais e culturais seguidos pelos imigrantes sírios e libaneses na cidade de São Paulo. A educação, os espaços de lazer, a religião e os locais de benemerência também contam a mobilidade do grupo.

²⁶² UNIVINCO. *Guia Oficial da 25 de... op.cit.*

III Cotidiano, Religião, Educação e Lazer

Toda sociedade e todo indivíduo tem uma vida cotidiana²⁶³. O cotidiano é tudo aquilo que nos é dado a cada dia, ou seja, as relações sociais que determinam seus termos²⁶⁴, o que não significa que seu conteúdo e sua estrutura sejam iguais para toda sociedade ou para toda pessoa²⁶⁵. O mundo cotidiano é aquele em que se atua e se vive, sendo que, como afirma Heller, “Para maioria dos homens a vida cotidiana é ‘a’ vida.”²⁶⁶

Esta, por sua vez, se expressa através de práticas cotidianas, que correspondem a uma maneira de pensar investida numa maneira de agir²⁶⁷. O pensamento também é social, tanto em sua origem, quanto em suas funções e aplicações. Ele pode ser entendido como “um tráfico de símbolos significantes... sobre os quais os homens imprimiram um significado”²⁶⁸. O ordenamento destes símbolos significantes, com os quais os indivíduos se identificam, cria padrões culturais, que possibilitam tanto o entendimento, a leitura que um grupo social faz do mundo, como também, determinam suas ações, sua forma de agir e de se comportar. Estes sistemas de símbolos são construídos historicamente, mantidos socialmente e aplicados individualmente²⁶⁹.

As práticas cotidianas são, portanto, práticas culturais, que Mayol define como:

... a combinação mais ou menos coerente, mais ou menos fluída, de elementos cotidianos concretos (*menu* gastronômico) ou ideológicos (religiosos, políticos), ao mesmo tempo passados por uma tradição (de uma família, de um grupo social) e realizados dia a dia através dos comportamentos, que traduzem em uma visibilidade social fragmentos desse dispositivo cultural, da mesma maneira que a enunciação traduz na palavra fragmentos do discurso.²⁷⁰

²⁶³ HELLER, Ágnes. *Sociología de la vida cotidiana*. 4 ed. Barcelona: Ediciones Península, 1994.

²⁶⁴ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de Fazer*. 8 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

²⁶⁵ HELLER, Ágnes. *Sociología de...* *op.cit.*

²⁶⁶ *Idem*, p. 26.

²⁶⁷ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes...* *op.cit.*

²⁶⁸ GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Editora LTC - Livros Técnicos Científicos, 1989, p. 227.

²⁶⁹ GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas...* *op.cit.*

²⁷⁰ CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. *A invenção do cotidiano: morar, cozinhar*. 2ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1996, p.39-40.

As práticas cotidianas são as apropriações e reapropriações que uma sociedade faz do mundo a partir de códigos sociais, definidos culturalmente. Elas apresentam continuidades e permanências, mas também retrocessos, o que indica que a vida cotidiana também tem uma história²⁷¹.

Estas práticas envolvem o falar, o escrever, o ler, o cozinhar, o habitar. Ao analisar a mobilidade dos sírios e libaneses em São Paulo, a prática do espaço urbano e as maneiras de se frequentar um lugar, assumem maior importância nessa pesquisa.

3.1 As Ruas e Bairros

O curso da vida cotidiana envolve o encontro de pessoas em qualquer lugar, as quais, Geertz chama de consócios. Esses indivíduos:

... compartilham, assim, embora breve ou superficialmente, de uma comunidade não apenas no tempo, mas também no espaço. Eles estão “envolvidos na biografia um do outro”, pelo menos em caráter mínimo; eles “envelhecem juntos”, pelo menos momentaneamente, interagindo direta e pessoalmente como egos, sujeitos, individualidades.²⁷²

O bairro e as ruas pelos quais os indivíduos se encontram para realizar suas atividades cotidianas, sejam elas de trabalho, de residência, de educação, religiosas ou de lazer, são espaços de uma relação com o outro como ser social, da pessoa com o mundo físico e social. Os bairros e as ruas, habitualmente frequentados, também podem ser considerados como uma privatização progressiva do espaço público, realizando a conexão entre aquilo que é mais íntimo (o espaço privado da residência) e o que é mais desconhecido (o conjunto da cidade ou até mesmo do resto do mundo)²⁷³.

Para se viver num bairro ou numa região é necessário compreender como se inserir nele com o intuito de garantir a convivência, ou seja, a prática do bairro como afirma Mayol é: “uma convenção coletiva tácita, não escrita, mas legível por todos os

²⁷¹ HELLER, Ágnes... *op.cit.*

²⁷² GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas...* *op.cit.*, p.230.

²⁷³ CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. *A invenção do cotidiano: morar...op.cit.*

usuários através dos códigos da linguagem e do comportamento”.²⁷⁴ A utilização da palavra comportamento, ainda segundo Mayol, por sua vez, indica que “o corpo é o suporte primeiro, fundamental, da mensagem social proferida, mesmo sem o saber, pelo usuário” ²⁷⁵.

É preciso aderir a um sistema de valores e de comportamentos, a um código, mais ou menos conhecido por todos os usuários daquele espaço, ao qual, Mayol chama de conveniência. Ser conveniente é saber a maneira de se comportar nas diversas instâncias do bairro e quais os “benefícios” esperados pelo domínio progressivo dessas instâncias²⁷⁶.

Atualmente, ao se pensar na rua 25 de Março e entorno, no bairro do Brás ou Paraíso, que são áreas amplas com uma circulação grande de pessoas, estes códigos são mais flexíveis, porém existem e são perceptíveis. Por exemplo, observando a rotina da área da 25 de Março, percebe-se que alguns fornecedores passam bem cedo da manhã nas lojas para tomar um café com os proprietários, ou seja, esse código é essencial para o tipo de comércio e relação criado no local.

Considerando-se os imigrantes sírios, libaneses e descendentes, as regras de conveniência tornam-se mais explícitas, indicando uma hifenização da vida cotidiana nesses espaços públicos. Os códigos de conveniência hifenizados, particularizados pelo grupo em áreas da cidade são elementos importantes para a sociabilidade e bom relacionamento dentro da colônia. Esses códigos sempre foram e continuam sendo buscados pelos imigrantes sírios, libaneses e descendentes como uma forma de pertencimento ao grupo, ou seja, como uma forma de identidade, que garante reconhecimento, segurança e conforto. É importante destacar, entretanto, que embora exista essa procura, a etnicidade, como coloca Lesser, trazida e construída, por esses imigrantes são situacionais e não “identidades primordiais imutáveis”, sendo bastante flexíveis²⁷⁷.

Ao caminhar pelo Brás, pelo Paraíso e pela 25 de Março e entorno, observa-se alguns costumes adotados pelos sírios, libaneses e descendentes no uso do espaço urbano. Ahmad Aref diz:

²⁷⁴ *Idem*, p.47.

²⁷⁵ *Ibidem*, p. 48.

²⁷⁶ *Ibidem*

²⁷⁷ LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

Os hábitos que nós temos... o árabe gosta muito de bater papo, sabe? Como imigrante, em pouco tempo, ele formaliza aquela roda, e toma um cafezinho e começa a falar sobre política, sobre economia, então aonde você passar e ver um aglomerado de pessoas, você pode ter certeza que aqueles lá são árabes. É típica do imigrante árabe, entendeu?

Daniela Sucar Dib concorda:

... essa coisa de fazer uma rodinha, todo dia, todo mundo ia tomar café junto, umas coisas assim... até hoje se mantém, eu acho gostoso ver.

Padre Ziad Alkhoury, da Eparquia Greco-Melquita de Nossa Senhora do Paraíso diz:

Você me deixou lembrar uma história... desde quando eu cheguei, tinha seis ou sete homens árabes frequentavam essa praça, em frente do Correio, exatamente não sei o nome dela (Praça Oswaldo Cruz), mas era o hábito deles... todos os dias, entre dez da manhã até meio dia, esses velhinhos, cinco, seis homens se encontravam, e conversavam em árabe. Várias vezes, eu ia para colocar correspondência, eu encontrava com eles... Então, era um dos costumes desses familiares antigos que moravam no Paraíso até hoje moram, era esse encontro, pois os árabes têm uma relação mais amigável e um costume de visitar as pessoas, que não é um hábito ocidental, você vai somente quando tem uma ocasião. Os árabes não, criam ocasiões para visitar e cumprimentar tal fulano, ou tal família ou tal amigo ou para passar tempo... às vezes fumar, tomar um cafezinho, conversar, bater um papo.

O costume de se visitar as pessoas, citado por Padre Ziad Alkhoury é bastante perceptível no comércio do Brás. Ao realizar a pesquisa de campo na região, nota-se que os comerciantes passam uma boa parte do dia circulando pelas lojas de seus amigos da colônia. A 'rodinha' nessa região, realmente, se forma na porta dos estabelecimentos.

Observa-se nos três relatos anteriores que a rua é bastante apropriada por esses imigrantes e descendentes, o que é menos perceptível entre outras etnias presentes nessas áreas, como coreanos e chineses. Mário Rizkallah diz:

O cara que veio, que abriu seu negócio, aí ele fica na porta, conversando, falando em árabe...

O 'cafezinho', mencionado pelos entrevistados, também é uma prática cotidiana fundamental para o grupo, funcionando como o momento de socialização. Rosely Mitre Hannun diz:

... você passa na frente do Jaber, você vê senhores que ainda param lá na frente, vão tomar um cafezinho todos juntos, então é um ponto de encontro... na frente da igreja também, de fim de semana, de domingo, que tem a missa, você vê que o pessoal se encontra e fica batendo papo, às vezes, vai tomar um cafezinho no bar... então, acho que isso marca muito... Na frente do Halim também, ali na Rafael de Barros, então eu acho que marca assim um encontro do povo árabe nesses locais que são realmente árabes.

Daniela Sucar Dib continua:

Todo mundo chega e se encontram por aí nos cafés da região. A gente costuma receber aqui, mas daí é uma coisa bem particular nossa, mas a gente costuma receber, enfim para reunião, pessoas de fora ou não, e sempre servir um café árabe aqui... e aí o pessoal adora, sempre fala: — ai sempre bom passar aqui, porque reunião aqui, esse cafezinho impagável...

Esse gancho aí do café árabe, a gente ensinou a moça daqui, a copeira a fazer e tal, e virou meio tradição, aqui na São Jorge, pelo menos, todo mundo sempre passa para tomar um cafezinho, um café árabe...

Mário Rizkallah relembra que seu pai o levava na Leitaria Pereira, atual restaurante Guanabara, localizado na rua São Bento. Esse estabelecimento foi aberto em 1884 e era bastante requintado quando o bonde passava pelo Largo de São Bento. Era uma lanchonete tradicional em São Paulo, sendo um lugar de memória tanto para a população da cidade quanto para o grupo, que por estar concentrado na rua 25 de Março e região, o frequentava bastante. Mário diz:

Quando eu era criança, eu vinha para cá, meu pai me trazia para a Casa da Bóia, e tipo quatro horas da tarde, ele me pegava, e me levava para Leitaria Pereira, que ficava aqui na rua São Bento para eu tomar um lanche, mas ele ia encontrar os amigos dele, da região...

Niazi Chohfi, em entrevista concedida ao Portal do Envelhecimento, comenta suas idas a este estabelecimento:

A gente ficava andando pelas ruas flertando com as moças. Lá passavam as meninas mais bonitas de São Paulo. Eram tardes de cafés na Leitaria Pereira (na São Bento), lanches no Salão do Germânia (na Direita), almoços no Restaurante Guanabara (na Boa Vista) e compras no Mappin (na Praça Ramos).²⁷⁸

Além do cafezinho, faz parte da rotina dos imigrantes e descendentes nesses locais, alguns jogos e passatempos, característicos da cultura árabe. Lourenço Chohfi Filho conta que na área da 25 de Março:

O pessoal gosta de jogar palitinho de manhã, às 10:00 da manhã, os árabes... aí eles comem as comidas deles, coalhada seca, quibe, todas as coisas que você já conhece, e à tarde, jogam um pouquinho de palitinho, se reúnem nos restaurantes por aí...

Na área do Brás, foi possível ver grupos de senhores, aos sábados de manhã, na porta do restaurante GMG Damascus, jogando gamão, atividade amplamente difundida no Oriente Médio. Hassan Gharib, presidente da Associação Beneficente Islâmica - ABIB, situada neste bairro diz:

Tem (hábitos, costumes). Bastante... Um deles é aqui na Praça Santo Antônio, onde todos os árabes de domingo, eles se encontram. Uns jogam, como que fala em português? Em árabe fala zhahr... gamão, né? De domingo, e até durante a semana também jogam, mas mais de domingo. Quando se encontram, batem um papo aqui na Praça Santo Antônio. De manhã, tomam um café...

Nota-se também que alguns homens circulam pelas ruas ou ficam no interior de suas lojas com colares de contas nos bolsos ou nas mãos. Estes podem ser utilizados para descontração, relaxar, passar o tempo e também para auxiliar na contagem e concentração para as orações.

A língua árabe, mencionada em alguns dos relatos, pode ser escutada facilmente no bairro do Brás, onde há mais imigrantes da primeira geração. Nas ruas da região da 25 de Março e Paraíso, ouve-se o idioma com menos frequência, já que nesses locais, atualmente, a maior parcela dos membros da colônia é formada pela segunda e terceira geração, que muitas vezes, não aprendeu o árabe em casa ou não o utiliza em seu dia-a-dia. É interessante notar que no interior de algumas

²⁷⁸ GOLLO, Reynaldo. 72 anos de vendas na 25. *Portal do Envelhecimento*. Disponível em: < www.portaldoenvelhecimento.org.br>. Acesso em: 12 out. 2011.

galerias, como por exemplo, no Shopping Mundo Oriental, na rua Barão de Duprat e na Galeria Pagé, na rua Afonso Kherlakian, o idioma árabe voltou a ser bastante empregado, devido a inserção de imigrantes recém-chegados do sul do Líbano e da Palestina nesses espaços.

No passado, a língua era cotidianamente empregada na 25 de Março e adjacências, como relembra Simão Mouawad, em trecho de entrevista já citado:

... Eu, eu mesmo, eu vim para o Brasil em 1947 com 4 anos e meio de idade e morei perto da 25 durante quase toda minha infância e juventude com meus pais, morava na Senador Queirós, só que em 1961... montei a minha própria firma e nessa época, eu tinha já vindo com quatro anos, tinha esquecido praticamente o árabe. Aí para vocês terem uma ideia de como a influência árabe era grande, eu voltei a falar o árabe fluentemente pelo contato das pessoas que eu tinha na 25 de Março. Como minhas irmãs não falavam o árabe em casa, eu não tinha como aprender o árabe mais em casa e fui reaprender o árabe na 25 de Março...

Há casos de vendedores antigos da região, de origem brasileira, que chegaram a aprender o idioma no local através do contato com a etnia, como contou um funcionário da Casa Rafael, que durante a pesquisa de campo em 2008, estava atendendo uma cliente libanesa em árabe (essa loja já havia fechado em 2013).

Jihad Chahine também conta que um de seus funcionários, bem jovem e sem origem árabe, estava aprendendo o idioma com um senhor, considerado da família, que trabalha no local desde sua abertura.

Assim como o comportamento e os hábitos estabelecidos, a aparência e a roupa são indicadores de uma adesão ou não ao contrato implícito do bairro²⁷⁹. Em 1934, Ellis Jr, em um período fortemente marcado pela questão nacionalista e pela definição do papel do imigrante na sociedade, fazia a seguinte descrição da 25 de Março:

Por essas ruas trafegam em maioria homens trigueiros, altos, de aspecto forte, abundantemente servidos de pelos, falando idioma muito gutural e incompreensível. Muitas mulheres, com cabelos negros e olhos grandes, ilhados na cor morena de uma pele espessa; não poucos padres ortodoxos, muito barbados, metidos em suas batinas pretas, com chapéus muito altos e de formato diferente e desusado.²⁸⁰

²⁷⁹ CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. *A invenção do cotidiano: morar... op.cit.*

²⁸⁰ ELLIS JR, Alfredo. *Populações Paulistas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934, p.198.

Como o Paraíso, a região da 25 de Março e o Brás apresentaram e ainda apresentam uma presença significativa de imigrantes sírios, libaneses e descendentes, seus códigos culturais participaram da criação desses contratos. O Sheik Mohamad Al Bukai, da Mesquita do Pari, no Brás, diz:

Vestimentas também, as mulheres muçulmanas... aqui as pessoas não acham uma coisa estranha porque já costumam ver muito. Todo dia, você vai ver uma... algumas mulheres ou estas que estão a frequentar aqui...

Além da vida cotidiana claramente perceptível no bairro, na rua, as práticas cotidianas envolvem outros espaços, locais semi-públicos, como escolas, igrejas, mesquitas, restaurantes, clubes, hospitais e associações de benemerência.

3.2 Educação e Escolas

Os sírios e libaneses, assim como outros grupos migratórios, tinham a educação escolar como ponto principal e indispensável para ascender socialmente²⁸¹. Cada corrente imigratória utilizou-se da educação formal de forma extremamente diferenciada. Se compararmos os três contingentes migratórios mais volumosos, italianos, espanhóis e portugueses, por exemplo, percebe-se que os primeiros obtiveram mais posições nas escolas de elite. Da mesma forma, grupos numericamente menos expressivos, como judeus e árabes investiram com vigor na educação dos seus filhos²⁸².

Essa valorização da educação tinha origem na terra natal, onde a competição entre as seitas religiosas levaram à instauração de sistemas escolares que abrangiam a quase totalidade das aldeias cristãs do Líbano e da Síria. Os estudantes dessas escolas conquistavam empregos lucrativos nas empresas europeias que necessitavam de pessoal treinado para exercer o papel de ponte nas

²⁸¹ BITTENCOURT, Circe. *Pátria, Civilização e Trabalho-O Ensino de História nas Escolas Paulistas (1917-1939)*. São Paulo: Loyola, 1990.

²⁸² TRUZZI, Oswaldo. *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: Unesp, 2009.

relações Ocidente-Oriente; assim as vantagens de uma educação em escolas de tipo ocidental se tornavam claras para todos²⁸³.

Concomitantemente, a febre da imigração levava centenas de alunos às escolas das missões para aprender inglês, métodos comerciais modernos e adquirir conhecimento da mentalidade dos norte-americanos e europeus²⁸⁴.

Ao chegarem ao Brasil, os primeiros imigrantes encontraram poucos colégios públicos, o que, inicialmente, não constituiu um motivo de preocupação, já que neste período, a maioria eram homens solteiros que pretendiam retornar à Síria ou ao Líbano. A partir do momento que passaram a constituir família no país e a pretensão do retorno se tornou algo mais distante, a falta de escolas se tornou um fator de apreensão, levando a colônia a fundar o primeiro colégio do grupo, no final do século XIX²⁸⁵.

Em 1905, foi fundada a primeira instituição de ensino árabe pelo padre maronita, Yacoub Saliba²⁸⁶. Era um estabelecimento pequeno com instrução em árabe, localizado no atual Parque Dom Pedro. Foram abertas escolas semelhantes por outros membros do grupo que tinham alguma experiência no ensino. Estas fecharam rapidamente, pois seus fundadores frequentemente arranjavam um emprego mais rendoso e abandonavam o magistério²⁸⁷.

Nas décadas de 1910 e 1920, foram abertos outros colégios primários pela colônia, que doava dinheiro e terreno para construção destas instituições, que duraram um pouco mais²⁸⁸. Dentre estes, podemos citar o Colégio Sírio Brasileiro (1917), o Ginásio Oriental (1912), localizados no bairro do Paraíso, o Colégio Moderno Sírio (1919) e o Liceu São Miguel (1922)²⁸⁹.

²⁸³ KNOWLTON, Clark. S. *Sírios e Libaneses: Mobilidade Social e Espacial*. São Paulo: Anhambi, 1960.

²⁸⁴ KNOWLTON, Clark. S. *Sírios e Libaneses: Mobilidade Social... op.cit.*

²⁸⁵ *Idem*

²⁸⁶ IGREJA MARONITA. Disponível em: < www.igrejamaronita.org.br>. Acesso em: 05 fev. 2013.

²⁸⁷ KNOWLTON, Clark. S. *Sírios e Libaneses: Mobilidade Social... op.cit.*

²⁸⁸ *Idem*

²⁸⁹ TRUZZI, Oswaldo. *Patrícios: sírios... op.cit*

Figura 45 — Prospecto Ginásio Oriental

Fonte: TRUZZI, Oswaldo. *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: Unesp, 2009, p. 100.

Figura 46 — Alunos do Ginásio Oriental em 1935

Fonte: TRUZZI, Oswaldo. *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: Unesp, 2009, p.101.

Muitas escolas árabes utilizavam o idioma para instrução até 1925, pois os imigrantes após o término da Primeira Guerra Mundial vinham alimentando sonhos de retorno à terra de origem. No entanto, quando essas tentativas começaram a não dar certo, o ensino do idioma decresceu, juntamente com a desativação de inúmeros colégios mantidos pela coletividade²⁹⁰.

²⁹⁰ HAJJAR, Claude. *Imigração Árabe: Cem Anos de Reflexão*. São Paulo: Ícone, 1985.

A língua, por sua vez, é um sistema social e utilizá-la não significa apenas expressar nossos sentimentos, mas “ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais.”²⁹¹. Por volta de 1937, somando-se à desativação de muitas escolas, foi proibido o uso de idiomas estrangeiros nas instituições de ensino e imprensa pelo governo Vargas²⁹².

Figura 47 — Notícia sobre o Fechamento do Colégio Sírio-Libanês, na rua Santo André, atual rua Abdo Schahin

**PORQUE INFRINGIRAM O
REGULAMENTO DO ENSINO**
**duas escolas particulares estrangeiras
foram fechadas**

**Nelas, as crianças brasileiras, filhas de estrangeiros,
eram ensinadas nos idiomas de seus pais**

Foi em princípios deste ano, quando era secretário da Educação e Saúde Pública o dr. Sales Gomes, e diretor da Instrução Pública o sr. Sud Mennucci, que, em algumas escolas particulares estrangeiras, foi feita uma copiosa apreensão de material escolar redigido em diversas línguas.

Cada escola adotava os livros da sua nacionalidade. A escola polaca, ensinava por livros polacos. As escolas sírias, ensinavam, até a somar, subtrair, multiplicar e dividir na língua em que Mahomet pregou o Alcorão. Nas escolas lituanas, as crianças aprendiam a ler por livros lituanos. E tudo assim.

Relembravam cenas históricas dos seus países, os quadros pendurados nas paredes das escolas. E os próprios mapas para o ensino de geografia estavam impressos em línguas estranhas. Até os hebreus, além da Bíblia, ensinavam os pequenos israelitas nascidos no Brasil na língua de seus antepassados.

NAS ESCOLAS ITALIANAS

Tudo assim por diante. Nas escolas italianas, havia mais um inconveniente. Os livros adotados, impressos na “Libreria dello Stato”, espécie de empresa oficial, faziam desde as primeiras letras a propaganda do fascismo. E como isso não bastasse, o livro dizia que o grande progresso de S. Paulo era devido ao esforço italiano e que S. Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro eram cidades com acentuada feição italiana. O Teatro Municipal e outras obras importantes tinham sido construídas por italianos...

A Diretoria de Instrução Pública apreendeu todo esse material. Do Rio de Janeiro o embaixador italiano protestou. O Ministério das Relações Exteriores pediu informações. Como resposta, além do ofício explicando o que se passava, foi enviado parte do material apreendido.

E as escolas estrangeiras tiveram que funcionar dentro do regulamento da instrução pública, que proíbe o ensino de línguas estrangeiras a crianças menores de 10 anos, ou que ainda não saibam falar correntemente o português.

**DUAS ESCOLAS FECHADAS
PELA DIRETORIA DO
ENSINO**

Agora, há dias, por infração do regulamento, duas escolas foram fechadas, por determinação da Delegacia Geral do Ensino Privado. São elas o Colégio Sírio-Libanês e Escola D. Pedro II, denominada antigamente “Príncipe Piemonte”.

A primeira, segundo fomos informados, por ensinar as crianças menores de 10 anos, em sírio. A segunda porque a professora, uma senhora que apesar de viver há vinte anos no Brasil, mal fala o português, não podia ensinar seus alunos no nosso idioma. Para efeitos legais, essa respeitável senhora contratava uma professora brasileira que, pouco depois, despedia, continuando ela a lecionar.

As duas escolas fechadas estão instaladas, respectivamente, às ruas Santo André, 21-A, e Bresser, 37.

Desde que estejam aptas a funcionar dentro do regulamento do ensino poderão reabrir as suas aulas.

**O BRASIL DE
EM 1937**

Fonte: PORQUE Infringiram o Regulamento do Ensino. *Correio de São Paulo*, São Paulo, 25 nov.1932. Disponível em: < <http://hemerotecadigital.bn.br>>. Acesso em: 22 jan. 2013.

²⁹¹ HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A, 2006, p. 40.

²⁹² HAJJAR, Claude. *Imigração Árabe: Cem Anos... op.cit.*

Em 1939, seguindo a política educacional do governo paulista, 284 escolas de imigrantes foram fechadas. Em 1932, um grupo preocupado com o problema educacional do período redigiu o “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, que defendia o “plano de reconstrução educacional”, pelo qual o Estado prevaleceria numa ação capaz de dar unidade nacional à educação²⁹³.

Essas intenções uniformizadoras vinham sendo discutidas desde o início do século XX, como afirmava Carneiro Leão em 1924:

Num país como o nosso, da extensão territorial, da multiplicidade de raças imigrantes, da dificuldade de comunicações, da diversidade de fortunas e de possibilidades dos diversos Estados, entre si, a educação que intensificar a unidade de cultura e a unidade de espírito será a mais apropriada à preparação da homogeneidade nacional da grandeza do nosso futuro.²⁹⁴

A educação escolar, em seu processo de divulgação e recriação de saberes e práticas culturais, é fundamental na construção do imaginário popular sobre a nação²⁹⁵. Entre grupos imigrantes, essa proposta uniformizadora certamente produziu tensões, uma vez que esses indivíduos estavam em um processo de negociação de sua identidade. A segunda geração de imigrantes, mais ainda do que a primeira, ansiava se integrar à sociedade brasileira, mas permanecia a dúvida entre o que conservar de suas origens e o que absorver da cultura nacional.

Como aponta Hajjar em relação ao uso da língua árabe, o imigrante da primeira geração se via em um dilema, ele não queria perder contato com suas origens, mas também buscava se integrar à sociedade brasileira e era como se o idioma viesse a afastá-lo de sua brasilidade. O filho desse imigrante, por sua vez, tendia a negar sua arabidade para não viver esse conflito, enquanto o neto conseguia chegar mais próximo de uma solução, buscando um retorno às suas origens para compreensão de seu papel como brasileiro de origem árabe²⁹⁶.

Há alguns colégios árabes, inaugurados após o governo Vargas que permanecem abertos até os dias atuais, sendo, que todos estão relacionados à

²⁹³ BITTENCOURT, Circe. *Pátria, Civilização...* op.cit.

²⁹⁴ LEÃO, A. Carneiro. Os deveres das novas gerações brasileiras. CARDOSO, Vicentino Licínio (org). *À Margem da História da República*, p. 23 apud BITTENCOURT, Circe. *Pátria, Civilização...* op.cit.

²⁹⁵ ANDERSON, Benedict apud GASPARELLO, Arlette. *Construtores de Identidades: A pedagogia da Nação nos Livros Didáticos da Escola Secundária Brasileira*. São Paulo: Iglu, 2004.

²⁹⁶ HAJJAR, Claude. *Imigração Árabe: Cem Anos...* op.cit.

fundações religiosas. Atrás da Catedral Ortodoxa, na rua Apeninos, encontra-se o Colégio Metropolitano Ortodoxo, fundado pela Liga das Senhoras Ortodoxas, em 1948.

Também existem colégios islâmicos, mais recentes, que buscam atender aos imigrantes árabes, bem como brasileiros, seguidores dessa religião. Assim, em 2010, foi aberto o Colégio Brasileiro Islâmico, pela ABIB - Associação Beneficente Islâmica do Brasil, nos Campos Elíseos, atendendo aos filhos de imigrantes que trabalham nas galerias da rua 25 de março e adjacências e no bairro do Brás, como conta Hassan Gharib:

Antigamente nós tínhamos um colégio aqui, pequeno, na rua Paraíba, só que fechou e agora mudou para Campo Elíseos, porque a comunidade aumentou.

Ele completa e explica o currículo escolar:

Temos o colégio islâmico sim, onde temos mais ou menos, 160 alunos, que estudam, fora as matérias que são dadas em português, como matemática, geografia, história, ciências, biologia, química, física, temos só o árabe e a religião, que são duas aulas a mais, que são ligadas a ABIB...

Além desta, também existe a Escola Islâmica Brasileira, de 1967, na Vila Carrão; e as escolas Atenes - Árabe e Abu Bakr Assediq²⁹⁷, em São Bernardo do Campo, locais com uma comunidade árabe muçulmana significativa.

Os colégios árabes também eram espaços para sociabilidade da colônia, uma forma de se recriar a comunidade árabe, esta entendida como uma comunidade imaginada composta por um conjunto de significados com os quais a sociedade de uma nação se identifica²⁹⁸, na cidade, e onde as práticas culturais poderiam ser exercidas com menor preocupação em relação à conveniência, necessária em outros ambientes.

As relações entre os sírios e libaneses criadas nesses locais se mantiveram mesmo quando seus filhos começaram a entrar nos colégios paulistanos. Estes imigrantes tendiam a procurar escolas de melhor nível, o que pode ser explicado por

²⁹⁷ MESQUITA DO BRÁS. Disponível em: <www.mesquitadobras.org.br>. Acesso em: 01 ago. 2013.

²⁹⁸ ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

duas razões: a primeira constituía-se da influência ocidental das instituições de ensino fundadas por missões estrangeiras, especialmente no Líbano; a segunda era a existência de condições que viabilizaram o maior ingresso dessa etnia nas escolas de elite e faculdades em comparação com os demais grupos migratórios, devido à rápida ascensão econômica²⁹⁹.

Havia uma preferência evidente do grupo por alguns colégios e faculdades, que se baseava e a ainda se baseia nas pretensões sociais, políticas e nas condições econômicas das famílias. Ao matricular os filhos em determinada escola, também se demonstra o nível social e econômico, além de facilitar a integração com crianças das classes altas, que não tenham origem árabe, e com outros membros da colônia, ou seja, a sociabilidade interna ao grupo é mantida ou estendida a esses espaços.

Há alguns colégios que concentraram e ainda concentram os imigrantes sírios e libaneses. A escolha por uma instituição também facilitava, inicialmente, a adaptação dos filhos de imigrantes. Segundo uma ex-aluna do colégio Des Oiseaux, ela era conhecida como a “turca” e pedia que a mãe colocasse pão de padaria em seu lanche, ao invés de pão sírio³⁰⁰. Ao entrar em um colégio que já apresentava um número considerável de membros da colônia, esse processo de negociação de identidade se tornava um pouco mais fácil.

Na primeira metade do século XX, o Liceu Sagrado Coração de Jesus, fundado por padres salesianos em 1885, no bairro de Campos Elíseos, admitia alunos não católicos e formou muitos alunos de origem árabe. Ele tinha mensalidades mais baixas e era especializado em assuntos comerciais. Até 1937, a escola ministrava os cursos primário e secundário, sendo que a partir de 1938, começou a ministrar o curso de ciências econômicas em nível universitário³⁰¹.

O Colégio São Bento, fundado pelos beneditinos em 1902, situado no Largo de São Bento ao final da Rua Florêncio de Abreu, também atraía a classe média alta da coletividade. Em 1904, recebeu os primeiros membros do grupo, sendo que a partir de 1920, essa presença passou a ser mais significativa. Em 1950, foram matriculados 45 alunos brasileiros-árabes. Ambas as escolas estavam próximas da

²⁹⁹ TRUZZI, Oswaldo. *Patrícios: sírios... op.cit.*

³⁰⁰ *Idem*

³⁰¹ KNOWLTON, Clark. S. *Sírios e Libaneses: Mobilidade Social... op.cit.*

coletividade sírio e libanesa que ainda habitava ou trabalhava na região da rua 25 de Março.

Atualmente, o Colégio São Bento pela mesma razão, vem recebendo uma grande quantidade de imigrantes chineses. Em 2007, o colégio recebeu 17 alunos da etnia que não falavam português. Agora, aproximadamente metade dos 220 estudantes tem essa ascendência. Há um padre dessa origem e um departamento chinês no colégio. Oferecem-se cursos extracurriculares de mandarim e a festa junina conta com barracas de dobradura, pintura típica chinesa e jian zhi - recorte artístico de papel³⁰².

Outro colégio que formou muitos membros da colônia foi o Mackenzie. Por ser protestante, não ter fiscalização clerical e não ser proselitista, tinha a simpatia de muitos árabes cristãos, fossem eles ortodoxos, melquitas ou maronitas. O colégio oferecia cursos desde o nível elementar até o nível universitário. A maioria dos estudantes árabes que se matricularam no local se especializou em comércio.

As meninas frequentavam o Colégio Des Oiseaux, fundado em 1907 pelos cônegos de Santo Agostinho, ordem francesa, e o Colégio Nossa Senhora do Sion de 1901, erguido pela Congregação das Religiosas de Nossa Senhora do Sion, também francês³⁰³. Ambos eram frequentados pela elite de diversos grupos migratórios e assim como o Mackenzie estavam localizados nos bairros de Higienópolis e Vila Buarque, com fácil acesso à Avenida Paulista, onde residiam os membros mais ricos da colônia e ao centro.

Outro colégio masculino muito frequentado pelo grupo, um dos mais exclusivistas e com mensalidades altas, foi o Colégio São Luiz, dos jesuítas, no final da Avenida Paulista. Ele se instalou na cidade em 1918 e é procedente de Itu. A partir de 1926, o número de sírios e libaneses começou a aumentar, sendo que em 1950, o grupo correspondia a 6,2% dos 956 estudantes matriculados³⁰⁴. Mário Rizkallah conta a mudança residencial da Florêncio de Abreu para a Paulista e utiliza o colégio como referência:

Aconteceu em 1928, por aí...

Meu avô foi morar na Avenida Paulista, em frente ao Colégio São Luiz.

³⁰² GONÇALVES, Alexandre. Colégio São Bento integra chineses à realidade brasileira. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 12 jun. 2011. Disponível em: < www.estadao.com.br>. Acesso em: 16 mai. 2012.

³⁰³ KNOWLTON, Clark. S. *Sírios e Libaneses: Mobilidade Social... op.cit.*

³⁰⁴ *Idem*

Em depoimento ao Museu da Pessoa, ele afirma:

Eu fiz o curso primário no Externato Ofélia Fonseca. Depois fiz o Colégio São Luiz e mais tarde, o Dante Alighieri. E aí chegou a hora de escolher a profissão. Naquela época, há uns vinte e poucos anos, só se abria o leque para três profissões: médico, engenheiro ou advogado. Não existiam outras profissões dignas de serem chamadas assim. Pelo menos era a cultura da minha família. O Dante Alighieri era dividido em engenharia ou medicina e, por exclusão, eu fiz engenharia.³⁰⁵

Na região da Vila Mariana, atendendo aos imigrantes que haviam se estabelecido residencialmente no local e no Paraíso, o Colégio Marista Arquidiocesano, fundado em 1894, passou a receber muitos filhos da colônia. O mesmo ocorreu com o Liceu Pasteur (Liceu Franco-Brasileiro), de 1923, localizado no mesmo bairro. Nota-se que estes ainda são frequentados por descendentes que moram nessas regiões, bem como por aqueles que vêm de Moema e do Planalto Paulista.

Figura 48 — Passe Escolar da CMTc. Nota-se que o aluno estudava no Liceu Pasteur e morava na rua Tutóia, no Paraíso.

NOME DO ALUNO Jaime Elias Khoury		QUOTA MENSAL DE PASSES
N.º REGISTRO ESCOLA 475	ESCOLA Liceu Pasteur	PARA USO DA C M T C
ENDEREÇO DO ALUNO R. Tutóia, 454 4º and. ap. 43	
	BARRIO Paraíso	
	IDADE 14 anos	
HORARIO De 7 às 12 e _____ vezes por semana		CURSO: ginasial
VISTO C M T C		SÉRIE: 2 Q
FICHA DE IDENTIDADE N.º 222042		C M T C PASSES ESCOLARES

Fonte: Acervo Familiar

³⁰⁵ TRADIÇÃO no comércio. Entrevista Mário Rizkallah, publicada em 08 de julho de 2005. Disponível em: <www.museudapessoa.net>. Acesso em: 04 set. 2013.

Se o Liceu Pasteur não funcionou como um polo de atração para imigrantes franceses como coloca Pierre Monbeig³⁰⁶, ele concentrou sírios, libaneses e descendentes devido à localização, à uma administração com grande número de membros da colônia, à uma relação mais estreita de parte do grupo com a França e ao ensino do francês, mesmo quando em outros colégios, o ensino deste idioma havia começado a diminuir. O ex-prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab, por exemplo, estudou nesta escola, juntamente com seus irmãos, enquanto seu pai era diretor geral da instituição. Foi lá que ele se tornou amigo de Rubens Chammas, que viria a ocupar o cargo de diretor de Desenvolvimento e Intervenção Urbana da Empresa Municipal de Urbanização em sua gestão³⁰⁷. A mãe do atual prefeito, Fernando Haddad, filha de libaneses também se formou nesta escola, sendo que seu filho estudou no Colégio Bandeirantes, localizado no Paraíso, onde a família reside.

Atualmente, além dos colégios citados da Vila Mariana, o Colégio Bandeirantes e o Dante Alighieri, na área do Paraíso e Paulista, concentram muitos netos e bisnetos de sírios e libaneses, bem como o Consa - Colégio Nossa Senhora Aparecida e o Lourenço Castanho, nos bairros de Moema e Vila Nova Conceição, respectivamente.

Em relação ao ensino universitário, os sírios e libaneses se dedicaram, à princípio, às profissões liberais, sendo que o levantamento dos descendentes de origem estrangeira nas três faculdades de São Paulo formadoras da elite das profissões liberais (Faculdade de Direito, Faculdade de Medicina e Escola Politécnica) entre 1880-1895, levantamentos parciais e outras indicações coletadas no Mackenzie e na Escola de Comércio Alves Penteado demonstram o avanço da etnia na conquista de posições nesse mercado. É interessante observar que logo na primeira geração, houve uma entrada considerável desses imigrantes nas profissões liberais, mesmo sem o grupo ter se beneficiado de alianças conjugais com famílias tradicionais ou mais bem posicionadas economicamente. Pode-se também contrastar o número de imigrantes da primeira geração (apenas quatorze) com os 167 da segunda geração formados nas faculdades de Medicina, Direito e na Escola

³⁰⁶ MONBEIG, Pierre. O Crescimento da Cidade de São Paulo. In: SZMRECSÁNYI, Tamás. *História Econômica da Cidade de São Paulo*. São Paulo: Ed. Globo, 2004.

³⁰⁷ MANSO, Bruno. Kassab e os 11 colegas de classe da Poli que governam a cidade. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 31 jan.2009. Disponível em: < www.estadao.com.br>. Acesso em: 05 out. 2012.

Politécnica, indicando uma inserção significativa no ensino superior no decorrer de apenas uma geração³⁰⁸.

Além do Mackenzie, da Escola de Comércio Alves Penteado e das Faculdades de Medicina, Direito e Engenharia da Universidade de São Paulo, os sírios e libaneses também se concentraram na PUC- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, fundada em 1946. Na década de 1950, diversos membros da equipe administrativa, bem como o próprio diretor administrativo da instituição eram de origem árabe³⁰⁹.

Observa-se que grande parte das instituições de ensino, fossem de origem árabe ou não, tinham uma fundação religiosa, mesmo que seu ensino fosse laico. Ao se pensar na comunidade síria e libanesa em São Paulo, a religião exerceu uma função fundamental para representação e identidade da colônia como grupo, atuando também na criação de outras associações e como espaços importantes de sociabilidade.

3.3 Religião e Templos Religiosos

Na Síria e no Líbano, a religião assume função importante como formadora de identidade, sendo frequentemente mais forte do que a própria identidade nacional. Os líderes religiosos, além de suas atividades, exercem funções civis e controlam muitas das atividades seculares de seus membros. Os habitantes de cada aldeia, em geral, são de uma seita específica e as aldeias são classificadas como maronitas, ortodoxas, sunitas, xiitas, druzas e até mistas³¹⁰.

No Brasil, a maior parcela dos árabes e descendentes veio nas primeiras levadas imigratórias, sendo, que nessa fase, eles eram predominantemente cristãos³¹¹. Até o ano de 1914, a saída do Líbano, era principalmente desse grupo. Entre 1920 e 1943, começou a aumentar a saída de muçulmanos, que se manteve no período de 1943 a 1975, quando a Independência do Líbano e a Segunda Guerra Mundial intensificaram problemas latentes na região, atingindo especialmente o Vale do

³⁰⁸ TRUZZI, Oswaldo. *Patrícios: sírios...* op.cit.

³⁰⁹ KNOWLTON, Clark. S. *Sírios e Libaneses: Mobilidade Social...* op.cit.

³¹⁰ HAJJAR, Claude. *Imigração Árabe: Cem Anos...* op.cit.

³¹¹ *Idem*

Bekaa, marcado pela pobreza e baixo desenvolvimento econômico, e com uma população, majoritariamente, muçulmana. Entre 1975 e 1990, o fluxo imigratório, em razão da guerra civil, voltou a aumentar, tanto entre cristãos quanto muçulmanos³¹².

A partir de 1990, iniciou-se uma nova fase de emigração, especialmente muçulmana, que se estende até hoje, devido às dificuldades econômicas. Esse período também foi marcado pelo retorno de emigrados³¹³. Desde 2011, nota-se um fluxo de imigrantes sírios para São Paulo, que buscam fugir da situação de crise no país.

Os imigrantes cristãos se dividem no Brasil, principalmente entre ortodoxos antioquinos, maronitas e melquitas. Há grupos menores, como os sirian-ortodoxos e evangélicos. Os islâmicos, por sua vez, são principalmente sunitas e xiitas.

A Igreja Ortodoxa surgiu com este nome, em 1054, devido ao Grande Cisma entre cristãos do Ocidente e do Oriente. Os motivos que num processo lento levaram a separação da igreja foram vários: políticos, culturais e religiosos. Os cristãos do Oriente passaram a ser chamados de ortodoxos, palavra de origem grega, cujo prefixo 'ortho' significa correto, e o sufixo 'doxa' significa louvor. Os cristãos do Ocidente, por sua vez, por sua ligação à Sé Apostólica Romana e pelo primado de honra da mesma, passaram a ser chamados de católicos romanos³¹⁴.

A Igreja Ortodoxa adota rituais mais antigos, do período da criação da Igreja Cristã. Entre as principais diferenças da Igreja Católica Romana, os ortodoxos não acreditam em purgatório e na virgindade de Maria após a concepção; o celibato não é obrigatório para os padres, se o casamento for realizado antes da ordenação; e também não são utilizadas esculturas para representar os santos, apenas ícones.

A principal autoridade na Igreja Católica Apostólica Ortodoxa é o Santo Sínodo Ecumênico, que se compõe de todos os Patriarcas das Igrejas Ortodoxas e dos Arcebispos Primazes das Igrejas Autocéfalas, que se reúnem convocados pelo Patriarca Ecumênico de Constantinopla e sob sua presidência, ou seja, a autoridade é exercida de forma colegiada.³¹⁵ Essa igreja, portanto, não segue a autoridade papal.

³¹² OSMAN, Samira. *Entre o Líbano e o Brasil: Dinâmica Migratória e História Oral de Vida*. FFLCH-USP: Tese de Doutorado, 2006.

³¹³ OSMAN, Samira. *Entre o Líbano e o Brasil: Dinâmica Migratória...* op.cit.

³¹⁴ CATEDRAL ORTODOXA. Disponível em: < www.catedralortodoxa.com.br>. Acesso em: 15 fev. 2013.

³¹⁵ CATEDRAL ORTODOXA. Disponível em: < www.catedralortodoxa.com.br>... op.cit.

Atualmente, existem nove patriarcados: Constantinopla (Patriarcado Ecumênico), Alexandria, Antioquia, Jerusalém, Rússia, Sérvia, Romênia, Bulgária e Geórgia. As demais Igrejas Ortodoxas Autocéfalas são presididas por um arcebispo ou por um metropolita³¹⁶.

No Brasil e em São Paulo, a maioria dos fiéis é do patriarcado de Antioquia. Essa área pertencia à Síria até o ano de 1937, quando a França, que dominava a região, cedeu o norte do país para a Turquia, esperando receber seu apoio na Segunda Guerra Mundial. A Antioquia, onde viviam cerca de quatro milhões de sírios, pertence ainda hoje a este país, sendo que a maioria dos cristãos ortodoxos emigrou³¹⁷. Padre Dimitrios Attarian, da Catedral Ortodoxa, diz:

A Igreja Ortodoxa veio porque houve uma necessidade de acompanhar os ortodoxos que começaram a sua migração das terras onde havia perseguição ou carestia, né? Para o Brasil... por isso a igreja veio, ela não veio antes da imigração, ela veio com a imigração porque havia necessidade de manter a fé desses exilados, praticamente, ou expatriados, ou migrantes das suas terras por motivos alheios a vontade deles...

A primeira igreja ortodoxa do Brasil foi inaugurada em 1904, na antiga rua Itobi (atual Cavaleiro Basílio Jafet), na região da rua 25 de Março e chama-se Igreja Ortodoxa Antioquina da Anunciação à Nossa Senhora. A grande concentração do grupo no local, tanto para trabalho quanto para residência determinou o local de sua fundação. Padre Dimitrios Attarian, da Catedral Ortodoxa, afirmava em entrevista concedida em 2008³¹⁸:

É importante lembrar que na época de sua construção, não havia muitos recursos e ela foi erguida neste local devido à alta concentração de árabes na região, o que evitava o deslocamento das pessoas e permitia que elas frequentassem o lugar. Esta igreja começou a ser construída em 1902, sendo inaugurada em 1904, o que demonstra que há mais de cem anos, os sírios e libaneses estão na região.

³¹⁶ *Idem*

³¹⁷ HAJJAR, Claude. *Imigração Árabe: Cem Anos... op.cit.*

³¹⁸ Padre Dimitrios Attarian foi entrevistado tanto em 2008 quanto em 2013.

Figura 49 — Igreja Ortodoxa Antioquina da Anunciação à Nossa Senhora

Fonte: Foto da autora, 2008.

Esta igreja era um espaço religioso e social importante, como coloca Padre Dimitrios:

Nós temos que pensar o seguinte: durante muitos anos, nos primeiros trinta anos do século XX, década de 10, 20, 30 e 40 também, vamos supor, os primeiros quarenta anos das décadas que precederam, o início do século, a igreja era o ponto chave, principal, não havia outro. Os clubes começam a nascer depois dessa época, então as pessoas só tinham a igreja, por isso que todas as instituições nasceram aonde? Na igreja.

Diversas associações da colônia, como o Hospital Sírio-Libanês, por exemplo, surgiram no salão paroquial da Igreja Ortodoxa. Padre Dimitrios continua:

Tudo isso (os hospitais, o Hospital Sírio-Libanês) surge no salão paroquial da igreja, alguns lá embaixo ainda, porque na época da Adma Jafet, ainda estava na igreja lá embaixo. Era no salão que elas se reuniam, você vê as fotos da fundação do Sírio-Libanês, você vai ver que é feito no salão da igreja paroquial, então, mesmo que tenham sido fundadas lá e fizeram as reuniões lá... na igreja lá da 25 de Março, aquela da Basílio Jafet, né?

A dispersão residencial dos sírios e libaneses em direção aos bairros do Paraíso e Vila Mariana, bem como a melhoria do poder aquisitivo da colônia que acompanhou esse deslocamento levou a construção de outra igreja próxima à região de moradia desses imigrantes, como explica Padre Dimitrios:

... a igreja veio para cá, o terreno foi comprado na década de 1940, entre final da década de 1930, início da década de 1940, porque aqui havia já uma grande parte dos árabes, você sabe que quando os árabes chegaram eles foram primeiro para 25 de Março, né? Só que já depois da década de 1920, 1930, essa população que estava na 25, que já tinha suas lojas constituídas, eles começaram a ter um padrão de vida mais elevado, então eles começaram a migrar da 25, que já não era, nunca foi também, um posto assim, de alto nível de moradia, para regiões mais nobres. Você pode notar que ainda aqui na região do Paraíso e Jardins, Cerqueira César existe ainda uma grande concentração de árabes, a maioria deles cristãos. Há poucos islâmicos por aqui, mas é porque eles vieram mais tardiamente, mas os cristãos sim, eles estão, era muito mais antigamente, massivamente aqui. Por isso esta região foi escolhida para compra do terreno...

Assim, em 1942, com recursos de famílias ortodoxas de São Paulo e do interior do Brasil começou a ser construída a Catedral Ortodoxa, na rua Vergueiro, no Paraíso. Ela foi inaugurada em janeiro 1954, durante as comemorações do IV Centenário da cidade.

Figura 50 — Catedral Ortodoxa

Fonte: Foto da autora, 2013.

Figura 51 — Interior da Catedral Ortodoxa

Fonte: LIEBERT, Paulo. Fotos sobre Catedral- Catedral Ortodoxa. *O Estado de São Paulo*, São Paulo. Disponível em: < www.topicos.estadao.com.br>. Acesso em: 15 ago. 2013.

A Catedral Ortodoxa, projeto do engenheiro Paulo Taufik Camasmie, formado em 1934 pela Escola Politécnica, e que também viria a projetar a Mesquita Brasil, é uma construção típica da arquitetura bizantina e foi inspirada no templo de Santa Sofia, em Istambul. Seu iconostácio é bastante rico, com 65 ícones, encimados por três cruzeiros. Padre Dimitrios completa:

Bom, a Catedral, primeiro que é um monumento, tanto que ela está no roteiro cultural da cidade de São Paulo. Essa daqui, principalmente a nossa, é um facsimile, em tamanho menor, da primeira catedral que surgiu na cristandade bizantina. A igreja mãe dessa daqui, digamos assim, um modelo, é do ano 535, foi construída pelo imperador bizantino na cidade de Constantinopla, atual Istambul, na Turquia, e existe até hoje. Ela é monumento arquitetônico, porque nunca, até o ano 535, nunca se havia construído nada igual. Havia panteões romanos, que eram redondos, ou panteões gregos que eram retangulares. A Igreja de Constantinopla, ela quis mudar isso... Ela colocou um quadrado e um círculo em cima desse quadrado, como se dissesse que ela estava juntando tanto a cultura da antiguidade pagã quanto a cultura do novo cristianismo, então ela juntou. Então... é um monumento arquitetônico inigualável, porque é o primeiro feito na história da igreja, a original.

Essa, nossa catedral é um facsimile de Santa Sofia, e depois, você vê que não existe nada igual na América Latina, não só pelo tamanho, pela grandiosidade dela, mas pelo estilo de obra. Então, ela é um monumento, não só para o Paraíso, porque quando você fala de Paraíso, você lembra de

duas coisas, né? A Catedral Ortodoxa: — ah aquela do Paraíso, das cúpulas, e todo mundo conhece... e o metrô, né? O metrô Paraíso que todo mundo desce, mas são as duas coisas que vem, ou a terceira, o início da Avenida Paulista... da 23, todo mundo vê essa catedral.

A maior parte dos fiéis que frequentam a Catedral Ortodoxa, atualmente, é de origem árabe:

É uma igreja para ortodoxos, e no caso nosso, assim, sírios e libaneses, mas aqui frequentam russos, frequentam romenos que são ortodoxos, búlgaros que são ortodoxos, poucos, mas têm, alguns gregos, apesar de que eles têm uma igreja, eles frequentam aqui, porque talvez estejam mais próximos do bairro, então é uma igreja, aberta, a todos os ortodoxos, e há os outros, no caso, talvez alguns católicos... as portas estão abertas, existem católicos romanos, não digo de outras religiões, mas que é a religião mais próxima a nossa, católicos romanos que alguns frequentam...

O público das missas, especialmente aos domingos, é formado por moradores da região e por membros da colônia que vêm de outras partes da cidade. A instituição serve como polo de atração para comunidade síria e libanesa, reforçando a identidade árabe do bairro. Utilizando um exemplo familiar, lembro que meu avô saía do bairro do Itaim Bibi aos domingos, via a missa e ia ao Jaber, ou seja, passava a manhã inteira no Paraíso, local onde havia morado. Padre Dimitrios diz:

A localização, ela ajuda, porque você tem que pensar o seguinte, nós estamos num bairro central... e praticamente do lado, de muita gente que mora aqui, muitos ortodoxos ainda que moram.

Por exemplo, você tem uma igreja de bairro é uma coisa, uma igreja de colônia é outra coisa. A igreja de bairro se tem dez mil pessoas no bairro e três mil saem de férias, por exemplo, na época das festas, você não sente tanto porque os outros suprem, né? No nosso caso, às vezes, há uma menor frequência, dependendo da época do ano e das festas, feriados prolongados... então a frequência, ela oscila sim porque há épocas onde você tem uma maior concentração de gente, porque eu não lido com paroquianos da região, eu lido com paroquianos que vem de toda Grande São Paulo, do interior de São Paulo, nós temos gente que vem de Cotia, da região de Alphaville, da região de Campinas, Jundiaí, que vem aqui, são fiéis nossos, são ortodoxos.

A Catedral Ortodoxa continua a assumir uma função importante para sociabilidade da colônia, servindo como um ponto de encontro para comunidade e como vitrine social, ou seja, local de se demonstrar prestígio. Padre Dimitrios fala:

Eles arrumavam os casamentos, se conheciam, reuniam as famílias, passavam grande parte da sua manhã do domingo, e por isso que depois da missa, ninguém vai embora, existe uma socialização, onde as pessoas vão até o salão paroquial, se confraternizam, tomam um café juntas, colocam as fofocas em dia, se conhecem, isso desde daquela época, muito mais naquela época.

As festas organizadas pela Catedral, especialmente a Páscoa Ortodoxa e a Festa Junina também atraem a colônia, mesmo cristãos que não seguem essa crença. Padre Dimitrios diz:

As principais são as festas religiosas, porque nós não organizamos outro tipo de festas, a não ser por motivos pastorais, ou seja, a festa junina, né? que é concorridíssima, ela já é no bairro assim, acho que a principal das festas... mas aqui, da região, só esse ano que passou, acho que foram mais de três mil pessoas, entre sábado e domingo, que é um sábado e um domingo só, é muita gente... é bem conhecida, né? As festas sociais, como encontro de casais que a gente promove, e as festas principais dos eventos da igreja. O evento principal, sem dúvida, é a Páscoa, que tem a missa da meia noite com queima de fogos, antigamente, era no revólver mesmo... todo mundo atirava para fazer bastante barulho. Depois, o uso de armas foi proibido pelo governo federal. Hoje em dia, tem os fogos. Todo mundo sabe que na época da Páscoa, à meia noite, tem lá uma missa, na Catedral Ortodoxa. Depois as festas principais, onde todos vêm, que são Natal, Festas de Nossa Senhora...

Além dos seguidores da Igreja Ortodoxa Antioquina, outra grande parcela dos imigrantes libaneses que vieram para o Brasil é filiada à Igreja Maronita. Calcula-se que seu número no país ultrapasse dezenas de milhares³¹⁹.

A Igreja Maronita é uma igreja cristã oriental, em comunhão com a Sé Apostólica Romana, ou seja, que reconhece a autoridade do Papa. Ela faz parte do grupo de igrejas antioquinas, que se subdividem em sírio-ocidentais e sírio-orientais. Integrando a primeira subdivisão, a liturgia deveria acontecer em siro-aramaico. A Igreja Maronita possui rito próprio, diferente do latino³²⁰.

³¹⁹ *Idem*

³²⁰ IGREJA MARONITA. Disponível em: < www.igrejamaronita.org.br>. Acesso em: 05 fev.2013.

A denominação maronita se deve ao Mosteiro de São Maron, que recebeu este nome em homenagem ao monge eremita de origem antioquina, Maron. Não se sabe ao certo a data de nascimento e morte desse santo, porém registros históricos indicam que ele nasceu no século IV e faleceu no início do século V. A importância do Mosteiro de São Maron se tornou mais forte após o Concílio Ecumênico de Calcedônia, realizado em 451, sendo que seu superior tornou-se chefe espiritual e temporal da região. Ainda no século V, os discípulos de São Maron construíram vários mosteiros, se espalhando por toda a Síria e chegando às Montanhas Libanesas, onde converteram habitantes que ainda eram pagãos ao Cristianismo, sendo que a língua aramaica, comum tanto aos monges quanto aos moradores dessa área, facilitou a evangelização³²¹.

No século VII, quando a Sé Patriarcal da Igreja Oficial de Antioquia estava sem um chefe já há quase quarenta anos e o Mosteiro de São Maron exibia uma grande influência e proeminência, tendo jurisdição sobre a população das vizinhanças do convento, ele se declarou independente, formando uma verdadeira Igreja. Ainda neste século, perseguições religiosas, fizeram com que os maronitas se refugassem no Líbano. No ano de 939, o Mosteiro de São Maron foi destruído e os fiéis da igreja emigraram para as montanhas libanesas, conhecidas como Monte Líbano, ao norte do país³²². Eles preferiam locais altos e de difícil acesso, o que era garantido nas encostas libanesas, bastante íngremes e escarpadas³²³.

Como as primeiras leva imigratórias eram cristãs, muitos imigrantes que chegaram ao país vieram dessa região. O primeiro colégio árabe foi fundado por um padre maronita, assim como a primeira capela da colônia, fundada em 1897, juntamente com a Sociedade Maronita de Beneficência, no atual Parque Dom Pedro. Ainda no começo do século passado, essa capela foi destruída por motivos de urbanismo³²⁴.

Ao ficar sem uma igreja própria em São Paulo, a hierarquia eclesiástica romana cedeu a Igreja de São Francisco para atividade paroquial dos maronitas³²⁵. Devido à maior semelhança entre essa igreja e a Católica Apostólica Romana, muitos libaneses passaram a frequentar as paróquias católicas romanas próximas

³²¹ *Idem*

³²² *Ibidem*

³²³ HAJJAR, Claude. *Imigração Árabe: Cem Anos... op.cit.*

³²⁴ IGREJA MARONITA. Disponível em: < www.igrejamaronita.org.br>. Acesso em: 05 fev.2013.

³²⁵ *Idem*

dos locais em que moravam. No entanto, a igreja maronita é muito significativa nas comunidades do Líbano, sendo uma identidade importante para muitos libaneses. Assim, quando a Catedral Nossa Senhora do Líbano foi inaugurada em 1962, na rua Tamandaré, muitos libaneses e descendentes passaram a frequentá-la também. Padre Elias Karam, pároco da Igreja Maronita de São Paulo, conta o porquê da construção da igreja no local:

... essa igreja aqui era um terreno para um dos libaneses, aí um doa a ela um terreno, outro começa a construção, então, com certeza, teve presença aqui, dos libaneses e teve sírios, teve libaneses...

Ele ressalta a concentração de igrejas cristãs orientais na área do Paraíso:

... pode perceber que nessa região aqui, Paraíso, só que alguns bairros também do lado, existem muitas igrejas do Oriente... temos a Igreja Melquita, temos a Igreja Maronita, temos a Igreja Ortodoxa, então, um triângulo é feito nessa região entre três igrejas com a presença bem forte, localizada na região de Paraíso... uma presença forte e bem concentrada nessa região, como igrejas, como estabelecimentos do povo sírio e libanês também.

Figura 52 — Catedral Nossa Senhora do Líbano

Fonte: Foto da autora, 2013.

A Igreja Maronita se situa no atual bairro da Liberdade, que já pertenceu ao Paraíso, como conta Padre Elias:

Olha a região aqui da Liberdade... que era uma parte de Paraíso... em geral é um bairro japonês, e esse bairro japonês já conheceu muitas mudanças. Mudanças não é só pelos libaneses e sírios, já quase os japoneses estão saindo daqui...

Apesar da proximidade com o Paraíso, essa região é, residencialmente, menos valorizada. Assim, muitas famílias que moravam próximas à igreja saíram do local e se dirigiram para outras áreas da cidade. Dessa forma, a colônia árabe está presente no primeiro bairro, onde estão as igrejas ortodoxas e melquita, mas em baixíssima proporção, na Liberdade. Espacialmente, é interessante observar que o local de construção da catedral se encontra entre a 25 de Março e o Paraíso. Padre Elias Karam diz:

Aquela pessoa que estava aqui, que já cresceu, já tem um trabalho melhor, está querendo buscar um lugar ou outro diferente, e também tem aquela questão de segurança, que também aqui o bairro de Liberdade até Paraíso, não é um bairro assim tão seguro para o povo, aí quem já tem, já está mais tranquilo na situação financeira, econômica, ele vai buscar outro lugar mais seguro para família dele
... com certeza, tem algumas pessoas que moram ainda nessa região, só que não é mais a maioria, então são as pessoas que ficaram ligadas... pode ser pela evolução econômica, eles não entraram nessa evolução, aí não tiveram muitas condições de mudar de lugar e pode ser que para alguns signifique muito essa região e eles ficaram por alguns motivos que podem ser familiares, alguns motivos econômicos, alguns motivos de, como se chama, de estar mais perto do centro, do trabalho, eles ficaram aqui, mas com certeza é uma região muito importante para nós, como maronitas, e também para o povo, e para mim, como padre.

Atualmente, grande parte da comunidade maronita mora na região sul da cidade nos bairros de Moema e Planalto Paulista, como explica Padre Elias Karam, havendo uma pressão do grupo para construção de uma nova igreja mais próxima do local de residência, que provavelmente seria na Alameda Itacira, no Planalto, onde a Sociedade Beneficente Maronita tem uma casa:

... a grande concentração hoje dos libaneses é na região de Moema, região de Planalto Paulista. Na verdade, antigamente, era Planalto Paulista também, aí todo povo saiu daqui, foi para aquela região de Planalto Paulista, do lado do Clube Sírio lá, é, e isso é normal... não é por coincidência. Assim que aconteceu, que a gente construiu o Clube Sírio naquela região, não é por coincidência que o povo construiu a igreja aqui, na Tamandaré, nem em Paraíso, com certeza, foi construída lá porque

teve pessoas que moram lá... então como o povo mudou daqui para Planalto Paulista, naquela região lá, perto do Clube Sírio, do lado da Avenida Rubem Berta, 23...

Então eles gostam de vir para cá, frequentar a igreja, e participar das missas aqui, só que, como eu falei, o povo já não está mais aqui, não tem mais como sede, como moradia aqui a região, mora fora, mas também ele começa a cobrar, eu quero uma igreja perto de mim, eu quero uma igreja do lado da minha casa, então tudo isso faz, começa a fazer uma mudança ... por isso eu falei que essa igreja é ainda uma referência e tudo, mas o povo tá querendo mais outras igrejas maronitas na região.

A localização também imprime uma diferença de frequência na igreja ao longo da semana. Na maior parte dos dias, o público das missas é formado por brasileiros, enquanto aos domingos, nota-se uma presença de imigrantes libaneses e descendentes:

A maioria do povo é brasileiro, todo dia quem frequenta a igreja é brasileiro, no sábado, são brasileiros. Aí domingo, vem o dia dos libaneses... porque cada um trabalha, e o trabalho aqui em São Paulo é uma grande correria. E a segunda coisa, cada um mora longe do centro, da igreja aqui, então eles pegam o fim de semana para frequentar a igreja. Nos fins de semana, eles pegam para juntar a família, tem ainda esse costume e vir frequentar a Igreja Maronita, aqui na rua Tamandaré. Em geral, a maior concentração dos libaneses é na missa de domingo às 11:30, porque é uma missa em língua árabe. Só que não posso esquecer que têm muitos libaneses também que não falam árabe e têm muitos libaneses também que são casados com brasileiras, então tem um problema aqui: não é todo mundo que está na igreja que vai entender a língua árabe e não são todos que sabem ler o árabe, então a gente faz uma missa de mistura, entre português e árabe, para que todo mundo entenda o que a gente tá falando, entender a cerimônia e gostar da cerimônia. Tem muitos que gostam de frequentar porque eles gostam do rito, porque eles gostam da cultura, mas a maioria da missa de 11:30 é libanesa, posso dizer noventa e nove por cento. Na missa das 09:00 da manhã, tem alguns libaneses que frequentam e na missa das 18:30 da noite, tem alguns libaneses que frequentam. Então, em geral, a presença dos libaneses é nos domingos aqui, entendeu? Aí alguns escolhem a missa da manhã, outros da tarde, outros a missa das 11:30 para ter aquele presença com outros libaneses e árabes também, depois da missa ou durante a missa aqui na região.

Padre Elias Karam, em seu discurso, aponta outra função exercida pela igreja, o papel social desta, da mesma forma que verificado na Igreja Ortodoxa:

... os libaneses, todos se encontram porque eles acham que é um lugar social importante da cultura libanesa nesse momento, por isso todos frequentam nesse horário a missa, para poder se ver, porque dia de semana ninguém vê muito o outro, para poder conversar e ver como passou o dia, passou a semana e para poder, como dizer, tentar criar relações entre as famílias, se conhecer e ter relações entre uma família e outra... têm alguns que moram um do lado do outro, mas eles não sabem, eles se conhecem aqui na igreja... é assim.

Além das missas de domingo, são realizados eventos pela igreja e pela Sociedade Beneficente Maronita neste espaço, no Clube Atlético Monte Líbano e na casa da Sociedade Beneficente:

Temos um evento que a gente faz sempre em maio aqui na Igreja, no estacionamento, que a gente chama de Festa da Nossa Senhora do Líbano. É uma festa registrada na prefeitura, que entra no calendário da prefeitura, que junta muita gente, é sempre terceiro domingo, terceira semana, fim de semana de maio, é a festa de Nossa Senhora do Líbano, junta muita gente, muitos libaneses.

...Têm também aqueles encontros que acontecem no Clube Monte Líbano, aonde o povo se encontra, familiares, para almoçar, para conviver. Algumas vezes, têm festas lá no clube... têm algumas coisas da Sociedade Beneficente Maronita, temos a casa da Sociedade Maronita que fica lá no Planalto Paulista também. Então, cada um tenta fazer alguma coisa para chamar mais atenção dos libaneses e deixar os libaneses um ligado mais pro outro, falta muito para organizar essa presença maronita, libanesa no Brasil, mas já estamos fazendo uma parte muito importante por juntar um grande número.

É interessante observar que a Igreja Maronita no Brasil, além do aspecto religioso, tem consciência de sua função social e política em relação aos sírios e libaneses e descendentes:

Isso nos deu uma grande responsabilidade, que não estamos aqui só para servir o povo de São Paulo, temos também uma responsabilidade para o povo que deixou São Paulo, para o povo que mora fora de São Paulo... E também, como igreja, falta muito para nós para ficar perto desse povo libanês e sírio aqui. Em geral, o governo, ele tem que trabalhar mais política, socialmente com o povo, a igreja trabalha mais o lado religioso, só que hoje... se misturou. Em geral, a Igreja está fazendo tudo, social, política, política do lado que ligar, eu quero dizer o povo à cultura dele, ligar o povo ao governo dele lá no Líbano, conhecer que ele é libanês ainda, ele é sírio... aqui na Igreja, eu trabalho com uma identidade: maronita, porque já tem maronitas sírios, têm maronitas libaneses que frequentam aqui...

Esta consciência, aliada a uma visão mais moderna, adotada pelo arcebispo maronita Edgar Madi a partir de 2006 quando chegou ao Brasil, fez com que a Igreja Maronita estabelecesse uma parceria com a Canção Nova, um poderoso conglomerado de mídia católica, ligado ao movimento carismático, presente no Brasil e em países como França, Estados Unidos, Portugal e Uruguai. Assim, foram construídos estúdios de televisão, rádio e internet no prédio anexo à Catedral Nossa Senhora do Líbano, e as missas da Igreja Maronita passaram a ser veiculadas na programação da emissora³²⁶. Padre Elias Karam diz:

A TV, rádio, qualquer meio de comunicação hoje ajuda muito a chegar na casa das pessoas, então tivemos essa oportunidade de ter a Canção Nova conosco, aqui, na mesma região e no mesmo prédio também, isso ajudou muito para ajudar o povo conhecer quem é a Igreja Maronita e deixar a Igreja Maronita chegar na casa de cada um, além de você pode ficar em casa e conhecer a Igreja Maronita, e não temos só essa igreja aqui em São Paulo... temos em Guarulhos, temos em Campinas, só que isso não é suficiente pelo número dos libaneses que existe no Brasil, então a maioria conhece a igreja através da TV, a Canção Nova. Então, a Canção Nova é bem presente no Brasil inteiro, temos as nossas missas transmitidas que o povo gosta, gosta de participar das missas transmitidas na TV, temos um programa na TV que chama Memórias do Líbano, então já somos mais conhecidos... Eu posso dizer, que eu sou, como padre, eu sou mais conhecido como padre maronita no Brasil do que eu conheço maronitas no Brasil... Se não posso chegar a ter uma igreja lá, mas no mínimo, estou chegando a aparecer lá naquelas regiões, que temos dificuldade hoje de ter paróquias, a TV ajuda muito a conhecer a igreja e a conhecer os libaneses e a TV é também um lugar aonde você pode divulgar a sua cultura, a sua civilização, eu quero dizer assim, através dessa emissora que existe aqui, é uma oportunidade para nós aqui no Brasil.

Além das igrejas maronita e ortodoxa, que reúnem a maior parte dos imigrantes árabes cristãos, temos a Igreja Melquita, que também surgiu na região de Antioquia e tem comunhão com a Sé Apostólica Romana. Ela segue rito litúrgico bizantino, sendo que as línguas usadas em sua liturgia são o árabe e o grego.

³²⁶ AZEVEDO, Solange. O Arcebispo da Era Digital. *Revista Época*, São Paulo, set. 2008. Disponível em: < www.revistaepoca.globo.com>. Acesso em: 10 fev. 2013.

Figura 53 — Igreja Melquita

Fonte: Foto da autora, 2012.

Em São Paulo, a igreja melquita foi fundada em 1956, na rua do Paraíso, pelas mesmas razões das demais igrejas já citadas. Padre Ziad Alkhoury, da Catedral Nossa Senhora do Paraíso diz:

O terreno foi comprado por várias famílias árabes. Por essa razão, consta a Igreja como propriedade em nome de um conselho, que, esses homens antigos, familiares antigos, que de fato, levantaram a igreja e construíram.

O bairro do Paraíso possuiu muitos árabes, por essa razão, essas igrejas orientais foram localizadas nesse bairro aqui, seja a nossa igreja, Nossa Senhora do Paraíso, a Igreja Metropolitana Ortodoxa, ou um pouco atrás, lá na região da Liberdade, a Igreja Maronita e se nós formos continuar até o Planalto, perto do aeroporto, considera mais uma outra, igreja siríaca, da Síria, também, por esse motivos, que esses árabes vieram e aqui era onde a maioria dos parentes moravam, e por aí, encontraram o abrigo, o apoio, até que eles conseguiram caminhar sozinhos na vida e ter o seu próprio trabalho.

A construção da igreja segue estilo bizantino, sendo que no interior do templo, não são utilizadas esculturas, apenas ícones. Essa igreja, como já observado por

Knowlton, demonstra um esvaziamento³²⁷. Padre Ziad Alkhoury fala que os paroquianos foram para áreas mais distantes da cidade, sendo que as datas mais importantes para reunião do grupo são o Natal e a Páscoa:

Essa região foi marcada com afastamento desses familiares árabes para regiões mais tranquilas e residenciais, Morumbi, Alphaville e outros bairros. Infelizmente, essa mudança prejudicou a nós como símbolos desses imigrantes nesse bairro, nossos paroquianos hoje se encontram longe de nós e essas distâncias também dificultam nos finais de semana para esses familiares que trabalham a semana inteira... é o costume do brasileiro, também, sábado e domingo ou feriados, passar até Santos, Guarujá, então dificulta os nossos encontros... ficaram mais distantes e os nosso encontros ficaram marcados, com presença maior no Natal e Páscoa, infelizmente, nessas duas datas, onde eles realmente, fazem questão de participar, pela tradição.

Apesar da frequência de sírios e libaneses não ser marcante nas missas comuns dos finais de semana, como apontado pelo padre Ziad, a liturgia, aos domingos é realizada em árabe, como conta o padre:

Sempre... em todos os domingos, dividimos a nossa liturgia em duas partes: uma em árabe, uma em português e todos os cânticos, gregorianos, em grego.

A Igreja Sirian Ortodoxa, citada por padre Ziad, por sua vez, é uma igreja pequena no Brasil. A Sociedade Sirian Ortodoxa Beneficente de São Paulo foi fundada em 1951, juntamente com a Paróquia de São João Batista, na Avenida Jabaquara, contando com a inscrição de 184 sócios fundadores³²⁸. Em 1981, foi fundada a Paróquia de Santa Maria, no Planalto Paulista, próximo do limite deste com o bairro de Vila Clementino.

Entre as igrejas cristãs, ainda há a Igreja Evangélica Árabe, bem pequena, fundada em 1979 e localizada na rua Vergueiro, próximo a Catedral Ortodoxa.

Além dos imigrantes árabes cristãos, primeiros a chegar e ainda mais numerosos, a partir principalmente de 1920 começaram a chegar imigrantes árabes muçulmanos, que continuaram a entrar no país nas demais levadas imigratórias.

³²⁷ KNOWLTON, Clark. S. *Sírios e Libaneses: Mobilidade Social... op.cit.*

³²⁸ HAJJAR, Claude. *Imigração Árabe: Cem Anos... op.cit.*

No islamismo, acredita-se em um Deus único, assim como no cristianismo e no judaísmo, sendo que Muhammad é o mensageiro de Deus³²⁹. A palavra Islã tem a conotação de paz, “é a entrega a Deus sem servilismo, mas é uma entrega em confiança e alegria àquele que tudo sabe e é sozinho capaz de indicar o caminho.”³³⁰

A primeira instituição fundada pelo grupo foi a Sociedade Beneficente Muçulmana Palestina, em 1927, que a seguir passou a se chamar Sociedade Beneficente Muçulmana. A primeira sede foi na rua da Mooca, sendo que as orações eram realizadas em salas alugadas da Avenida Rangel Pestana e Barão de Duprat, ou seja, no Brás e nas adjacências da 25 de Março. Após dez anos, foi comprado o terreno da Avenida do Estado, onde foi construída a primeira mesquita do Brasil, inaugurada em 1952³³¹.

O projeto dessa mesquita era do mesmo engenheiro que fez a Catedral Ortodoxa do Paraíso e diversas instituições da colônia. Ela foi construída em estilo árabe, reunindo características da arquitetura islâmica. A construção da Mesquita Brasil repercutiu favoravelmente no país e no Oriente Médio, recebendo do rei e do príncipe do Egito, as primeiras notícias de reconhecimento, além de apoio financeiro para obra de arte e religião.

Figura 54 — Interior da Mesquita Brasil

Fonte: CIDADE DE SÃO PAULO. Disponível em: < www.cidadedesapaulo.com>. Acesso em: 15 ago.2013.

³²⁹ FARAH, Paulo Daniel. *O Islã*. São Paulo: Publifolha, 2001.

³³⁰ HAJJAR, Claude. *Imigração Árabe: Cem Anos... op.cit*, p.51.

³³¹ MESQUITA BRASIL.. Disponível em: < www.mesquitabrasil.com.br>. Acesso em: 25 de ago. 2012.

É importante observar que esse templo religioso se encontra entre o bairro do Brás, que concentra muitos muçulmanos, e os bairros do Cambuci e Ipiranga. Havia também uma concentração comercial na área, como conta o Sheik Abdel Hamid Metwally, dessa mesquita:

O motivo que foi escolhido esse local, na época era um centro comercial, antes do Brás, então a maioria dos imigrantes, eles escolheram esse lugar porque era perto do trabalho. Eles estão trabalhando, na hora de rezar, vão rezar aqui, depois, volta a trabalhar, então esse foi o motivo principal para escolha desse lugar...

Na religião muçulmana, deve-se rezar cinco vezes ao dia em direção a Meca. Quando é possível, a oração deve ser feita na mesquita, especialmente às sextas-feiras, dia sagrado,³³² sendo por isso importante, como coloca o sheik, a existência de uma mesquita próxima ao local de trabalho e residência. Pela mesma razão, o Sheik Mohamad Al Bukai diz que a localização da Mesquita do Pari é ideal:

... a maioria trabalha... isso que, por exemplo, ajuda essa mesquita. Esse é lugar certo, bem movimentado, porque todo mundo trabalha perto daqui. Então como eles têm acesso, assim, rápido, então eles acabam frequentando mais. Todo dia você tem aqui muitas pessoas que frequentam, eles rezam...

Em 1940, o número de muçulmanos recenseados era de 3.053 no Brasil e de 1.393 no Estado de São Paulo³³³. Atualmente, segundo o censo de 2010 realizado pelo IBGE, são 35.167 pessoas que seguem a religião no país³³⁴. No Estado de São Paulo, por sua vez, são 14.778 muçulmanos³³⁵. Estima-se que existam no país cinquenta mesquitas e mais de oitenta centros islâmicos³³⁶.

Os muçulmanos se dividem, principalmente entre sunitas e xiitas. Há outros grupos menos numerosos e que vieram em pequena proporção para o país, como druzos e alawitas.

³³² FARAH, Paulo Daniel. *O Islã... op.cit.*

³³³ HAJJAR, Claude. *Imigração Árabe: Cem Anos... op.cit.*

³³⁴ IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico 2010*. 2012. Disponível em: < ftp://ftp.ibge.gov.br>. Acesso em: 06 ago. 2013.

³³⁵ IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico 2010*. 2012. Disponível em:< www.ibge.gov.br>. Acesso em: 06 ago. 2013.

³³⁶ MESQUITA BRASIL. Disponível em: < www.mesquitabrasil.com.br>. Acesso em: 25 ago. 2012.

Os sunitas correspondem a mais de 85% de toda população muçulmana do mundo, sendo o ramo islâmico predominante em países como a Síria, Arábia Saudita, Egito e Indonésia. Além do Alcorão, livro sagrado do islamismo, os muçulmanos seguem o *Hadith*, codificação da *Sunnah*, prática do profeta, que constitui no registro oral do que Muhammad dissera e fizera como juiz e administrador, especialmente para os assuntos relacionados à família, casamento e herança, pouco abordados no Alcorão. Os sunitas acreditam na sucessão estabelecida, de forma consensual, após a morte de Muhammad e seguem a *sunnat annabi* (“tradição do profeta”) ³³⁷.

Os xiitas são aqueles que não concordaram com a sucessão estabelecida após a morte de Muhammad. Eles acreditavam que a linhagem sucessória deveria ter sido constituída por descendentes do profeta e que Ali, primo e genro de Muhammad deveria ter sido o primeiro califa. A palavra xiita vem de *shiaat* Ali, que significa partido de Ali. Os xiitas são o grupo muçulmano majoritário no Irã e no Bahrein ³³⁸.

A Mesquita Brasil é sunita, no entanto, ambos os grupos a frequentavam até que fossem construídos outros centros religiosos para o grupo.

No Brás, a primeira mesquita construída foi a Mesquita Mohammad Mensageiro de Deus (S.A.A.S.), conhecida como Mesquita do Brás (xiita). Hassan Gharib, presidente da Associação Beneficente Islâmica do Brasil- ABIB diz:

A ABIB foi fundada em 1979, mas a mesquita começou a ser edificada em 1983.

Então, porque a maioria das famílias estavam morando aqui no Brás. Então, na década de 1970, tínhamos mais ou menos, umas cinquenta, sessenta famílias, quando eles fundaram a associação, depois compraram esse terreno, e aqui, eles estão... fizeram a mesquita, mas na década de 1970, eram poucas famílias e como moravam perto um dos outros, então eles decidiram montar aqui a associação.

³³⁷ FARAH, Paulo Daniel. *O Islã... op.cit.*

³³⁸ *Idem*

Figura 55 — Mesquita do Brás

Fonte: Foto da autora, 2012.

A Mesquita do Pari (sunita), que se localiza no Brás apesar do nome, por sua vez, foi fundada em 1995, juntamente com a Liga da Juventude Islâmica Beneficente do Brasil. A escolha por esta região foi motivada, assim como para os demais templos religiosos, pela grande presença da comunidade árabe no bairro, como coloca Sheik Mohamad Al Bukai:

... existe realmente uma comunidade. Muitos descendentes de árabes, da região árabe, lá da Síria, Líbano, Palestina... mas há muito tempo eles chegaram, e como aqui, é um ponto comercial, eles, noventa por cento das pessoas, eles trabalham com comércio, têm lojas aqui. E na década de 1980, realmente, houve uma imigração forte por causa da guerra no Líbano, então muitos jovens também que vieram pro Brás porque já existia os parentes deles, os familiares deles aqui e o único lugar que eles conhecem é aqui, eles chegaram diretamente para cá e eles começaram a trabalhar, começaram a fazer também negócios... e como eles começaram a trabalhar e começaram a ver resultado, eles acabam ficando aqui. A Guerra acabou, mas eles, mesmo assim, eles não voltaram, ficaram aqui, casaram aqui. Eles também fizeram famílias aqui, aí realmente, é isso que aconteceu... e realmente, quando eles, como a maioria, que chegaram no Brás, são muçulmanos, eles tiveram essa ideia, de fazer um lugar para eles fazerem as orações e as orientações

religiosas. E a ideia começou há vinte anos atrás. Eles alugaram uma sala pequena, cabiam cinquenta pessoas, e começaram a frequentar e mudaram de um lugar pro outro. Como naquela época, eles não tinham muitas condições financeiras, eles alugavam, às vezes, um sobrado para eles rezarem... mas com o tempo, eles conseguiram comprar esse terreno e fizeram construir aqui, uma entidade, uma mesquita e para ser um ponto de encontro para a comunidade aqui, muçulmana.

Atualmente, o público da Mesquita do Pari é constituído principalmente por árabes e descendentes, mas há frequentadores de outras nacionalidades, como coloca o Sheik Mohamad Al Bukai:

É (maioria de sírios, libaneses e descendentes)... não, seguidores do Islã... a gente não olha, a gente tem outras nacionalidades. Aqui como ponto religioso, então a gente atende todo muçulmano, ou seja, nós temos também muitos muçulmanos brasileiros, temos da Índia, temos da China, China não sei se tem, tem de Bangladesh, tem do Paquistão... de todas as nacionalidades, eles também frequentam esse lugar, então, é um ponto realmente, para fazer as orações.

Hassan Gharib conta que a maior parte dos fiéis da Mesquita do Brás é de origem síria e libanesa, da primeira ou segunda geração de imigração. Há também muçulmanos convertidos que vão ao local:

A maioria é descendente de árabe, vieram do Líbano e da Síria. Tem alguns também que participam com a gente aqui que são do Iraque, outros são da Palestina...

A maioria são pessoas que são imigrantes, outros que já nasceram aqui... Aqui temos, mais ou menos, assim de 25 a 30 pessoas que são convertidas ao islamismo... já há mais de dez anos...

A localização exerce um papel importante na proveniência dos frequentadores da Mesquita do Brás, como aponta Hassan:

A maioria que participa aqui, dentro dessa mesquita, eles moram ou na região ou ao redor da região, que seria Brás, seria Canindé, Pari, senão Mooca, Belenzinho e Santana.

Tanto nas duas instituições religiosas do Brás, quanto na Mesquita Brasil, há uma diferença significativa, de volume e perfil de público às sextas-feiras, dia sagrado. Hassan Gharib diz:

... o que, mais junta a colônia árabe, os muçulmanos, principalmente, é aqui, a mesquita, de sexta-feira, quando eles vêm e fazem sua orações. Lógico, tem outras orações que nós temos aqui dentro da mesquita, que é à noite, principalmente, mas o dia mais importante é de sexta-feira.

O Sheik Abdel Hamid Metwally, da Mesquita Brasil também percebe essa oscilação de público:

A única coisa é que no dia de sexta-feira, vem mais gente porque tem horário marcado, que chama reza de sexta-feira, mas não tem uma especificação de público, tem homens, mulheres, todas idades.... Só que na sexta feira, tem uma reza, onde todo mundo chega, de vários lugares... e rezar aqui virou um ponto de encontro entre as gerações e eles se encontram aqui.

A função da mesquita como ponto de encontro, mencionada pelo Sheik Abdel Metwally, também é apontada pelos demais entrevistados. Hassan Gharib conta:

Sim, sim, sim... é um ponto de encontro também. Às vezes, muita gente vem aqui, toma café à noite, toma um chazinho, bate papo, come aquelas sementes árabes, então faz aquela rodinha, começa a bater papo, e é assim, mais um ponto de encontro também.

O Sheik Mohamad Al Bukai continua:

Claro, claro... isso qualquer mesquita. Como o muçulmano frequenta várias vezes a mesquita por dia, então acaba fazendo um papel social. As pessoas se encontram, conversam, saem para tomar café, então, e se uma pessoa faltou, então, as pessoas... eles acabam perguntando, porque ele faltou, o que que tem. Então, é um ponto realmente para fazer esse papel social...

Para os muçulmanos, as mesquitas e sociedades beneficentes, anexas a estas, exercem uma função importante para reunião e mobilização da colônia na cidade. Enquanto para os cristãos, esse papel é dividido entre as instituições religiosas e os clubes sociais e esportivos, como aponta Padre Dimitrios, em trecho de entrevista, já parcialmente transcrito:

Durante muitos anos, nos primeiros trinta anos do século XX, vamos supor os primeiros quarenta anos das décadas que precederam o início do

século, a igreja era o ponto chave, principal, não havia outro, os clubes começam a nascer depois dessa época, então as pessoas só tinham a igreja, por isso que todas as instituições nasceram aonde? Na igreja. Eles arrumavam os casamentos, se conheciam, reuniam as famílias, passavam grande parte da sua manhã do domingo, e por isso que depois da missa, ninguém vai embora, existe uma socialização, onde as pessoas vão até o salão paroquial, se confraternizam, tomam um café juntas, colocam as fofocas em dia, se conhecem, isso desde daquela época, muito mais naquela época. Agora, depois que a igreja, ela passa assim para digamos, um segundo plano, para uma parte dessa população quando surgem os clubes, então ela passa para uma parte dessa população para segundo plano, porque aí as pessoas já têm os seus clubes para ir, para se recriar, para conhecer-se...

3.4 Lazer: os Clubes Sociais e Sócio-esportivos

Os clubes sociais e esportivos surgiram com a necessidade de um espaço de lazer para comunidade árabe, que garantisse a sociabilidade da colônia, estreitando as relações pessoais e econômicas das famílias; reforçasse o poder social, político e econômico do grupo perante a sociedade paulistana; e garantisse o entretenimento para esses imigrantes e seus descendentes.

Na Síria e no Líbano, como já mencionado, a identidade e a vida das pessoas estão bastante relacionadas à aldeia, cidade ou região de proveniência. Assim, ao chegarem a São Paulo, esses imigrantes procuraram, inicialmente, constituir associações baseadas em seu lugar de origem, portanto quem era de Homs vai fundar o Club Homs, quem era de Aleppo vai abrir o Clube Aleppo, quem era de Marjayoun vai inaugurar um clube de mesmo nome, e assim por diante.

Assim como as igrejas, os clubes, formados, inicialmente, apenas por membros da colônia, possibilitavam suas práticas culturais, sem haver uma preocupação cotidiana dos indivíduos com a adaptação à realidade brasileira, apesar desta ocorrer no posicionamento institucional desses lugares.

Nestes espaços, recriava-se a comunidade de origem; no entanto, pós-imigração. Existia um sentimento de pertencimento e identidade comum, devido às práticas culturais e relações pessoais existentes, mas a convivência já era bastante permeada pelas relações econômicas e sociais criadas em São Paulo.

Se a regionalização era importante na abertura desses clubes, ela foi se tornando mais flexível com o passar do tempo. É necessário também fazer uma diferenciação entre eles. Existem os sociais, que em geral, são menores e mantêm mais características de sua fundação, como conta Rosely Mitre Hannun, presidente da Sociedade Antioquina do Brasil:

... hoje nós temos por volta de duzentas famílias e a maioria são filhos e netos de antioquinos, nós temos muitos poucos ainda que são antioquinos realmente. Por exemplo, minha mãe que tem 89 anos. E o perfil deles, é lógico que tem descendentes de árabes, também que não são antioquinos, inclusive até brasileiros, mas são ligados de alguma forma com a cultura árabe, ou com algum amigo, algum parente, casado, né? com algum descendente.

E há os clubes sócio-esportivos, como o Esporte Clube Sírio, o Clube Atlético Monte Líbano e o Club Homs, que assumiram dimensões maiores rapidamente e onde prevaleceu a identidade nacional (da Síria ou Líbano) e até mesmo sírio-libanesa (embora tenha havido conflitos entre os sírios e libaneses no período da independência do Líbano). Como afirma Lesser, embora os imigrantes talvez se vissem como sírios ou libaneses (ou de Aleppo, Homs, Marjayoun, Zahle), eles buscaram criar uma identidade única para esfera pública, sírio-libanesa³³⁹, até como uma maneira de se fortalecer como grupo. As diferenças regionais também acabaram sendo menos significativas para as gerações nascidas aqui.

O primeiro clube fundado pelos imigrantes árabes em São Paulo foi o Esporte Clube Sírio, em 1917. Alguns jovens imigrantes sírios e libaneses se reuniam para comemorar o aniversário de Milhem Simão Racy em sua casa, um quarto de pensão na rua Augusta e lhe deram de presente, a primeira presidência do então batizado Sport Club Syrio, tendo sido alugado um conjunto de um prédio na rua do Comércio. As atividades esportivas, por sua vez, ocorriam nos clubes Germânia (atual Pinheiros) e no Floresta (atual Espéria)³⁴⁰.

Antes de completar um ano, o clube já possuía 150 associados, sendo necessária a transferência de sua sede social para rua Florêncio de Abreu, em

³³⁹ LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade...* op.cit.

³⁴⁰ ESPORTE CLUBE SÍRIO. Disponível em: < www.sirio.org.br >. Acesso em: 04 abr.2013.

1920³⁴¹. Ao mesmo tempo, alugou-se uma grande área pertencente à família de Assad Abdalla, atual Parque São Jorge, como sede esportiva.

Assad Abdalla, comerciante e empresário do ramo têxtil, que iniciou seus negócios na rua de 25 de Março, investia muito em imóveis, tendo comprado em 1912, o primeiro dos locais que mais tarde, formariam o atual Parque São Jorge. Esta aquisição era uma chácara de portugueses, que ia desde a Avenida Celso Garcia até o Rio Tietê. Posteriormente, ele e um de seus sócios, Nagib Salém, comprariam mais um milhão de metros quadrados de terreno.

A princípio, ele plantou pés de fruta no local, mas como os sócios não entendiam bem disso, os alimentos eram frequentemente roubados. Assim, Assad decidiu abrir vias na área, sendo a rua Síria, a principal delas. No local, também foram construídos um lago, uma venda de comidas, duas quadras e uma praça esportiva. O local quase foi oferecido ao Esporte Clube Sírio, mas acabou sendo vendido ao Esporte Clube Corinthians Paulista, como pode ser visto na figura 56:

Figura 56 — Planta do Parque São Jorge, com o nome do Esporte Clube Sírio, em 1926. Posteriormente, o terreno foi vendido ao Esporte Clube Corinthians Paulista.

Fonte: FERRARI, Mariana. Assad Abdalla: arriscando no desconhecido. *Chams Biografias – A história de quem fez e de quem ainda está fazendo a América*, São Paulo, n.1, jun. 2011, p. 49.

³⁴¹ REVISTA SÍRIO ESPECIAL 90 ANOS: 1917-2007. São Paulo, n. 222, out.2007.

Ainda na década de 1920, a diretoria do clube decidiu comprar por apenas 176 contos, pagos à vista e com desconto de 11 contos, uma área de 45.000 m² na Ponte Pequena, próximo de diversos clubes da capital, e para onde foram transferidas as sedes social e esportiva³⁴².

O crescimento da cidade e do clube, aliado ao enriquecimento da colônia e sua mudança residencial para região sul da cidade, levou a venda da antiga sede em 1949. Com o apoio dos sócios, o clube conseguiu adquirir vários lotes na região da Indianópolis³⁴³, bairro do Planalto Paulista. É importante ressaltar que o bairro foi fundado por este grupo migratório e vários lotes também foram doados pela colônia, que possuía terrenos na área. Ainda não existia a Avenida 23 de Maio e o local era considerado longe do centro, no “caminho para o aeroporto”, sendo o clube apelidado de “A Jóia do Aeroporto”.

Figura 57 — Esporte Clube Sírio, em março de 1952, na sede da Av. Indianópolis. A primeira parte a ser construída foi o playground para manter as crianças ocupadas durante todo dia, já que devido à distância do centro, as famílias vinham para passar o dia inteiro no clube.

Fonte: Acervo Esporte Clube Sírio

É interessante observar que o clube foi erguido nesta região devido à disponibilidade de terras, às doações da colônia e ao início de uma concentração árabe no local. No entanto, a instituição também atraiu famílias para seu entorno.

³⁴² REVISTA SÍRIO ESPECIAL 90 ANOS: 1917-2007... *op.cit.*

³⁴³ ESPORTE CLUBE SÍRIO. Disponível em: < www.sirio.org.br >. Acesso em: 04 abr. 2013.

Havia uma cultura entre os sírios e libaneses de fortalecer as instituições de lazer com o intuito de afirmar que haviam conseguido sucesso econômico na nova terra. Assim, comprar os títulos era uma forma de contribuir com a consolidação da identidade síria e libanesa na cidade.

Os clubes buscavam se tornar conhecidos e mostrar a importância econômica e social alcançada pelo grupo para a sociedade paulistana. O Clube Sírio, por exemplo, contratou para seu projeto da Indianópolis, arquitetos famosos no país, como Ícaro de Castro Mello e Burle Marx. Além disso, eram frequentes atividades que contassem com a participação de políticos, notícias sobre o clube nos jornais paulistanos e festas de grande dimensão.

O esporte que foi um dos pilares de constituição do Esporte Clube Sírio também atendeu esse propósito. Além do futebol, que obteve muitos títulos no período de 1920 a 1930,³⁴⁴ o clube fundou as federações paulistas de tênis, bola ao cesto, atletismo, remo e natação. O clube também foi o único campeão brasileiro no Campeonato Mundial de Clubes Campeões de Basquetebol, em 1979³⁴⁵.

O Esporte Clube Sírio havia sido fundado e era frequentado (como ainda é) por sírios, libaneses e descendentes. No entanto, com o final da Primeira Guerra Mundial, o regime de protetorado francês no Líbano e inglês na Síria, foram reavivados sentimentos nacionalistas. Assim, muitos imigrantes libaneses acharam que o nome do clube deveria ser alterado, tentando introduzir judicialmente o nome libanês. Como não obtiveram sucesso, alguns se afastaram e passaram a se reunir no Clube Zahle até fundarem o Clube Atlético Sírio e Libanês, que logo passaria a ser chamado de Clube Atlético Monte Líbano³⁴⁶.

O Clube Atlético Monte Líbano foi fundado em 1934. Basílio Jafet foi um dos fundadores, sendo que quando foram lhe apresentar a ideia, ele disse: “Não sei se isso vai dar certo, mas se quiserem tentar, eu encabeço a lista com cento contos”³⁴⁷.

³⁴⁴ O Esporte Clube Sírio obteve o segundo lugar no Campeonato do Centenário da Independência, em 1922, perdendo para o Corinthians. Na década de 1930, quando o futebol brasileiro se profissionalizou, o Sírio optou por permanecer na categoria amadora, sendo que em 1937 abandonou o futebol profissional. Mesmo assim, ele ainda obteve três títulos consecutivos até 1940 na Liga de Amadores de Futebol, quando esta foi extinta.

³⁴⁵ REVISTA SÍRIO ESPECIAL 90 ANOS: 1917-2007... *op.cit.*

³⁴⁶ HAJJAR, Claude. *Imigração Árabe: Cem Anos...* *op.cit.*

³⁴⁷ GREIBER, B.; MALUF, L.; MATTAR, V. apud MARCOVITCH, Jacques. *Pioneiros e Empreendedores: A Saga do Desenvolvimento no Brasil*, v.1. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

O clube foi fundado na Avenida República do Líbano, em Moema, muito próximo ao Sírio e pelas mesmas razões.

Além destes, há o Club Homs, no início da Avenida Paulista, próximo à região do Paraíso, que foi fundado em 1920. Ele funcionou durante muitos anos em uma sala do Edifício Martinelli no centro³⁴⁸. Em 1943, os associados decidiram comprar uma sede maior, um casarão na Avenida Paulista, que foi ampliado na década de 1980. O local também era próximo do local de residência desses imigrantes.

Frequentar os clubes sócio-esportivos era uma maneira de demonstrar prestígio social e de se integrar à elite do grupo. Nesses espaços, eram arranjados casamentos, negócios eram fechados e as relações eram estreitadas.

Figura 58 — Notícia sobre o casamento de Beatriz Jafet e Lourenço Chohfi na revista do Esporte Clube Sírio

Fonte: ACONTECIMENTO SOCIAL de Gala. Revista do Esporte Clube Sírio, São Paulo, n.14, p.5, jun-jul. 1954.

³⁴⁸ HAJJAR, Claude. *Imigração Árabe: Cem Anos... op.cit.*

Atualmente, os dois primeiros clubes citados têm um número elevado de associados, além de serem considerados clubes de elite. Os títulos e mensalidades permanecem altos desde sua inauguração. Ambos também são membros da Acesc- Associação de Clubes Esportivos e Sócio Culturais de São Paulo, que possui dezenove clubes participantes, portanto, 10,5% dos clubes da associação são de origem síria e libanesa, enquanto nenhuma outra etnia tem a mesma representatividade na organização.

O Esporte Clube Sírio, apesar de manter a característica árabe em suas atividades e na identidade visual do clube, abriu a venda de seus títulos para outros grupos étnicos e brasileiros. Os clubes Atlético Monte Líbano e Homs, também são abertos, mas a maioria de suas novas admissões é de descendentes de árabes.

Além dos três clubes sócio-esportivos, temos os clubes sociais, que em geral, estão localizados nos bairros de Vila Mariana e Paraíso, como conta Rosely Mitre Hannun a respeito da fundação e localização da Sociedade Antioquina:

Começou perto da casa dos sócios, dos fundadores, começou na Correia Dias, veio para Cubatão, que era uma casa, depois foi construído o prédio, que ainda é propriedade da Sociedade Antioquina, depois nós fomos para Vereador José Diniz, que era uma casa alugada, aí depois de um tempo foi comprada essa casa, então a sede acabou ficando aqui, não voltamos para sede original, né? Mas justamente porque era um bairro que agradava todo mundo, que era perto da casa de todo mundo, era bem mais centralizado para frequência dos sócios.

A gente acabou não saindo do bairro, justamente porque tá todo mundo acostumado, todo mundo mora próximo, é fácil, mesmo que nem, se tem festa até mais tarde, até altas horas, o pessoal não se preocupa... então facilita muito....

... para gente é um marco estar aqui no Paraíso... nasceu aqui a Sociedade Antioquina, mas a gente não pensa em sair daqui tão cedo não, para gente é importante estar aqui no Paraíso.

A Sociedade Antioquina foi fundada em 1927 e antes de sua fundação, havia uma ligação grande com o Club Homs, como conta Rosely:

... bom o Club Homs e o Clube Sírio são os que a gente mais tem ligação, mais com o Homs até, por quê? Na época dos fundadores, na época que vieram os primeiros descendentes de antioquinos, os antioquinos e os homsienses, eles eram muitos unidos, então era uma sociedade só, então todas as festas que tinham...

... o Club Homs foi fundado antes do nosso, então tudo que existia era feito no Club Homs, então todos sempre estavam juntos, eles eram mais

ligados, só em 27, 1927 que foi fundado, que eles resolveram fundar a Sociedade Antioquina e mesmo assim, não separou, tudo sempre foi feito junto, e meu pai, meu pai vivia no Homs todos os dias, ia lá jogar taule todo santo dia, mas assim, então acho que o Homs é o que a gente é mais ligado realmente. Hoje, que nem a segunda geração com a segunda geração, a terceira com a terceira e o clube uma época frequentava o Homs para jogos esportivos, fazia turma... fazia parte dos times, dos grupos do Homs para representar o Homs, não entrava nem o nome da Antioquina, mas eles iam para lá ajudar, então tinha campeonato de futebol, tinha campeonato de basquete, era muito bom... hoje nem tanto, porque os nossos jovens dessa época, hoje já são homens, tão formados, tão trabalhando, então já não tem tanto tempo, mas ainda existe uma ligação muito forte, toda festa que tem lá, a gente vai... toda festa que tem aqui, eles vêm...

Além da Sociedade Antioquina, há outros clubes sociais, como o Zahle, de 1922, fundado no centro e que teve várias sedes antes de se estabelecer no Paraíso, onde está desde 1964; o Clube Alepo, de 1943, fundado na Florêncio de Abreu, que também foi para a Paulista e posteriormente para a rua Tomás Carvalhal, no Paraíso; o Hasbaya Clube do Brasil, de 1959, situado na Bela Vista, bem próximo à Paulista; o Rachaia Clube do Brasil, situado na Vila Clementino; e o Clube Marjayoun, situado na Aclimação.

Figura 59 — Hasbaya Clube do Brasil

Fonte: Foto da autora, 2012.

Esses clubes apresentam um menor número de associados e muitos deles frequentam outros clubes, como conta Rosely:

... acho que metade do clube, também é sócia do Clube Sírio.

Por serem clubes pequenos, cujos sócios, são essencialmente, imigrantes árabes e descendentes e também por não terem área esportiva, deve-se pensar na continuidade desses clubes, como instituição. Rosely diz que eles investem em atividades culturais e buscam fortalecer esse vínculo familiar:

... a gente tenta manter a presença desses descendentes de antioquinos, por exemplo, todas as terças-feiras, a gente tem a reunião de diretoria, só que antes da reunião, a gente tem um jantar para os associados, que é gratuito, e o pessoal vem jogar, então, hoje, por exemplo, está aí o pessoal, desde três horas da tarde jogando até oito horas, oito e meia é servido o jantar, então, eles vêm, é mais um clube social, realmente, mas serve como um ponto de encontro familiar, porque querendo ou não, todo mundo é parente de todo mundo, é aquele tal negócio... por exemplo, meus irmãos vêm de terça-feira para jantar com minha mãe, então acaba sendo um ponto de encontro para ver minha mãe, mas é gostoso, porque é uma grande família.

Em todos os clubes sírios e libaneses, sejam eles, sociais ou sócio-esportivos, a vida cotidiana também é marcada por regras claras de conveniência, entendido como:

... o gerenciamento simbólico da face pública de cada um de nós... A conveniência é simultaneamente o modo pelo qual se é percebido e o meio obrigatório de se permanecer submisso a ela: no fundo, ela exige que evite toda dissonância no jogo dos comportamentos, e toda ruptura qualitativa na percepção do meio social³⁴⁹.

Se no bairro e na rua, os sistemas de valores e comportamento são utilizados, nos clubes, esses códigos se tornam ainda mais perceptíveis e necessários para se garantir a convivência. As colunas das próximas páginas, publicadas na revista interna do Esporte Clube Sírio, indicam bem essas regras de conveniência, que determinam os comportamentos, formas de se vestir e os valores que devem ser adotados, além de manterem tudo aquilo que não convém ao grupo social à distância.

³⁴⁹ CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. *A invenção do cotidiano: morar... op.cit.*, p.49.

Figura 60 — Coluna O que vai pelo Clubinho, distribuída aos associados, escrita, inicialmente, por Alberto Saad, e a seguir, por Samir Razuck.

o que vai cascavel pelo clubinho

- O Ciro Chuzyn depois de 6 derrotas consecutivas parece que vai pendurar a raquete.
- Tania, a bela morena de olhos verdes, é um dos brotos mais lindos da nova geração. Fêz recentemente seu "debut" na sociedade e já começou a derreter centenas de corações. Quantos não imploram apenas por um olhar seu.
- O Jorge Domingos precisa prestar mais atenção às bolas no gol e menos em quem vem vindo... Entenderam?
- Najat foi uma verdadeira heroína na organização do festival da "Boa Bossa", realizado no Teatro Paramount, em benefício da Sociedade das Moças. Alcançou o mais absoluto sucesso, graças ao excelente trabalho em equipe que contou com a Carmem, Walderes, Waldete, Salua e outras esforçadas meninas.
- Durante o jogo Sírio x Hebraica, houve um leve bate-boca. Mas o grande problema foi segurar o Fauze Zarzur que quis entrar na contenda...
- Amaury quando esteve no Japão, nas últimas Olimpíadas, mandou um postal, referindo impressionado o grande número de tintureiros que tem por lá.
- Sem ética, sem os mínimos princípios de educação, a pessoa que jogou gelo no meio do salão durante o show italiano da noite do dia 18 de outubro. Desconfio de quem seja. Pode estar certa essa pessoa que estou de olho e vou persegui-la até que aprenda a ser mais educada.
- O Gijão anda bem vaidoso (e com razão), com o sucesso de seus filhos no esporte.
- Fauze Bunduki é o mais novo comandante da Sadia. Quando quiserem fazer uma viagem tranquila e divertida procurem o avião do Fauze.
- Como é agradável ver o Ramon Semin num domingo com suas 4 meninas no Clube.
- E a Gazeta? Deixou o esporte?
- Como é Afif, saem ou não as cadeiras?
- Grandes planos dos departamentos esportivo e social para a inauguração do ginásio.
- Como é pessoal, vamos nos acostumar a assistir e praticar o futebol como gente civilizada?
- Gostei muito do tom do seu cabelo, Dayse Issa. Combinou bem com seu rosto.
- Eu não aguento mais. Em todo show que apresentamos, aquele casal cisma de levantar e passar pelo cantor, numa visível falta de educação. Se eu notar outra vez essa falta de consideração, publicarei os nomes. Tenham dó...
- E o sucesso do baile de aniversário foi enorme. Todos nós esperávamos isso mesmo. Parabéns ao Issa e ao Gazeta pela excelente organização e escolha da decoração e show.
- Realmente, tivemos ocasião de ver a melhor safra de brotos no Baile de Aniversário. Quem não foi, perdeu o mais belo espetáculo em questão de bom gosto. A frequência super-selecionada garantiu o êxito do empreendimento.
- O Fares e a Lisie continuam frequentando nosso clube com assiduidade, demonstrando assim, que mesmo depois de casados pode-se divertir... Eh, casalsinho simpático.
- Delicioso o almoço que o Afif e D. Baby ofereceram por ocasião do aniversário de sua filha Celia, dia 25 de outubro.
- O Victor Nacim Abbud está em franca expansão em seus negócios. Além da Silvana, Tecidos Finos, acaba de adquirir a Esporte Augusta. É ótimo para nós que praticamos esporte e podemos pechinchar na compra.
- Quem não colaborar na quermesse do Sanatório Sírio vai ter que se haver comigo. Todos nós temos que ajudar essa meritória obra. Compareçam todos os sábados e domingos ao clube e abram a bolsa...
- Na magnífica mansão do Jean Bittar no Guarujá reuniram-se os incasáveis: Armando Narchi, Alfredo Abdo, Samir Razuk e Victor Haddad. Era uma gracinha ver-se os cinco colocando cortinas, varrendo o chão, fazendo comida e jogando buraco.

Fonte: CASCABEL – o que vai pelo clubinho. Revista do Esporte Clube Sírio, São Paulo, n.51, p.6, nov.1964.

Figura 61— Cascavel - o que vai pelo Clubinho, na Revista do Sírio de julho e agosto de 1966

cascavel o que vai pelo clubinho

★ É lógico que com as férias, não tenho muito assunto para «focos», mas já estou ofendendo meus dentes para esse segundo semestre. Olho vivo pessoal que meu veneno vai entrar em ação no próximo número.

★ A maioria dos nossos sócios que frequentam o clube

faiz passar seus dias de descanso no Guarujá ou Campos do Jordão. Vimos muita gente em Santos. Os casados iam na sexta ou sábado, fechando a loja.

★ Muita gente no Aeroporto de Congonhas para esperar o Presidente Afif Cury e D. Baby. A noite receberam em sua residência os amigos com um lauto banquete.

★ A campanha de certificados de sócios deverá ter novo alento agora com a volta das férias. Se você ainda não comprou o seu, não perca tempo. Faça um bom negócio que não se arrependerá.

★ Os «chretes» estão anunciando que vêm dispostos a «largar uma brasa» nos boites, dançando o «iê-iê-iê». Voltam os cabeludos e quem sabe os «courageiros».

★ O Armando Neme e o William Buassali já estão de volta da viagem que fizeram ao Oriente e Europa.

★ Alguém encontrou o Abrão Dib, o Sérgio Chohfi e o Maufid Matter fazendo compras em Paris e disse que o Abrão era o que escolhia tudo. Se era gravata ou roupa de mulher o Serginho e o Maufid puxavam o Abrão e faziam-no escolher. Quero ver se o Abrão comprou alguma coisa para ele mesmo.

★ O Walid está prometendo grandes promoções sociais para este semestre. Aguardamos com ansiedade.

★ Renato Tuma anda na «crista».

★ É a gente sempre pergunta por que certas pessoas sempre fazem os cobradores voltar duas ou três vezes para receber a mensalidade, quando se sabe que não é falta de dinheiro. É que eles nunca sentiram na pele o trabalho árduo de cobrança. São pessoas insensíveis e destemidas. Que a torapça caia na cabeça de quem quiser...

★ Alguns associados ainda não se convenceram da necessidade de comprar o certificado de sócio. Os nossos estatutos são claros e vão ser cumpridos fielmente. Não se queixem depois, pois a pouco e pouco vão sendo preenchidos as vagas do clube e não haverá mais possibilidades de voltar atrás. Arrependimento não «quebra galhas». Se você tivesse comprado o certificado na primeira campanha, por 60 mil cruzadas, estaria ganhando mais de 3 vezes o valor pago, pois hoje valem 2 milhões. E, se hoje, nesta campanha estão sendo vendidos a 750 mil cruzadas, dentro em pouco só serão vendidos (se ainda houver) a 2 milhões mesmo!

★ A G. H. anda em «fóvos» e não dá o braço a torcer, porque quer que ele tome a iniciativa. E está certa.

O que é que o S. está esperando? Vamos rapax, está na hora de casar. Veja o exemplo das que estão para titia... (não siga o mau exemplo).

★ Vi, na Augusta, saindo do cinema, de braços dados dois bretos do clube que nos bailes dão show de lá-lá-lá.

★ Enquanto o Afif esteve no exterior, o Eddie divertia-se meditando peços da fazenda, gentilmente acompanhado de 12 fiscais estaduais...

★ E, por falar em 25 de março, os comerciantes dessa rua estão tranquilos quanto às visitas, pois que não têm nada a temer da fisco. Ma fi barrani, dizem...

★ O Baile de Aniversário do Clube será em Setembro e vai abafar...

★ E o Jorge Domingos conseguiu o milagre de trazer uma equipe de associados ao meio-dia para o clube a fim de desenferujar os ossos. Eis alguns deles, bastante conhecidos de vocês, que constituem a turma pesada do meio-dia: Nassib Hesson, Guilherme Afif Domingos, Celso Cury, Jorge Domingos, Jorge Alfredo Camasmie (Dinho), Cláudia Cury e Alvaro Camasmie.

★ E a turma «da pesada» está tão animada com a corrida de fundo que, alguns deles como o Cláudia Cury, já fizeram sua inscrição para participar do São Silvestre.

★ Quando a Marly Haddad soube que o Cláudia Cury tinha se inscrito no São Silvestre fez cara feia e disse que não passa o Reveillon sem ele. O Cláudia não sabe o que fazer: ou disputa o São Silvestre ou o Marly briga com ele. Cascavel, dá um conselho ao Cláudia: Convide a Marly para correr com você no São Silvestre.

★ E não adianta temer. Se você não apresentar sua carteira de sócio ao entrar no clube, vai ser borrado. E melhor não passar vexame. Traga sempre consigo sua carteira e, assim, estará colaborando para a disciplina interna.

★ Novo sistema para engordar, sem fazer força. Utilizam o sistema patenteado pelo Eduardo Makul. Aos sábados e domingos «erram» o almoço na casa do futuro sogro (... e às vezes também junto...) E o fator principal do regime é obedecer às ordens da noiva para não praticar mais esportes.

★ E, por falar no 25 de Março, os nossos patrícios estão ficando diferentes: nunca fizeram seguro contra incêndio. Em compensação os seguradores, atualmente, não conseguem transitar por aquela via, pois os comerciantes os agarram pelo braço, implorando para fazer um segurozinho. Por que será?

★ Dizem que o Nassibão não olha mais para os amigos. Ficará brevemente noivo, rasgando a carteira do «Celibatário's Club». Agora só tem elhaves para a Nancy.

Os clubes exercem uma função importante na manutenção de tradições e práticas culturais sírias e libanesas. Rosely Mitre Hannun conta sobre algumas festas:

A gente costuma fazer os eventos principais aqui no clube, a Páscoa Ortodoxa, Dia dos Pais, Dia das Mães, aniversário do clube e Santa Bárbara, ela sofreu o martírio perto de Antioquia, então Antioquia comemora o dia dela... e foi agora dia 04 de dezembro, terça-feira passada, então a gente costuma fazer um doce feito de trigo e um doce feito com nozes, e o bispo vem todo ano aqui, ele abençoa, ou fala um pouco da história dela e a gente comemora, é muito bom... E os meses que não tem os eventos, assim, obrigatórios, a gente sempre faz, inventa alguma coisa, então tem o aperitivo do tio Mounir, que é um aperitivo que meu irmão gosta muito de aperitivo, e sempre vinha tomar aqui, então acabava trazendo amigos, agora a gente faz para todo mundo, para todos os associados, chama todos os associados para o aperitivo no domingo, isso a gente faz duas vezes por ano...

Os clubes Sírio, Monte Líbano e Homs também costumam fazer algumas festas árabes, com dabk, dança do ventre, música e comida. Com uma frequência menor, também se apresentam artistas da Síria ou do Líbano nestes espaços. Como nos três clubes, hoje em dia a maior parte dos associados é de segunda e terceira geração, há uma preocupação com a preservação da cultura.

Os jogos de gamão, que eram frequentemente jogados pelos senhores no interior desses espaços, também são incentivados, como conta Ahmad Aref:

Eu sou convidado pelo Sírio para levar esse grupo de pessoas que gostam de jogar lá pro Sírio para manter a cultura desse jogo, entendeu? Senão, com tempo, ele vai morrer. Se as novas gerações não passarem a adotar, ele tende a morrer. Então, nós estamos fazendo de tudo para cultivar nossa cultura, em todos os setores.

Figura 62 — Nota sobre o jogo de taule no Esporte Clube Sírio, em 1966

Fonte: VAMOS Jogar Taule? Revista do Esporte Clube Sírio, São Paulo, n.61, p.24, nov-dez.1966.

Há hábitos e costumes criados nessas instituições pelos imigrantes que são passados naturalmente para a segunda e terceira geração, sem haver a necessidade de formalização dessas práticas. Por exemplo, na cultura árabe, é comum que os homens se beijem ao se cumprimentar. Nota-se que muitos meninos, logicamente, não adotam essa prática em outros ambientes, mas ao estarem no clube, acabam se cumprimentando dessa forma.

O cardápio de todos os restaurantes dos clubes é outro elemento de preservação da cultura árabe nestes espaços. Os pratos dessa cozinha são oferecidos cotidianamente, além de estarem presentes na maior parte dos eventos sociais.

Além dos restaurantes dos clubes, é necessário analisar este tipo de estabelecimento e os empórios na cidade, tanto para o grupo migratório e seus descendentes quanto para a população paulistana.

3.5 Gastronomia

A alimentação, além de suas funções básicas, representa um sistema cultural, repleto de significados. Ao pensar nos restaurantes e empórios árabes, eles desempenham esta função cultural, ou seja, são locais onde é possível encontrar ingredientes para cozinhar, segundo alguns hábitos e tradições do país de origem, e também comer pratos tipicamente árabes, que estão na memória individual e social destas pessoas e com os quais elas se identificam. Gilberto Sarruf diz:

Na comida, você vê, nós temos, tradicionalmente, o Empório Syrio, que é uma casa que deve estar próxima dos cem anos, que ainda mantém a tradição, embora tudo que tenha no Empório Syrio tem no supermercado perto da sua casa, mas é a tradição de comprar o pão árabe, de comprar o pistache, algumas sementes, o *zattar*, alguns produtos, vamos dizer, produtos árabes, misturado com uma série de outros que não são árabes. Como a folha de uva, por exemplo, que ainda tem as tradições de algumas famílias de comprar a folha de uva in natura para fazer o charutinho de folha de uva.

Ricardo Cury, proprietário do Empório Syrio, entrevistado em 2008³⁵⁰ fala:

... eles vêm para cá para buscar as coisas da cultura. Ela vem para comprar trigo para o quibe, ou aquela comida síria ou *zattar* ou *snubar*, às vezes, até os *buffets*, mesmo os que não são de comida árabe compram da gente alguns ingredientes para fazer as comidas, quer dizer as pessoas vêm para 25, e principalmente para o Empório devido à cultura árabe.

Ahmad Aref conta, em trecho já transcrito, sobre a presença de restaurantes árabes no Brás e açougues que vendem carne *halal*:

O que tem aqui, na verdade, nós temos uma mesquita, vários restaurantes, açougues *halal*, você sabe que o muçulmano aqui, ele não come carne que não seja sangrada da maneira islâmica. Então, nós temos três, quatro açougues aqui. Temos mesquita, temos restaurantes, portanto, isso marca a presença deles, né?

³⁵⁰ Entrevista realizada em setembro de 2008.

Figura 63 — Abuali Churrascaria e Restaurante. O local, situado em frente à Mesquita do Pari, oferece churrasco de carne *halal*

Fonte: Foto da autora, 2012.

Estes estabelecimentos também são importantes para a segunda e terceira geração de imigrantes, que frequentemente, não sabem mais como preparar a comida no espaço privado, ou que devido ao ritmo de vida optam por ir a restaurantes. Ricardo Cury afirma:

Atualmente, a preocupação em preservar a cultura não é o aspecto mais importante, o interesse está diminuindo bastante, tanto é que quando eu ouço: — A minha avó fazia isso... — e é uma pessoa jovem, eu pergunto: — você aprendeu com ela? — e digo: — aprende. Cada vez as pessoas têm mais facilidade e o comer em casa se torna mais raro, então acaba se perdendo o interesse em preservar...

A alimentação também marca bastante a experiência de uma pessoa em determinado local. Adel Auada ao descrever a região do Paraíso, onde moro, ao site São Paulo Minha Cidade utiliza referências da gastronomia:

Aos domingos, caminhando pelas ruas do Paraíso, sentia-se o perfume dos temperos que eram usados para o almoço típico dos árabes: o cheiro do *zattar*, da hortelã, da manteiga derretida, da esfiha saindo do forno e do pão quentinho.³⁵¹

³⁵¹ SÃO PAULO, um paraíso. Depoimento de Adel Auada, publicado em 20 de outubro de 2009. Disponível em: <www.saopaulominhacidade.com.br>. Acesso em: 02 fev.2013.

Observa-se que a cozinha árabe é citada por quase todos os entrevistados, como umas das principais formas de presença árabe. Padre Elias Karam afirma:

Se eu quero falar de características que eles guardaram da cultura deles, na verdade, tudo ficou, tudo é muito ligado a culinária, aí aqui, quando a gente faz festa aqui, da Nossa Senhora com comida, com coisas árabes, aí é só isso aqui que vai aparecer dessa cultura libanesa, que será mais forte. Todo mundo aqui sabe, quando tem essa festa, que tem comida árabe, todo mundo vêm... é porque a gente conhece essa cultura árabe, libanesa, demais, através da culinária.

Há uma concentração de restaurantes árabes nas áreas da 25 de Março, Paraíso e Brás, além de Moema e Itaim Bibi. Esses locais surgiram, em grande parte, com o intuito de atender a comunidade árabe e descendente presente nestas áreas e também porque muitos dos proprietários chegaram a habitar esses locais. Rosely Mitre Hannun, os padres Ziad Alkhoury e Dimitrios Attarian mencionam essa presença no bairro do Paraíso:

Sim, pelo grande número de descendentes que moram no bairro e pelo comércio também, você vê que muitos são descendentes, né? Os proprietários de lojas, de padarias, de restaurantes... são todos voltados para cultura árabe. (Rosely Mitre Hannun)

Não podemos esquecer agora da quantidade de restaurantes, né? Essas padarias árabes que vendem esfihas, tudo, aqui mesmo, do nosso lado, já fechou, mas tinha aqui... tem o Jaber ainda, o próprio Habib's abriu aqui... também tinha uma muito famosa, que era a Catedral, né? conhecida por todos...a Catedral tá em outro lugar... e não só essas, se você for procurar aqui no bairro, você vai encontrar restaurantes, muitos. Então, esse legado ficou, esse legado ficou... (Padre Dimitrios Attarian)

... a presença de vários restaurantes árabes por aí e ainda existem bastante familiares que moram nesses prédios. (Padre Ziad Alkhoury)

Figura 64 — Vitrine com doces árabes e pão sírio no restaurante Jaber

Fonte: Foto da autora, 2012.

Figura 65 — Buffet no restaurante Jacob do Paraíso

Fonte: Foto da autora, 2012.

Os restaurantes também são percebidos como uma presença significativa na área do Brás, como apontado pelo Sheik Mohamad Al Bukai e por Hassan Gharib, respectivamente:

Restaurantes têm aqui, vários lugares que são restaurantes árabes... a influência da comida árabe...

Nós tínhamos antigamente um ou dois restaurantes, hoje no bairro do Brás, nós temos quase, praticamente, dez restaurantes. Padaria... nós tínhamos um empório pequeno, agora nós temos mais de quatro, cinco empórios.

Em relação a 25 de Março, a presença na gastronomia também é citada pela maior parte dos entrevistados, como afirma Daniela Sucar Dib quanto à influência árabe na região:

... uma das coisas que mais acho que aproxima é a questão da cultura de alimentação, temperos, costumes, no sentido da culinária...

Atualmente, ao pensar no público que frequenta esses estabelecimentos, percebe-se que ele é bem diversificado. Há uma parcela significativa de imigrantes árabes e descendentes, mas como afirma o Sheik Metwally, a comida síria e libanesa foi bem absorvida em São Paulo:

Nesse sentido, os árabes... a comida árabe virou o cardápio brasileiro, quibe, esfiha, tabule, etc...

Pierre Moujaes diz que a maioria de seus clientes ainda é da colônia, mas que o Abu-Zuz é frequentado por outros grupos:

Sem dúvida a colônia, a colônia sírio-libanesa, palestinos, os judeus árabes, que estão aqui e que têm muita confecção. Os hábitos deles são praticamente os mesmos que os nossos, e agora, com a presença de outras colônias, coreanas, chinesas, também tão frequentando e eles estão adorando a nossa culinária. E o brasileiro, sem dúvida, que ele, o brasileiro, adora a culinária libanesa. A culinária sírio-libanesa no mundo todo é bastante apreciada.

Ricardo Cury explica como sua clientela se modificou ao longo dos anos:

Antigamente, vamos supor, vinham 100 pessoas e dessas, 80 eram sírios e libaneses. Atualmente, vêm 10.000 pessoas e os mesmos 100, 120 frequentadores que continuam vindo, ou seja, proporcionalmente, o número é bem menor.

Regina Maatouk afirma que hoje em dia, os sírios, libaneses e descendentes vão ao restaurante Monte Líbano, mas não são a maioria:

O Restaurante Monte Líbano frequentam alguns libaneses, mas hoje em dia, a maioria dos meus clientes não são libaneses, a maioria são brasileiros, são bancários, pessoal da bolsa, executivos, são de algumas empresas que vão também e alguns lojistas, que ainda continuam... os pais já não vão mais, continuam indo os filhos, mas eu diria assim, que 20% só do meu movimento, do Monte Líbano é libanês, o resto é tudo isso que eu te falei, japoneses, brasileiros, vai muito estrangeiro também...

Logicamente, a relação estabelecida entre os restaurantes árabes e as pessoas que não são de origem síria e libanesa é diferente. Esta é objeto de conhecimento e apreciação, mas não de identidade ou de referência.

Os restaurantes árabes se espalharam pela cidade e em todos os guias gastronômicos, há uma seção dedicada a esta cozinha. O número de estabelecimentos tem crescido vertiginosamente em várias regiões da cidade. Também são frequentes matérias nas principais revistas e jornais paulistanos, indicando uma demanda consolidada na capital.

Além disso, essa cozinha se popularizou. Há restaurantes árabes nas praças de alimentação de diversos shoppings e redes de *fast-food*, como o Habib's, em toda capital. Nestes locais, a comida difere da oferecida nos restaurantes tradicionais, tendo passado por diversas modificações.

Além dos espaços de lazer, educação e religião tratados até aqui, outro setor que teve bastante investimento dos sírios, libaneses e descendentes, tendo sido importante para sociabilidade e fortalecimento da identidade árabe na cidade, foi a criação de associações de benemerência e hospitais.

3.6 Hospitais e Associações de Benemerência

À medida que se estabelecia em São Paulo e ascendia socialmente, a colônia síria e libanesa passou a investir na fundação de entidades de benemerência. Essas eram criadas com objetivos filantrópicos e buscavam ajudar tanto as pessoas que necessitassem na cidade e no país, quanto na Síria e no Líbano.

Há aquelas relacionadas às instituições religiosas, tais como a Sociedade Maronita de Beneficência, cuja casa fica no Planalto Paulista, a Sociedade Beneficente Muçulmana, situada juntamente com a Mesquita Brasil e que deu

origem a esta, a ABIB- Associação Religiosa Beneficente Islâmica do Brasil, que funciona no mesmo local da Mesquita do Brás, dentre outras. Elas buscam arrecadar fundos para suas atividades através de doações e eventos, realizados tanto em sua sede quanto em outros espaços do grupo migratório.

Um grande número de entidades também foi fundado por mulheres. Embora, elas tenham sido incentivadas a estudar, havia uma barreira para a profissionalização. Para a primeira e segunda geração, como afirma Truzzi, “o objetivo de estudar para as mulheres nunca foi o exercício de uma profissão, mas tão somente tornarem-se educadas”³⁵². Assim, essas mulheres, especialmente das camadas mais ricas, que não participavam das forças de produção, acabaram atuando na filantropia, uma vez que esta era a única alternativa, fora do lar, para senhoras bem casadas e educadas. A atividade também era “compreendida como complementar, incapaz de fazer sombra à autoridade do chefe de família e, por isso mesmo, enobrecedora de virtudes femininas”³⁵³.

Uma das primeiras organizações fundada por um grupo de senhoras, em 1918, foi a Associação do Sanatório Sírio, que visava inicialmente com o nome de Refúgio dos Órfãos, ajudar crianças órfãs da Primeira Guerra Mundial³⁵⁴.

Na década de 1930, quando a tuberculose era considerada uma das ameaças mais sérias, o grupo passou a dar assistência em sanatórios particulares de Campos de Jordão, com o nome de Sociedade Beneficente das Senhoras Homsenses. Em 1936, surgiu a ideia de um sanatório próprio e a denominação da entidade foi alterada para Sociedade Beneficente de Damas Pró-Sanatório Sírio em Campos do Jordão.

O local foi inaugurado em 1949 e o nome da associação foi modificado novamente, para o utilizado hoje em dia. A diminuição dos casos de tuberculose, na década de 1960, levou à discussão dos primeiros projetos para construção do hospital dedicado às cirurgias torácicas, dando origem ao futuro HCor - Hospital do Coração, localizado na rua Eliseu Guilherme, no bairro do Paraíso³⁵⁵.

Outra entidade feminina é a Sociedade Beneficente de Senhoras - Hospital Sírio Libanês, que surgiu em novembro de 1921, quando Adma Jafet, esposa de Basílio Jafet, reuniu algumas senhoras em sua casa localizada na rua do Paraíso e

³⁵² TRUZZI, Oswaldo. Patrícios: sírios e libaneses... *op.cit*, p.155.

³⁵³ *Idem*, p.156.

³⁵⁴ HAJJAR, Claude. *Imigração Árabe...* *op.cit*.

³⁵⁵ HOSPITAL DO CORAÇÃO. Disponível em: < www.hcor.com.br >. Acesso em: 14 jan.2013.

lançou a ideia de um hospital do grupo. Ali mesmo já começaram as doações, que quinze dias depois, já somavam 429.750 contos de réis³⁵⁶.

A arrecadação mobilizou as senhoras da Sociedade e toda colônia síria e libanesa. Basílio Jafet também utilizou seu prestígio e poder para angariar fundos, sendo que na sua fábrica, não se comprava mais um único fardo de algodão se o vendedor não deixasse sua contribuição³⁵⁷. As reuniões, inicialmente, eram realizadas na Igreja Ortodoxa Antioquina da Anunciação à Nossa Senhora, na rua Comendador Basílio Jafet, como conta Padre Dimitrios em trecho de entrevista já citado:

Tudo isso surge no salão paroquial da igreja, alguns lá embaixo ainda, porque na época da Adma Jafet, ainda estava na igrejazinha lá embaixo, era no salão que elas se reuniam, você vê as fotos da fundação do Sírio-Libanês, você vai ver que é feito no salão da igreja paroquial, então, mesmo que tenham sido fundadas lá e fizeram as reuniões lá... na igrejazinha da 25 de Março, aquela da Basílio Jafet, né? que era o marido da Adma, que... é a ruinha da igreja, antigamente chamava Itobi, uma coisa assim.

O terreno para construção do hospital deveria estar situado em algum local central, alto e arejado, como na região da Avenida Paulista, Higienópolis ou Vila Mariana. A escolha acabou sendo por uma área de 17.000 metros quadrados entre as ruas da Fonte, atual rua Adma Jafet, e Barata Ribeiro, perto do Trianon, abaixo da Paulista. Em 1931, a construção foi iniciada, com abertura prevista para 1941. No entanto, o governo do Estado solicitou o prédio para a Escola de Cadetes. Apenas em 1959, a escola saiu do local e o hospital pôde reabrir suas portas. Foi necessário reformá-lo e em 1961 foi feita a primeira cirurgia no local³⁵⁸.

Atualmente, o Hospital Sírio-Libanês, por seu pioneirismo e excelência, é considerado um dos melhores do país, sendo referência na cidade e na América Latina. O local também possui mais duas unidades em São Paulo e outra em Brasília.

Além dessas entidades, cujo trabalho resultou na construção de dois hospitais importantes da capital, temos a Mão Branca, Associação Beneficente de Amparo aos Idosos, fundada em 1912 por um grupo de senhoras da colônia árabe que se

³⁵⁶ JAFET, Violeta (Coord.). *Hospital Sírio-Libanês: 85 anos*. São Paulo: Editora Siciliano, 2006.

³⁵⁷ JAFET, Violeta (Coord.). *Hospital Sírio-Libanês... op.cit.*

³⁵⁸ *Idem.*

reuniam semanalmente no salão da Igreja Ortodoxa, com o objetivo de fornecer mantimentos e auxílio às pessoas mais velhas³⁵⁹.

Com o passar do tempo, essas mulheres decidiram construir um asilo, inaugurado em 1944, no bairro de Santo Amaro. Atualmente, a Mão Branca possui 142 leitos, sendo mantido por idosos pagantes, que correspondem a dois terços do total e por doações de pessoas da colônia e de fora dela³⁶⁰.

Outra instituição localizada na zona sul, na Avenida Guarapiranga, próximo a comunidades carentes, é a Associação Cedro do Líbano de Proteção à Infância. Esta surgiu em 1947, com mulheres da coletividade que se reuniam para tricotar cobertores para crianças carentes. Elas começaram a observar que suas funcionárias não tinham com quem deixar seus filhos enquanto trabalhavam e decidiram fundar uma creche³⁶¹.

Ao longo dos anos, a entidade cresceu bastante. Atualmente, são doze centros de educação infantil, dois centros para criança e adolescente e um para juventude, além de uma ampla área dedicada à recreação. O local recebe diariamente mais de duas mil crianças e adolescentes em seus centros educacionais, onde são desenvolvidos diversos trabalhos de assistência, com direito à alimentação, recreação e atendimento pedagógico e social gratuitos para as famílias. Além disso, são oferecidos cursos profissionalizantes de informática e gastronomia.

Há também a Associação Beneficente Sírio-Libanesa, fundada por um grupo de moças da coletividade em 1924. Essa organização liderou diversas campanhas cívicas, tais como: a confecção de capas para os batalhões durante a revolução, em 1932; o envio de remédios à FEB na Itália em 1945; a ajuda aos flagelados da Síria e do Líbano, em 1946; amparo financeiro aos palestinos banidos de suas terras, em 1947; e em 1951, auxiliou na arrecadação de medicamentos para a Cruz Vermelha Internacional³⁶².

Com o tempo, essa organização ampliou seu trabalho para outros setores, nascendo em 1997, a Creche Adélia Cury para crianças carentes. Atualmente, a sede social se localiza na rua Augusta, e a creche, no bairro de Mirandópolis.

³⁵⁹ DANIEL, Isaura. A mão generosa da colônia árabe. *Anba- Agência de Notícias Brasil-Árabe*. São Paulo, 25 mar. 2013. Disponível em: <www.anba.com.br>. Acesso em: 21 mai. 2013.

³⁶⁰ DANIEL, Isaura. A mão generosa da colônia... *op.cit.*

³⁶¹ *Idem*

³⁶² CRECHE ADÉLIA CURY. Disponível em: <www.crecheadeliacuri.com.br>. Acesso em: 16 jan.2013.

Diferentemente das demais associações concebidas por mulheres, o Lar Sírio, localizado no bairro do Tatuapé, surgiu em 1923, quando um grupo de jovens da cidade de Homs decidiu fundar um abrigo, antigamente chamado de Orphanato Syrio, para órfãos daqui e da Síria³⁶³.

Hoje em dia, com a mudança nas leis brasileiras de adoção, o local possui apenas vinte vagas para crianças e jovens, encaminhadas pela Vara da Infância e Juventude, sendo esta uma parcela pequena do trabalho. O Lar é responsável por cinco projetos sociais, que incluem reforço e complementação escolar, cursos profissionalizantes e assistência de saúde, odontologia, psicologia, dentre outros. A maior parte das crianças vem da periferia da Zona Leste e estão em situação de vulnerabilidade social³⁶⁴.

Nota-se que todas as associações contaram com uma mobilização considerável da colônia, como indica o anúncio da próxima página, publicado na Revista do Esporte Clube Sírio. Além disso, participar dessas organizações trazia prestígio social, e para as moças, era uma forma de ser bem vista pela sociedade.

Figura 66 — Nota na coluna O que vai pelo Clubinho, na Revista do Esporte Clube Sírio

Fonte: CASCABEL – o que vai pelo clubinho. Revista do Esporte Clube Sírio, São Paulo, n.51, p.6, nov.1964.

³⁶³ LAR SÍRIO. Disponível em: < www.larsirio.org.br>. Acesso em: 01 fev.2013.

³⁶⁴ DANIEL, Isaura. A mão generosa da colônia... *op.cit.*

Figura 67 — Anúncio da Quermesse Beneficente da Associação do Sanatório Sírio

Fonte: REVISTA DO ESPORTE CLUBE SÍRIO [anúncio]. São Paulo, n.51, p.16, nov.1964.

É interessante observar que para os imigrantes árabes, além do objetivo altruísta, as instituições de benemerência eram vistas como uma forma de retribuir o sucesso econômico atingido na sociedade para a qual imigraram. Mário Rizkallah explica:

Meu avô, pessoalmente, ajudou o Hospital Sírio Libanês, o Sanatório Sírio, o Lar Sírio... tem até um pavilhão que ele deu o nome dele na Santa Casa. Meu pai também, quer dizer, eles sempre foram pessoas muito gratas à terra que os acolheu, ao povo que os acolheu e tentavam retribuir, de alguma forma, com essas obras filantrópicas, né?

Havia uma necessidade de mostrar para sociedade paulistana que eles, como imigrantes, contribuíam para o desenvolvimento da cidade. Essas organizações, por serem de origem árabe e atenderem às sociedades locais, funcionavam como um meio notório de se construir um espaço étnico sírio-libanês e de afirmar a identidade

do grupo na esfera pública. Em 1917 e 1918, por exemplo, as doações sírio-libanesas levaram a Câmara dos Deputados de São Paulo, a aprovar moções de louvor ao grupo. Também se conta que houve um agradecimento público dos Escoteiros do Brasil, que chegou a reunir quinze mil pessoas³⁶⁵.

Atualmente, a manutenção da maioria dessas sociedades é feita a partir de doações do grupo e de fora dele, através de eventos beneficentes, e em alguns casos específicos, por meio de parcerias com a prefeitura, do aluguel de parte de suas instalações, dentre outros.

A diretoria destas organizações é formada, em quase sua totalidade, por imigrantes sírios, libaneses e descendentes, sendo frequente que os filhos e netos dos fundadores permaneçam na administração. Essa é uma presença importante, que ajuda a manter características culturais do grupo nestes espaços.

Os imigrantes e descendentes se identificam com eles, como contou Lourenço Chohfi Filho, neto de Violeta Jafet, a respeito do Hospital Sírio-Libanês. São comuns notícias sobre esses espaços nas revistas da colônia, como a Chams, que trouxe, por exemplo, na edição de agosto de 2013, uma matéria sobre a festa junina do Lar Sírio.

Após ter sido analisado, as sociedades de benemerência, os hospitais, o lazer, a religião, a educação, o cotidiano e o comércio, o próximo capítulo tratará dos locais de identidade e memória dos sírios e libaneses na cidade de São Paulo, a partir da ótica das mudanças e permanências ocorridas nos bairros em que eles se inseriram.

³⁶⁵ LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional... op.cit.*

IV Mudanças e Permanências: Lugares de Identidade e Memória

Todo caminho percorrido por um grupo migratório, e nesta pesquisa, pelos sírios, libaneses e descendentes envolve mudanças e permanências, sendo que estas últimas encontram-se estritamente relacionadas à identidade e à memória da etnia.

4.1 Mudanças e Dinâmica Urbana

Ao pensar na dinâmica de uma cidade e na mobilidade de um grupo migratório, a noção de movimento, e portanto, de mudança, está implícita.

A ideia de mudança pode ser analisada de diferentes formas. É possível entendê-la como a dispersão do grupo pela cidade, ou seja, através da inserção dos sírios e libaneses em novos espaços, bairros e regiões. No caso desta pesquisa, também é plausível compreendê-la a partir da análise dos lugares ocupados pelo próprio grupo migratório. Ao se falar em mudança, deve-se considerar que esta envolve uma transformação a partir de algo que já foi ou está sendo escrito no espaço. Ela sempre retém algo. Assim, toda mudança, considerando-se um bairro ou região, envolve uma permanência.

A inserção dos sírios e libaneses na cidade de São Paulo iniciou-se na área da rua 25 de Março e adjacências, onde esses imigrantes começaram a se estabelecer no final do século XIX. Por volta de 1925, eles já ocupavam toda a área da 25 de Março³⁶⁶, sendo que, inicialmente, a via exercia uma função tanto residencial quanto comercial.

À medida que começaram a melhorar de situação financeira, o grupo iniciou uma dispersão residencial em direção à Vila Mariana e Paraíso, constituindo no local, o segundo maior núcleo da colônia árabe, por volta de 1940.

³⁶⁶ KNOWLTON, Clark. S. *Sírios e Libaneses: Mobilidade Social e Espacial*. São Paulo: Anhambi, 1960.

A mobilidade residencial em direção à zona sul prosseguiu pelas ruas do Paraíso no sentido ao Ibirapuera, atingindo a área da Avenida Indianópolis e Planalto Paulista. O deslocamento residencial 'desceu' esta avenida, estendendo-se à República do Líbano e ao bairro de Moema.

Os imigrantes que continuavam a chegar, também começaram a se estabelecer no Brás, mais notadamente a partir das décadas de 1940/ 1950, tanto para moradia quanto para o trabalho no comércio. Uma grande parte dos sírios e libaneses, que inicialmente se fixou na região, optou por sair residencialmente do local, sendo que aqueles de maior poder aquisitivo foram para bairros mais elitizados. No entanto, como no Brás, há uma maior concentração de imigrantes de primeira geração, alguns não possuem meios de saírem. Dessa forma, permaneceram na área, no Pari, bairro vizinho, ou se dirigiram para zonas periféricas da cidade.

Percebe-se, portanto, que a mobilidade dos sírios e libaneses foi acompanhada por uma mudança de função das regiões em que se inseriram. Assim, a 25 de Março tinha uma função comercial e residencial. A primeira continua a ser exercida claramente pela área. A segunda, praticamente, não acontece mais, sendo que os pouquíssimos prédios residenciais são voltados para classes sociais mais baixas, e ocupados em quase sua totalidade por chineses e coreanos. A rua 25 de Março e suas adjacências, por outro lado, devido ao alto valor do metro quadrado, passaram a funcionar como um rendimento imobiliário para grande parte da colônia síria e libanesa.

A Vila Mariana, o Paraíso, o Planalto Paulista e Moema surgiram como lugar de residência e mantiveram essa característica. Com exceção do Planalto, todos têm um pequeno comércio, mas que não representa o principal papel desempenhado por estas áreas.

O Brás, por sua vez, nasceu com uma função industrial e comercial, apresentando para o grupo, também uma função residencial. Da mesma maneira que a 25 de Março e entorno, à medida que progrediram, os imigrantes árabes e descendentes que habitavam a área, procuraram deixá-la, ou seja, suas funções se separaram, sendo atualmente mais significativas as duas primeiras.

Essa dissociação das funções residencial e de trabalho acompanham uma dinâmica comum na cidade de São Paulo. Os bairros mais elitizados têm função exclusiva de moradia, ou no máximo, apresentam um pequeno comércio. O trabalho,

de forma geral, está localizado longe da residência. As zonas centrais, por sua vez, não são atraentes para habitação das classes sociais mais altas.

Além desta mudança, a mobilidade implicou na criação de instituições culturais do grupo nas áreas em que se estabeleceram. Se inicialmente, todas se concentravam na área da 25 de Março, a dispersão levou à construção de igrejas, mesquitas, clubes e restaurantes nos bairros citados, explicitando a cultura árabe nesses locais, tanto para membros da colônia quanto para pessoas que não têm essa ascendência, que irão percebê-la de forma diferenciada.

A mobilidade do grupo, portanto, levou a uma produção do espaço nestes bairros, marcada pela cultura árabe. Quantitativamente, esse processo pode contribuir para uma diminuição de intensidade da presença da etnia em uma área da cidade. Por outro lado, ele também ajuda a criar novos polos de concentração, que apresentam características desse grupo migratório. Logo, a mobilidade envolve mudança, mas também presença e permanência. Ela só é percebida e identificada, na medida em que cria raízes nos locais incluídos em sua dinâmica, ou seja, no momento em que se apropria do espaço e o modifica.

A mudança de intensidade da presença árabe nos bairros estudados é percebida por muitos entrevistados. Na maioria dos relatos, ela é associada ao crescimento do bairro ou região e à entrada de novos grupos migratórios. Em relação à área do Paraíso, por exemplo, Rosely Mitre Hannun diz:

Mudança, eu acho que foi uma miscigenação, né? Porque antes tinha muito mais descendentes de árabes e hoje, já é muito mais misturado, são várias culturas, então acho que a mudança maior foi o crescimento do bairro... e com isso, trazendo outras culturas e povos, então essa miscigenação... e o comércio cresceu demais, o bairro se ampliou, né? Então hoje um bairro é ligado ao outro, o Paraíso com a Vila Mariana, é tudo junto, então acho que o crescimento mudou bastante coisa.

Em relação ao Brás, os entrevistados percebem essa mudança, mas Hassan Gharib faz uma observação interessante sobre os estabelecimentos árabes no local:

Mudanças sim... lógico. Aumentou em termos de população, em termos de lojas. No Brás, antigamente, tinham muitos galpões, hoje tão se tornando vários shoppings, hotéis. Nós tínhamos uma mesquita, agora nós temos um outro centro islâmico. Nós tínhamos antigamente, um ou dois restaurantes. Hoje, no bairro do Brás, nós temos quase, praticamente,

dez restaurantes. Padaria... nós tínhamos um empório pequeno, agora nós temos mais de quatro, cinco empórios. Temos até cabeleireiro árabe, libanês...

Ele, diferentemente, dos demais entrevistados da área aponta uma intensificação das características árabes no local. O levantamento realizado não permitiu fazer esta análise comparativa entre o início da inserção síria e libanesa no bairro, o passado recente e a atualidade, uma vez que não havia inventários anteriores do comércio e das instituições culturais da etnia na região. Observa-se pela data de abertura das lojas, que continuam a chegar sírios e libaneses no local, porém não se pode afirmar se houve momentos em que essa presença foi numericamente mais marcante.

Além da entrada de novos grupos migratórios que tem implicações importantes na configuração espacial das áreas estudadas, observam-se mudanças na forma de utilização do espaço. Em relação ao Brás, Pierre Moujaes diz:

Sim, essa região passou por várias mudanças, gradativamente. Eu falo dos anos 1970 até aqui, é a época que eu passei por ela, acompanhei. O tipo do comércio, antes eram comércios pequenos, familiares, a maior parte morava atrás da loja, ou em cima da loja, acabou crescendo, montaram fábricas, aumentaram as lojas...

Essa alteração do padrão de ocupação do estabelecimento comercial altera o espaço público, a rua, e a percepção que se faz dele. Hassan Gharib, no trecho acima citado, diz que antigamente o bairro possuía inúmeros galpões, que estão sendo substituídos por *shoppings* e hotéis. Ainda encontramos muitos depósitos, lojas de grande extensão e fábricas de jeans na área, mas a observação dele indica uma tendência de valorização imobiliária.

Assim, o bairro, inicialmente procurado por seus terrenos baratos, inclusive por redes da 25 de Março, que necessitavam de espaço físico para seus produtos, como conta Simão Mouawad no trecho abaixo, também começa a apresentar novas formas de organização espacial:

... como estou nas duas (25 de Março e Pari)... então a gente foi procurar um lugar mais barato para ter os armazéns que a gente precisava e tudo. O preço na 25 de Março ficou proibitivo... pela invasão chinesa, eles pagam qualquer valor de aluguel, eles pagam qualquer valor de instalação,

então a gente tentou fazer essa mudança e essa mudança foi bem sucedida.

A valorização imobiliária da rua 25 de Março e entorno, por sua vez, teve implicações significativas na configuração do comércio, como a expansão das redes de lojas consolidadas e o aumento do número de *shoppings* e galerias.

Outro fator importante que levou Simão Mouawad a ampliar seus negócios para o Pari foi a mudança do atacado para o varejo na 25 de Março:

Então com um fluxo muito grande na 25 de Março, começou a ter um movimento muito grande de varejo, de vender peças para uso pessoal, para as coisas pessoais, e aqueles que compravam para revender começaram a se sentir incomodados com isso e começaram a procurar uma outra região.

Essa transformação também é notada por outros empresários da área. Gilberto Sarruf diz:

E a região vem sofrendo uma transformação porque ela era uma região de atacado na época dos antecessores e hoje é uma região de varejo...

Sérgio Zahr concorda:

... o comércio mudou, né? Antigamente era um centro atacadista, né? E hoje ficou um varejo popular, um comércio de varejo popular. Antigamente, a gente entrava, chegava na loja e ficava contando as caixas que tinha para despachar.

Essa modificação do comércio, como citado por Simão, contribuiu para o aumento do fluxo de pessoas na área, que segundo a Univinco, é de 400 mil pessoas diariamente, chegando a um milhão de transeuntes em épocas como final de ano e véspera de datas comemorativas³⁶⁷.

Isso implica mudanças de infraestrutura para atender essa demanda. Assim, foi criado o Terminal Turístico de Compras 25 de Março, para ônibus fretados, que recebe diariamente 350 pessoas de todo país, sendo 50% de outros estados

³⁶⁷ UNIVINCO. *Guia Oficial da 25 de Março e Região*. São Paulo: On-Line, n. 1, 2006.

federativos e 50% de cidades do interior paulista³⁶⁸. Lourenço Chohfi Filho comenta sobre a criação de polos de estacionamento na área, propostos pela prefeitura:

Percebo que o varejo aqui está ficando cada vez mais forte. Inclusive, eles vão fazer polos de estacionamento aqui na região, junto com o metrô, na Ladeira Porto Geral, que deu uma grande fortalecida no varejo. E a 25, ela é nível Brasil. Todos os grandes comerciantes do Brasil compram aqui na região da 25, principalmente, as miudezas, bolsas, CDs. Todo tipo de produto que você possa imaginar, aqui tem o melhor preço. O Brasil inteiro compra aqui, e vão fortalecer mais com esses polos de estacionamento.

A própria região também se reestrutura para atender esse crescente volume de pessoas. A rua Florêncio de Abreu, que no passado era mais valorizada que a chamada Parte Baixa da cidade (25 de Março e adjacências), sendo preferida pelas famílias mais ricas e mais bem posicionadas da colônia síria e libanesa, passou e tem passado por um processo de desvalorização e degradação, sendo que seu comércio se transformou, em grande parte, em estacionamentos, que servem o restante do perímetro de compras. Mário Rizkallah diz:

A Florêncio acabou virando, muitas lojas fecharam, se transformaram em estacionamento, esses estacionamentos para servir a região da 25. Então muita gente vem na 25, coloca o carro aqui, e muita gente que trabalha aqui nos bancos, também coloca o carro aqui, então houve, aos poucos, o esvaziamento da Florêncio de Abreu, como ponto importante. A Florêncio de Abreu foi conhecida, durante muito tempo, como sendo a rua das ferramentas, tinha mais de 150 lojas que trabalhavam com isso. Hoje são poucas as lojas, e têm lojas de chinês também, têm presentes, têm aquelas plantas de plástico... o comércio mudou bastante. Nós estamos aí, firmes aí.

Percebe-se no discurso da maior parte dos entrevistados que as mudanças indicadas estão frequentemente relacionadas à entrada de novos grupos migratórios, o que também aparece claramente no levantamento dos estabelecimentos comerciais.

³⁶⁸ CIDADE DE SÃO PAULO. Disponível em: < www.cidadedesapaulo.com >. Acesso em: 21 ago. 2013.

4.1.1.1 A entrada dos novos grupos migratórios³⁶⁹

A entrada de novos grupos migratórios nas regiões estudadas aconteceu de forma diferenciada nos bairros residenciais e nas áreas comerciais.

Nas primeiras, houve uma miscigenação, a partir da entrada de diversos grupos migratórios e brasileiros numa área de grande concentração árabe. Rosely Mitre Hannun, em trecho transcrito anteriormente, demonstra bem esse processo no bairro do Paraíso. A mudança de concentração síria e libanesa na região ocorreu devido ao crescimento do bairro, à saída de algumas famílias árabes e à inserção de outros povos, que não se organizaram no local a partir de sua identidade nacional, tanto que o bairro não possui uma característica identitária marcante de qualquer outra etnia.

O mesmo ocorreu em relação ao Ipiranga, porém neste caso, a alteração foi mais pronunciada, a família Jafet, que ocupava os palacetes do bairro se mudou da região. Assim, quase não há membros da colônia no local, nem instituições culturais do grupo.

Pensando-se na 25 de Março e no Brás, entretanto, a questão étnica continua sendo significativa. É evidente a inserção de chineses e coreanos nestes locais, além de migrantes, na segunda área. Observa-se que o relato de muitos entrevistados mencionou esses grupos, bem como o levantamento dos estabelecimentos comerciais. Na 25 de Março, os chineses representam 17,21% do total, enquanto os coreanos são 9,54%, já no Brás, os primeiros correspondem à 1,52% e os segundos à 30,58%. Pierre Moujaes e Ahmad Aref afirmam:

... fora que começou a entrada de outros de outras colônias, digo japoneses, agora, coreanos, e agora chineses e começaram a se misturar, se mesclar, tanto no comércio como nos hábitos, então, você vê as ruas agora, tem certa mesclagem de comércio árabe, de comércio coreano, de comércio chinês, os coreanos entraram mais em modas, mais moda feminina, os chineses estão entrando mais em importados, em bijuterias, em eletrodomésticos, eletrônicos... (Pierre Moujaes)

³⁶⁹ Ao falar de entrada de novos grupos migratórios, neste capítulo, iremos pensar, a partir da negociação com a presença árabe. A distribuição espacial, os produtos comercializados, a comunicação visual das lojas, dentre outros, foram vistas no segundo capítulo dessa pesquisa.

... há uma mudança a mais, assim, importante de ser citada, a entrada de novas pessoas ao mercado nosso, que é chinês. Os chineses hoje, eles entram com todo peso, sem se falar do coreano, que entrou também nesses últimos vinte anos. Essas mudanças são boas, eu aplaudo essas mudanças, eu acho que toda renovação seja bem-vinda, né? Ela só tem a favorecer, a ser positiva, né?(Ahmad Aref)

Os empresários da 25 de Março também observam essa dinâmica. Regina Maatouk diz:

... possuía muito mais antigamente porque hoje já o perfil mudou muito, tem muito chinês, japonês, coreano...

Lourenço Chohfi Filho fala:

Na realidade, a presença árabe hoje, ela tem caído muito, dando entrada para o pessoal da China, chineses e sírios, e algumas outras raças...

Gilberto Sarruf concorda:

... hoje é uma região de varejo com foco muito voltado para produtos chineses e a colônia chinesa e coreana vem invadindo e tomando conta dos espaços dos árabes.

Daniela Dib continua:

... a mudança é no sentido de aumentar o mix de outras culturas, né? eu acho que aumentou bastante o mix... permitiu a entrada de outras culturas, completamente diferentes, ao mesmo tempo, enriquecendo a região para mais diversidade de ofertas, de formas de trabalhar, de tipos de produtos, que circulam por aqui...

Ao se estabelecerem nessas áreas, os imigrantes chineses e coreanos introduziram uma série de mudanças. Além de alterarem o perfil étnico do comércio, eles passaram a se dedicar à venda de outros tipos de produto: bijuterias, eletrônicos, decoração e presentes na rua 25 de Março, e moda feminina, no Brás.

Eles também foram uns dos principais responsáveis por ocupar os novos espaços comerciais dessas áreas, as galerias e *shoppings*, que tem se proliferado, especialmente, na rua 25 de Março. Assim, foram estimuladores dessa mudança de

formatação comercial. Provavelmente, não haveria mão de obra nacional ou de outros grupos migratórios em número suficiente para ocupar estes locais e permitir que estes centros comerciais continuassem se ampliando. Essa transformação, por sua vez, também atendeu aos interesses dos proprietários desses imóveis, na sua maioria, árabes e descendentes.

Há uma dinâmica interna nestes grupos migratórios (coreanos e chineses), que se refere tanto ao crescimento natural dos negócios, mas também à forma de organização do trabalho. Frequentemente, mesmo os shoppings, cuja propriedade não é chinesa, tem uma administração da etnia, que lida com os donos dos pequenos *boxes*.

Percebe-se também que existe uma relação entre os grupos migratórios nas áreas comerciais. Assim, antigamente, no Brás, muitos japoneses prestavam serviços para as confecções de jeans, pertencentes a sírios e libaneses, até conseguirem abrir sua própria firma. No caso dos coreanos e chineses, nota-se que eles entraram diretamente no comércio ou subcontratados e ligados a membros da colônia que vinham com bastante capital. Hoje, em dia, muitos que estão na área de confecções, subcontratam os bolivianos, frequentemente em situação irregular no país e que trabalham em péssimas condições.

A inserção dos coreanos e chineses nestas áreas também alterou alguns hábitos e costumes. Como conta Pierre Moujaes, parte do público de seu restaurante é composto por esses grupos:

... e agora com a presença de outras colônias, coreanas, chinesas, também tão frequentando e eles estão adorando a nossa culinária...

Eles também abriram alguns empórios e restaurantes. Na Florêncio de Abreu, há um pequeno empório, de 2008, que vende produtos alimentares chineses. Quanto aos restaurantes, tanto na 25 de Março quanto no Brás, não foram encontrados estabelecimentos desse tipo, mas observou-se no interior de uma loja na rua Silva Teles, uma propaganda de um restaurante coreano

Da mesma forma que os sírios e libaneses, estes grupos começaram a fundar equipamentos culturais e de lazer para atendê-los. Logicamente, por ser uma presença relativamente recente, em outro contexto histórico, e havendo uma grande quantidade de imigrantes não regularizados, as instituições ainda são menores, e

em geral, restritas à própria colônia. Na rua Florêncio de Abreu, encontra-se a Missão Cristã Chinesa e a Escola de Xin Hua Wen, que ensina mandarim e português, além de matemática, com o intuito de reforçar o conteúdo aprendido em outros colégios.

Figura 68 — Missão Cristã Chinesa, na rua Florêncio de Abreu

Fonte: Foto da autora, 2011.

Figura 69 — Escola de Xin Hua Wen, na rua Florêncio de Abreu

Fonte: Foto da Autora, 2011.

Muitas crianças chinesas também passaram a estudar em colégios da região central, como o São Bento, que já foi um local procurado para educação da colônia síria e libanesa.

O idioma é outro indicativo da grande presença desses grupos. Ao caminhar pela área da 25 de Março ou pelo Brás, escuta-se essas línguas com frequência. Também é notável o número de anúncios e calendários escritos nestes idiomas no interior das lojas, além da circulação de um jornal coreano entre os lojistas do Brás.

A presença do grupo levou a um reconhecimento e início de institucionalização pelo poder público. Assim, no Brás, onde não há ruas com nome sírio- libanês, existe uma praça chamada República da Coréia.

Figura 70 — Praça Republica da Coréia, no Brás.

Fonte: Foto da autora, 2011.

Além destas mudanças, resultantes da própria dinâmica do grupo e da cidade, associadas à chegada de novos grupos migratórios, há muitas permanências dos imigrantes sírios e libaneses nos bairros analisados.

4.2 Permanências

Ao se pensar nos imigrantes sírios, libaneses e descendentes, além da presença física, mensurada através do comércio e dos equipamentos culturais, o grupo criou vínculos identitários nas regiões em que se fixou, que contribuem para consolidar sua presença nestas áreas, atuando como uma referência para o grupo e interferindo na percepção que a população sem esta origem faz desses locais.

4.2.1 Vínculos identitários e referências

Todo ser humano tem a necessidade de pertencer a algum grupo social, que se define por atitudes e características cujos indivíduos adotam³⁷⁰. Essa ideia de

³⁷⁰ BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: J.Z. E, 2004

pertencimento, responsável pelo sentimento de segurança e comunhão entre os membros de uma comunidade, é construída a partir de símbolos, dotados, culturalmente, de significado, com os quais estas pessoas se identificam. Para Castells, a identidade pode ser entendida como:

... o processo de construção de significado com base num atributo cultural, ou ainda, um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual (is) prevalecem sobre outras fontes de significado.³⁷¹

A identidade coletiva é formada com base na história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso, sendo que essas variantes têm o significado reorganizado em função das tendências sociais e projetos culturais enraizados na estrutura social, assim como sob a conjuntura do tempo e espaço³⁷².

Ao tratarmos de imigração, a nação e a identidade nacional têm maior peso. A nação produz sentidos, sendo um sistema de representação cultural, um conjunto de significados elaborados pela cultura nacional. A cultura nacional, por sua vez, é um discurso e como afirma Hall: “as culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre a “nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades”³⁷³.

Além da negociação de identidades entre a sociedade de origem e a sociedade que recebeu esses imigrantes, deve-se pensar entre os grupos migratórios, na construção de uma identidade nacional pós-imigração. Por exemplo, grande parte dos sírios e libaneses que vieram ao Brasil, eram agricultores em seus países de origem. Ao chegarem aqui, eles passaram a se dedicar à mascateação e ao comércio, uma vez que esta foi a opção encontrada para inserção econômica e social. No entanto, a atividade foi incorporada à suas identidades nacionais. Padre Dimitrios Attarian afirma em entrevista realizada em 2008³⁷⁴:

... estão trabalhando lá, nas lojas... a atividade está no sangue.

³⁷¹ CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999, p. 22.

³⁷² *Idem*

³⁷³ HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A, 2006, p. 51.

³⁷⁴ Entrevista realizada em setembro de 2008.

Assim, criaram-se elementos de identidade comuns a todo o grupo no país, com o intuito de garantir certa coesão da etnia. Não se pode esquecer que a aldeia, a religião, a comunidade são fontes importantes de identidade para estes imigrantes na Síria e no Líbano. No entanto, ao chegarem ao Brasil, a identidade nacional, e até mesmo, sírio-libanesa, adquire maior força diante da esfera pública,³⁷⁵ enquanto para a colônia, é perceptível um diálogo entre suas identidades regionais e nacionais, que por sua vez, operam conforme uma lógica própria do local que os recebeu e dos interesses sociais, econômicos e políticos do grupo.

A nação e a identidade nacional são comunidades simbólicas³⁷⁶. Elas estão fundamentadas em objetos, rituais e lugares que produzem o sentimento de pertencimento a determinado grupo social. Assim, ao se inserirem em São Paulo, os imigrantes criaram espaços com os quais estabeleceram vínculos identitários.

4.2.1.1 O comércio como lugar de identidade

O comércio foi um construtor importante de identidade para os imigrantes sírios, libaneses e descendentes.

As figuras do mascate e do comerciante foram utilizadas pelos líderes da colônia para se representar diante do restante da sociedade. Nessa elaboração, eram enaltecidos aspectos positivos da atividade, como a ascensão pelo trabalho, enquanto características menos nobres, como o baixo nível de instrução formal, comum à grande parte destes primeiros imigrantes, eram atenuadas³⁷⁷.

Além de contribuir para elaboração de um discurso externo ao grupo, o comércio foi e ainda é uma fonte de identidade, relativamente comum a toda comunidade árabe e descendente, mesmo que na sociabilidade haja diferenças, de acordo com o *status* sócio-econômico alcançado no país e a religião. A ideia de que o comércio está no sangue é frequentemente reforçada pela própria colônia, que vê

³⁷⁵ LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

³⁷⁶ SCHWARZ, B. apud HALL, Stuart. *A Identidade Cultural... op.cit.*

³⁷⁷ TRUZZI, Oswaldo. *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: Unesp, 2009.

na atividade uma vocação do grupo, como pode ser observado na frase de Padre Dimitrios. Gilberto Sarruf diz:

... isso tinha assim, vamos dizer, uma postura até de um certo orgulho da colônia síria e libanesa de trazer esse comércio. Esse é um comércio, que os árabes, de uma forma geral, trouxeram para o Brasil, né? Esse comércio de ambulantes, não é bem ambulantes, viajantes, né? Eles enchiam as malas de produtos e saíam pelo interior para vender... eu acho que isso é uma influência muito forte no desenvolvimento comercial do Brasil... eles conseguiram se estabelecer no país e conseguiram vencer em função desse trabalho... Então, eu acho que esse é o grande mérito da colônia e a gente vê hoje um monte de famílias que fizeram um senhor patrimônio com base no trabalho do comércio, né?

Observa-se que o vínculo identitário com a atividade comercial se manteve mesmo quando parte dos descendentes, filhos e netos de comerciantes, optaram por outras áreas de atuação profissional.

Entre os empresários entrevistados nas áreas do Brás e 25 de Março, observa-se que o comércio assume função importante também na definição de suas identidades pessoais, ou seja, seus papéis sociais são internalizados e suas identidades pessoais são elaboradas a partir dessa internalização³⁷⁸, o que pode ser explicado pelo tempo de vida dedicado à atividade, pela prática cotidiana e pela mobilidade econômica e social alcançada através da atividade. Simão Mouawad afirma:

Hoje, eu estou com setenta anos, e muitos ou desistiram ou se afastaram da 25 pela idade, ou se aposentaram, ou mudaram de ramo de atividade, eu me mantenho porque eu gosto, não gosto de ficar parado, eu não gosto de ficar em casa, eu não quero me aposentar, a minha aposentadoria só vai acontecer se for compulsória, se eu for obrigado, se eu não puder ir trabalhar, se eu puder, eu vou te de cadeira de rodas, mas eu vou.

Ahmad Aref diz:

Me considero vivo, a partir do momento, em que eu até hoje, com quarenta e cinco anos de vida profissional, continuo vindo pro trabalho, então eu vejo os amigos, vejo os vizinhos... e isso me satisfaz muito.

³⁷⁸ CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade... op.cit.*

... eu pretendo trabalhar permanentemente. Eu não pretendo parar, me aposentar, eu quero passar a minha vida, até o último momento, trabalhando...

Nota-também um sentimento de orgulho e tradição ao realizar a sucessão de suas empresas. Ahmad Aref diz:

... o pai que é fundador de uma empresa, o maior prazer dele, é que o filho dê continuidade ao que o pai trabalhou, resistiu por trinta, quarenta anos, né?

Eu, como pai, tenho dois filhos aqui e os dois são empresários. Então, minha maior satisfação, apesar dos dois filhos serem formados em Direito... é saber que os meus dois filhos deram continuidade ao meu trabalho, entendeu? Que quando você abre uma firma, a estrutura da firma não é o financeiro dela. E sim a conjuntura de fatores entre ela, a clientela, o conhecimento, a experiência, funcionários, fornecedores, entendeu? Então, se um filho der continuidade, ele está realmente, permanecendo com a satisfação do pai no mercado...

Simão Mouawad fala:

... os meus filhos, por exemplo, eles se formaram, um é engenheiro, formado pela Poli, o outro é economista, formado pela USP, os três que atualmente trabalham comigo, a menina, é formada em Administração, na GV, e resolveram trabalhar comigo, depois de ter feito alguma experiência fora, exceto um deles, depois de ter tido uma experiência fora, decidiram vir para a empresa familiar e hoje trabalham comigo... Então eles seguem uma tradição...

Daniela Sucar Dib conta essa passagem e como ela contribui para a manutenção das práticas culturais da etnia no comércio:

Como a gente vinha nas férias, pequenininho, nossos filhos já vêm também...

... antes eles vinham para pintar, desenhar, enfim, ajudar em alguma coisa, e começam a entender o processo. Como era quando a gente era pequeno... a gente vem, entre aspas, brincar, e acaba, enfim, já criando uma intimidade, com o processo, com a forma São Jorge de fazer as coisas, de organizar de os produtos, de enfim, de saber como que é o processo, desde da ponta linha até chegar o produto no consumidor, e as crianças já... os netos já tão por aqui, nas férias, aos sábados, às vezes... Espero que continue sim... assim foi conosco, deve ser com as próximas gerações.

Como Daniela comenta, os vínculos identitários destes imigrantes com o comércio, especialmente na 25 de Março e adjacências e no Brás, também ocorrem na prática cotidiana da atividade, nas formas de negociação com fornecedores e clientes, na sociabilidade entre os lojistas, nos tipos de artigo comercializados, dentre outros aspectos que foram especificados ao longo da pesquisa.

Também se observa a existência de lugares de identidade, como a Univinco, relacionados ao comércio, que apesar de não serem direcionados apenas para o grupo, são uma referência para ele.

4.2.1.2 Univinco e o fortalecimento de uma identidade

A origem da Univinco, em 1969, foi fortemente marcada pela presença síria e libanesa. Embora, desde o princípio, o objetivo da organização tenha sido defender os interesses dos comerciantes da região, ela sempre apresentou uma concentração grande deste grupo migratório. Rezkalla Tuma, em entrevista realizada em 2008, diz:

A região que imprime uma marca síria e libanesa para Univinco. Percebe-se que ela tem uma origem árabe, mas a Univinco tem uma característica global...

De fato, a maior parte das ações realizadas pela Univinco buscam melhorias para o polo comercial. No entanto, apesar de suas ações terem essa finalidade global, percebe-se que os sírios e libaneses conferem uma característica marcadamente árabe à associação, tanto que sua diretoria é composta por muitos membros da colônia, em concentração superior à existente no perímetro.

Pode-se dizer que a região imprime e imprimia uma característica árabe para a Univinco, mas também é possível afirmar que a Univinco, atualmente, imprime uma marca árabe à região, tanto que os dois guias oficiais da organização, publicados em 2007 e 2008, traziam em seu interior reportagens da história da via, associadas à imigração síria e libanesa. Todas as entrevistas realizadas com empresários da área na primeira edição eram de integrantes deste grupo migratório, enquanto na segunda, havia apenas duas de outra origem, no caso brasileiros. Não

há nestas publicações, qualquer menção a outros grupos migratórios, apenas no catálogo das lojas.

A associação é um ponto de identidade tão forte para o grupo e está tão ligada a ele que após passar por um período decadente, há cerca de doze anos atrás, a iniciativa de recuperá-la partiu da colônia, como conta Gilberto Sarruf:

... a Univinco quase foi enterrada há uns doze anos atrás, porque já não existia mais união, cada um queria cuidar do seu, ficavam criticando, etc. E eu acabei ajudando a fazer um trabalho de juntar os árabes ou os interessados em manter a 25...

Os locais escolhidos tanto para a primeira reunião quanto para as demais não poderiam ser mais significativos, o Restaurante Monte Líbano e o Clube Homs. Gilberto Sarruf explica:

... até fizemos a reunião na Regina (Restaurante Monte Líbano), fizemos uma reunião lá num fim de tarde para tentar reestabelecer isso, unir as pessoas e tal, e a partir dessa reunião, a gente fez diversas outras no Club Homs, que também é um clube da colônia, no sentido de ganhar força, das pessoas se unirem, etc, para tentar reestabelecer a Univinco e a gente conseguiu isso. Nós formamos uma nova diretoria com gente jovem e não mais com os antigos, com filhos dos comerciantes da região, inclusive um dos meus filhos fazia parte da diretoria e eles vieram tocando isso, enfrentando as dificuldades e tal, e ela tá de pé até hoje, isso já faz doze, treze anos. Isso reestabeleceu uma força. Hoje, a gente tem muitas coisas que melhoraram na região em função desse trabalho da Univinco.

... a gente começou com catorze pessoas na Lili, na primeira reunião, a última, a gente fez no Club Homs, que foram se interessando e um foi passando para o outro e tal...

Como aponta Gilberto, buscou-se constituir uma diretoria mais jovem, em geral, composta pela segunda e terceira geração. É interessante observar que tanto um filho de Gilberto quanto um de Simão Mouawad passaram a integrar a diretoria da organização naquele período, sendo também os dois apontados pelos pais, durante a entrevista, como os que mais preservam essa ligação com a colônia e com a região, como contam Simão e Gilberto, respectivamente:

... o meu filho mais velho, por exemplo, frequenta a Igreja Maronita, ele continua seguindo algumas tradições, é claro que não são todas, mas ele

continua... continuam mantendo uma relação boa com a comunidade árabe de maneira geral...

Eles foram encaminhados por mim, foram encaminhados, os outros que estão na mesma situação, foram encaminhados pelos pais... que já frequentavam a comunidade e tudo...

Eu diria para você o seguinte que dos meus três filhos, um deles é mais, vamos dizer, corre um pouquinho mais de sangue árabe nas veias, porque gosta disso, se interessa em falar algumas palavras em árabe, respeita e é respeitado pelas pessoas da colônia aqui na região, quer dizer, ele tem uma sintonia, vamos dizer, ele tem uma parte sociável muito gostosa com relação a isso e ele é bem visto e vê bem as pessoas que são da colônia... esse é um, é o do meio.

Percebe-se que a Univinco é um local de identidade para os sírios e libaneses na região, tanto que a mobilização para sua fundação, no final da década de 1960, quanto para sua recuperação, nos anos 2000, foi grande dentro da comunidade. Os encontros do grupo que objetivavam reestabelecer e manter a instituição, por sua vez, também ocorreram em espaços de alimentação e lazer, assumidos como lugares de identidade e referência pela comunidade.

4.2.1.3 Espaços de alimentação: entre identidade e memória

A alimentação é um elemento estruturador da identidade nacional. Ela é um sistema cultural, repleto de significados, com os quais determinado povo se identifica. Estes, por sua vez, estão extremamente fundamentados na memória individual e coletiva de um grupo social.

Como afirma Giard em relação ao preparo da comida, esta exige uma memória múltipla, que envolve a memória da aprendizagem, memória dos gestos vistos e das consistências ao fazer estes pratos³⁷⁹, e indo mais além, pensando-se no consumo, ela também demanda uma memória gestual, de paladar, de apresentação dos pratos, de contexto (por exemplo, come-se determinado prato em datas específicas), etc.

³⁷⁹ CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. *A invenção do cotidiano: morar, cozinhar*. 2ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

Estas memórias são construídas socialmente, mas podem ser relembradas individualmente³⁸⁰. Elas, por sua vez, garantem um sentimento de identidade, ou seja, como coloca Pollak:

... a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.³⁸¹

Na busca por esse sentimento, alguns restaurantes e empórios tradicionais, em regiões de grande concentração da etnia, acabam se tornando lugares de identidade para o grupo. São estabelecimentos escolhidos pela colônia para exercer essa função. Alice Maatouk, sócia-proprietária do Restaurante Monte Líbano, entrevistada em 2008³⁸², diz:

Eles vão para o restaurante devido à comida. A comida que faço, é algo caseiro, familiar... e eles gostam disso!

Regina Maatouk, filha de Alice continua:

... é uma referência. As pessoas adoram, principalmente, porque a minha mãe que cozinha lá, tem 77 anos. Então eles acham que é um lugar pitoresco, sabe? Todo mundo que vai lá: olha lá... aquela senhora... dona Alice, nossa que bonito, ela fica correndo na cozinha... cozinhando, ela que faz, aí vão lá... vão cumprimentar ela... falam que é uma delícia, que a mão dela é abençoada, então é, é um lugar de referência sim... as pessoas adoram ir lá... quem conhece, adora...

Percebe-se que a comida, a forma de preparo, o fato de ser um estabelecimento menor em uma região marcada pela presença síria e libanesa facilitam a identificação e a lembrança, o que determina que o restaurante se torne uma referência para a comunidade. Sérgio Zahr, por exemplo, diz que gosta de ir lá para comer burma (trigo), Leila Sultan, sócia-proprietária do restaurante Halim, no

³⁸⁰ HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. 2 ed. São Paulo: Centauro, 2006.

³⁸¹ POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p.200-212, 1992, p. 5.

³⁸² Entrevista realizada em setembro de 2008.

Paraíso, diz que ela e seu marido eram muito amigos de Alice e de seu marido, e que às vezes vão ao local apenas para comer quibe michui³⁸³.

Figura 71 — Relógio no Restaurante Monte Líbano

Fonte: Foto da autora, 2013.

É interessante observar que o restaurante, localizado no primeiro andar de um edifício na rua Cavalheiro Basílio Jafet, é citado por todos os entrevistados da área da 25 de Março, que mencionaram o assunto da gastronomia. A referência a ele, por sua vez, é feita através dos nomes das proprietárias, o que demonstra muita familiaridade e identificação do grupo com o espaço. Em nenhum momento, utiliza-se o nome do restaurante. Mário Rizkallah fala:

... existe o restaurante da Dona Alice, conhece? que é também muito frequentado pelas pessoas que conhecem... o Jacob...

Sérgio Zahr comenta:

Tem um pessoal de restaurantes, por exemplo, né? A Dona Alice, você conhece a Dona Alice?

Gilberto Sarruf diz:

E os restaurantes árabes, da Regina, né? que é considerado um dos melhores restaurantes árabes de São Paulo. Muita gente vem aqui e fala:

³⁸³ Informação obtida durante a pesquisa de campo realizada no dia 19 de novembro de 2012.

puxa eu adoraria ir comer uma comida árabe na Dona Alice e tal... então isso mantém forte uma tradição aqui. E alguns que eram daqui, já saíram, como é o caso da Dona Victoria, que nasceu aqui, começou aqui, fez fortuna aqui na 25 de Março, e depois, acabou indo para Juscelino Kubitschek e tá lá até hoje na mão dos netos, né?

É interessante observar que a localização e a dimensão do restaurante atuam no sentido de transformá-los ou não em lugares de identidade. Nota-se que a Brasserie Victoria, surge no discurso de Gilberto e também no de Jihad Chahine, que diz que ela era melhor quando ficava na rua 25 de Março:

... uma das melhores casas que eu conheci, chamava Victoria... na 25 de Março. Hoje tem uma na Juscelino Kubitschek, mas não chega aos pés do que era o Victoria... eu saía daqui e ia comer na Victoria (da rua 25 de Março)...

O mesmo ocorre em relação ao Catedral que se situava na área do Paraíso. Este era um local de identidade, sendo citado nas entrevistas como uma referência para a colônia árabe na região, mesmo após ter sido fechado. O restaurante foi reaberto em Moema e no Ipiranga, e continua sendo tradicional por sua história e por estar na memória da coletividade como um bom restaurante, no entanto, ele não é um lugar de identidade nestes bairros, o que é assumido por outros estabelecimentos.

Ainda na rua 25 de Março e entorno, outros locais exercem essa função. O Empório Syrio, de 1924, é uma referência para a compra de ingredientes árabes, como afirma Ricardo Cury em trecho de entrevista já citado:

... eles vêm para cá para buscar as coisas da cultura. Ela vem para comprar trigo para o quibe, ou aquela comida síria ou *zattar* ou *snubar*, às vezes, até os *buffets*, mesmo os que não são de comida árabe compram da gente alguns ingredientes para fazer as comidas, quer dizer as pessoas vêm para 25, e principalmente para o Empório devido à cultura árabe.

Outros restaurantes também são mencionados, porém com menos frequência, como o Jacob e o Rafal Cozinha Árabe.

Em cada uma das áreas, é perceptível esta mesma dinâmica. Assim, no bairro do Paraíso, observa-se que os restaurantes Jaber e Halim são referências para os imigrantes árabes, assim como era o Catedral. Padre Dimitrios diz:

... tem o Jaber ainda... tinha antes do Jaber, também tinha uma muito famosa, que era a Catedral, né? conhecida por todos...

Rosely Mitre Hannun afirma:

... na frente do Halim também, ali na Rafael de Barros, então eu acho que marca assim um encontro do povo árabe nesses locais que são realmente árabes.

Jihad Chahine concorda e diz que o local também é uma referência para o bairro do Paraíso:

Olha, o Jaber representa muito, porque ele nasceu, praticamente, aqui no Paraíso e cresceu junto com o Paraíso. Essa região cresceu bastante... eu acho que o Jaber representa muito... uma coisa muito importante para o Paraíso, como era a Catedral, antes dela fechar. Em todo lugar que você fosse, se você perguntasse Jaber ou Catedral, todo mundo saberia te dizer onde era, porque ele cresceu junto com o Paraíso, porque são sessenta anos aqui.

Esses locais fizeram e fazem a história do bairro, assim como a 25 de Março, o Paraíso se consolidou associado a uma presença árabe significativa. Assim, referências do grupo migratório passaram a ser referências para a cidade, considerando-se a história e a identidade do próprio bairro. Uma reportagem do jornal Estado de São Paulo de 2007, conta sobre Moustapha Haidar Sidani, amigo do fundador do restaurante Jaber, que fica na porta do estabelecimento, recebendo os clientes, há trinta anos e acabou se tornando uma das figuras mais conhecidas da região, sendo chamado de Habib pelos 'patrícios' e de Maurício ou tio Maurício pelos vizinhos da área³⁸⁴.

No Brás, os lugares de identidade relativos à alimentação são menos demarcados, porém nota-se que existem diferenças quanto aos cristãos e muçulmanos. A escolha dos pontos de referência diverge, sendo bastante influenciada pela origem dos proprietários. Assim, observa-se que a Casa Líbano é um local de identidade para o grupo de muçulmanos do bairro, sendo o proprietário também desta religião. Já o Abu-Zuz tem a mesma função em relação aos cristãos,

³⁸⁴ UMA FIGURA DAS ANTIGAS que faz a diferença. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 24 nov. 2007. Disponível em: < www.estadao.com.br >. Acesso em: 20 ago. 2013.

sendo que o dono também segue esta crença. É importante frisar que essa diferenciação ocorre quanto à escolha como lugar de identidade, não que haja uma separação nítida quanto à frequência nestes estabelecimentos, motivada por outros fatores, como qualidade da comida, ambiente, proximidade do local de trabalho, etc.

Percebe-se que os restaurantes assumidos como locais de identidade e referência para a colônia acabam se tornando espaços de socialização, sendo pontos de encontro para a comunidade. Pierre Moujaes diz:

... os principais frequentadores são da colônia e foram da colônia, como sendo da colônia, então acaba sendo um ponto de encontro... não só para alimentação, como de bate-papo, para tomar café... se você olha atrás de você, têm dez, doze elementos velhos, jovens sírio-libaneses, estão lá tomando café, discutindo, falando do Líbano, falando de política, falando de tudo, praticamente. Então é um ponto de encontro, sem dúvida.

Regina Maatouk também conta:

... é engraçado que quando eles chegam, aí todo mundo conhece todo mundo, vai cumprimenta, um vai lá rouba um negócio da outra mesa... está comendo um negócio na mesa: — ah vou comer um pouquinho — sabe, é uma coisa que assim, é gostoso de ver...

Daniela Sucar Dib diz que o restaurante Monte Líbano e os clubes são os principais locais onde ela convive com a colônia, atualmente:

... nos almoços, para mim nossa, é onde... eu, pessoalmente, eu mais convivo são nos almoços, enfim no Monte Líbano, aqui... acho gostoso essa convivência...
... Os clubes árabes, Homs, Sírio e Monte Líbano... são um ponto de encontro também...

4.2.1. 4 Organizações associativas: os clubes sócio-esportivos

Ao pensar em lugares de identidade, não se pode deixar de mencionar os clubes, especialmente os sócio-esportivos (Esporte Clube Sírio, Clube Atlético Monte Líbano e Clube Homs). O sentimento de identidade de determinada etnia é construído com base em um sistema cultural, que envolve a língua, a religião, a

gastronomia, os costumes, as tradições e o sentimento de lugar que são compartilhados por um povo³⁸⁵.

Os clubes, por serem espaços fechados, construídos pelos imigrantes sírios e libaneses e voltados inicialmente apenas para eles, possuem uma característica holística, não encontrada em outros espaços privados ou semi-públicos, ou seja, eles conseguem englobar os diversos aspectos constituintes do sistema cultural do grupo em apenas um local. Além da concentração de pessoas com origem árabe, que partilham de uma mesma história de imigração, eles possibilitam o contato com a gastronomia, com as danças, músicas, com a língua, com certos costumes e tradições. A religião, por sua vez, se faz presente através de missas, pela presença de clérigos destas igrejas em eventos sociais dos clubes e também por meio de eventos organizados pelas igrejas nesses equipamentos culturais, como conta Padre Dimitrios Attarian:

Clube Sírio faz tantos anos... a missa é aqui, Clube... o Lar Sírio, a missa é aqui, a Mão Branca, que é o asilo, que também foi fundação nossa, que está lá em Santo Amaro, fez cem anos agora, a missa foi aqui, então estes eventos são promovidos por eles próprios para relembrar a sua fundação que todas elas foram aqui, então há uma missa... ah vai fazer noventa anos, cada clube que faz um aniversário, faz uma missa aqui ou o patrono daquele clube, o patrono da cidade da qual... o santo patrono da cidade da qual eles fazem parte. Então, há uma movimentação muito grande nesse sentido. Esse mês de fevereiro mesmo, o Club Homs, nós vamos celebrar o Santo Eliano, que é o patrono da cidade de Homs, o patrono cristão, logicamente, da cidade de Homs. Eles vão fazer uma festa no clube, mas antes vai ter uma missa aqui...

Padre Ziad Alkhoury diz:

... é sempre direcionado assim: ou Monte Líbano, ou Clube Marjayoun. Então sempre temos essas atividades mais ou menos direcionadas, ou pela força de público, se for muita gente, tem que ser um lugar amplo, maior, Clube Monte Líbano, ele tem um certo espaço que cabe muita gente...

Padre Elias Karam afirma:

³⁸⁵ HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na... op.cit.*

... tem também aqueles encontros que acontecem no Clube Monte Líbano, aonde o povo se encontra, familiares, para almoçar, para conviver, algumas vezes tem festas lá no clube...
 ... a gente tenta de criar muitos eventos para juntar mais gente, sempre tem eventos na Igreja, tem coisas no Clube Monte Líbano...

Observa-se que a relação destes clubes é maior com as igrejas cristãs, uma vez que foram membros dessas religiões que os fundaram e passaram a frequentá-los, embora haja uma entrada recente e pequena de algumas famílias muçulmanas nessas organizações. É importante ressaltar que os clubes funcionam como lugar de identidade para parte da colônia, uma vez que os valores de seus títulos e mensalidades são elevados, não possibilitando o acesso de toda comunidade árabe e descendente.

Todos os entrevistados da região da 25 de Março e do Paraíso mencionam os clubes em seus relatos. Lourenço Chohfi Filho diz que se excluindo a própria região da 25 de Março, o clube é um dos locais onde ele mais identifica a presença síria e libanesa:

... acredito que não tenha nenhum outro (local de presença síria e libanesa como a 25 de Março), se for tirar os nossos clubes e o Hospital Sírio-Libanês.

Daniela Sucar Dib tem a mesma percepção:

... na vida pessoal, acho que os clubes, né? Acho que espalhados um pouco pela cidade, todos meio próximos, mas em pontos diferentes da cidade... na Paulista, no Ibirapuera ali... para mim, pelo menos, da minha vivência, da minha convivência, é o que mais aproxima fora daqui, da região da 25 de Março, né?

Nestas duas áreas, a comunidade árabe e descendente é, majoritariamente, cristã. Já no Brás, onde essas organizações de lazer foram mencionadas apenas uma vez, há uma presença de grupos muçulmanos e cristãos, o que indica que os primeiros tem um vínculo identitário menor com estas instituições de lazer, sendo que esta função é transferida para as sociedades beneficentes, normalmente anexas às mesquitas.

A religião, por sua vez, atua em dimensões diferentes como fonte de identidade para os muçulmanos e cristãos, no entanto, suas edificações e sua simbologia são lugares de identidade para ambos os grupos.

4.2.1.5 Igrejas e Mesquitas

A religião, como afirma Geertz, é:

Um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas.³⁸⁶

O homem possui uma grande dependência em relação aos símbolos e sistemas simbólicos, sendo eles decisivos para sua viabilidade como indivíduo. No caso dos símbolos sagrados, eles funcionam para sintetizar o *ethos* de um povo, ou seja, o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticas, e sua visão de mundo³⁸⁷.

No caso dos sírios e libaneses, devido à grande diversidade religiosa, essa simbologia não atende ao propósito da formação de uma cultura nacional, como um discurso único sobre a nação. Isto não significa que a religião assuma menor importância na identidade destas pessoas, muito pelo contrário, ela continua sendo um elemento estruturador.

Os símbolos religiosos, sendo parte de um sistema cultural, carregam concepções herdadas, “por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida”³⁸⁸. Ao pensar nestes símbolos, podemos estender a compreensão aos templos religiosos, também dotados historicamente de significado.

³⁸⁶ GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Editora LTC - Livros Técnicos Científicos, 1989, p. 104-105.

³⁸⁷ GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das... op.cit.*

³⁸⁸ *Idem*, p. 103.

Em São Paulo, todas as instituições religiosas, que estão no perímetro do centro expandido, especialmente as inventariadas nesta pesquisa, representam lugares de referência para o grupo à qual se destinam. Entre as igrejas orientais, observa-se uma maior mobilidade de seus fiéis, principalmente da segunda e terceira geração. Por exemplo, um casal de uma família maronita ou melquita pode vir a casar na Catedral Ortodoxa do Paraíso.

Observa-se que a Igreja Ortodoxa Antioquina da Anunciação à Nossa Senhora, de 1902, por ser a primeira igreja cristã ainda aberta, estar localizada na rua Basílio Jafet, na área da 25 de Março e fazer parte da origem de diversas instituições da coletividade, é assumida como um lugar de identidade pela comunidade árabe e descendente, especialmente por aqueles que permanecem comercialmente na área. Nota-se que ela surge no discurso de vários entrevistados, como um dos locais mais significativos na região. Gilberto Sarruf, Mário Rizkallah e Sérgio Zahr afirmam, respectivamente:

Nós temos a Igreja aqui do lado, que é a primeira Catedral Ortodoxa construída no Brasil, que é vizinha aqui...

Existe uma igreja também, que é na Cavalheiro Basílio Jafet...

... inclusive tem uma igreja aqui, você conhece a igreja? Então, essa igreja era na antiga rua Itobi, onde eles reuniam e de lá saíram todas as entidades que você pode imaginar, daquela igreja. Eles se reuniram, e de lá, eles criaram o Lar Beneficente Sírio, a Mão Branca, o Orfanato, o Asilo.

Daniela Sucar Dib também a menciona e diz que esta tem uma grande representatividade para ela:

A capelinha ortodoxa, que acho que foi a primeira sede da igreja ortodoxa aqui, né? Essa capelinha, onde eu até hoje vou, acender minha velhinha toda semana... Sei que minha avó vinha muito rezar aqui. Para mim, tem um significado bem forte...

Padre Dimitrios Attarian, em entrevista realizada em 2008, diz que esta é uma de suas principais funções, atualmente:

Nós temos que entender o seguinte, a igreja da Basílio Jafet não funciona mais como paróquia. Ela já foi uma paróquia e atualmente, ela é mais uma história nossa, e por isso, se mantém. Não haveria sentido mantê-la, se não fosse pela parte histórica, pois ela não é mais uma paróquia. Não há mais árabes morando na região, são raros. Além disso, há bastante comerciantes que não são árabes, e se fossem realizadas eventos destinados à comunidade aos domingos, por exemplo, não haveria ninguém. Realmente, se preserva a igreja porque ela é de 1904, sendo um patrimônio histórico para São Paulo e um histórico do mundo Ortodoxo em São Paulo.

Os entrevistados do Paraíso, excluindo-se os clérigos, têm a mesma percepção em relação à Catedral Ortodoxa. Rosely Mitre Hannun diz:

Acho que a Igreja Ortodoxa, a Catedral Ortodoxa é um marco muito forte para gente aqui no bairro...

Jihad Chahine, que é muçulmano, também vê a igreja como uma forma de presença árabe na área:

... aqui tem uma catedral... tem uma catedral, uma igreja ali do lado e geralmente frequenta bastante árabe...

Em outro momento da entrevista, ele conta:

Quando eu era criança, eu e outros meninos íamos na rua atrás da Vergueiro para jogar futebol. A gente passava pelo terreno da Catedral... os padres não gostavam e iam atrás da gente... de vez em quando a bola caía na cripta, e nós tínhamos que descer para pegar, mas eu tinha medo de ir lá embaixo.

Percebe-se pelo seu depoimento, que a Catedral está em sua memória de bairro, como uma edificação, no entanto, a significação religiosa para ele é menor.

É necessário ressaltar que as igrejas orientais, a Igreja Ortodoxa da Anunciação à Nossa Senhora, a Catedral Ortodoxa, a Catedral Maronita Nossa Senhora do Líbano, a Eparquia Greco-Melquita de Nossa Senhora do Paraíso, são lugares de identidade para a colônia síria, libanesa e descendente cristã na cidade de São Paulo, ou seja, elas não estão circunscritas às suas regiões, tanto que todas apresentam um dia de maior frequência de membros do grupo (normalmente, o domingo), há uma mobilização nas festas religiosas e nas promovidas pela igreja

(como as festas juninas), além de um grande número de casamentos e batismos que ocorrem nesses espaços.

As mesquitas possuem a mesma representatividade em relação à comunidade árabe muçulmana. A Mesquita Brasil foi a primeira a ser construída, sendo uma referência para o grupo pela própria questão histórica, Sheik Abdel Metwally diz:

... ela é hoje uma referência para comunidade islâmica aqui no Brasil, como ela foi a primeira mesquita no Brasil...

Pensando-se na área do Brás, há as mesquitas do Pari e do Brás, que são locais de identidade, sendo citadas por Ahmad Aref em sua entrevista, como uns dos locais mais expressivos na área. Assim como as igrejas cristãs, as mesquitas mobilizam a comunidade, principalmente às sextas-feiras e em eventos. Elas atuam como polos de atração, sendo também as sedes da Liga da Juventude Beneficente do Brasil, da União Nacional Islâmica (Mesquita do Pari) e da Associação Beneficente Islâmica do Brasil (Mesquita do Brás).

A localização e a história contribuem para que estas três instituições assumam essa função. No entanto, há uma diferença importante entre os templos muçulmanos e cristãos. Existe uma tendência de construção de diversas mesquitas espalhadas pela cidade, como em Santo Amaro, em São Miguel Paulista, em Guarulhos, em São Bernardo do Campo e no interior paulista. Assim, estes locais de identidade não são tão centralizados quanto nas igrejas cristãs orientais³⁸⁹.

A religião também pode determinar vínculos identitários em outros espaços, através de seus símbolos, como no comércio, por exemplo. Ao observar a rua 25 de Março e entorno e o Brás, é visível a presença de imagens de São Jorge, trechos do Alcorão, ícones de São Charbel e de Nossa Senhora do Líbano no interior das lojas.

³⁸⁹ A Igreja Ortodoxa é responsável pelas capelas do interior das associações Lar Sírio Pró-Infância e Asilo A Mão Branca. Tanto a Igreja Ortodoxa quanto a Maronita possuem templos em outras localidades do estado de São Paulo.

Figura 72 — Imagem de São Charbel³⁹⁰, Santo Maronita, na loja Metanol na rua Xavantes

Fonte: Foto da autora, 2013.

Figura 73 — Imagem de Nossa Senhora de Zgharta³⁹¹, no Restaurante Monte Líbano

Fonte: Foto da autora, 2013.

³⁹⁰ São Charbel é um santo de grande devoção entre os católicos maronitas. Ele nasceu numa aldeia montanhosa maronita, chamada Beqa'Kafra, a mais alta do Líbano, na região de Monte Líbano, norte do país. Esse santo, canonizado em 1977, é um símbolo da união entre Oriente e Ocidente.

³⁹¹ Zgharta é uma cidade libanesa, ao norte do país.

Figura 74 — Trecho do Alcorão em loja da rua Maria Marcolina

Fonte: Foto da autora, 2011.

Figura 75 — Foto de Nossa Senhora do Líbano, no Restaurante Monte Líbano

Fonte: Foto da autora, 2013.

As referências religiosas também são utilizadas para a criação do nome fantasia de diversas lojas. Este aspecto, o nome dos estabelecimentos e equipamentos culturais, por sua vez, são elementos identitários nas áreas de maior presença do grupo migratório.

4.2.1.6 Nomes dos estabelecimentos: uma construção de referências

Ao caminhar pela rua 25 de Março e adjacências, pelo bairro do Brás, Paraíso, ou ainda por algumas vias de outras áreas da cidade, percebe-se que há uma grande número de estabelecimentos comerciais e de instituições culturais que,

através de seus nomes, fazem alusão à origem síria ou libanesa. Estes exercem funções diferentes, conforme o público a que se destinam.

Para os membros da etnia, carregam uma gama de significados com os quais eles se identificam, se percebem e se reconhecem. Esta identificação também pode ser fragmentada, ou seja, ela não é necessariamente nacional.

Por outro lado, a utilização de determinada designação como nome fantasia de seus estabelecimentos, afirma uma identidade hifenizada do grupo³⁹². A mensagem deve ser passada e atingir toda população, porém mantendo uma ligação com sua etnicidade. Daniela Sucar Dib, ao longo de sua entrevista, expressa bem essa negociação:

... nós fomos acolhidos pelo país, pela cultura, e nos sentimos parte, sem perder a raiz original.

Para a comunidade externa, os nomes exercem a função de identificar o que é árabe ou não. A percepção, neste caso, normalmente, é mais homogênea, uma vez que a existência de identidades fragmentadas não é sentida por estas pessoas. Assim, o nome atua como uma etiqueta daquilo que é sírio-libanês.

Para a rua, os nomes funcionam como uma maneira de intervenção no espaço urbano. Ele é um símbolo, uma marca que materializa o movimento e a inserção do grupo social naquele espaço. Ao descrever, a rua 25 de Março e a Florêncio de Abreu, em 1934, Alfredo Ellis Jr. dizia: “Aí, só se veem tabuletas com caracteres em árabe, marcando os estabelecimentos sírios, ao lado de hotéis, estalagens, associações, etc”³⁹³. Hoje em dia, logicamente, a maioria dos estabelecimentos não utiliza placas escritas em árabe, sendo mais comuns, outras formas de referência.

Muitas empresas e grande parte dos equipamentos culturais usam a nacionalidade, uma cidade ou região para criação de seus nomes. Na área da 25 de Março, temos os restaurantes Monte Líbano, Edulibano e Ponto Árabe, o Empório Syrio e a Casa Árabe. No Brás, há a loja Beirut Jeans, o restaurante Casa Líbano e o empório Sky Lebanon. No Paraíso, encontra-se o restaurante Tenda do Nilo, a Confeitaria Monte Líbano, os clubes Homs, Zahle e Aleppo. Há ainda, o Esporte

³⁹² LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade...* op.cit.

³⁹³ ELLIS JR, Alfredo. *Populações Paulistas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934, p.198.

Clube Sírio (Planalto Paulista), Atlético Monte Líbano (Moema), Rachaia (Vila Mariana), Hasbaya (Bela Vista) e Marjayoun (Aclimação).

Figura 76 — Edulibano na rua 25 de Março

Fonte: Foto da autora, 2013.

Figura 77 — Beirut Jeans na rua Casemiro de Abreu

Fonte: Foto da autora, 2012.

Figura 78 — Ponto Árabe na rua da Cantareira

Fonte: Foto da autora, 2013.

Figura 79 — Confeitaria Monte Líbano na rua Vergueiro

Fonte: Foto da autora, 2012.

Alguns aspectos culturais, também aparecem, frequentemente, nos nomes das empresas. No Brás, por exemplo, há o Rei do Falafel³⁹⁴, ou seja, uma alusão a um prato típico dos dois países. É visível também referências à religiosidade dos proprietários. Na área da 25 de Março, temos a Tapeçaria São Miguel³⁹⁵, os Tecidos São Jorge³⁹⁶ e o Depósito de Meias São Jorge.

Figura 80 — Tecidos São Jorge

Fonte: Foto da autora, 2013.

Daniela Sucar Dib conta que o nome da loja esteve muito relacionado à devoção de sua avó e que há uma preocupação grande com a identidade da marca:

... a escolha do nome São Jorge foi, enfim, em função da devoção da minha avó que era libanesa, pelo santo mesmo... nós somos corintianos, mas não tem nada a ver com o bairro de São Jorge, nem com o Timão e o Corinthians, mas é mais sim, com a devoção da minha avó pelo santo, que

³⁹⁴ O Falafel é um bolinho de grão de bico, frito, consumido no pão sírio ou pão folha com molho de *tahine* (molho a base de gergelim) e também, com algumas verduras, que podem variar, tais como cebolinha, salsinha.

³⁹⁵ São Miguel ou Arcanjo São Miguel é visto como um dos principais anjos da Igreja, que o considera como defensor da fé e batalhador contra a heresia e todo o mal. Inicialmente, ele era venerado no Oriente, sendo que começou a ser cultuado no Ocidente a partir do século V. Ele é um santo de grande devoção na Igreja Ortodoxa e na Igreja Melquita.

³⁹⁶ São Jorge é um santo nascido na Capadócia, Turquia. Ainda criança, ele mudou para Palestina. Ele é um santo muito venerado pelos ortodoxos (é importante lembrar que o Patriarcado Ecumênico se localiza na antiga Constantinopla, atual Istambul). Dessa forma, grande parte dos imigrantes sírios e libaneses é devota de São Jorge.

no Líbano, tem uma força, um significado bastante importante, como se fosse o padroeiro no Líbano, como Nossa Senhora Aparecida é no Brasil, né? Tem essa força assim, comparativamente. O logo da marca Depósito de Meias São Jorge é o cavalo, a gente já discuti essa marca, já evoluiu e desenvolveu, assim, outros designs, outras estéticas do logo em si, a gente teve muita discussão em cima de sai o cavalo, não sai o cavalo... não, não sai o cavalo, o santo fica. O logo atual, na verdade, foi redesenhado em cima de um quadrinho super antigo, uma gravura da minha avó, que tá enquadrada aqui com a gente, tá aqui... tá aqui na loja. Então, assim, todo trabalho de identidade visual da marca e do Depósito de Meias São Jorge foi todo feito em cima do santo, pela devoção dela, que foi uma grande educadora, foi pai e mãe para eles dois (para o pai e o tio de Daniela), foi uma grande orientadora de vida, pessoal e profissional...

Figura 81 — Depósito de Meias São Jorge

Fonte: Foto da autora, 2013.

Além destas formas de designação dos estabelecimentos comerciais, os nomes e sobrenomes de família também são bastante utilizados, especialmente na rua 25 de Março e entorno. Nesta área, encontram-se as lojas Niazi Chohfi, Ansarah, Narchi & Cia, a Afife, Semaan³⁹⁷, Aslan Armarinhos e Aviamentos, Mercantil Maluli, Armarinhos Ambar, Tecidos Cassia Nahas, Raful Cozinha Árabe, dentre outros. No Brás, há a Casa das Meias YeYe e a Kabbaras. Já no Paraíso, existem os restaurantes Jaber Especialidades Árabes e Halim.

³⁹⁷ O nome Semaan, em francês, reflete a influência francesa no Líbano. O país se tornou um protetorado francês após a Primeira Guerra Mundial, até o ano de 1943. Nesse período as populações cristãs, que se localizam, principalmente, no norte do país, foram beneficiadas, estreitando os laços culturais com a França. A família proprietária dessa loja veio dessa região.

Figura 82 — Aslan Armarinhos e Aviamentos, na rua 25 de Março

Fonte: Foto da autora, 2008.

Figura 83 — Niazi Chohfi, na rua 25 de Março

Fonte: Foto da autora, 2008.

A Casa da Bóia, de origem síria, representa um caso interessante. Seu nome inicialmente era Rizkallah Jorge & Cia, porém sua história e a identificação criada com a população paulistana, durante as campanhas de saneamento básico, levou a empresa a alterá-lo. Mário Rizkallah conta:

O próprio povo começou a chamar de Casa da Bóia, porque o meu avô foi o cara que introduziu a boia na caixa d'água. Houve uma campanha de saneamento básico, que foi implantada pelo Emílio Ribas, que viu que a maior parte das casas não tinha esgoto encanado que era, né?... a gente pode dizer que hoje em dia, também, se você levar em porcentagem, acho que hoje a porcentagem do país que não tem esgoto encanado é maior do que aquela época. Porém, naquela época, fizeram uma campanha, e começaram a incentivar o uso de caixa d'água e as boias eram necessárias

e meu avô foi introdutor da boia. Então, todo mundo dizia, vai na Casa da Bóia, vai na Casa da Bóia, e acabou pegando como sendo o nome. Então, apesar da gente ter oficializado só em 1951, antigamente, a gente pega os impressos... os impressos, os mais antigos já tem Casa da Bóia.

Assim, se esta empresa era um lugar de identidade para os sírios, libaneses e armênios, ela se torna um lugar de referência, pelas razões acima mencionadas, para a sociedade paulistana. Ela entra, portanto, na memória coletiva da cidade. O mesmo ocorre com outros estabelecimentos comerciais tradicionais, como o Depósito de Meias São Jorge e o Rei do Armarinho. Daniela Sucar Dib afirma:

... é uma referência assim pela história da loja, pelo tempo de existência, pela estabilidade da marca, e pelo boca a boca que sempre foi muito forte, é muito gostoso assim, é muito gratificante ver e ouvir, como já vivi diversas situações em São Paulo, em outros estados, em diversos eventos, as pessoas, assim no cadastro: — ai qual empresa? ai eu sou consumidora de lá e eu ia lá desde... eu ia com a minha vó, eu vou com a minha mãe, agora eu levo meus filhos — é uma coisa assim... às vezes, a gente chega há três gerações para trás quando a pessoa descobre, é muito curioso, é divertido isso, acho que por isso, posso dizer que sim... imprimiu uma tradição na rua, né? são quase sessenta anos de loja e essa coisa de ver as pessoas voltarem... reconhecerem a marca, e dizerem, nossa, eu ia muito quando eu era pequena com a minha avó, com minha mãe ou com a minha tia... é muito gostoso isso, é muito gostoso...

4.2.1.7 Regiões e bairros: rua 25 de Março e adjacências, Paraíso e Brás

Ao tratar de lugares de identidade, deve-se considerar as próprias regiões onde se encontram estes espaços, como locais significativos de vínculo e referência para comunidade árabe e descendente. A presença física de estabelecimentos, instituições culturais, moradias (atualmente, em algumas regiões apenas), a história dessas áreas e as memórias relativas a elas, as colocam em posição de destaque no exercício desta função.

As áreas da 25 de Março, do Brás e do Paraíso são mencionadas por grande parte dos entrevistados como um dos locais em que eles mais identificam a presença síria e libanesa na cidade de São Paulo. Elas são bastante significativas para estas pessoas, que as veem como espaço de suas trajetórias particulares, mas

também da colônia na cidade. Em relação à área da 25 de Março, Lourenço Chohfi filho diz:

Para mim, nossa, nossa para mim, foi minha vida aqui. Desde criança, fiquei aqui trabalhando com meu pai, com meu avô, e para mim, como se fosse a minha casa isso daqui.
... eu tenho um amor muito grande pela região, porque eu fui criado aqui, praticamente, praticamente aqui desde os doze anos de idade...

Daniela Sucar Dib conta:

Pessoal e profissionalmente, essa para mim foi uma experiência bastante forte, foi um complemento de todo estudo acadêmico, da faculdade, do mestrado, a experiência de viver e trabalhar por aqui... para mim, foi uma escola mesmo de aprendizagem. Pessoalmente, assim, pela convivência, sociabilidade da rua, proximidade de outros lojistas, e assim, amigos, conhecidos, na mesma situação, segunda, terceira geração de famílias trabalhando aqui.

Regina Maatouk tem a mesma percepção:

Eu nasci lá (na 25 de Março), fui criada lá, praticamente... Eu trabalho no restaurante há 25 anos o restaurante vai fazer 38 anos...

Simão Mouawad lembra:

Quando eu tinha 11 anos de idade porque meu pai não sabia escrever em português, ele me esperava chegar para tirar as notas fiscais da mercadoria que ele vendia... eu comecei muito cedo, entendeu? Então, na verdade, já são quase 60 anos de experiência de 25 de Março.

Gilberto Sarruf diz:

... eu me sinto muito orgulhoso de meu pai ter sido um vencedor aqui na região da 25, ter conseguido criar a família, os filhos, casar os quatro filhos que ele tinha, e dar uma condição de vida para cada um bastante plausível e tanto é que eu sou tão grato que eu tenho a fotografia dele, é um quadro pintado a mão, com a escrivadinha dele, a cadeira, e uma Bíblia e uma flor que é colocada dia sim, dia não, uma flor fresca em homenagem à ele, então, isso para mim, tem um sentido muito forte, meus filhos assistem isso. Eu faço uma oração quando eu chego, uma oração quando eu saio, já assistiram diversas vezes. Eu não faço para

mostrar para eles, mas às vezes, eles entram na hora que eu estou fazendo, e eu não sei quanto absorve disso... pode ser que absorva pouco ou pode ser que um dia absorva muito... é uma coisa que deixa na cabeça de cada um...

A 25 de Março surge em seus relatos, atrelada à memória individual e coletiva do grupo migratório. Gilberto continua:

... A rua 25 de Março representou muito para nossa colônia, a gente até tinha um memorial em homenagem...

As memórias individuais são memórias sociais. Embora o processo de lembrar seja pessoal, ele se apoia nos grupos em que estas pessoas estão inseridas, mesmo quando a experiência é vivida, aparentemente, de forma individual, ou seja, a memória sempre é coletiva.³⁹⁸ A memória coletiva, por sua vez, como afirma Halbwachs:

... tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo. Desta massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com maior intensidade a cada um deles. De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva...³⁹⁹

Para que as lembranças individuais consigam se apoiar na memória dos outros, é necessário que ela concorde com a memória deles e “que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum”⁴⁰⁰.

A memória, seja individual ou coletiva, como coloca Pollak, também é em parte herdada, não se referindo apenas à vida física da pessoa. Ela possui uma ligação fenomenológica com o sentimento de identidade, sendo importante para o sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa ou de um grupo na reconstrução de si⁴⁰¹.

³⁹⁸ HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva...* *op.cit.*

³⁹⁹ *Idem*, p. 69.

⁴⁰⁰ *Ibidem*, p. 39.

⁴⁰¹ POLLAK, Michael. *Memória...* *op.cit.*

Como afirma Halbwachs, por sua vez, “não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial” ⁴⁰². Assim, a 25 de Março e adjacências são assumidas individual e coletivamente, como espaço de memória da comunidade árabe e descendente, contribuindo para a reconstrução que o grupo faz de si próprio, que garante sua continuidade e coerência, tanto interna quanto externa.

O sentimento de identidade relativo a 25 de Março e entorno é verificado em outras regiões de grande concentração da etnia. Ao relembrar suas experiências no bairro do Brás, Hassan Gharib e Ahmad Aref afirmam:

Eu nasci aqui, né? Então significa muito para mim, né? Vizinho, infância, as escolas, o estudo, as amizades, a própria mesquita... Então, tem uma grande importância assim para mim, o bairro. (Hassan Gharib)

Eu, pessoalmente, eu sou, talvez, um dos primeiros a chegar aqui nessa região, que foi em 1968. Passei, praticamente, a minha vida por aqui, morei aqui trinta e três anos. Há pouco tempo, há uns doze, treze, que eu moro fora do bairro, mas passei a minha juventude, a minha vida, o meu trabalho, o alicerce do meu trabalho, da minha família foi feito tudo aqui, então para mim, é como se fosse a minha casa, a minha terra, é de uma importância ímpar. (Ahmad Aref)

Quanto ao bairro do Paraíso, Rosely Mitre Hannun, Jihad Chahine e Padre Ziad Alkhoury dizem:

Para mim, é minha vida inteira... eu não nasci aqui, nasci na 25 de Março, mas moro na região da Paulista já há mais quarenta anos, e tudo para gente é feito por aqui, então é a Igreja, é comércio, é padaria árabe, é o clube, então é tudo aqui na própria região do Paraíso, então para gente é importante que ela é... seria a casa da gente. (Rosely Mitre Hannun)

Para gente, ela representa tudo porque foi onde nós abrimos, onde nós começamos, graças a Deus, nos demos bem na vida... então esse pedaço para gente é importante, a gente tá aqui há sessenta anos, aqui no Paraíso. (Jihad Chahine)

Pessoalmente, para mim, desde quando cheguei no Brasil, eu estou aqui. Então, gosto dessa região... e como não sou brasileiro, e vim trabalhar aqui nesse bairro, então cria uma situação de como se fosse a minha segunda casa... (Padre Ziad Alkhoury)

⁴⁰² HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva...* op.cit,p.170.

O Ipiranga, por sua vez, diferentemente destas três áreas, não é visto como local de identidade e memória para os sírios, libaneses e descendentes, apesar de sua consolidação como bairro estar bastante relacionada à presença da família Jafet, na primeira metade do século XX.

4.2.1.8 Ipiranga: um contraponto da identidade e memória dos sírios e libaneses em São Paulo

O bairro do Ipiranga teve sua história bastante marcada pela família Jafet, que instalou sua primeira fábrica na região em 1906, dando grande impulso à urbanização da região. A produção do espaço urbano nesta área esteve relacionada a esta família, que além das indústrias, de equipamentos para os operários e de obras de infra-estrutura, também construiu suas moradias no local.

A presença dos Jafets no bairro do Ipiranga, no entanto, não foi acompanhada por uma inserção da colônia síria e libanesa no bairro, já que os operários da Cia. Fabril de Tecelagem e Estamparia Ipiranga não eram dessa origem. Também não havia instituições culturais do grupo na área. Assim, o fechamento da indústria têxtil do bairro e a saída residencial de membros da família Jafet para outros locais da cidade fez com que a presença da comunidade árabe na região diminuísse.

O bairro do Ipiranga nunca foi visto como um lugar de identidade e espaço de memória pela comunidade síria e libanesa na cidade, uma vez que a inserção da etnia no local não envolveu a maior parte da coletividade. Não houve uma apropriação deste espaço, uso na vida cotidiana e nem a construção de uma memória coletiva ligada a ele. Assim, ele não tinha um significado para o grupo, apesar da importância e reconhecimento da família Jafet na colônia. Lourenço Chohfi Filho, neto de Violeta Jafet, que morou com seu marido no Palácio Versailles, não a enxerga como uma região marcada pela presença árabe. Em sua opinião, a 25 de Março, os clubes sócio-esportivos e o Hospital Sírio-Libanês são mais significativos neste sentido.

O Ipiranga não aparece no discurso de nenhum dos entrevistados, exceto no de Padre Dimitrios Attarian, como um local de concentração da família Jafet, mas não de identidade do grupo:

Outra é lá no Ipiranga, que os Jafet, mais ou menos, eles tinham seu núcleo no Ipiranga, com os grandes palácios que eles tinham por lá, eram acho que quatro palacetes que eles tinham ali no Ipiranga, a família Jafet estava com seu núcleo lá, mas ela sabia que o núcleo de permanência da maior parte da comunidade era aqui no Paraíso.

Atualmente, a alusão à presença da família Jafet e a ligação da área com a coletividade síria e libanesa é realizada por meio de sua história como bairro, e também através dos seis palacetes em estilo mourisco que restaram nas ruas Bom Pastor e Costa Aguiar. A função deles não possui qualquer relação com a colônia, apenas os Palácios Versailles e Victor Hugo mantiveram seus nomes e passaram a constituir o espaço de eventos Palácio dos Cedros, nome dado devido aos cedros do Líbano, existentes nos jardins.

Além do nome deste estabelecimento, outra referência ao grupo migratório, é o nome dado à avenida que passa ao lado do bairro, Avenida Ricardo Jafet. A denominação desta, bem como de outros logradouros da cidade, por sua vez, serve para solidificar a presença árabe, atuando como um lugar de memória.

4.2. 2 Os Lugares de Memória

Os lugares de memória surgem da necessidade de se cristalizar a memória de determinado grupo social, quando os meios de memória encontram-se enfraquecidos. Como afirma Pierre Nora, “quanto menos a memória é vivida do interior, mais ela tem necessidade de suportes exteriores e de referências tangíveis de uma existência que só vive através delas”⁴⁰³.

Os locais de memória se constituem em restos de uma sociedade que se transforma e renova, mas que precisa de elementos que lhe garantam continuidade

⁴⁰³NORA, Pierre. Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*, São Paulo, n.10, p.7-28, dez.1993, p.14.

e coerência como grupo. Estes lugares “nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea”,⁴⁰⁴ sendo que sua criação e manutenção apresentam certa artificialidade, já que criar arquivos, manter aniversários, organizar celebrações, dentre outros, não são operações naturais. Em contrapartida, se aquilo que estes locais defendem não estivesse ameaçado, e se vivêssemos, efetivamente e cotidianamente, aquilo que evocam, eles seriam inúteis. Ao mesmo tempo, se a história não se apropriasse deles, eles não assumiriam a função que exercem⁴⁰⁵.

Os lugares de memória são lugares no sentido material, funcional e simbólico, sendo que os três aspectos atuam simultaneamente, apenas em graus diversos. Eles são materiais por seu conteúdo demográfico; funcional, pois garantem a cristalização da lembrança e sua transmissão; e simbólicos, porque caracterizam um acontecimento ou uma experiência vivida por um pequeno número de pessoas, dos quais a maioria não participou diretamente.

Para que os lugares de memória se enquadrem nesta categoria é necessário que haja uma intenção de memória, senão eles se tornariam locais de história. Por outro lado, se a história, o tempo e a mudança não intervissem, eles também não existiriam⁴⁰⁶. Como coloca Pierre Nora:

... a razão fundamental de ser de um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para... prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações.⁴⁰⁷

Neste sentido, os monumentos e museus, os nomes das ruas e as datas comemorativas criadas pela coletividade árabe e descendente são locais de memória do grupo na cidade, contribuindo também para formação de um discurso da própria colônia na sua representação de si e na sua representação para os outros.

⁴⁰⁴ NORA, Pierre. Entre Memória e História: A Problemática... *op.cit.*, p.13.

⁴⁰⁵ *Idem*

⁴⁰⁶ *Ibidem*

⁴⁰⁷ *Ibidem*, p.22.

4.2.2.1 Monumentos e museus

O primeiro monumento a ser construído pelos imigrantes sírios e libaneses na cidade de São Paulo foi o monumento à Amizade Sírio-Libanesa, inaugurado em 1928. Com o centenário da independência, a colônia síria e libanesa da cidade decidiu criar uma Comissão para a Homenagem Sírio-Libanesa ao Centenário da Independência.

O grupo, sob a liderança de Basílio Jafet, optou por contratar o escultor italiano Ettore Ximenes, que havia feito o Monumento à Independência, no Ipiranga, para a realização da obra. As comemorações do centenário da independência, que perduraram por uma década, reforçavam o discurso nacionalista. Aproveitando-se deste período, os sírios e libaneses buscaram construir um discurso étnico que demonstrasse que eles haviam se tornado brasileiros desejáveis. A localização inicial, no Parque Dom Pedro II e o escultor escolhido, bastante associado ao nacionalismo brasileiro, atendiam a esse propósito⁴⁰⁸.

O monumento à Amizade Sírio-Libanesa é uma torre de bronze e granito de dezesseis metros de altura. A base é composta por quatro partes, sendo que três delas contêm relevos representando a contribuição cultural síria e libanesa no mundo: os fenícios como pioneiros da navegação, a descoberta das Ilhas Canárias por Haitam I e o ensino do alfabeto. O quarto lado representa a penetração árabe no país, através do comércio, que levou à prosperidade. No topo, há três figuras humanas em tamanho natural: uma figura feminina, representando a República Brasileira, e à sua frente, uma moça síria entregando um presente a seu irmão brasileiro, um guerreiro indígena⁴⁰⁹.

⁴⁰⁸ LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional... op.cit.*

⁴⁰⁹ MARTINS, José de Souza. *À nau dos sírios e libaneses na 25 de Março. O Estado de São Paulo*, São Paulo, 19 ago. 2006.

Figura 84 — Monumento à Amizade Sírio- Libanesa

Fonte: Foto da autora, 2008.

Apesar do simbolismo expresso pela obra, que indicava que os árabes faziam parte da colonização e prosperidade do país, e que as três imagens do topo eram “irmãos”, e portanto, que a comunidade sírio-libanesa havia se tornado biologicamente brasileira, este não deve ser compreendido como assimilacionismo. Na placa dedicatória, como explica Jeffrey Lesser, a inscrição “À Nação Brasileira, no Centésimo Aniversário de sua Independência. Com admiração e reconhecimento da Colônia Sírio-Libanesa”, é repetida em árabe, afirmando uma identidade hifenizada⁴¹⁰.

A inauguração do monumento foi marcada por uma grande comemoração. Havia uma multidão no Parque Dom Pedro II que observava a festividade, que contou com uma marcha com tambores e clarins, discursos do prefeito, de vereadores e da comissão sírio-libanesa, os hinos do Brasil, da Síria e do Líbano e

⁴¹⁰ LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional... op.cit.*

um desfile com mais de dois mil soldados⁴¹¹. O jornal O Estado de São Paulo noticiava:

... Efetivamente, era uma festa simbólica e altamente significativa, em que se celebrava a tradicional amizade que une a laboriosa colônia síria ao povo brasileiro.

... desenrolando-se sob um ambiente de franca afetividade, em que se trocavam entre sírios e brasileiros as expressões da velha amizade que os une.⁴¹²

Observa-se que o monumento serviu ao que se propunha. Em 1988, entretanto, em outro contexto histórico, quando os sírio-libaneses já estavam inseridos na sociedade paulistana, a obra mudou de lugar, sendo transferida do Parque D. Pedro II para a Praça Ragueb Chohfi, no início da rua 25 de Março. A mudança foi solicitada pela Univinco ao prefeito Jânio Quadros e financiada pela Companhia Têxtil Ragueb Chohfi.

A nova localização foi emblemática, dotando o monumento de outros significados e propósitos. Se anteriormente, ele havia funcionado como um dos meios para criação de um discurso étnico do grupo perante a sociedade brasileira, agora ele se voltava para o próprio grupo migratório, sendo assumido como um lugar de memória e identidade.

Outra obra relacionada à imigração árabe situa-se na área do Paraíso, mais precisamente na Praça Rodrigues de Abreu, em frente à Catedral Ortodoxa. Este monumento, chamado Mohamed V foi erguido em 1989 por artesãos da Cooperativa dos Azulejistas da Cidade de Fez (Marrocos). Embora, a imigração marroquina seja extremamente pequena para São Paulo e não tenha relação com a imigração síria e libanesa, Padre Dimitrios Attarian aponta que a presença árabe na área pode ter sido um dos motivos para a escolha do local para receber o monumento:

... as pessoas sabem que por aqui, existem muitos patrícios, engraçado... isso também foi uma conotação, apesar de não ter uma grande facção dos islâmicos aqui, aqui, na frente da nossa catedral, existe uma pracinha, esse monumento que está aí, é um monumento... não é nosso, cristão... foi o rei do Marrocos que fez essa doação para essa pracinha... eu nem sei o

⁴¹¹ HOMENAGEM Syria – Inaugurou-se hontem o monumento do Parque D. Pedro II. O Estado de São Paulo, São Paulo, 04 mai. 1928. Disponível em: < www.estadao.com.br>. Acesso em: 02 abr. 2013.

⁴¹² HOMENAGEM Syria – Inaugurou-se hontem... *op.cit*, p.7.

nome da pracinha, mas só sei que tem um monumento dedicado à cultura árabe islâmica.

... talvez eles não quisessem colocar num lugar onde não fosse tão simbólico assim, a presença árabe, ou era aqui ou era na 25, né? Então, acho que escolheram por aqui...

Figura 85 — Monumento Mohamed V

Fonte: foto da autora, 2013.

Além destes monumentos, há o museu da Casa da Bóia, aberto em 1998, quando a empresa completou cem anos de funcionamento. Ele se situa no primeiro andar da loja e possui documentos da empresa e da família, máquinas, móveis, fotos, publicidade da época, gravuras, dentre outros objetos.

Figura 86 — Pinturas de Zakie Rizkallah e Rizkallah Jorge, de 1910.

Fonte: Foto da autora, 2011.

Figura 87 — Balança do Museu da Casa da Bóia

Fonte: Foto da autora, 2011.

Figura 88 — Caixa registradora exposta no Museu da Casa da Bóia

Fonte: Foto da autora, 2011.

Mário Rizkallah diz que há uma preocupação em preservar a memória, ou seja, solidificá-la, cristalizá-la:

Tanto que a gente procura preservar isso até hoje. Nós estamos aí, interesse, logicamente, comercial, vivemos disso, mas nós mantemos o museu, tudo isso... para trazer as pessoas para aquela época, como que era, homenagear esses desbravadores, né?

Percebe-se em seu depoimento, que o local já foi criado com o intuito de memória, tanto para seu público interno quanto externo. Mário fala que o objetivo é 'levar' as pessoas para aquela época, ou seja, através do acervo do museu,

pretende-se ativar as lembranças, demonstrando que a memória se enraíza nos objetos, no espaço, no concreto. Há a necessidade dessa materialização da memória pelo próprio sentimento de sua perda, como um processo natural e espontâneo⁴¹³.

Existem outros memoriais no interior de algumas das instituições culturais inventariadas, no entanto, estas não são as funções principais destes espaços.

Além dos museus e monumentos relativos à imigração árabe em São Paulo, os nomes das ruas também são lugares de memória da colônia síria e libanesa na cidade.

4.2.2.2 Nomes de ruas

Os nomes de ruas podem ser lugares de memória, devido tanto a seu processo de criação quanto à sua função. A própria legislação que rege a denominação dos logradouros públicos já os direciona para isso, como pode ser observado no decreto Nº 49.346:

Art. 9º. Serão escolhidos para denominação de logradouros públicos:

- I - nome de pessoa, desde que comprovado, mediante atestado de óbito ou publicação na imprensa escrita, que se trata de pessoa falecida;
- II - datas ou fatos históricos que representem, efetivamente, passagens de notória e indiscutível relevância;
- III - nomes que envolvam acontecimentos cívicos, culturais e desportivos;
- IV - nomes de obras literárias, musicais, pictóricas, esculturais e arquitetônicas consagradas;
- V - nomes de personagens do folclore;
- VI - nomes de corpos celestes;
- VII - topônimos;
- VIII - nomes de acidentes geográficos;
- IX - nomes de espécimes da flora e da fauna.⁴¹⁴

⁴¹³ NORA, Pierre. Entre Memória e História: A Problemática... *op.cit.*

⁴¹⁴ SÃO PAULO (Município). Decreto nº 49.346, de 27 de março de 2008. Regulamenta a Lei nº 14.454, de 27 de junho de 2007, que consolida a legislação municipal sobre a denominação e a alteração da denominação de vias, logradouros e próprios municipais, bem como revoga os dispositivos e decretos que especifica. Disponível em: < www.dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br>. Acesso em: 02 jul. 2013.

No entanto, se estes não fossem instituídos com uma intenção de memória⁴¹⁵ e não tivessem esse significado para determinado grupo social, eles se esvaziariam de sentido, não podendo ser considerados lugares de memória. A localização destas ruas também é importante na determinação de quais delas entram na categoria. Assim, nomear uma rua com um nome sírio-libanês em uma área com forte presença da etnia é uma forma de bloquear o esquecimento e fixar um estado de coisas no local.⁴¹⁶ Sérgio Zahr diz:

... a memória da região deve ser preservada na memória dos nomes de suas ruas...

Padre Dimitrios Attarian diz que esta é uma permanência significativa no Paraíso: “nós temos, nomes de ruas, né?”⁴¹⁷. De fato, este bairro apresenta inúmeras vias e praças com nomes árabes, dentre os quais, podemos citar as ruas Said Aiach, Abrão Dib e Jorge Chammas (Vila Mariana); e as praças Marjayoun, Elias Salim Abeid, Presidente Gamal Abdel Nasser⁴¹⁸ e Estado da Palestina. Todas estão na parte mais residencial do bairro, próximas à Avenida 23 de Maio, na direção da Ibirapuera e República do Líbano.

⁴¹⁵ NORA, Pierre. Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares... *op.cit.*

⁴¹⁶ *Idem*

⁴¹⁷ Entrevista Padre Dimitrios Attarian.

⁴¹⁸ Gamal Abdel Nasser foi presidente do Egito, de 1954 a 1970.

Figura 89 — Nomes de rua no bairro do Paraíso

Fonte: Fotos da autora, 2012.

Esta última, por sua vez, recebeu este nome na década de 1950, quando a Avenida Indianópolis, teve sua nomenclatura alterada, em um trecho. Mario Lopomo conta ao site São Paulo Minha Cidade:

Há 50 anos atrás Moema e Indianópolis se confundiam. Aliás, Indianópolis era mais conhecida do que Moema. No início dos anos 50 a prefeitura para homenagear a raça Árabe, trocou o nome da Avenida Indianópolis, para rua República do Líbano. Houve uma revolta do povo que tirou as placas, jogando-as fora. Depois através de um acordo entre moradores e prefeitura esta avenida ficou com os dois nomes.⁴¹⁹

⁴¹⁹ MOEMA. Depoimento de Mario Lopomo, publicado em 24 de novembro de 2005. Disponível em <www.saopaulominhacidade.com.br>. Acesso em: 15 mar. 2013.

Figura 90 — Avenida República do Líbano

Fonte: Foto da autora, 2013.

No Ipiranga, a única alusão à família Jafet é a Avenida Ricardo Jafet, que passa ao lado do bairro. Já no Brás, não há ruas com denominação árabe.

Na área da 25 de Março e adjacências, por sua vez, quase todas as ruas apresentam nomes da etnia. Assim, algumas vias foram rebatizadas ao longo do tempo, como as antigas ruas Itobi, Santo André e Pagé, que se tornaram, respectivamente, Cavaleiro Basílio Jafet, Comendador Abdo Schahin e Comendador Afonso Kherlakian. Existem também outros logradouros que referenciam o grupo, como as ruas Jorge Azém e Serop Kherlakian e a Praça Ragueb Chohfi. Este processo de materialização da memória na região continua a ocorrer, tanto que em 2012, a antiga rua Virgínia Sales passou a se chamar Niazi Chohfi.

Figura 91 — Nomes de ruas na área da 25 de Março

Fonte: Fotos da autora, 2012.

Houve e ainda há uma intenção de cristalizar a presença da colônia síria e libanesa no local, sendo que os locais de memória atuam neste sentido. No entanto, a criação deles, tratando-se especialmente do espaço urbano depende de decisões e da oficialização do poder público. A indicação dos nomes das ruas e praças deve ser de iniciativa de órgãos da administração pública municipal, de institutos, entidades ou associações particulares de interesse social, bem como da Câmara Municipal.⁴²⁰ Dessa forma, é decisiva a força econômica e política alcançada pela comunidade árabe e descendente, seja através de organizações criadas pelo grupo, como a Univinco, seja através do próprio poder legislativo e executivo.

Embora exista uma grande concentração de ruas com denominação árabe na área, a designação de seu eixo principal, 25 de Março, não é dessa origem, sendo uma homenagem à outorga da Primeira Constituição Nacional. No entanto, o nome da via, extremamente relacionada à história, memória e identidade do grupo

⁴²⁰ SÃO PAULO (Município). Decreto nº 49.346, de 27 de março... *op.cit.*

migratório, se tornou a data de Comemoração da Comunidade Árabe no Brasil, conforme lei federal, aprovada em 2008⁴²¹.

Assim, a rua, por sua relação histórica, pela memória e vínculo identitário com grande parte da comunidade síria e libanesa, especialmente em São Paulo, foi assumida, materializada e passou a representar a imigração de todo o grupo, sendo um referencial, até mesmo para aqueles que não têm ou não tiveram uma relação direta com a via. A instituição desta data, associada à existência de outros lugares de memória e identidade, à história e à presença árabe na região levam à formação de um discurso oficial sobre a mesma.

4.3 Os discursos oficiais

Os discursos oficiais sobre a cidade são construções elaboradas a partir da história, da memória, da existência de equipamentos culturais, do comércio, dentre outros.

Pensando-se nos diversos grupos migratórios em São Paulo, esses discursos foram criados, fortemente atrelados a bairros específicos da cidade, portanto, a porções do espaço, que servem ou serviram como base da inserção e atividade social, econômica e política de cada etnia.

Eles atendem ao propósito de oficializar uma identidade da cidade ou de parte dela para a população do município e turistas. Esses discursos, por sua vez, também devem concordar com os estabelecidos internamente por cada grupo migratório, tanto na sua representação de si, quanto para os de fora.

Dessa forma, o discurso oficial sobre a rua 25 de Março e adjacências foi construído, utilizando-se da imigração síria e libanesa e do comércio. O site do Governo do Estado de São Paulo, em um texto sobre turismo, coloca:

Na capital, alguns lugares você não pode deixar de visitar. A Bela Vista (bairro italiano), a Liberdade (bairro oriental) e as ruas comerciais: 25 de Março (árabe) e José Paulino (israelita). Nesses lugares você poderá ter

⁴²¹ CÂMARA DOS DEPUTADOS. Disponível em: < www2.camara.leg.br >. Acesso em: 08 mai. 2013.

uma boa noção da variedade de imigrantes que vieram se instalar para alegrar e desenvolver ainda mais São Paulo.⁴²²

Gilberto Sarruf concorda:

... existe é uma simbologia: — ah tá na 25 de Março, ah você é descendente de árabe, né?

Os meios de comunicação também contribuem para que os discursos oficiais sejam corroborados. São comuns reportagens como: A Torre de Babel do Consumo⁴²³; Fernando Haddad, o filósofo da 25 de Março⁴²⁴; Em meio às lojas populares, comida árabe de elite⁴²⁵.

Observa-se que os discursos oficiais buscam ressaltar uma identidade única ou pouco diversificada de uma área. Eles são menos abertos às mudanças do que a própria sociedade e do que os meios de comunicação, o que não significa que eles não possam ser alterados. O discurso sobre a 25 de Março, por exemplo, permanece relacionado à imigração árabe por todas as razões demonstradas ao longo desse trabalho. A presença chinesa aparece pouco ou nem aparece, apesar de percebida pela população e imprensa⁴²⁶.

Já para o Brás, o principal discurso oficial sempre foi o do bairro operário e italiano, no máximo, migrante. Entretanto, atualmente, percebe-se uma modificação devido às questões econômicas, sociais e de turismo. Assim, no site da São Paulo Turismo, órgão oficial de Turismo do município, encontra-se a seguinte descrição da área:

O Brás foi o primeiro polo industrial da cidade e firmou-se desde então como um bairro operário, formado inicialmente por imigrantes italianos, portugueses e espanhóis. Depois vieram os gregos, libaneses e, mais recentemente, coreanos e bolivianos. Hoje, a região se caracteriza pelo

⁴²² PORTAL DO GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Disponível em: < www.saopaulo.sp.gov.br>. Acesso em: 08 set. 2013.

⁴²³ LIMA, Bianca. A Torre de Babel do Consumo. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 22 set. 2010. Disponível em: < www.estadao.com.br>. Acesso em: 11 jul. 2013.

⁴²⁴ XAVIER, Mauricio. Fernando Haddad, o filósofo da 25 de Março. *Veja São Paulo*, São Paulo, out. 2012. Disponível em: < www.vejasp.abril.com.br>. Acesso em: 08 ago. 2013.

⁴²⁵ BORGES, D. FRANÇA, V. Em meio às lojas populares, comida árabe de elite. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 02 dez.2007. Disponível em: < www.estadao.com.br>. Acesso em: 10 ago. 2013.

⁴²⁶ Logicamente, esta presença existe, porém há poucos equipamentos culturais do grupo, bem como lugares de identidade e memória, o que dificulta a criação de um discurso oficial da etnia.

comércio de roupas, principalmente nas imediações do Largo da Concórdia e da Rua Oriente.⁴²⁷

Os bairros do Paraíso e Ipiranga apresentam um discurso menos relacionado à etnicidade do que as áreas citadas anteriormente, porém quando mencionada, ela está ligada à presença síria e libanesa nestas regiões.

Em relação ao Ipiranga, os discursos oficiais, em geral, destacam o Parque da Independência e sua história. Raramente, eles abordam o início de seu processo de urbanização e sua fase de industrialização, sendo que quando isto ocorre, aborda-se a presença da família Jafet.

Tratando-se do Paraíso, os discursos oficiais ligados à etnicidade, se concentram nos aspectos gastronômicos, como pode ser visto nos seguintes trechos, ou na presença da Catedral Ortodoxa, que é um marco do bairro e tem um valor significativo como patrimônio cultural material da cidade:

Se subir até a Vila Mariana, descubra os árabes Catedral e Jaber ou algum outro da região.⁴²⁸

Uma viagem ao paraíso dos sabores árabes.⁴²⁹

Os discursos oficiais, portanto, materializam e perpetuam uma presença, sendo uma forma significativa de permanência. Por outro lado, ao utilizarem as relações espaciais em sua elaboração, eles acabam por contar os caminhos seguidos pelos sírios, libaneses e descendentes em São Paulo.

⁴²⁷ REIS, Sália. Brás, Bom Retiro e 25 de Março. Disponível em:< www.cidadedesapaulo.com>. Acesso em: 09 ago. 2013.

⁴²⁸ BEMFEITO, Fabíola. Diversidade Gastronômica em São Paulo. Disponível em:< www.cidadedesapaulo.com>. Acesso em: 09 ago. 2013.

⁴²⁹ LIMA, Nara. Uma viagem ao paraíso dos sabores árabes. Disponível em:< www.cidadedesapaulo.com>. Acesso em: 09 ago. 2013.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar nos caminhos seguidos pelos sírios, libaneses e descendentes em São Paulo coloca a inserção da etnia sob a ótica do movimento. No mundo atual, “o movimento se sobrepõe ao repouso” ⁴³⁰, sendo este o princípio básico do próprio processo migratório. Da mesma forma, essa afirmação é válida para o espaço urbano e para os grupos sociais que nele estão estabelecidos.

A ideia da mobilidade, se compreendida de forma pura, poderia indicar uma tendência ao global. No entanto, observa-se, especialmente em bairros mais antigos, que não é isto que acontece. O movimento acaba por destacar identidades locais. Ele traz mudanças, mas indica e ressalta muitas permanências da cidade.

Assim, para estudar o deslocamento da colônia árabe em São Paulo, foi necessário se atentar aos dois processos: as mudanças e permanências ocorridas nas regiões em que se inseriram sob o ponto de vista da imigração síria e libanesa. Optou-se por concentrar a análise nos aspectos comerciais e culturais, que frequentemente refletem a ocupação residencial. Houve uma preocupação em mostrar a dinâmica interna do grupo e as relações sociais que permearam e permeiam esse movimento por São Paulo.

A rua 25 de Março e suas vias adjacentes representaram o primeiro espaço de inserção dos imigrantes sírios e libaneses na cidade, que lá trabalhavam e moravam. O local se transformou em um verdadeiro núcleo de concentração da colônia árabe até meados do século XX. No entanto, por volta de 1910, já havia sinais de uma dispersão residencial, indicando que a função comercial e residencial exercida pela 25 de Março, viria a se dissociar.

À medida que progrediam, muitas famílias optavam por transferir sua moradia para outras regiões do município, sendo que a Vila Mariana e o Paraíso atraíram grande parte da coletividade. Esse deslocamento em direção à zona sul se estendeu por este último bairro, no sentido da Avenida Ibirapuera, atingindo os bairros do Planalto Paulista e Moema.

⁴³⁰ SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006, p.222.

Quanto aos negócios, a necessidade de áreas mais baratas levou uma parte da coletividade, bem como imigrantes recém-chegados, a se fixarem nos bairros do Brás, e em menor proporção, do Pari.

Pela mesma razão, a família Jafet, que possuía uma loja na área da 25 e Março e morava no Paraíso, optou por comprar terrenos no Ipiranga, onde instalou suas fábricas, e posteriormente, seus palacetes.

A mobilidade alterou a função exercida pela região da 25 de Março e do Brás, que se tornaram primordialmente comerciais. A presença do grupo, por sua vez, determinou o tipo de comércio que viria a se instalar nessas localidades. Assim, na primeira, sobressaíram-se os tecidos e armarinhos, e na segunda, as confecções de jeans, juntamente com restaurantes e empórios. As formas de negociar, a organização espacial e a configuração do comércio também sofreram uma grande influência destes imigrantes.

O espaço não é estático, e a entrada de novos grupos migratórios alterou, parcialmente, o comércio dessas regiões. Assim, na 25 de Março, houve a abertura de lojas de bijuterias, decoração, dentre outros, enquanto no Brás aumentou o número de estabelecimentos dedicados à moda feminina. Esses grupos também modificaram algumas práticas e a formatação comercial, além de contribuírem para que os sírios e libaneses permanecessem, especialmente na primeira região, com o controle imobiliário.

No entanto, mesmo com a saída residencial destes locais, uma série de equipamentos culturais, que funcionam como lugares de identidade e memória, foram mantidos nestas áreas.

O deslocamento das moradias para o Paraíso, Vila Mariana, Planalto Paulista e Moema, por sua vez, levou à instituição de restaurantes, empórios, igrejas, clubes, hospitais e entidades beneficentes nestes bairros. Tanto o comércio quanto os equipamentos culturais foram e ainda são importantes para a sociabilidade da colônia e para a manutenção de suas práticas culturais. Estes locais criam vínculos identitários e servem como referências para a coletividade síria e libanesa no município.

Por outro lado, eles materializam a presença do grupo em áreas específicas, tornando a presença árabe mais perceptível para pessoas que não têm esta origem. Eles também são fundamentais para a construção de um discurso oficial da etnia e da cidade.

Seria interessante, em estudos futuros, dimensionar esta percepção da identidade sírio-libanesa nos locais estudados nesta dissertação e em outras áreas de concentração da etnia, considerando-se tanto a coletividade árabe e descendente quanto a população paulistana sem esta ascendência.

Por fim, é importante destacar que a mobilidade cria novos polos de uma presença marcadamente árabe na cidade, ou seja, ela leva a uma multicentralidade, sob a ótica da etnicidade. Isso não significa que o papel exercido pela 25 de Março e adjacências foi enfraquecido, muito pelo contrário, ele continua na memória coletiva e é um definidor da identidade da colônia sírio-libanesa na cidade, e até mesmo, no Brasil.

Permanecendo e mudando, a etnia desenhou e está desenhando sua trajetória na cidade, trajetória que consiste tanto na história do grupo quanto na de São Paulo. O caminho iniciado na rua 25 de Março e adjacências, há mais de cem anos atrás, pelos imigrantes sírios e libaneses, portanto, teve e ainda tem seus desdobramentos, suas continuidades no espaço e no tempo...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACONTECIMENTO SOCIAL de Gala. Revista do Esporte Clube Sírio, São Paulo, n.14, p.5, jun-jul. 1954.

ALMEIDA, Guilherme de. *Cosmópolis: São Paulo 1929*. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004.

AMADIO, Macedo. *Desenho urbano e bairros centrais de São Paulo- Um estudo sobre a formação e transformação do Brás, Bom Retiro e Pari*. FAU-USP: Tese de Doutorado, 2004.

AMADO, Jorge. *Gabriela, Cravo e Canela*. São Paulo: Martins, 1969.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDRADE, Margarida Maria. *Bairros Além Tamanduateí: o imigrante e a fábrica no Brás, Mooca e Belenzinho*. FFLCH-USP: Tese de Doutorado, 1991.

ARAÚJO, Oscar Egidio de Araújo. Enquistamentos étnicos. *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, São Paulo, n.6, p. 235, mar.1940.

ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Disponível em: <www.arquivoestado.sp.gov.br>. Acesso em: 23 ago. 2012.

ASSOCIAÇÃO DE LOJISTAS DO BRÁS. Disponível em: <www.alobras.org.br>. Acesso em: 25 mar. 2012.

AZEVEDO, Solange. O Arcebispo da Era Digital. *Revista Época*, São Paulo, set. 2008. Disponível em: <www.revistaepoca.globo.com>. Acesso em: 10 fev. de 2013.

BARBOSA, Adoniran. *Bazares*. Disponível em: <<http://multishow.globo.com/>>. Acesso em: 04 jul. 2013.

BARONE, Marco. Ragueb Chohfi: a história de um empreendedor. *Chams Biografias – A história de quem fez e de quem ainda está fazendo a América*, São Paulo, n.1, jun. 2011.

BARRO, M., BACELLI, R. *Ipiranga. História dos Bairros de São Paulo*, v.14. São Paulo: Divisão do Arquivo Histórico/Departamento do Patrimônio Histórico/Secretaria Municipal de Cultura, 1979.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BEMFEITO, Fabíola. Diversidade Gastronômica em São Paulo. Disponível em: < www.cidadedesapaulo.com >. Acesso em: 09 ago. 2013.

BITTENCOURT, Circe. *Pátria, Civilização e Trabalho - O Ensino de História nas Escolas Paulistas (1917-1939)*. São Paulo: Loyola, 1990.

BORGES, D. FRANÇA, V. Em meio às lojas populares, comida árabe de elite. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 02 dez.2007. Disponível em: < www.estadao.com.br >. Acesso em: 10 ago. 2013.

BRAUN, Sophia. Oferta de restaurantes árabes cresce no Itaim Bibi - Culinária típica não vivia expansão tão intensa na mesma região fazia tempo. *Veja São Paulo*, São Paulo, dez. 2012. Disponível em: <www.vejasp.abril.com.br>. Acesso em: 20 dez. 2012.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Disponível em: < www2.camara.leg.br >. Acesso em: 08 mai.2013.

CASA DA BÓIA. Disponível em:< www.casadaboia.com.br >. Acesso em: 10 abr. 2012.

CASCAVEL – o que vai pelo clubinho. *Revista do Esporte Clube Sírio*, São Paulo, n.66, p.4, jul. 1968.

CASCAVEL – o que vai pelo clubinho. *Revista do Esporte Clube Sírio*, São Paulo, n.59, p.13, jul-ago. 1966.

CASCAVEL – o que vai pelo clubinho. *Revista do Esporte Clube Sírio*, São Paulo, n.51, p.6, nov.1964.

CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CATEDRAL ORTODOXA. Disponível em: < www.catedralortodoxa.com.br>. Acesso em: 15 fev. e 02 jul. 2013.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. *A invenção do cotidiano: morar, cozinhar*. 2ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

CIDADE DE SÃO PAULO. Disponível em: < www.cidadedesapaulo.com>. Acesso em: 15 e 21 ago.2013.

CRECHE ADÉLIA CURY. Disponível em: <www.crecheadeliacuri.com.br>. Acesso em: 16 jan. 2013.

DANIEL, Isaura. A mão generosa da colônia árabe. *Anba- Agência de Notícias Brasil-Árabe*. São Paulo, 25 mar. 2013. Disponível em: <www.anba.com.br>. Acesso em: 21 mai. 2013.

DÉ, LUCIANO, MUMU, XANDE. Das Sete Curvas de um Rio Nasce a Rua da Cultura; Religião, Comércio e Festas Populares: 25 de Março, isso é Brasil!. Disponível em: < www.camisaverde.net>. Acesso em: 16 jul. 2013.

DEAN, Warren. *A Industrialização de São Paulo (1880-1945)*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971.

DIÉGUES JR., Manuel. *Etnias e Culturas no Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1980.

DOURAL. *Guia Doural – Receber com Prazer*. São Paulo, 2008.

DUARTE, M.; TREVISAN, K. Sem pé nem cabeça: o monumento da 25 de Março. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 23 ago. 2011. Disponível em: < <http://blogs.estadao.com.br>>. Acesso em: 11 jul.2013.

DUARTE, Sara. Polícia afugenta ambulantes e faz a taxa de furtos cair na 25 de Março. *Veja São Paulo*, 07 dez.2010. Disponível em: <www.vejasp.abril.com.br>. Acesso em: 15 fev. 2012.

ELLIS JR, Alfredo. *Populações Paulistas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

EMPLASA. *Memória Urbana de São Paulo até 1940*. v.1. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.

_____. *Memória Urbana de São Paulo até 1940*. v.2. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.

ESPORTE CLUBE SÍRIO. Disponível em: <www.sirio.org.br>. Acesso em: 04 abr. 2013.

FAMÍLIA JAFET. Disponível em: <www.jafetbrasil.com.br>. Acesso em: 13 jun. 2013.

FARAH, Paulo Daniel. *O Islã*. São Paulo: Publifolha, 2001.

FERRARI, Mariana. Assad Abdalla: arriscando no desconhecido. *Chams Biografias – A história de quem fez e de quem ainda está fazendo a América*, São Paulo, n.1, jun. 2011.

FRANÇA, Valéria. Quer comida árabe? Vá ao Paraíso. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 24 nov.2007. Disponível em <www.estadao.com.br>. Acesso em: 10 jun. 2013.

GASPARELLO, Arlette. *Construtores de Identidades: A pedagogia da Nação nos Livros Didáticos da Escola Secundária Brasileira*. São Paulo: Iglu, 2004.

GATTAZ, André. *Do Líbano ao Brasil: história oral de imigrantes*. São Paulo: Gandalf, 2005.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Editora LTC - Livros Técnicos Científicos, 1989.

GENESTRETI, Guilherme. Preço baixo, variedade e tradição atraem 1 milhão de pessoas por dia à 25 de Março. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 09 dez. 2012. Disponível em: < www.1.folha.uol.com.br>. Acesso em: 20 mai.2013.

GOLLO, Reynaldo. 72 anos de vendas na 25. *Portal do Envelhecimento*. Disponível em: < www.portaldoenvelhecimento.org.br>. Acesso em: 12 out. 2011.

GOMES, Laura Graziela. Comércio Étnico em Belleville: memória, hospitalidade e conveniência. *Revista de Estudos Históricos – CPDOC/FGV*, Rio de Janeiro, n. 29, p. 187-207, 2002.

GONÇALVES, Alexandre. Colégio São Bento integra chineses à realidade brasileira. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 12 jun. 2011. Disponível em: < www.estadao.com.br>. Acesso em 16 de maio de 2012.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. 2 ed. São Paulo: Centauro,2006.

HAJJAR, Claude. *Imigração Árabe: Cem Anos de Reflexão*. São Paulo: Ícone, 1985.

HALL, Michael. Os Imigrantes na Cidade de São Paulo. In: PORTA, Paula (Org.). *História da Cidade de São Paulo. A cidade na Primeira Metade do Século XX- Imigrantes na Cidade de São Paulo*. v.3. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

HELLER, Ágnes. *Sociología de la vida cotidiana*. 4 ed. Barcelona: Ediciones Península, 1994.

HOMENAGEM Syria – Inaugurou-se ontem o monumento do Parque D. Pedro II. O Estado de São Paulo, São Paulo, 04 mai. 1928. Disponível em: < www.estadao.com.br>. Acesso em: 02 abr. 2013

HOSPITAL DO CORAÇÃO. Disponível em: < www.hcor.com.br>. Acesso em: 14 jan. 2013.

HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico 2010*. 2012. Disponível em: < ftp://ftp.ibge.gov.br>. Acesso em: 06 ago. 2013.

_____. *Censo Demográfico 2010*. 2012. Disponível em: < www.ibge.gov.br>. Acesso em: 06 ago. 2013

IGREJA MARONITA. Disponível em: < www.igrejamaronita.org.br>. Acesso em: 05 fev. 2013.

JAFET, Violeta (Coord.). *Hospital Sírio-Libanês: 85 anos*. São Paulo: Editora Siciliano, 2006.

KNOWLTON, Clark. S. *Sírios e Libaneses: Mobilidade Social e Espacial*. São Paulo: Anhambi, 1960.

KORAICHO, Rose. *25 de Março-Memória da Rua dos Árabes*. São Paulo: Rose Koraicho, 2004.

LABORATÓRIO DE ESTUDOS URBANOS. Disponível em: <www.labeurb.unicamp.br>. Acesso em: 08 jul. 2013.

LAR SÍRIO. Disponível em: < www.larsirio.org.br>. Acesso em: 01 fev. 2013.

LÉFÈBVRE, Henri. O Espaço. In: *Espaço e Política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 36-57.

LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

LIEBERT, Paulo. Fotos sobre Catedral- Catedral Ortodoxa. *O Estado de São Paulo*, São Paulo. Disponível em: < www.topicos.estadao.com.br>. Acesso em: 15 ago. 2013.

LIMA, Bianca. A Torre de Babel do Consumo. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 22 set. 2010. Disponível em: < www. estado.com.br>. Acesso em: 11 jul. 2013.

LIMA, Nara. Uma viagem ao paraíso dos sabores árabes. Disponível em:< www.cidadedesapaulo.com>. Acesso em: 09 ago. 2013.

LORENÇATO, Arnaldo. Teste do rodízio árabe: avaliamos oito endereços paulistanos - Monte Líbano, Almanara e Casa Líbano aparecem no topo da lista. *Veja São Paulo*, São Paulo, jan. 2012. Disponível em: <www.vejasp.abril.com.br>. Acesso em: 05 fev. 2012.

MANSO, Bruno. Kassab e os 11 colegas de classe da Poli que governam a cidade. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 31 jan.2009. Disponível em: <www.estadao.com.br>. Acesso em: 05 out. 2012.

MARCOVITCH, Jacques. *Pioneiros e Empreendedores: A Saga do Desenvolvimento no Brasil*, v.1. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

MARQUES, Gabriel. *Ruas e tradições de São Paulo: uma história em cada rua*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1966.

MARTINS, José de Souza. A nau dos sírios e libaneses na 25 de Março. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 19 ago. 2006.

MASAROLO, Pedro Domingos. *O bairro de Vila Mariana. História dos Bairros de São Paulo*, v.8. São Paulo: Prefeitura do Municipal/ Secretaria de Educação e Cultura, 1971.

MEMORIAL DO IMIGRANTE. Disponível em:< www.memorialdoimigrante.sp.gov.br>. Acesso em: 15 jan. 2012.

_____. *Treinamento de Estagiário*. São Paulo, [200-?]. 44 p.

MESQUITA BRASIL. Disponível em: < www.mesquitabrasil.com.br>. Acesso em: 25 ago. 2012.

MESQUITA DO BRÁS. Disponível em: <www.mesquitadobras.org.br>. Acesso em: 01 ago.2013.

MOEMA. Depoimento de Mario Lopomo, publicado em 24 de novembro de 2005. Disponível em <www.saopaulominhacidade.com.br>. Acesso em: 15 mar.2013.

MONBEIG, Pierre. O Crescimento da Cidade de São Paulo. In: SZMRECSÁNYI, Tamás. *História Econômica da Cidade de São Paulo*. São Paulo: Ed. Globo, 2004.

MORSE, Richard. *Formação Histórica de São Paulo- De Comunidade à Metrópole*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

MOURA, Paulo Cursino de. *São Paulo de Outrora: evocações da metrópole*. Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

MOURA, Soraya (Org.). *Memorial do Imigrante: a imigração no Estado de São Paulo*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Memorial do Imigrante, 2008.

MUSEU DA IMIGRAÇÃO. Disponível em: <www.museudaimigracao.org.br>. Acesso em: 04 jan. 2012.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares. *Revista do Programa de Estudos Pós- Graduação em História e do Departamento de História da PUC-SP*, São Paulo, n.10, p.7-28, dez.1993.

OSMAN, Samira. *Entre o Líbano e o Brasil: Dinâmica Migratória e História Oral de Vida*. FFLCH- USP: Tese de Doutorado, 2006.

_____. *Guia Regional - Estado de São Paulo - Aspectos Históricos de Roteiros Turísticos*. São Paulo: SENAC, 2000.

_____. *Caminhos da Imigração Árabe em São Paulo: História Oral de Vida Familiar*. FFLCH-USP: Dissertação de Mestrado, 1998.

OS DONOS da rua. *Isto É Dinheiro*, [São Paulo], n. 584, dez. 2008. Disponível em: <istoedinheiro.com.br>. Acesso em: 03 jul.2013.

PIZA, Douglas de Toledo. *Um pouco da mundialização contada a partir da região da rua 25 de Março: migrantes chineses e comércio “ informal”*. FFLCH-USP: Dissertação de Mestrado, 2012.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p.200-212, 1992.

PONCIANO, Levino. *Todos os Centros da Paulicéia*. São Paulo: Senac, 2007.

_____. *Bairros Paulistanos de A a Z*. São Paulo: Editora Senac, 2001.

PORQUE Infringiram o Regulamento do Ensino. *Correio de São Paulo*, São Paulo, 25 nov.1932. Disponível em: < <http://hemerotecadigital.bn.br>>. Acesso em: 22 jan. 2013.

PORTAL DO GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Disponível em: < www.saopaulo.sp.gov.br>. Acesso em: 08 set. 2013.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. Disponível em: <www.prefeitura.sp.gov.br>. Acesso em: 23 mai. 2013.

REALE, Ebe. *Brás, Pinheiros, Jardins: três bairros, três mundos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1982.

REIS, Sávaia. Brás, Bom Retiro e 25 de Março. Disponível em:<www.cidadedesapaulo.com>. Acesso em: 09 ago. 2013.

REVISTA SÍRIO ESPECIAL 90 ANOS: 1917-2007. São Paulo, n. 222, out.2007.

REVISTA DO ESPORTE CLUBE SÍRIO [anúncios de propaganda]. São Paulo, n.67, p.38, dez. 1968.

REVISTA DO ESPORTE CLUBE SÍRIO [anúncios de propaganda]. São Paulo, n.66, p.26, jul. 1968.

REVISTA DO ESPORTE CLUBE SÍRIO [anúncio]. São Paulo, n.51, p.16, nov.1964.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

_____. *Metamorfoses do Espaço Habitado*. São Paulo: Hucitec, 1988.

SÃO PAULO (Município). Decreto nº 49.346, de 27 de março de 2008. Regulamenta a Lei nº 14.454, de 27 de junho de 2007, que consolida a legislação municipal sobre a denominação e a alteração da denominação de vias, logradouros e próprios municipais, bem como revoga os dispositivos e decretos que especifica. Disponível em: < www.dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br>. Acesso em: 02 jul. 2013.

SÃO PAULO, um paraíso. Depoimento de Adel Auada, publicado em 20 de outubro de 2009. Disponível em <www.saopaulominhacidade.com.br>. Acesso em: 02 fev. 2013.

SETUBAL, Maria Alice (Coord.). *A formação do Estado de São Paulo, seus habitantes e os usos da terra*. São Paulo: CENPEC, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

TNS RESEARCH INTERNATIONAL. *25 de Março: Laboratório de Consumo*. 2009. Disponível em: < www.tnsglobal.com.br/site2006/mkt/varejo/25.pdf>. Acesso em 04 de julho de 2013.

TORRES, Maria Celestina. *O Bairro do Brás. História dos Bairros de São Paulo*, v.1. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo/Secretaria Municipal de Cultura/Departamento do Patrimônio Histórico/ Divisão do Arquivo Histórico, 1985.

TRADIÇÃO no comércio. Entrevista Mário Rizkallah, publicada em 08 de julho de 2005. Disponível em: <www.museudapessoa.net>. Acesso em: 04 set. 2013.

TRUZZI, Oswaldo. *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: Unesp, 2009.

_____. *Sírios e Libaneses*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

UMA FIGURA DAS ANTIGAS que faz a diferença. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 24 nov. 2007. Disponível em: < www.estadao.com.br>. Acesso em: 20 ago. 2013.

UNIVINCO. *Guia Oficial da 25 de Março e Região*. São Paulo: On-Line, n. 1, [2006 ou 2007].

VAMOS Jogar Taule? *Revista do Esporte Clube Sírio*, São Paulo, n.61, p.24, nov-dez.1966.

VERAS, Maura Pardini Bicudo. *DiverCidade: territórios estrangeiros como topografia da alteridade em São Paulo*. São Paulo: EDUC, 2003.

XAVIER, Mauricio. Fernando Haddad, o filósofo da 25 de Março . *Veja São Paulo*, São Paulo, out. 2012. Disponível em: <www.vejasp.abril.com.br>. Acesso em: 08 ago. 2013.

ZANCHETTA, D.; GRANDI, F.; BRANCATELLI, R. Av. Paulista se valoriza ainda mais. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 19 nov. 2009. Disponível em: <www.estadao.com.br>. Acesso em: 03 jul. 2013.

ANEXO B – Modelo de Entrevista de História Oral

Perguntas Gerais

- 1- Em relação à região da 25 de Março, você considera que esta possui uma forte influência cultural síria e libanesa? Através de quais elementos se dá essa identificação?
- 2- Quais lugares do bairro/região são mais importantes ou significativos para você, considerando-se a imigração árabe? Por qual razão?
- 3- O que esta região/ bairro/rua representa para você?
- 4- Você acredita que essa região passou por mudanças, considerando-se a presença síria e libanesa no local? Quais foram estas mudanças?
- 5- O senhor pensa que há uma permanência dos sírios e libaneses e de sua cultura na área estudada? O que permanece em sua opinião?
- 6- Existem hábitos ou costumes que caracterizavam ou caracterizam a presença árabe no local?
- 7- Há outras regiões da cidade em que você identifica uma característica síria e libanesa? Quais? Por qual razão?(se não houver, questionar se ela ocorre em algum outro espaço)

Perguntas Específicas

- 1- Por qual razão seu pai decidiu iniciar os negócios no ramo de armarinhos?
- 2- Você acredita que o Rei do Armarinho imprime uma identidade árabe a 25 de Março? Ele é uma referência? Para quem?

- 3- Você acredita que a forma de negociação na 25 de Março apresenta certa peculiaridade(informalidade)? De que forma?
- 4- De que forma o senhor participou da criação da Univinco?
- 5- As relações sociais entre os lojistas mais antigos, especialmente os descendentes dos sírios e libaneses acontecem em quais espaços?
- 6- Como você enxerga a participação de seus filhos nos negócios? Existe uma ligação forte entre eles e a área e com a colônia árabe por estarem aqui?
- 7- Você tem mais alguma coisa que gostaria de acrescentar em relação à região, à seu estabelecimento ou a tema afim?

ANEXO C – Lista de entrevistados**Rua 25 de Março e Adjacências**

Simão Mouawad

Empresa: Semaan

Data da Entrevista: 21 de janeiro de 2012

Regina Maatouk

Empresa: Restaurante Monte Líbano

Data da entrevista: 29 de janeiro de 2012

Sérgio Zahr

Empresa: Univinco e Perfumaria Jamil

Data da entrevista: 06 de dezembro de 2012

Lourenço Chohfi Filho

Empresa: Cia Têxtil Ragueb Chohfi

Data da entrevista: 14 de dezembro de 2012

Gilberto Sarruf

Empresa: Rei do Armarinho

Data da Entrevista: 17 de janeiro de 2013

Daniela Sucar Dib

Empresa: Depósito de Meias São Jorge

Data da entrevista: 08 de fevereiro de 2013

Mário Rizkallah

Empresa: Casa da Bóia

Data da entrevista: 11 de abril de 2013

Paraíso

Jihad Chahine

Empresa: Jaber

Data da entrevista: 23 de novembro de 2012

Padre Elias Karam

Entidade: Catedral Maronita Nossa Senhora do Líbano

Data da entrevista: 27 de novembro de 2012

Padre Ziad Alkhoury

Entidade: Eparquia Greco-Melquita Nossa Senhora do Paraíso

Data da entrevista: 28 de novembro de 2012

Rosely Mitre Hannun

Entidade: Sociedade Antioquina

Data da entrevista: 11 de dezembro de 2012

Padre Dimitrios Attarian

Entidade: Catedral Ortodoxa

Data da entrevista: 14 de janeiro de 2013

Brás

Pierre Moujaes

Empresa: Restaurante Abu-Zuz

Data da entrevista: 18 de abril de 2012

Sheik Mohamad Al Bukai

Entidade: Mesquita do Pari e UNI

Data da entrevista: 16 de janeiro de 2013

Hassan Gharib

Entidade: Mesquita do Brás

Data da entrevista: 02 de fevereiro de 2013

Ahmad Aref

Empresa: Preston, Rockblue e Rockford

Data da entrevista: 14 de fevereiro de 2013

Ipiranga

Sheik Abdel Hamid Metwally

Entidade: Mesquita Brasil

Data da entrevista: 25 de fevereiro de 2013